UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA

Léa Blezer Araújo

A tecitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em
São Paulo

São Paulo

2017

Léa Blezer Araújo

A tecitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação Interunidades em
Museologia da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre
em Museologia

Área de concentração: Museologia

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina
Oliveira Bruno

Linha de Pesquisa: Teoria e Método da
Gestão Patrimonial e dos processos
museológicos

Versão Revisada – A versão original
encontra-se disponível na biblioteca do
MAE/USP.

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Email: leablezer@gmail.com

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

A663 Araújo, Léa Blezer

A tecitura de uma Museologia paulista : tramas do ensino pós-graduado em São Paulo / Léa Blezer Araújo ; orientadora Maria Cristina de Oliveira Bruno -- São Paulo, 2017.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa Interunidades em Museologia, 2017.

1. Formação. 2. Museologia. 3. Teoria museológica. 4. Pós-graduação. 5. Ensino de museologia. I. Bruno, Maria Cristina de Oliveira II. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. III. Título.

Nome: ARAÚJO, Léa Blezer

Título: A tecitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Para meus pais, Margareth Blezer e André Barroso.
Porque por trás de cada tecitura há de haver uma
história, abaixo de cada árvore, há raízes, e por trás
de cada página escrita aqui, houve sempre apoio e
amor.

AGRADECIMENTOS

A tecitura deste trabalho acadêmico, embora tenha passado por momentos de reflexão intrinsecamente solitários, não se faria possível sem a presença reconfortante, imprescindível e única de muitas pessoas e instituições que fizeram parte, direta ou indiretamente, dos fios, pontos e nós que trilhamos ao longo desta pequena trajetória. Portanto, cá está um sincero agradecimento a todas elas.

Inicialmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante os dois anos de pesquisa, sem a qual esta investigação teria sido impossibilitada, com votos de que cada vez mais bolsas e oportunidades sejam dadas àqueles que movem a produção de conhecimento no país.

Devo agradecer profundamente à Profa. Cristina Bruno, não apenas por ter sido uma orientadora presente em todos os momentos deste trabalho, mas por ter me apresentado ao mundo dos museus e da Museologia, com toda a sua complexidade exprimida em aulas, debates, leituras e conversas dignas de quem, depois de tantos anos de experiência, ainda possui um pulsante fascínio pelo universo museológico.

Agradeço às docentes presentes na banca de qualificação, pelas grandes contribuições que deram, e pelo cuidado e respeito que demonstraram com este trabalho: Profa. Marília Xavier Cury, Profa. Marilúcia Botallo. Agradeço muitíssimo, ainda, à Profa. Camila Moraes Wichers, pela iniciativa de estar presente e contribuir na banca de defesa.

Boa parte do amadurecimento desta pesquisa devo à Inês Gouveia, que dividiu comigo muitas das agruras e doçuras da árdua tarefa de se debruçar sobre o universo dos corpos documentais da FESP e do IEB. Esses mesmos agradecimentos estendo à Mirela Araújo, que dedicou tempo, energia e uma enorme boa vontade para nos auxiliar nessas buscas. A elas, toda minha admiração e gratidão! Aproveito também para agradecer à Marina Santos, do CEDOC da FESP, e à Elisabete Marin Ribas, do Arquivo do IEB, pela atenção, gentileza e valorização de nosso trabalho de pesquisa.

Essa pesquisa também não teria o mesmo alcance sem as entrevistas realizadas, de maneira que agradeço muitíssimo as contribuições de Ricardo Nogueira Bogus, Pierina Camargo, Elisabeth Zolcsak, Beatriz Cavalcanti de Arruda, Manuelina Duarte Cândido, Viviane Sarraf, e Kátia Felipini. Obrigada por manterem viva essa memória e aceitarem fazer parte deste trabalho!

Não posso deixar de agradecer à querida equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia, já presente em minha trajetória há alguns anos, e esses agradecimentos se estendem em especial ao Serviço de Biblioteca – por facilitar tanto o trabalho de pesquisadores; à Seção Acadêmica, pela ajuda na resolução de questões burocráticas; à equipe da DAPE, em especial às equipes da Conservação e do Educativo- por terem feito parte de meus primeiros passos essenciais em minha trajetória profissional, acrescentando contribuições imprescindíveis. Também deixo aqui um grande agradecimento aos queridos amigos e colegas pesquisadores da Museologia e da Arqueologia discentes do Museu, com os quais aprendo todos os dias.

Meu muito obrigada pelas contribuições de sempre advindas de Viviane Sarraf, colega de laboratório e professora, responsável pelo meu despertar para as questões de acessibilidade em museus, e pelo seu exemplo de dedicação e rigor acadêmico.

Também devo agradecer à Kátia Felipini, presente em muitos momentos de minha trajetória acadêmica e profissional, sempre acrescentando contribuições com seu talento, competência e bom humor exemplares. Agradeço a alguns profissionais de museus e Museologia que, talvez até sem saber, contribuíram com este trabalho: Juliana Monteiro, Franco Reinaudo, Jefferson Mateus, Carolina Vilas Boas, Marília Bonas.

Aos amigos caros de gerações anteriores do PPGmus que sempre me incentivaram e auxiliaram com importantes discussões: Thiago Padovan, Carlos Augusto de Oliveira, Luiz Mizukami, Viviane Wermelinger, Beatriz Cavalcanti de Arruda. Agradeço também a Alejandro Jiménez Pérez pelas contribuições com o esquema ilustrativo presente desde o projeto de pesquisa inicial.

Aos queridos amigos e colegas do “Bonde” de orientandos: Ricardo Alberton Fernandes, Maurício Rafael, Renata Cittadin, Ivan Vaz, Fiorela Bugatti, e Bianca Corazza, por compartilharem comigo todos os momentos dessa caminhada, formando uma verdadeira rede de companheirismo e profícuas trocas acadêmicas, mas também risadas e muitos momentos inesquecíveis. Também estendo meus profundos agradecimentos à estudantes que tem dividido a jornada acadêmica, trazendo debates, amizades e afetos: Flávia Baiochi Santos, Paula Talib Assad, Viviane Longo, Suzy Santos. Tampouco poderia negligenciar os nobres e especiais amigos da FFLCH que muito acrescentam em minha vida pessoal e acadêmica, com os quais eu sempre posso contar, historiadores que me inspiram a cada dia: Raíssa Alonso, Luís Pedro Dragão Jerônimo, Renan Jacquet, e Mayara Aliano. Obrigada por compartilharem comigo essa jornada com tanto companheirismo! Agradeço também aos queridos Lucas Torigoe, Nara Buzzo, Pedro Mazzaro, Rafael Almeida Lopes, Oliver Van Sluys Menck, Marina Thaler Machado, por estarem sempre presentes, mesmo quando eu estive ausente.

Meus sinceros agradecimentos à amiga Ana Beatriz Giacomini Marques, por compartilhar comigo sua vida, e estabelecer essa inacreditável parceria nos momentos bons e difíceis da vida cotidiana; às incríveis Fernanda Petinati, Vanessa Bocchi, pela presença imprescindível e pelas palavras de apoio; à querida Ligia Sobral Fragano, por sua empatia e amizade, além de sua dedicação à revisão deste trabalho. Meu muito obrigada a Mario Machado, por sua amizade duradoura e bom humor de sempre, compartilhando comigo as dificuldades e interesses em relação à vida de pesquisador. A William Samuelsen, por me lembrar todos os dias de que sou capaz.

Agradeço muitíssimo ao incentivo de meus avós, Maria do Carmo (*in memoriam*), Wilmar Blezer, Clara Barroso e Hermann Araújo, por serem grandes exemplos de dedicação e perseverança. À Ana Figueiredo, pela sua presença sempre amorosa e encorajadora ao longo destes anos. Ao Pedro Blaeser, pela cumplicidade, apoio e amor fraterno. Aos tios e tias Reinaldo Blezer, Rafael Araújo, Edite Araújo, Wilmara Blezer, Marise Blezer. Por fim, meu ‘muito obrigada’ não poderia deixar de fora meus primeiros leitores: meus pais, Margareth Blezer e André Barroso, por serem alicerces desse trabalho, e de minha própria trajetória, fontes constantes de inspiração, detentores de uma força de vontade inesgotável, de uma moral sólida e de uma imensa sede de saber e cultura. Por terem, ainda em minha infância, me inserido no fantástico mundo dos livros e dos museus, sempre me incentivando a querer conhecer mais. Por me inspirarem a ser uma pessoa melhor a cada dia. Estou certa de que nada disso seria possível sem vocês. Obrigada!

“No relato dos mais velhos, as lacunas da memória reencenam os tempos mitopoéticos do narrado, numa delicada tecitura por onde Mnemosyne e Lesmosyne, a lembrança e o esquecimento, se deslocam e se espelham, velando e desvelando os fios da história.”¹

¹MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997; p.70.

RESUMO

ARAÚJO, Léa Blezer. A tecitura de uma Museologia paulista: tramas do ensino pós-graduado em São Paulo. 2017. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O presente trabalho busca percorrer as tramas do pensamento museológico que se constituiu e conduziu dois cursos de Pós Graduação em Museologia no Estado de São Paulo. Tomamos, para isto, como contexto histórico o do ensino de Museologia no Brasil, e as respectivas especificidades paulistas ali inseridas, especialmente em relação à pós-graduação neste estado. Se São Paulo possui, por um lado, uma lacuna expressa na ausência de graduação em Museologia, também há, por outro, especificidades criadas pela opção pelo ensino pós-graduado. Buscamos, portanto, entender, sob o viés do ensino pós-graduado de Museologia, como este pensamento museológico se constituiu, percorrendo para isto as tramas em torno dos cursos que formam nosso objeto de estudo: Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo –FESP; e Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo –CEMMAE-USP. Para desenvolvermos o projeto de pesquisa, utilizamos análises bibliográficas e documentais em nossa metodologia. Recorremos, para isto, a fontes de pesquisa e referência dos conjuntos documentais relacionados aos dois cursos estudados. As análises destes corpos documentais foram cruzadas posteriormente com fontes orais, através de entrevistas realizadas com os ex alunos e docentes dos respectivos cursos. Este esforço consiste em uma tentativa de desvendar nosso principal objetivo: entender as características e especificidades do pensamento museológico paulista, sob o viés do ensino de pós-graduação, percorrendo para isto as tramas contidas nos conceitos de Museologia abordados nessas duas instâncias de aprendizagem.

Palavras-chave: Formação; Museologia; Teoria museológica; Pós-Graduação; Ensino de Museologia

ABSTRACT

ARAÚJO, Léa Blezer. Weaving a Museology from São Paulo: traversing the plots of the postgraduate teaching. 2017. Dissertation (Master Degree) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This research attempts to scroll through the tissue of the museological thinking that led to two graduate courses in São Paulo, considering the contextual overview of Museology teaching in Brazil and the specificities from the state of São Paulo that are inserted in this scenario. On the one hand, if São Paulo has a lack in the teaching of Museology, caused by the absence of a local undergraduate course, on the other hand, a choice for the teaching of Museology on a graduate level brings about certain singularities. Therefore, we aim to understand how this museological outlook was originally formulated by examining the contents of both of the graduate courses elected as our objects of study: Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESP; and Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – CEMMAE USP. To develop this research, we first analyzed documents from bibliographic and documental sources related to the graduate courses in question, to later compare the interpretations found in them to written and oral sources provided by interviews with alumni and professors from the same courses. In a nutshell, the present work represents an effort to uncover possible particularities in the museological thinking formed in São Paulo, in the light of the Museology tissue woven by the graduate courses in their syllabus.

Key Words: Education; Museology; Theory; Postgraduate; Teaching

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DO TRABALHO	23
FIGURA 2 - DIAGRAMA DE GLUZINSKI.....	36
FIGURA 3 - ILUSTRAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS GERAIS SUGERIDAS PELO ICTOP.....	52
FIGURA 4 – EXPOSIÇÃO “TROPA, TROPEIRO, TROPEIRISMO”, NO MASP	80
FIGURA 5 - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "TROPA, TROPEIRO, TROPEIRISMO"	81
FIGURA 6 - ESTATÍSTICAS DAS MONOGRAFIAS PRODUZIDAS NO CEMMAE	143

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - QUADRO REFERENCIAL DA MUSEOLOGIA	53
TABELA 2 - ESTRUTURA MODULAR DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP	76
TABELA 3 - LISTAGEM DAS DISCIPLINAS DO CURSO DA FESP	78
TABELA 4 - DOCENTES RESPONSÁVEIS PELO CURSO DA FESP	83
TABELA 5 - PROGRAMA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA FESP - 1984	85
TABELA 6 - SEMINÁRIOS TEMÁTICOS PREVISTOS PARA CADA MÓDULO	87
TABELA 7 - CONTEÚDOS DOS MÓDULOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA - FESP.....	89
TABELA 8 - LISTAGEM DE SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO CURSO DA FESP.....	90
TABELA 9 - NÚCLEO ESSENCIAL DE DISCIPLINAS DO INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DA FESP	96
TABELA 10 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP	98
TABELA 11 - DISCIPLINAS DO DOMÍNIO CONEXO DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP	99
TABELA 12 - SEMINÁRIOS ESPECIAIS MINISTRADOS NO ANO DE 1990.....	109
TABELA 13 - ESTRUTURA MODULAR DO CURSO DA FESP A PARTIR DE 1991	110
TABELA 14 - PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS DO INSTITUTO DE MUSEOLOGIA EM 1992.....	112
TABELA 15 - LISTAGEM DAS TURMAS DO CEMMAE	119
TABELA 16 - GRADE DE DISCIPLINAS DO CEMMAE	122
TABELA 17 - SEMINÁRIOS INTENSIVOS DO CEMMAE	123
TABELA 18 - PERIODIZAÇÃO DO CEMMAE - CARGA HORÁRIA TOTAL: 825 HORAS	125
TABELA 19 - LISTAGEM DO NÚCLEO DE DISCIPLINAS BÁSICAS DO CEMMAE	126
TABELA 20 - SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO CEMMAE - 1º SEMESTRE DO CURSO, 1999...	127
TABELA 21 - SEMINÁRIOS INTENSIVOS DO CEMMAE - 2º SEMESTRE DO CURSO, 2000 .	128
TABELA 22 - EVENTOS ACADÊMICOS OCORRIDOS AO LONGO DO CEMMAE	139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – OS FIOS: A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DO CAMPO DA MUSEOLOGIA.....	26
1.1 MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO EM MUSEOLOGIA EM SÃO PAULO	56
CAPÍTULO 2 – AS TRAMAS: OBSERVANDO DE PERTO A FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA EM MUSEOLOGIA EM SÃO PAULO	72
2.1.1 O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA .	74
2.1.2 O INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DE SÃO PAULO	91
2.1.3 AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO INSTITUTO DE MUSEOLOGIA E O ENCERRAMENTO DO CURSO	100
2.2 O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – CEMMAE-USP.....	118
CAPÍTULO 3 – A TECITURA: UMA MUSEOLOGIA PAULISTA	152
3.1 AS TRAMAS DO PRESENTE – TECENDO UM PROGRAMA DE MESTRADO EM MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	152
3.2 A DISCUSSÃO SOBRE A REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO DE MUSEÓLOGO E A PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA.....	156
3.3 A TECITURA: CRUZAMENTOS ENTRE OS PONTOS TRAÇADOS NESTE TRABALHO	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
APÊNDICES	184
APÊNDICE A – LISTAGEM DA DOCUMENTAÇÃO ANALISADA	185
APÊNDICE B – FOTOBIOGRAFIA DO CEMMAE.....	228
APÊNDICE C -TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS	240

Introdução

tecitura *te.ci.tu.ra sf (tecer+ura²)* **1** Conjunto dos fios que se cruzam com a urdidura. **2 por ext.** Arranjo, estrutura: **Tecitura musical**²

O presente trabalho consiste em uma dissertação de mestrado, desdobrando-se em esforços de pesquisa que versam sobre o cenário do ensino de Museologia em São Paulo e seus desdobramentos – que perpassam, inicialmente, a formação e consolidação da área museológica no estado paulista, e posteriormente a instauração do ensino em nível de pós-graduação, além das práticas museais que a ele se relacionaram.

Encaramos o pensamento museológico como construção que se tece, no passado e no presente, passando por vezes por desconstruir conceitos, ou mesmo pela apropriação destes para emergirem novas vertentes, novos caminhos e rotas para a Museologia. Tal como um tecido, que através de alguns fios condutores, se entrelaçam com outros formando tramas, pontos, encontros, desencontros, nós; por vezes se deparando com rupturas, furos. Investigar essas tramas nas quais perpassa o pensamento museológico paulista pelo viés do ensino de Museologia é a principal questão desta pesquisa.

Ora, se a docência é, na prática, um poderoso instrumento de discussão e disseminação de ideias, consideramos as atuações nesse campo como cruciais, pois foram protagonistas na formação de gerações de museólogos e profissionais de museus, influenciando seu pensamento, suas práticas, fomentando novas ações culturais e inovando o pensamento museológico brasileiro. Colocamos que a formação e consolidação da área museológica no Brasil só pode obter sucesso por estar intrinsecamente ligada à relação entre teoria e prática que a envolve, e que tanto instiga nossos museólogos.

Pretendemos, portanto, verificar tais tramas presentes na tecitura desse cenário museológico paulista, considerando seus diversos atores e conceitos, e nos utilizando

²Michaelis: *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 3ed 4ª impressão. São Paulo: Melhoramentos, 2009. *Observação:* Apesar de existirem as grafias “tecitura” e “tessitura”, optou-se pela primeira, por esta ser relacionada ao verbo “tecer”, e por estar a segunda opção de grafia mais utilizada no vocabulário especializado de música.

dos documentos e fontes referentes aos cursos que tiveram caráter de Pós-Graduação em Museologia em São Paulo.

Para desenvolver tal tema se faz necessário explicar alguns pontos de partida para a constituição de nosso objeto de estudo. O primeiro ponto a ser explorado é a formação de um breve panorama do ensino de Museologia no Brasil, e a inserção do Estado de São Paulo neste mesmo contexto.

Partindo de uma contextualização internacional, podemos destacar alguns fatos ocorridos no campo da formação de profissionais em Museologia. Inicialmente, no âmbito do Conselho Internacional de Museus (ICOM), destaca-se a criação do ICTOP (*International Committee for Professional Training*), comitê internacional destinado às questões de formação e treinamento de pessoal, responsável por afirmar a Museologia enquanto disciplina condizente com o nível universitário e com a profissão museológica.

Assim, já em 1971, durante assembléia em Grenoble, o mesmo comitê lança o *ICOM Basic Syllabus for the Professional Museum Training*, que relacionava a Museologia enquanto saber científico com os conteúdos e metodologias utilizadas nos programas de treinamento e formação profissionais (MAROEVIC, 1998, p.97). O *Syllabus*(1971), apontava importantes questões teóricas e práticas de caráter abrangente, pode servir de padrão para a criação de cursos de Museologia, ao estabelecer um roteiro teórico a ser percorrido pelos mesmos, algo que ao mesmo tempo em que contribuía para a formação de pessoal, também consolidava a Museologia enquanto área científica do saber, a ser ensinada em universidades.

Este momento em que se pensou tanto a institucionalização do saber museológico, quanto as reflexões de cunho epistemológico e gnoseológico da Museologia enquanto disciplina acadêmica, perpassaram discussões maiores no âmbito do ICOM e de outro comitê interno, dessa vez sobre questões teóricas da Museologia, o ICOFOM (*ICOM International Committee for Museology*).

O ICOFOM se dedicou a importantes discussões durante a década de 1980, que passavam por questionamentos coletivos acerca da Museologia, que questionavam seu caráter científico, ponderavam o lugar que este poderia ocupar perante as áreas de conhecimento científico, quais os seus limites e reciprocidades em relação à outras áreas... Estes debates, que ocorreram muito no plano internacional, especialmente colocados por pensadores do Leste Europeu preocupados com a questão³, podem ser

³ Dos autores verificados, destacamos a produção de: Zbynek Stránský, Anna Gregorová, Flora Kaplan, Vinosofka, Klaus Schreiner, além de Georges Henri Rivière, Mathilde-Bellaigue, Peter Van Mensch e Tomislav Sola.

verificados através de diversos documentos e textos⁴, que se ocupam de registrar e analisar a memória da Museologia.

Pode-se verificar, através de tais documentos, que a museóloga brasileira, Dra. Waldisa Rússio⁵, fundadora do curso de Especialização em Museologia ligado à Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP-SP), participou ativamente de tais discussões, não apenas refletindo sobre as questões já colocadas acima, como também preocupada com as questões de formação profissional. Portanto, tais documentos constituem material riquíssimo para tecer esta pesquisa, pois será de nossa responsabilidade inicial verificar o quanto dessas discussões estiveram reverberadas no pensamento museológico constituído em São Paulo, e refletido nos cursos de formação acadêmica e profissional que ali ocorreram.

Waldisa Rússio, por ter se dedicado a estudar o contexto do ensino de Museologia no Brasil, e ainda as especificidades paulistas, tornou-se um ponto de partida, permitindo que nos apoiássemos em sua produção para melhor compreendermos nosso objeto de estudo (BRUNO, 2010, v.I, p.215-263). Tal panorama contextual terá suas tramas exploradas no primeiro capítulo, a fim de nos oferecer pontos de partida para então nos dedicarmos aos cursos de Pós-Graduação em Museologia presentes em São Paulo.

Acerca do primeiro curso sobre o qual nos debruçaremos, podemos destacar a atuação da própria Waldisa Rússio, que realiza esforços para o início do Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP) se dê em 1978, inicialmente ligado à Escola Pós Graduada de Ciências Sociais da FESP, e posteriormente pertencendo ao Instituto de Museologia de São Paulo, contando ainda com o apoio do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – Masp. Funcionando inicialmente com as aulas no Masp (BRUNO, 2010, v.II, p. 13), e tendo sua grade curricular composta por três especializações *latu sensu*, o curso funcionou até 1996, mesmo após a morte de sua fundadora, formando 142 alunos.

O contexto histórico em que este curso surge é especialmente importante, pois conforme comentado pela própria Waldisa Rússio:

⁴ Sobre o assunto, ressaltamos as seguintes produções: *Museological Working Papers: Interdisciplinarity in Museology*. Stockholm: Internacional Committee for Museology, 1982.; e *Icofom Study Series*. Suécia: Internacional Committee for Museology 1983.

⁵ Pudemos encontrar, nas fontes bibliográficas e escritas, diversas maneiras de se definir à autora: seu nome de solteira, Waldisa Pinto Rússio, seu nome profissional, Waldisa Rússio, e seu nome de casada, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri. Optamos por adotar a segunda grafia, pois a própria autora assina documentos profissionais como Waldisa Rússio, e diversas vezes indicou a sua preferência por se auto-referir desta maneira para assuntos profissionais.

Em 1977, o MEC se manifestava contrariamente à abertura de outros cursos de Museologia em nível de bacharelado. O Curso da Universidade Federal da Bahia se encontrava praticamente bloqueado, sem nenhuma manifestação de protesto, exceto a solitária e solidária atitude do professor Mário Barata, que enviou carta ao Reitor daquela instituição, manifestando-se contra o fechamento do Curso.(...) Encontros de cultura, realizados em Brasília e Salvador, propunham um Sistema Naciocapítunal de Museus: este previa alguns Polos Regionais de Formação, situando-os no Rio de Janeiro, na Bahia, em Recife, Porto Alegre e Curitiba. **Ou seja, São Paulo não teria nenhum centro de formação de pessoal para museus.** (BRUNO,2010, v.I, p.235, grifo nosso)

As museólogas Cristina Bruno, Andrea Matos da Fonseca e Katia Felipini Neves, ainda sobre essa última questão da formação profissional no contexto paulista, comentam que:

Também vale ressaltar conforme textos de Waldisa Rússio, que São Paulo encontrava-se fora do eixo de discussão e de criação de centros para formação na área de Museologia, considerando que, em sua dissertação de mestrado, fica registrado que a realidade profissional de São Paulo não tinha sido tocada pela formação profissional já existente no país desde a década de 1930, no Rio de Janeiro, e o quanto essa questão interferia na qualidade dos trabalhos museológicos existentes na cidade de São Paulo e por todo o interior do estado.(BRUNO, 2010, v.II, p. 167)

Assim, torna-se clara a importância da abertura do curso oferecido pela FESP justamente por inaugurar o ensino em Museologia no Estado, que se encontrava em uma carência profunda nesse aspecto. Ainda nessa perspectiva, comenta a própria Waldisa Rússio em sua produção que a falta de pessoal qualificado impactava negativamente nas práticas museais paulistas⁶, pois considerando a Museologia enquanto disciplina no campo das Ciências Sociais e Aplicadas, e a já comentada relação entre teoria e prática no campo da Museologia, é de se esperar que, havendo uma deficitária formação de pessoal qualificado para os museus, o trato referente à realidade patrimonial ficasse comprometido.

Entretanto, considerando tal defasagem no ensino de Museologia em São Paulo, o curso de Museologia da FESP foi pensado justamente para promover uma

⁶ Sobre este assunto, atentar para o excerto: "No Estado de São Paulo, entretanto, agrava-se o problema pela inexistência de cursos regulares de formação profissional em todos os níveis, pela quase inexistência afluente de museólogos habilitados (vindos de outros Estados, ou do Rio de Janeiro), ou pela eventual emergência de pessoal formado mas não reciclado e, por vezes, nem sequer motivado para o exercício de suas funções. Alguns museólogos, formados no exterior, somando suas atividades às de professores universitários, refugiaram-se nos "Campus" e, por vezes, lograram por formar bons museus, que permanecem reservados à comunidade universitária pela própria elitização, ainda dominante, de tais institutos entre nós (...)." (RUSSIO,1977. p.124-125).

interdisciplinaridade e multiprofissionalidade, através do próprio caráter de Pós-Graduação assumido pela instituição, que por si só já colocaria em contato profissionais de distintas áreas (BRUNO, 2010,v.I., p.235 *et seq*).

Por outro lado, havia a vontade institucional de ter cursos em nível de pós-graduação na Universidade de São Paulo. Dentre as iniciativas que impulsionaram o ensino de Museologia e estudo de questões de museus destacamos as trajetórias de Paulo Duarte, Ulpiano Bezerra de Meneses, Ernani da Silva Bruno, Vinício Stein Campos, Walter Zanini -que ministrou a primeira disciplina em Museologia na USP (FREIRE, 2013, p.10), Aracy Amaral, dentre outras⁷.

Posteriormente, já dentro de uma perspectiva de ensino de Museologia em São Paulo pré-estabelecida⁸, ocorre, em 1999, a abertura do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE-USP). O CEMMAE, que teve como docentes alguns ex-alunos do curso de Museologia da FESP, tinha sua estrutura pedagógica baseada em aulas teóricas, seminários e preparação das monografias, acrescentando ainda novas perspectivas de trocas com outros profissionais, através dos diversos eventos, visitas técnicas, viagens de estudos e palestras que ocorreram⁹. Encerrado com sua última turma em 2006, o curso formou cerca de 113 especialistas¹⁰.

O CEMMAE, que contava com um corpo docente formado no curso da FESP, pode explorar alguns conceitos já cristalizados neste último, mas também inseriu alguns aportes teóricos e metodológicos para a formação conceitual que iria embasar a prática dos discentes. Ao longo do segundo capítulo, nos debruçaremos sobre tais práticas, destacando ações que favoreceram os conceitos que guiaram o curso, assim como também procuramos esmiuçar a sua estrutura.

O segundo capítulo explorará estes dois cursos individualmente, de maneira a desdobrar análises das fontes relativas a cada um deles, inserindo descrições acerca de seus currículos, análises documentais e bibliográficas, e aportes das entrevistas realizadas com os alunos e docentes que estiveram envolvidos nos referidos cursos.

⁷ Fora do contexto da Universidade e tangenciando a trajetória dos museus no Estado de São Paulo, é necessário citar a importância da trajetória de Vinício Stein Campos e a criação de museus Históricos e Pedagógicos. Sobre o assunto, ver: MISAN, 2005.

⁸ Gostaríamos de destacar, dentro desta perspectiva do ensino pós-graduado de Museologia na Universidade de São Paulo, o curso de Especialização “Estudos de Museus de Arte” do Museu de Arte Contemporânea –MAC USP, que procuraremos mencionar no primeiro capítulo.

⁹ Documento “Dossiê CEMMAE 2006”; Acervo SIG.RP.MUSP.

¹⁰ *Ibidem*.

A título de contextualização, é necessário também mencionar a inauguração, em 2012, do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGmus-USP), que reuniu os quatro museus da USP (Museu Paulista, Museu de Arqueologia e Etnologia, Museu de Zoologia e Museu de Arte Contemporânea). De acordo com o discurso institucional colocado no site do Programa¹¹, o viés conceitual do mesmo seria a curadoria como conjunto de ações em torno do objeto museológico/acervo de museu. O PPGmus, apesar de estar presente em nossas análises ao longo do trabalho, não será colocado como objeto de análise assim como os cursos da FESP e CEMMAE por alguns motivos.

O primeiro deles é que, mesmo que fosse de nossa vontade inicial e do projeto de pesquisa analisá-lo mais a fundo, inseri-lo em meio a nossos objetos de análise seria um problema diante do tempo de execução da pesquisa: em 24 meses, precisamos fazer duras escolhas em função desta curta duração – neste caso, optamos por aprofundar as análises documentais relativas ao Curso de Especialização da FESP, justamente por compreendermos que estes, por sua longa duração, teve distintos momentos e pessoas à sua frente, que o conduziram de maneiras diversas.

Entender melhor essas especificidades significou, na prática, mais tempo de dedicação para um mergulho na documentação do curso, que se encontra dividida entre o Centro de Documentação da FESP e o Fundo Waldisa Rússio no IEB-USP. Tais fontes não se encontravam, à época da realização desta pesquisa, tratadas sob o ponto de vista da informação documental, de modo que por alguns meses precisamos nos dedicar a ir aos arquivos e fazer uma pesquisa de campo intensa, que envolve o processo de fotografar, listar e tabular, de maneira a organizar as informações e, muitas vezes, transcrever documentos que não poderiam ser fotografados.

Para termos ideia do volume de documentação dentro do universo destes cursos, apenas o Fundo Waldisa Rússio do IEB possui mais de 400 caixas de textos manuscritos, arquivos, recortes de jornal, agendas e documentos pessoais e profissionais da museóloga. Ao final da pesquisa, computamos um total de 47 caixas consultadas dentro da totalidade deste fundo arquivístico. Na Fundação Escola de Sociologia e Política, foram consultadas cerca de 12 caixas no Centro de Documentação, e mais 24 caixas referentes ao CEMMAE, no Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista. No âmbito desta pesquisa, foram gerados 5799 arquivos digitais que correspondem a fotos da documentação e arquivos digitais originais produzidos no âmbito do CEMMAE. Para

¹¹ Fonte: <http://sites.usp.br/ppgmus/calendario-de-reunioes/> ; Acesso em 04/12/2016, às 18:12.

organização e gerenciamento das fontes, optamos por organizá-las em bancos de dados, expressos sob forma de tabelas nos apêndices desta dissertação.

Isso nos permitiu ter uma maior clareza sobre o curso da FESP em especial, entendendo melhor os atores sociais nele envolvidos e seu alcance no campo da Museologia em São Paulo. Esta opção nos pareceu ser razoável justamente por nos permitir uma melhor análise sobre primeiro curso de Pós-Graduação em Museologia no estado paulista, de modo que configura, para nosso trabalho, um ponto fundamental.

Ainda assim, voltaremos eventualmente à questão do PPGmus-USP ao longo do trabalho, quando este for necessário para entendermos melhor o panorama da formação de pós-graduação em Museologia, especialmente no capítulo 3, ao discorrermos sobre a continuidade deste tipo de formação, da qual o PPGmus faz parte. Temos em mente que tal Programa é essencial para nossas análises, e entendemos que aqui foi necessária uma escolha para executar a pesquisa com um foco específico, conforme justificado acima, mas também reconhecemos que uma análise mais cuidadosa sobre o PPGmus deveria ser realizada em oportunidades futuras.

Após a contextualização e justificativa de nosso objeto de estudo, nos deteremos adiante em alguns aspectos importantes de nossa argumentação, desdobrando alguns questionamentos que nos guiaram. Ressaltamos ter em vista que a questão da formação profissional em Museologia no estado de São Paulo, em seu momento inicial, com a abertura do Curso de Especialização em Museologia da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP/SP) em 1978 (BRUNO, 2010, v.II, p. 13), esteve ligada ao contexto histórico pelo qual a Museologia passava naquele momento: a construção do seu valor gnoseológico e epistemológico enquanto área de conhecimento (BRUNO, 2010, v. II, p.160)¹², e de afirmação de tal valor através da defesa da profissão museológica, tão marcada pela atuação profissional de Waldisa Rússio. Tal panorama constitui nosso segundo ponto de partida para o entendimento do objeto de estudo da pesquisa.

Consideramos crucial tratar da formação teórica e acadêmica do estado de São Paulo não apenas por considerarmos a docência enquanto instrumento de divulgação da Museologia, mas por também se ligarem profundamente às realidades patrimoniais paulistas. Se São Paulo possui suas especificidades no trato patrimonial, também possui, conforme explanamos, uma lacuna na formação em Museologia, dado o contexto museológico brasileiro já comentado acima. Por outro lado, justamente essa opção por cursos de pós-graduação também foi responsável por uma intensa produção

¹²Sobre esse momento histórico de formação da Museologia, ver também: CERA VOLO, 2004, p. 238.

de trabalhos acadêmicos que pensam a Museologia sob perspectivas diversas e interdisciplinares.

Este contexto museológico que envolve o Estado de São Paulo, portanto, poderá ter sido responsável por imprimir certa especificidade aos saberes e fazeres museológicos paulistas. O que se pretende buscar nesse trabalho, portanto, é justamente verificar tal peculiaridade, ao pesquisar como esta se configura, levando em consideração o cenário de formação especializada em Museologia tratado acima.

Tendo em vista esse pano de fundo, pensamos investigar a Museologia Paulista sob alguns eixos centrais de pesquisa, levando em conta os questionamentos já instituídos pela autora Manuelina Duarte Cândido em seu *Ondas do Pensamento Museológico*, trabalho no qual a autora se pergunta, em suas considerações finais, se “Há uma especificidade da Museologia Brasileira?” (CÂNDIDO, 2000, p.169). Se essa pergunta foi suficientemente motivadora para a construção de um trabalho panorâmico acerca da produção brasileira, aqui também a tomamos como instigadora a fim de aplicá-la à realidade paulista.

Ao nos apoiarmos no trabalho de Duarte Cândido, pretendemos nos voltar à investigação da Museologia Paulista, levando para isto em consideração os aspectos museológicos teórico e prático, e sempre em mente a questão do ensino em Museologia no Estado de São Paulo e suas particularidades. A questão da prática aqui não se insere no sentido de mapear intensivamente as práticas museais paulistas, mas de verificar como a formação pode se refletir na prática, a partir de questões trabalhadas nas entrevistas.

Optamos, portanto, por centrar a pesquisa em como o pensamento museológico paulista se constitui no âmbito do ensino de pós-graduação em Museologia, estudando suas peculiaridades teórico-metodológicas, considerando o já comentado contexto específico paulista de formação profissional, e suas contribuições para a própria construção da Museologia, seja em termos de teoria quanto de prática. Dissertando sobre a formação pós-graduada, nosso objetivo geral com esta pesquisa será o trabalho de identificação das características que contribuem para a constituição de um pensamento museológico paulista, através do estudo da formação acadêmica em Museologia no estado, buscando desvelar suas tramas e nuances. Contudo, também nos dedicaremos a alguns objetivos específicos, elencados a seguir:

1. A organização do conjunto documental a ser analisado, ou seja, a listagem, identificação e descrição dos documentos referentes aos dois cursos analisados (Curso

de Especialização em Museologia da FESP-SP e Curso de Especialização em Museologia do MAE-USP), que está presente nos apêndices desta dissertação;

2. Analisar o material documental citado, com o objetivo de buscar uma visão sobre os conceitos de Museologia utilizados por cada um dos cursos;

3. Realizar entrevistas de caráter amostral com os profissionais atuantes no campo museal que foram formados nesses cursos, a fim de cotejar os conceitos de Museologia verificados na pesquisa com as práticas museológicas relatadas por eles, o que nos auxiliará na reflexão sobre os pontos fortes mas também as lacunas que esta formação trouxe para tais egressos.

4. Refletir criticamente sobre a consolidação da formação pós-graduada em São Paulo, dissertando sobre seus problemas e potencialidades, nos valendo das fontes orais e escritas para realizar tal tarefa, para nos voltarmos à nossa questão inicial: há uma especificidade na formação pós-graduada em São Paulo?

Um trabalho desta natureza nos exige a construção de uma plataforma teórica inicial, de maneira a esclarecer as opções teóricas museológicas que nos conduzem. Além disso, também há aqui um esforço em construir, expor e delimitar o objeto de pesquisa com o qual elegemos trabalhar. Dentro desta última perspectiva, trabalhamos uma tentativa de verificar o quanto os diversos atores da produção museológica paulista estiveram ou não presentes na construção do valor epistemológico e gnoseológico da Museologia enquanto disciplina referente ao contexto internacional já colocado anteriormente. Nesse momento, há um esforço pelo mapeamento das iniciativas consideradas importantes para a construção desse cenário de formação em Museologia a ser incluído.

Tendo esta plataforma teórica já consolidada e os conceitos já explanados, partimos para uma próxima etapa do trabalho, que consiste na análise de fontes com objetivo de realizar um balanço das rupturas e continuidades presentes no pensamento museológico paulista, fazendo um inventário das características. Também pretendemos contemplar o contexto de formação de profissionais da área, buscando instigá-los, nas entrevistas, acerca da aplicação desse arcabouço teórico na prática. Assim, contaremos com análises de um conjunto documental essencial para pensar nosso objeto de estudo: as diversas fontes existentes acerca dos dois cursos de Museologia já citados.

Analisar o ensino em Museologia nos possibilita, ao mesmo tempo, pensar o discurso institucional, as balizas teóricas por ele utilizadas, suas aplicações e não-aplicações práticas, seus problemas, suas potencialidades. Essas fontes com as quais lidaremos serão de natureza escrita, contando com textos, documentos, bibliografias,

teses e trabalhos do curso de Curso de Especialização em Museologia da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP/SP); e os documentos correspondentes ao Curso de Especialização em Museologia do MAE (CEMMAE).

A partir dessas análises iniciais, contaremos com fontes orais, realizando entrevistas com profissionais formados nos mencionados cursos de Museologia Paulistas, buscando averiguar o impacto da formação pós-graduada na vida profissional dos entrevistados.

O entendimento de uma historicidade deste pensamento museológico, composto por continuidades e rupturas identificadas a partir de um panorama que leve em conta a conjuntura da formação em Museologia em São Paulo nos levará a caracterizá-la. A partir deste panorama, teremos desdobramentos que tangem, inicialmente, às contribuições teóricas que a instauração e consolidação deste tipo de ensino trouxe, que constituirão nosso foco de pesquisa, bem como os desdobramentos nas realidades patrimoniais e práticas museológicas.

Estas últimas questões serão contempladas nas entrevistas com egressos dos cursos que atuam como profissionais de museus, a fim de verificar em que medida a formação contribuiu ou deixou lacunas em relação ao enfrentamento da realidade. O intuito aqui não é de voltar o trabalho para uma verificação extensiva acerca das realidades museais paulistas, mas o de perceber problemas e potencialidades que podem ser relacionadas à formação a que tiveram acesso, já que as entrevistas possuem caráter amostral e serão encaradas como fontes orais. Novamente recorrendo ao pensamento de Waldisa Rússio, quando esta coloca que há uma Museologia postulada, sonhada, desejada, e uma realidade museal distinta¹³, instigar os entrevistados a falar sobre tal embate entre a reflexão entre estas duas Museologias seria nosso principal objetivo.

Assim, poderemos observar como estes constroem um discurso acerca dos processos de aprendizagem acadêmica no âmbito de tais cursos, mas também como relacionam tal repertório teórico com as vivências promovidas pelo contato com a tal realidade museológica alcançada citada por Rússio.

No esquema gráfico apresentado abaixo (*Figura 1*), temos a representação ilustrativa de nossa metodologia em curso. Recorremos à metalinguagem, com a

¹³ Nos referimos ao excerto: “[...] ...temos que colocar um primeiro dado também da realidade, do momento que a gente está vivendo dentro da ciência museológica ou da prática museológica. Há, na realidade, uma museologia existente, real, que está aí fora, e há uma museologia postulada, sonhada, desejada.” (RÚSSIO, 1984; p.65).

imagem do fio, para ilustrar nossa metodologia de trabalho, que irá tecer nossa pesquisa. Temos, então, inicialmente com um eixo/fio central, a construção da plataforma teórica, que por sua vez refere-se às vivências no âmbito do mestrado que nos levam a construir um arcabouço teórico, ou seja, leitura de bibliografia, participação nas disciplinas, em eventos acadêmicos e debates, que por sua vez se cruzam com as análises de fontes escritas dos conjuntos documentais já descritos, e posteriormente entrelaçados com as análises de fontes orais, nos permitindo assim, obter uma visão geral sobre a tecitura do pensamento paulista sob o viés da formação pós graduada.

FIGURA 1: ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA DO TRABALHO

Fonte: ARAÚJO, JIMÉNEZ; 2014.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. O primeiro é dedicado às questões contextuais necessárias à constituição de nosso objeto de estudo dentro da perspectiva de consolidar esta plataforma teórica inicial, trazendo primeiramente os aspectos pertencentes ao contexto do Conselho Internacional de Museus - ICOM, em especial no que diz respeito aos Comitês ICOFOM e ICTOP, relacionados respectivamente às questões de Museologia e Formação de Pessoal para Museus. Já relacionando esse contexto à realidade museológica paulista, também tomamos como ponto constituinte do mesmo capítulo um mapeamento de iniciativas de formação em Museologia no estado de São Paulo, buscando trazer à tona esforços de profissionais e instituições que atuaram no Estado e puderam influenciar o campo da Museologia pelo viés da formação.

O Segundo Capítulo tratará especificamente dois cursos que estamos analisando, sendo subdividido em dois itens, e cada um destes visará dissertar, respectivamente,

sobre o Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP), e o Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE).

Este capítulo pretende resgatar o histórico dessas duas instâncias de aprendizagem, buscando conectar fontes documentais de naturezas distintas: Documentos escritos pertencentes aos cursos (Diários de Classe, Relatos de estágios e visitas técnicas, Registros de atividades realizadas por alunos e docentes, Bibliografias e Ementas de Disciplinas ministradas ao longo dos cursos, levantamentos de trabalhos monográficos e dissertações realizados pelos alunos, entre outros), Fotografias que registraram alguns momentos dos cursos, e por fim, relatos e entrevistas concedidos por alguns ex-alunos e docentes dos referidos cursos.

O cruzamento das análises indicadas no segundo capítulo terá seu desdobramento no terceiro capítulo, que se dedicará a uma análise da conjuntura dos cursos, levando em consideração a riqueza e diversidade da documentação com que lidamos, na tentativa de refletir criticamente sobre a formação pós-graduada estabelecida em São Paulo, no sentido de apontar suas características gerais, mas também as particularidades de cada curso, suas semelhanças e diferenças. O mesmo capítulo também insere alguns aspectos que complementam as reflexões acerca de nosso objeto de estudo, como uma breve apresentação do PPGmus enquanto uma continuidade desta tecitura, bem como algumas considerações acerca da regulamentação da profissão de museólogo, desvelando algumas tensões que se observam no campo e que se relacionam com o tema da formação pós-graduada em Museologia em São Paulo.

Este capítulo também estará dedicado a tecer considerações sobre a formação em Museologia em São Paulo no sentido de explicitar como a temos percebido, em cada curso, enquanto subsídio que fomenta e retroalimenta as práticas museológicas.

Após as considerações finais, os apêndices constituirão parte importante da dissertação, pois além de organizar e listar as fontes documentais com as quais trabalhamos, também procuramos apresentar uma fotobiografia do CEMMAE, além da disponibilização da transcrição integral das entrevistas realizadas.

Sobre a fotobiografia, optamos por resgatar a memória deste curso através dessas fontes justamente pela riqueza quantitativa e qualitativa de tais registros visuais, o que envolveu um processo prévio de pesquisa, seleção e tratamento das imagens¹⁴.

¹⁴É necessário pontuar que anteriormente ao desenvolvimento do projeto de mestrado, a autora deste trabalho atuou como estagiária em pesquisa no projeto intitulado "Memória do Ensino em Museologia na Universidade de São

Paulo”, tendo como supervisora de estágio a profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, que também é a docente responsável por orientar esta dissertação. Considerando esse contexto, é importante ressaltar que buscamos, neste processo de pesquisa, investigar os seguintes pontos indicados no projeto de pesquisa original, de autoria da referida docente: *“Memória do Ensino em Museologia na Universidade de São Paulo” está inserido em um contexto programático de pesquisa – “Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista - SIG.RP-MUSP”, iniciado desde 2005¹⁴, orientado para as perspectivas de construção, estudo, preservação e socialização da memória sobre a ação museológica implementada por profissionais do Estado de São Paulo, que se fazem notar desde o início do século XX, a partir da produção acadêmica, dos vetores de ensino especializado e da atuação junto às instituições museológicas e associativas. Este projeto corresponde à Linha de Pesquisa 2 – Memória da Museologia Paulista, do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica / LAPECOMUS / MAE (anexo 1). O conjunto das pesquisas, inseridas na Linha 2, tem a intenção de identificar e sistematizar as fontes documentais e orais relativas às matrizes deste pensamento, com vistas a responder a questões sobre o perfil desta regionalidade, como também, pretende entender as características e o alcance da diáspora destas idéias e das ações museológicas paulistas. Desta forma, esses estudos, com distintas características, estão organizados em torno da hipótese de que há um pensamento museológico paulista, que tem sido desenvolvido ao longo das últimas décadas e tem contribuído para a consolidação das ações de formação profissional e institucionalização dos processos museológicos e, ainda, tem influenciado a constituição do cenário – nacional e internacional – da Museologia como campo de conhecimento. Trata-se de linha de pesquisa comprometida com estudos sobre mentalidades, a partir do cotejamento entre a trajetória biográfica e a produção profissional, com vistas à identificação do tratamento de quatro questões: como as delimitações do campo de ação museológica se estruturam a partir da elaboração das noções de fenômeno, processo e sistema museológicos; como a construção do quadro referencial da disciplina Museologia se organiza em sua dimensão teórica e aplicada; como o pensamento museológico paulista reflete a realidade histórico-patrimonial do estado; como a produção museológica paulista contextualiza o pensamento acadêmico e as ações associativas.” (BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Memória do Ensino em Museologia na Universidade de São Paulo*. Acervo SIG.RP.MUSP)*

Buscamos refletir durante tal estágio, sobre a formação do CEMMAE USP, de maneira a nos debruçar sobre a documentação referente ao curso, o que envolveu atividades de organização, higienização dos documentos, realização de bancos de dados de referências documentais e pesquisas acerca dos trabalhos monográficos produzidos pelos ex alunos do curso, levantamentos bibliográficos e documentais. Tal experiência nos permitiu adentrar no universo deste curso, e assim nos deparamos com uma enorme quantidade de fotografias referentes ao curso, que registraram sistematicamente suas atividades – desde as mais corriqueiras até as extra-curriculares e eventos promovidos durante o período em que o curso funcionou. Esta dimensão apontada pela própria documentação nos chamou a atenção para uma potencialidade deste acervo, que buscamos explorar sob a forma de uma foto-biografia presente nos anexos.

Capítulo 1 – Os fios: a construção teórica do campo da Museologia

Nosso primeiro capítulo se debruçará sobre o contexto histórico acerca do viés teórico, especialmente em suas facetas epistemológica e gnoseológica¹⁵ da Museologia no qual este trabalho se insere. Buscaremos então demonstrar um pouco do panorama dos debates entre autores ocupados com a questão.

Inicialmente, devemos expor as discussões que tomaram conta do Conselho Internacional de Museus – ICOM, dentro de dois principais comitês: o ICOFOM (Comitê Internacional pela Museologia), destinado às questões teóricas, com destaque para discussões de caráter epistemológico e gnoseológico, e o ICTOP (Comitê Internacional para o Treinamento de Pessoal), voltado às questões de formação profissional. Essas duas instâncias foram fundamentais historicamente, pois proporcionaram o encontro de diversos profissionais de muitos países, a discussão, circulação, e por vezes enfrentamento de ideias, bem como a publicação e divulgação de tais debates pelo mundo.

Posteriormente, no segundo item deste mesmo capítulo, nos dedicaremos a realizar um mapeamento das iniciativas de formação em Museologia que marcaram especificamente o contexto paulista, destacando a relevância de ações e personalidades que estiveram ocupados com a questão do ensino de Museologia. Este primeiro capítulo, portanto, procura dar conta de questões contextuais essenciais que nos darão as necessárias condições para que então possamos atingir a análise acerca dos cursos contemplados em nosso trabalho.

Conforme já explanado anteriormente na introdução, o campo da formação profissional em Museologia foi marcado inicialmente por alguns debates no âmbito do Conselho Internacional de Museus (ICOM), dentro do qual o International Committee for the Training of Personnel (ICTOP) teve papel de extrema relevância nesses debates com sua fundação em 1968. No ano seguinte, seus membros decidem, durante o

¹⁵ A título de esclarecimento, acerca das diferenças entre Epistemologia e Gnoseologia, Anaildo Baraçal (2008, p.8) coloca que: "Gnoseologia, ou gnoseiologia, 'é o ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto. Este (o objeto), por sua vez, é questionado pela ontologia que é o ramo da filosofia que se preocupa com o ser.' Este ramo se distingue da epistemologia, estudo do conhecimento relativo ao campo de pesquisa em cada ramo das ciências. [...] Teoria do conhecimento em geral, a Gnoseologia se distingue da Epistemologia por esta tratar do conhecimento na sua acepção científica, "estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e conteúdo (PEIRCE, 2003)". Postas as diferenças entre ambas, consideramos que no âmbito do ICOFOM, os debates correspondiam aos dois ramos da filosofia: gnoseologia e epistemologia, pois, conforme poderá se notar mais adiante, a discussão esteve dirigida tanto no sentido de pensar a validação do conhecimento em si, como também seu campo de pesquisa em relação às ciências.

Simpósio de Leicester¹⁶, afirmar a Museologia enquanto disciplina condizente com o nível universitário e com a profissão museológica.

Assim, já em 1971¹⁷, durante assembléia em Grenoble, o mesmo comitê lançou o *ICOM Basic Syllabus for the Professional Museum Training*, que relacionava a Museologia enquanto saber científico com os conteúdos e metodologias utilizadas nos programas de treinamento e formação profissionais (MAROEVIC, 1998, p.97), consistindo em um grande passo para o lançamento de parâmetros mínimos necessários a um curso de Museologia

O *Syllabus*, ao explorar questões teóricas e práticas, abrangendo desde itens como “Introdução à Museologia: história e finalidade dos museus”, até aspectos mais práticos do trabalho em museus, como “Organização, operação e administração de museus” (1971, p.1), pode servir de padrão para a criação de cursos de Museologia, ao estabelecer um roteiro teórico a ser percorrido pelos mesmos, o que ao mesmo tempo em que contribuía para a formação de pessoal, também consolidava a Museologia enquanto área científica do saber, a ser ensinada em universidades.

Este momento em que se pensou tanto a institucionalização do saber museológico, quanto as reflexões de cunho epistemológico e gnoseológico da Museologia enquanto disciplina acadêmica, perpassaram discussões maiores no âmbito do ICOM desta vez alcançando o comitê sobre questões teóricas da Museologia, o ICOFOM.

Discutiu-se, já na década de 1980, se a Museologia era de fato uma ciência ou assumiria um caráter técnico aplicado à realidade dos museus; quais limites e especificidades poderia ocupar enquanto saber; qual seria o melhor termo para defini-la; como situá-la no campo teórico, entre outras questões... Essas discussões, que ocorreram muito no plano internacional, nas quais houve grande participação de pensadores do Leste Europeu preocupados com a questão (debate que apresentaremos sucintamente mais adiante neste mesmo item), podem ser verificadas

¹⁶ De acordo com Lynne Teather (2016, p. 6-14), em 1969, o ICTOP teria dado continuidade aos seus fundamentos na elaboração do Syllabus, e dentro deste contexto é que Georges Henri Rivière e Yvonne Odon, que haviam realizado tentativas de coletar informações sobre as ofertas de desenvolvimento profissional disponíveis na época, e alguns resultados desta pesquisa foram apresentados, e as reflexões foram publicadas em *Professional Training for Museums* (Paris: ICOM, 1970) e *Training of Museum Personnel* (Londres: Hugh Evelyn for ICOM, 1970).

¹⁷ Também segundo Teather (2016, p.6-14), no período de 1968 a 1975 o ICTOP teria começado sua programação de encontros anuais de profissionais em torno do tema da formação e treinamento de pessoal. Assim, lançou-se a primeira publicação “Programme-type”, contendo recomendações e orientações para a criação de programas de pós-graduação em Museologia. Segundo Patrick Boylan (2004), O Syllabus foi traduzido e rapidamente adotado por programas de treinamento profissional e pós-graduação em universidades de todo o mundo.

através de diversos documentos e textos, que se ocupam de registrar e analisar a memória da Museologia.

Constatou-se, através da leitura destes textos, que a museóloga Waldisa Rússio, como já mencionado, foi fundadora do curso de Especialização em Museologia ligado à Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP-SP), participou ativamente de tais discussões de âmbito internacional, não apenas refletindo sobre as questões já colocadas acima, como também preocupada com as questões de formação profissional. Portanto, tais documentos constituem material riquíssimo para tecer esta pesquisa, sendo de nossa responsabilidade inicial verificar o quanto dessas discussões externas estiveram reverberadas no pensamento museológico constituído em São Paulo, e refletido nos cursos de formação acadêmica e profissional que ali ocorreram

Assim, nosso maior objetivo com este capítulo é o de expor tais debates, tentando perceber como se deu a participação de Waldisa Rússio nos contextos de teoria e formação profissional em Museologia. Também entrelaçaremos esses pontos percorridos com outras questões próprias da teoria museológica, a fim de situar o presente trabalho no campo da Museologia¹⁸.

Iniciaremos nossa exposição percorrendo os debates contidos nas publicações referentes ao ICOFOM, pois nela se concentram questões teóricas importantes, para então partirmos para a questão da formação em Museologia. Os *Museological Working Papers*, publicações de extrema importância para a área museológica, foram marcadas por intensos debates de cunho teórico, abordando questões epistemológicas e gnoseológicas. Já no primeiro número da publicação, lançou-se a importante questão: *Museologia: ciência ou apenas trabalho prático de museus?*¹⁹. Depois desta primeira etapa de exposição desses debates, conectaremos tais questões teóricas às discussões acerca da formação em Museologia e exploraremos a publicação *Syllabus* um pouco mais a fundo.

Acerca do reconhecimento da importância deste debate para a Museologia, Marília Xavier Cury (2008) em artigo denominado “*Museologia – marcos referenciais*”, enumera cinco marcos referenciais históricos para a formação da Museologia enquanto

¹⁸Também gostaríamos de mencionar a atuação de Mário Barata, museólogo brasileiro que, conforme coloca José Wilton Guerra fora “(...) agraciado pelo governo francês com uma bolsa de estudos, estava em Paris quanto da criação do ICOM, tendo participado ativamente das primeiras reuniões para criação da entidade. Torna-se assim, um elo importante entre o órgão internacional, os museus brasileiros e os “jovens museólogos de sua geração” o que propiciou a criação do ICOM Brasil (1948) no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), estreitando laços com a “França e os Estados Unidos”. (GUERRA, 2015; p. 18. É necessário esclarecer que o vínculo com os museus do Rio de Janeiro foi muito mais forte do que com as outras instituições do Brasil.

¹⁹Tradução Livre.

disciplina, que dizem respeito aos contextos nacionais e internacionais. Dentre eles, destaca o surgimento do ICOFOM em 1976, e comenta que, a partir desta data, tal Comitê haveria se tornado o mais importante fórum de discussões e estudos sobre teoria museológica (CURY, 2008; p.46), e cita alguns momentos deste Comitê, bem como alguns documentos referenciais que surgiram em seu bojo enquanto marcos – dentre os quais quais estão incluídos (entre muitos outros citados pela autora) nesta categoria os *Museological Working Papers* produzidos no âmbito desta organização. Os dois últimos marcos seriam referentes à Nova Museologia e à Museologia Brasileira e a pesquisa.

Sobre os debates que se seguiram à criação do ICOFOM, especialmente a partir da Conferência Trienal do ICOM em 1977, em Moscou e na antiga Leningrado (hoje São Petersburgo), a autora coloca que:

Nesse momento, e nos anos posteriores, os objetivos do ICOFOM eram a definição de museologia, a constituição de um sistema de conhecimento museológico, o desenvolvimento de um programa de ensino universitário da museologia e a compreensão das interrelações da museologia com outros campos de conhecimento, tais como a filosofia, a antropologia social e cultural, as ciências políticas e da informação. **A meta era a configuração da museologia como um campo de estudo independente. A partir de então, vários encontros foram organizados e a produção teórica de seus membros começa a ser publicada no MuWoP - DoTraM - Museological Working Papers - Documents de Travail sur la Muséologie**, que contou com as edições em dois números, em 1980 e em 1981 (e publicado em 1982). Ressalte-se que, nesse momento, já se fazia a distinção entre a museologia - os aspectos teóricos dos museus - e a museografia - o trabalho prático que ocorre nessas instituições, ou seja, a museologia não era tida como conjunto de práticas. (CURY, 2008; p. 46-47; grifos nossos)

Para termos ideia da dimensão do debate para a época, podemos rememorar Barrie G. Reynolds, autor australiano que participa da publicação, colocando o importante papel do ICOM e da UNESCO enquanto catalisadores da questão do desenvolvimento dos museus através da promoção de encontros e oportunidades de compartilhamento e desenvolvimento de ideias (MuWoP n.1, p. 34).

Conforme colocado por outro dos autores que contribuíram para a publicação, Jan Jelinek, em seu *tópico “MuWoP we wish you well”*, que demonstra a preocupação daquele trabalho e dele próprio como membro do ICOM era de criar uma organização democrática, aberta à adesão em sociedade, que cobrisse todos os continentes, mas também servindo às necessidades da sociedade contemporâneas à época. Outro ponto

importante que se ressalta é o de promover a circulação de produção escrita acerca da Museologia, daí a ideia de fazer o *MuWoP* ser um periódico constante que discutisse as questões teóricas.

Também devemos chamar a atenção para o fato do contexto histórico em que essa publicação foi realizada, durante a Guerra Fria e frente à uma divisão bipolarizada de mundo: o *MuWoP* não pretendia um consenso, mas uma promoção de debates, para que houvesse, então, um alinhamento mínimo e delineamento de conceitos básicos próprios da Museologia, começando, então, pelo questionamento sobre esta última.

Ao agrupar as respostas à questão em três categorias (respectiva e resumidamente, são elas: Museologia como uma ciência aplicada, Museologia como ciência independente, e por fim, uma última que se aproximaria da teoria da cognição ou da meta-teoria), Jelinek nos situa em relação ao pensamento coletivo em construção e desconstrução, e, portanto, à impossibilidade de consenso, mas ainda assim constituindo um rico debate no qual várias vozes de diferentes culturas tinham direito à fala e ao debate.

Podemos destacar então, dentre as diversas perspectivas apresentadas no debate, a noção de Museologia enquanto o estudo de uma relação específica que tem a ver com o homem e a realidade pode ser verificada nessa publicação através de autores como Stránský, Gregorová, Neutušný, e Schreiner, que possuem uma abordagem próxima à sociologia da época.

Sobre esta visão de Museologia intimamente ligada à sociologia, colocando-a como um estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade também está presente na obra *Conceitos-Chave de Museologia*, organizada por François Mairesse e André Desvallées (2013). O termo “Museologia”, é desbravado pela obra, que trata de nos apresentar cinco acepções distintas do mesmo. A terceira acepção apresentada ali seria aquela ligada às discussões dos anos 1960 ocorridas no Ocidente, que haveria se refletido justamente nos debates presentes no ICOFOM nas décadas de 1980 e 1990, e que segundo a obra,

Apresenta a museologia como **o estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade**, estudo no qual o museu, fenômeno determinado no tempo, constitui-se numa das materializações possíveis. [...] Essa abordagem particular, voluntariamente criticada (a vontade de impor a museologia como ciência e de cobrir todo o campo do patrimônio aparece, a muitos, como pretenciosa), não é menos fecunda que os questionamentos que ela pressupõe. Assim, decorre dessa perspectiva a noção de que o objeto de estudo da museologia não pode ser o museu, sendo ele uma criação relativamente recente na

Dentre as contribuições dos diversos autores do MuWoP (1980), destacamos aqui os debates colocados por Anna Gregorová²⁰, que afirma a Museologia enquanto uma nova disciplina científica, ainda em estágio de constituição, cujo objeto seria o estudo das relações específicas entre o homem e a realidade, nos contextos concretos de manifestação (MuWoP n.1, 1980; p.19).

Jiri Neustupny²¹ acrescenta a importância, para as discussões da época, em esclarecer confusões de termos e traduções, o que nos indica para o destaque não apenas do debate dos conceitos, mas também de fixar a preocupação em demarcar a terminologia e conceituação que seria utilizada dali em diante, o que nos remete a uma relevante discussão de validar os próprios conceitos e os impor suas respectivas regras de uso²². Ele ressalta, ainda o fato da Museologia estar sendo pensada a partir de uma perspectiva próxima à Sociologia contemporânea ou à teoria cultural.

Há autores que colocam a Museologia como o estudo dos museus e de suas atividades, como é o caso de Vinos Sofka²³, algo que foi posteriormente melhor analisado e esclarecido pelo próprio autor. De qualquer forma, esta colocação nos mostra o quanto os profissionais de museus e acadêmicos da época pensavam a teoria e sua interrelação com a prática.

No sentido de destacar a contribuição de Zbynek Stránský²⁴ sobre teoria, temos que

²⁰ Na época da publicação do MuWoP n.1, 1980, Anna Gregorová era assistente de pesquisa no Escritório Central de Museus e Galerias de Pinturas/Pinacotecas em Bratislava, na antiga Tchecoslováquia. Filósofa que se ocupou de problemas profundos da Museologia, com os quais se deparou no contexto do Slovak National Museum em Bratislava, e a levou a produzir um documento manuscrito de 400 páginas, no qual se baseou para realizar seu artigo para o ICOFOM.

²¹ Neustupny era, à época, curador sênior no Narodni Museum de Praga, diretor do Centro de Educação em Museologia, e professor de pré-história e Museologia na Faculdade de Filosofia da Charles University em Praga.

²² Acerca deste aspecto em particular, gostaríamos de rememorar Georges Canguilhem (1990): "A história de um conceito não é, de forma alguma a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída a sua elaboração."

²³ Vinos Sofka, editor dos Museological Working Papers, realizou uma pesquisa com 70 profissionais de museus, enviando-lhes questionários em inglês, francês e alemão, de maneira que puderam responder questões acerca da Museologia. Destaca o autor, através das respostas, o crescente interesse sobre a museologia e a prática de museus, expõe diversas razões para isso e finaliza dizendo que, quando há uma preocupação maior com "pensar antes de fazer" ao invés de simplesmente fazer, haveria então uma condição favorável para o crescimento de estudos e de "logias" (MuWoP n.1, 1980, p.3).

²⁴ Sobre Stránský, Anaildo Baraçal (2008; p.4) discorre: "Ativo professor, especialmente da UJEP/Masaryk, quando não afastado da docência pelo governo comunista, orientou inúmeros trabalhos acadêmicos e

Today the problems of museum's existence cannot be solved in the realm of practice. For the realization of this task, we need a special tool, enabling us to discover the objective sides of reality, to define its laws and to find the optimum ways of both solving daily tasks and working ahead. This task can be realized only through museum theory, moreover, through museology. (Muwop n.1, p.44)²⁵

Ainda acerca dessas reflexões sobre teoria, Gregorová argumenta que:

In many people's opinion the very formulation of the problem either Science or only practical activities has been long resolved. I consider museology (not only due to its suffix "logy") a new scientific discipline, still at the stage of being constituted, whose subject is the study of specific relations of man to reality, in all contexts in which it was – and still is – concretely manifested. (MuWoP n.1, p.19)²⁶

A autora ainda acrescenta que a visão de Museologia enquanto um estudo de uma relação específica com a realidade ser algo original de Stránský, considerando necessária também uma abordagem filosófica.

Anaildo Baraçal (2008; p.28-31), autor que analisa o pensamento de Stránský no MuWoP e também se dedica ao estudo deste em relação a outros autores, como Gregorová, coloca que:

Na consideração museológica à luz da realidade, identifica 3 grupos de problemas fundamentais: o museu e a realidade, o museu e a sociedade e os problemas terminológicos em conexão com a análise das funções do museu. Propõe-se a uma abordagem analítico-indutiva, por um método dedutivo, uma síntese que permita formular logicamente a definição de museu e museologia. [...] Destaca o aspecto sintético e interdisciplinar da museologia e ressalta que a definição de museologia não pode se basear sobre o museu nem sobre os objetos colecionados. As instituições não são objeto da ciência. As coleções são objetos de outras disciplinas científicas.

criou diversos programas de ensino em museologia. No ano de 1983, a pedido da UNESCO, ele elaborou ao projeto da Escola Nacional de Museologia de Verão - ISSOM e foi seu diretor até 1998. Nos anos 1997-1998, elaborou projetos especiais de ensino da museologia para a nova Universidade de M. Bela, na cidade de Banská Bistrika. Em 1998, baseada em projeto seu, foi criada a cadeira de ecomuseologia."

²⁵Tradução Livre: Hoje os problemas existenciais do museu não podem ser resolvidos no âmbito da prática. Para realização desta tarefa, nós precisamos de uma ferramenta especial, que nos possibilita descobrir aspectos objetivos da realidade, definir suas leis e encontrar formas ideais de tanto resolver tarefas cotidianas quanto visando o trabalho à frente. Essa tarefa pode ser realizada apenas através da teoria de museu, ou mais além, através da museologia.

²⁶Tradução Livre: Na opinião de muitas pessoas, a formulação específica do problema sobre se [a museologia] seria ciência ou somente trabalho prático de museus está resolvida. Considero a museologia (não apenas pelo seu sufixo "logia") uma nova disciplina científica, ainda em um estágio de constituição, cujo objeto é o estudo de uma relação específica do homem com a realidade, em todos os contextos que ele esteve – e ainda está- manifesto de maneira concreta.

É necessário notar que esses dois autores são muito citados em vários textos de autoria de Waldisa Rússio, que utiliza esta concepção de Museologia enquanto uma ciência jovem, ainda em construção, aliando-a àquela visão de estudo de uma relação específica com a realidade.

Sobre esta última questão da Museologia como o Estudo da Relação específica do Homem com a realidade, Peter Van Mensch (1994) faz um importante apanhado geral destes autores acima citados. Ele explica que muitos autores consideram Stránský como 'pai' dessa concepção, pelo fato deste ter definido em 1980, o objeto da Museologia como:

Uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas próprias necessidades. (STRANSKY apud. MENSCH, 1994; p.11)

Mensch cita também a inserção de Anna Gregorová no MuWoP n.1, no qual a autora foi amplamente citada por seu artigo no evento do ICOFOM, ao afirmar que Museologia é

A ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, que consiste na coleção e conservação intencional e sistemática de objetos selecionados, quer sejam inanimados materiais, móveis e principalmente objetos tridimensionais, documentando assim o desenvolvimento da natureza e da sociedade, e deles fazendo uso científico, cultural e educacional. (GREGOROVÁ apud MENSCH, 1994; p.13)

Mensch ainda cita Waldisa Rússio e Gregorová como próximas ao pensamento de Stránský, sendo que para o autor, Gregorová se diferenciaria de Stránský justamente por focar mais a relação do museu com a realidade. O principal ponto a se destacar na produção de Waldisa Rússio, para ele, seria a questão do "fato museal ao invés da musealidade como o foco da pesquisa museológica" (MENSCH, 1994; p.13). A definição de fato museal, segundo ele, teria influenciado outros museólogos do Brasil, como Marcelo Araújo, Cristina Bruno e Heloisa Barbuy, que também tiveram contribuições para o ICOFOM.

No sentido de explorarmos então, o conceito de fato museal ou fato museológico, obtemos da produção de Waldisa Rússio:

O objeto da museologia é o fato 'museal' ou fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem -sujeito conhecedor-, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de

seus sentidos: visão, audição, tato, etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem “admira o objeto. (...) O homem deve igualmente ser considerado em si mesmo (filosoficamente, eticamente); sobre o aspecto da teoria do conhecimento psicológico etc. É necessário estudá-lo igualmente em suas relações com outros grupos humanos e sociais (em nível psicológico, sociológico, político, histórico, etc.) O objeto “em si” exige uma identificação, uma classificação dentro de um sistema, uma integração dentro de uma espécie, gênero ou família; ele supõe uma conservação, o conhecimento da sua composição (química, física, etc), as condições climáticas aptas para prolongar sua “existência”. Ele é testemunho do homem e depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado. **Essa relação profunda entre homem e objeto (objeto, ideia, criação), que constitui o fato “museal” ou fato museológico, se estabelece no recinto institucionalizado do museu. Essa ideia de instituição é útil porque ela cobre bem, tanto o pequeno museu quanto o grande museu tradicional, passando pelo ecomuseu, certamente uma das maiores conquistas e descobertas da museologia contemporânea.** (RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v.I,p. 123-124; grifos nossos.)

Sobre o conceito de fato museal e sua influência no campo da Museologia, tanto no aspecto nacional quanto no internacional, a autora Cristina Bruno comenta que:

Além de suas reflexões teóricas que definiram fato museal (MUWOP, nº 2, 1981), e desvelaram os meandros do processo de musealização (Cadernos Museológicos, nº 3, 1990), essa autora discutiu as reciprocidades entre Museologia e desenvolvimento; processo museológico e identidade e, em especial, a atuação profissional em museus e exercício de cidadania. Os seus ensinamentos, que a princípio impressionaram e causaram reações adversas, têm sido sistematicamente assimilados e, pode-se afirmar, criaram uma escola de pensamento museológico. [...] Entretanto, além das claras e objetivas abordagens conceituais, a sua maior contribuição e o seu legado mais singular foi ter proposto que o museólogo deve ser um trabalhador social. Considerando o universo do colecionismo, permeado pelas atitudes consagratórias; o cotidiano dos museus, entrelaçado com o exercício do poder e da segregação; e as mentalidades daqueles que impuseram ideias preservacionistas no Brasil, não é difícil avaliar os impactos das propostas de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (BRUNO, 2000; p.62)

Voltando às questões de teoria, na publicação do MuWoP, também há uma importante contribuição de Jiri Neustupny acerca do caráter teórico da Museologia, de maneira a tentar situá-la nos campos de conhecimento já pré-estabelecidos, pois para ele:

Museology can be described as a theory and methodology of museum work. The question, asked by some authors, whether museology is a separate academic discipline or not has little significance within the contemporary system of knowledge and contemporary sociology of Science. Even the most classical academic disciplines have undergone considerable changes, extensions and regroupings during the last decades. As a consequence of such changes “theory” and “discipline” appeared as quite synonymous terms. What is important with regard to museology is that it does exist as a discipline, irrespective of whether, according to a prescriptive judgement, it should be separate or should not. (...) In my opinion the character of museology is very close to the contemporary sociology or theory of culture. This is specially true when we call it general museology, in other words a theory and methodology of museum work which is commonly shared by all areas of knowledge, such as natural, social or technical sciences, as represented in present day museums. While general museology is obliged to respect the principles, needs and trends of the different areas of culture, special museologies represent the theory and methodology of various disciplines in museum work. (MuWop n.1; p. 28; grifos nossos)²⁷

Para o autor, por mais que um trabalhador de museu queira evitar a Museologia, isso não será possível, pois ela será necessária para entender o papel dos museus na cultura contemporânea assim como seu lugar no futuro. Ele afirma que mesmo que se mude a forma de selecionar e colecionar, mesmo os museus mudando, eles irão permanecer, e com eles, a Museologia.

Refletir sobre estes pontos colocados pelo autor se faz necessário, pois, inicialmente, podemos destacar em sua fala uma noção de Museologia muito ligada à sociologia (algo já observado nas noções de Gregorová e Stránský). Além disso, há uma forte consciência de mudanças sociais em sua contemporaneidade, o que reforça a

²⁷Tradução Livre: A Museologia pode ser descrita como uma teoria e metodologia do trabalho em museus. A questão feita por alguns autores, sobre se a Museologia é uma disciplina acadêmica ou não tem pouca importância dentro do sistema de conhecimento contemporâneo e na Sociologia do Conhecimento contemporâneo. Até as disciplinas acadêmicas mais clássicas sofreram mudanças consideráveis, extensões e reagrupamentos nas últimas décadas. Como uma consequência dessas mudanças, “teoria” e “disciplina” apareceram como termos sinônimos. O que é importante no que diz respeito à Museologia é que ela existe enquanto disciplina, independentemente de se esta, de acordo com um julgamento prescritivo, deveria ser separada ou não. (...) Em minha opinião, o caráter da Museologia é muito próximo ao da sociologia contemporânea ou da teoria da cultura. Isto é especialmente verdadeiro quando nós a nomeamos Museologia geral, em outras palavras, a teoria e metodologia do trabalho de museu que é comumente compartilhado com todas as áreas do conhecimento, tais como as ciências naturais, sociais ou técnicas, conforme estão representados nos museus atuais. Enquanto a Museologia geral é obrigada a respeitar os princípios, necessidades e tendências das diferentes áreas da cultura, a Museologia especial representa a teoria e metodologia das diversas disciplinas no trabalho em museus.

necessidade de pensar em museus e Museologias afinados com as questões de seu tempo.

A proposta de uma divisão entre Museologia geral e Museologia específica (algo que, de acordo com Neustupny, aproximaria a Museologia mais ainda da Sociologia), é um ponto importante que passou a ser debatido por outros estudiosos. Esse questionamento nos é caro, embora não seja o caso de um grande aprofundamento no tema, por demonstrar o quanto era necessária não apenas a afirmação de uma teoria que pudesse reger o trabalho de museus (conforme Stránský), uma aproximação com a Sociologia (segundo Neustupny), mas também uma organização dessa disciplina -ou ciência, já que o debate estava ainda em aberto à época.

É oportuno, portanto, recorrermos ao diagrama de Gluzinski (MENSCH, 2004, p.5), pois este nos mostra o quanto essas questões estão inter-relacionadas, dando o tom de sua importância para o debate teórico da Museologia:

FIGURA 2 - DIAGRAMA DE GLUZINSKI

Fonte: CÂNDIDO, 2013; p.25.

Tal diagrama exposto acima aponta para uma base triangular cujos vértices são a Museologia teórica, o trabalho em museus e o treinamento, sendo que a teoria e a formação são mediadas pelo enriquecimento; o trabalho prático e a teoria, pela reflexão; e o treinamento e o trabalho, pela formação. A teoria, portanto, não pode se encontrar distanciada da prática, mas está intrinsecamente ligada a ela. Isto posto, é interessante notar que a formação, portanto, exerce papel de aproximar os universos do museu e da

Museologia, e já destacamos aqui o importante papel que cumpre, mediando a teoria e a prática.

Também o debate sobre a Museologia Geral e Museologia Específica é importante para melhor situarmos nossos conceitos. Manuelina Duarte Cândido resume bem tais conceitos e o desenvolvimento dessa discussão em nossa contemporaneidade. Segundo a autora:

Essa interrelação [entre teoria e prática] é apresentada nos modelos estruturais da Museologia de Sofka (1980, apud Hernández-Hernández, 2006, p.142), como Museologia Geral, “ciência geral aplicável a todo tipo de museu”, e Museologia Aplicada, subordinada a esta. A Museologia Especial, que se relaciona aqui sempre a textos – tipologias- e contextos museológicos, é aquela que “aprofunda e modifica a Museologia Geral”. E, especificamente no que diz respeito à gestão de museus, com base no mesmo modelo, defende-se a ideia de que ela facilite e necessite do trânsito entre a Museologia Geral e a Aplicada, estando profundamente vinculada às conexões entre teoria e prática. (CÂNDIDO, 2013; p.57).

Ainda sob o viés da teoria, e no sentido de relacionar as questões teóricas acima com o direcionamento sobre os campos de ação museológica, convém colocar a contribuição de Cristina Bruno, cuja obra realiza reflexões importantes para este contexto de pensar a Museologia em seu viés teórico. Esta nos apresenta a proposta que os divide em três campos: o Campo Essencial, o Campo de Interlocução, e o Campo de Projeção. Afirma a autora que

A partir deste olhar podemos propor que a *preocupação essencial* desta disciplina está voltada para dois grandes problemas. Por um lado, *em um campo de interlocução*, emerge a necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro lado, *em um campo de projeção*, surgem os processos que possibilitam que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e essa, por sua vez, contribua com a construção das identidades. (...) (BRUNO, 2006; p.15)

Outra questão conceitual importante pontuada pela autora é a noção de que as ações correspondentes ao Campo (conceito correspondente ao de Fato Museal) sejam voltadas para os caminhos preservacionistas, e neste sentido, destaca como essenciais a *pesquisa* e a *preservação* enquanto verdadeiros *parâmetros delimitadores* deste Campo Essencial da Museologia, que se consolidam e se concatenam a partir de uma dinâmica contida no conceito de *cadeia operatória museológica*, dividida entre procedimentos correspondentes à *salvaguarda* e à *comunicação*. A autora ainda

destaca que tais procedimentos devem sempre ser amparados pelos delineamentos colocados por ações de *planejamento* e *avaliação* (BRUNO, 2006; p. 15).

Em sua tese de livre-docência, a mesma autora propõe uma organização epistemológica e gnoseológica da Museologia enquanto disciplina, e neste momento, avalia que

Dessa forma, a grande preocupação dessa disciplina está voltada para dois problemas. Por um lado, a necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro, desenvolver processos para possibilitar que, a partir desta relação, o patrimônio seja transformado em herança e esta, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individual e/ou coletiva)[...] A partir de um olhar museológico, atento às tendências contemporâneas da Museologia, é possível afirmar que esta disciplina aplicada tem se interessado pela compreensão das relações entre as sociedades e a realidade patrimonial, como, também, a sua aplicação propicia a transformação das referências patrimoniais em herança cultural. As diferentes tendências do pensamento museológico (Mensch, 1994 op. cit. e Fattouh & Simeon, 1997 op. cit.) indicam que os paradigmas desta área de conhecimento, nos dias de hoje, tangenciam as experimentações e as análises sobre as relações que se estabelecem entre o *Homem* (diferentes segmentos das sociedades) e o *Objeto* (das coleções aos diversos indicadores da memória), em um *Cenário* (espaço museal). (BRUNO, 2000; p. 75)

Desta forma, nos alinhamos teoricamente aos conceitos expostos pela autora, em particular no que tange à capacidade da Museologia, enquanto disciplina, de transformar as *referências patrimoniais* em *herança*. Após fazer referência ao conceito de fato museal na citação da relação existente entre Homem-Objeto-Cenário, a autora ainda destaca um ponto essencial na superação de paradigmas enfrentados pela Museologia enquanto disciplina, partindo do princípio de que cabe à Museologia

[...] superar as análises sobre o colecionismo como a única razão de sua existência, e procurar nos indicadores da memória a essência para a constituição dos fenômenos museológicos. A musealidade está muito mais na percepção do objeto enquanto referência patrimonial do que na consagração das coleções. (BRUNO, 2000; p.14)

Esta noção nos faz refletir sobre os cursos de formação, no sentido de apontarmos o questionamento: em que medida as instâncias de formação em Museologia conseguem superar o tal paradigma acima colocado? Como preparam os profissionais para atuarem no campo? De que maneira se ocupam muito mais do estudo

de coleções do que com o estudo e a percepção do objeto, propondo reflexões críticas? Tais questionamentos nos foram essenciais para tecer pontos de discussão que serão retomados ao longo do trabalho.

Voltando às questões conceituais presentes em *MuWoP n.1*, outro ponto importante de colocarmos seria o conceito de musealidade, sobre o qual Stránský também possui colocações teóricas. Klaus Schreiner comenta a posição de Stránský, ao dizer que “To him [Stránský] the object of museology is museality, i.e. a specific documental value of concrete and perceivable objects of nature and society, the value of the authentic evidence of reality.”²⁸(*MuWoP n.1*; 1980 p. 39). Outra preocupação pontuada por Schreiner seria se situar a Museologia dentre as Ciências da Documentação seria adequado, colocando que talvez estas sejam demasiado gerais para se incluir aí a Museologia. Ele acrescenta ainda que:

The subject of museology can be worked out only on a gnoseological and scientific-theoretical base, by making use of the above mentioned principles and criteria of a subject of study of a scientific discipline. That means that the complex of attributes, structure and developing laws of certain fields of reality is to be determined and applied to museology. To my mind the subject of study covering museology is the complex of attributes, structure and developing laws, determining the complex process of acquiring, preserving, decoding, researching, and exhibiting selected original objects of nature and society as primary sources of knowledge.(*MuWoP n.1*; p. 40; grifos nossos)²⁹

Ao incluir no espectro de estudo da Museologia as atividades que envolvem os processos curatoriais, o autor não apenas coloca a prática museal em jogo, como também destaca a especificidade da Museologia em relação às outras Ciências (como a questão das Ciências da Documentação já citada acima).

Stránský relata, em seu texto, que o termo Museologia cobre um campo específico focado no fenômeno do museu, o que envolve encarar a relação entre teoria

²⁸ Tradução Livre: Para ele [Stránský] o objeto da Museologia é a musealidade, isto é, um valor documental específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade, o valor da evidência autêntica da realidade.

²⁹ Tradução Livre: O tema da Museologia pode ser trabalhado apenas em uma base gnoseológica e científico-teórica, através do uso dos princípios e critérios mencionados acima para o tema de estudo de uma disciplina científica. Isto significa que o complexo de atributos, estrutura e desenvolvimento de leis de certos campos da realidade está por ser determinado e aplicado para a Museologia. Para mim o tema de estudo que cobre a Museologia é o complexo de atributos, estrutura, preservação, decodificação, pesquisa e exposição de objetos selecionados da natureza e da sociedade enquanto fontes primárias de conhecimento.

e prática. Segundo o mesmo, o desenvolvimento de uma teoria dos museus levaria a uma esfera de disciplina científica específica.

O próprio Stránský, ao desenvolver seu artigo na publicação, afirma que o debate travado no *MuWoP* é de extrema importância, sendo um divisor de águas no desenvolvimento museológico, discussão essa que, para ele, deveria girar em torno de questões essenciais a serem levadas em conta pela Museologia. Esse esforço de chegar a uma espécie de “denominador comum”, longe de se tratar de um consenso total, foi a busca de parâmetros teóricos e regras de uso de uma Museologia teórica, que se delineava e discutia de acordo com as questões em voga na época, tanto no aspecto do trabalho prático em museus, quanto no que se refere à teoria e às disciplinas com as quais a Museologia travaria interações interdisciplinares.

Algumas questões em comum dentre os diversos pontos de vista observados na publicação podem ser colocadas: a presença da sociologia, cuja influência no modo de pensar a Museologia se deu de maneiras distintas, conforme explanamos anteriormente; a preocupação em demarcar nortes teóricos para a prática laboral dos museus, dada a já citada importância da relação entre teoria e prática; a necessidade de discutir se a Museologia seria ou não uma ciência, se esta teria o aporte necessário para satisfazer aos parâmetros acadêmicos de uma disciplina científica; a dúvida constante se a Museologia seria apenas um reflexo do trabalho prático ou se teria uma especificidade teórica. Essas dúvidas puderam retroalimentar o debate, no qual foram sendo inseridos novos pensadores interessados sobre o assunto.

No segundo volume da publicação *MuWoP*, dando continuidade ao debate, voltado à reflexão sobre Interdisciplinaridade, pode-se verificar a presença de Waldisa Rússio, que também se utilizará da abordagem sociológica para pensar o fato museal. Ela afirma a Museologia como ciência ainda em formação, expõe a relação triangular presente no Fato Museal, entre homem-objeto-cenário institucionalizado, aprofundando sua fala em cada um de seus vértices, e reafirma a importância da interdisciplinaridade enquanto método para a Museologia. A interdisciplinaridade é uma importante questão a ser verificada, visto que é um elemento presente no discurso dos cursos de Pós-Graduação em Museologia em São Paulo.

Também na mesma obra é que Klaus Schreiner colocará que a Museologia não é a ciência dos museus, fazendo uma analogia com a medicina, que não constitui a ciência dos hospitais, e tampouco a pedagogia seria uma ciência das escolas.

Ainda sobre se a Museologia suportaria a carga de ser uma ciência, a americana Judith Spielbauer afirma que:

Museology, if it's a science, can only operate as one of the social sciences, since, in spite of the tangible nature of museum collections, their existence and significance can only be found within the realm of human social behavior.(MuWoP n.2, 1980; p. 17)³⁰

Ou seja, ainda a admitindo dentro de um sistema acadêmico, há a consciência de que a Museologia deveria ocupar um lugar dentro da esfera das Ciências Sociais.

Entrando um pouco mais a fundo no tópico da interdisciplinaridade, G. Ellis Burcaw traz considerações interessantes sobre o tema, colocando que a interdisciplinaridade (que o autor, ao nosso ver, não distingue de multidisciplinaridade), não apenas se aplica nas atividades mais fundamentais de museus, mas pode contribuir para a compreensão de realidade, dentro do viés de 'objetos-documento' do museu. Também realiza uma citação direta de Stránský quando este esclarece que a documentação do museu, por ser original e conter informações autênticas necessita de um olhar interdisciplinar.

Flora Kaplan ainda coloca que a interdisciplinaridade deve ser solicitada não apenas na Museologia, mas também nos museus, e nas respectivas disciplinas mesmo:

Interdisciplinarity may be sought not only in museology itself, but in the museums, and in the disciplines themselves. These include museums of art, of science and technology, of history, and of natural history, along with many specialized museums within each type; they comprise living cultural centers today, not sanctuaries (Jelinek, 1980, p. 39)³¹

Também há, nessa mesma edição do periódico, importantes reflexões sobre a formação em Museologia, pontuados por Stránský, em seu artigo final. Ao comparar os currículos dos cursos de formação em Museologia da Tchecoslováquia, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Portugal, Reino Unido e Polônia, o autor coloca que houve grandes avanços na formação de profissionais. Partindo de uma formação de caráter puramente informativo, para Stránský a formação em Museologia haveria avançado para um verdadeiro sistema educacional.

³⁰Tradução Livre: Museologia, se é uma ciência, apenas pode operar como uma das ciências sociais, já que, apesar da natureza tangível dos acervos de museus, sua existência e significado pode apenas ser encontrada no âmbito do comportamento social humano.

³¹Tradução Livre: Interdisciplinaridade deve ser buscada não apenas na Museologia em si, mas nos museus, e nas próprias disciplinas. Isto inclui museus de arte, de ciência e tecnologia, de história, e de história natural, junto aos muitos museus especializados dentro de cada tipologia; que implicam centros culturais vivos hoje, não santuários.

As diferenças de currículos de país para país teriam levado o ICOM a formar o ICTOP, comitê que além de tentar unificar a formação, mas também por formar uma sistematização da formação museológica (p. 73). Entretanto, para ele, o problema da formação não poderia ser resolvido sem conexão com o sistema museológico. O autor coloca que os currículos apresentavam tantas diferenças *justamente por causa da ausência de sistematização teórica da Museologia, à época*.

A questão teórica é importante, portanto, porque mesmo que o objetivo da formação seja o trabalho prático em museus, apenas a clareza teórica auxiliaria os novos profissionais a resolver problemas completamente novos e diferentes que viriam com o tempo. Por fim, Stránský coloca a necessidade do ICOFOM e do ICTOP trabalharem juntos, pois o estudo da teoria poderia alimentar a questão da formação justamente ao preparar publicações, livros de textos, e mesmo criar as bases necessárias para a confrontação, integração e cooperação na formação em Museologia no mundo.

Não podemos deixar de citar aqui também a força que o movimento da Nova Museologia teve, ao influenciar o pensamento museológico na década de 1970³², de acordo com Desvallées e Mairesse (2013, p.63) “ênfatisou a vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar, ao mesmo tempo que chamou a atenção para modos de expressão e de comunicação renovados”.

De acordo com Desvallées (1992), desta vez na obra *Vagues – une anthologie de la Nouvelle Muséologie*, há alguns marcos históricos importantes para pensar a Nova Museologia, que seriam o Colóquio ocorrido na França sobre Museu e Ambiente, em 1972; junto à Mesa Redonda de Santiago do Chile, no mesmo ano, e reitera que a Nova Museologia não seria uma outra Museologia, mas sim uma retomada de princípios do museu idealizado pela República Francesa.

Hugues de Varine (1992), na introdução da mesma publicação, faz questionamentos contundentes ao elitismo presente nos museus, pontuando que:

Le fait qu'il existe des musées vivants, ouverts au monde et au progrès, qui ont de passé la conception historique traditionnelle, ne changera rien à la menace qui pèse sur

³²Segundo Luis Alonso Fernández (1999), sobre a expressão Nova Museologia e as datações: “Respecto de la expresión nueva Museología, aunque su primeira utilización está fechada em 1958 – em el capítulo terceiro se ofrece, entre otros análisis y contenidos, los momentos clave de la nueva Museología-, su utilización rigurosa como trasmisora del movimiento no tiene lugar hasta principior de los años ochenta. Desde entonces há venido siendo empleada com significaciones variables y puntos de definición diferentes, según los diversos autores. Como también podremos comprobar em las páginas siguientes, para algunos especialistas las nuevas tendencias en los museos (y, por ello, en la Museología) están intimamente relacionadas com el impulso recibido, a partir del trabajo de Georges H. Riviére, por la tercera generación de los ecomuseos y el sueño popular en los setenta.” (HERNÁNDEZ, 1999; p.8).

l'institution: ou bien leur caractère est contesté par la majorité, ou bien ils cherchent eux-mêmes à s'affranchir de l'appellation de musée.(in DESVALLÉES, 1992; p.49).³³

Ao que nos parece, a Nova Museologia vinha buscando calibrar os princípios que regem os museus com as demandas de sua época. Ao perguntar-se se os museus continuariam sendo destinados apenas ao público dos hotéis e restaurantes, colocando ainda que raramente os grupos locais frequentam seu próprio patrimônio, Varine acrescenta:

Car enfin qu'est-ce qu'un musée? C'est l'institution qui fait connaître à l'homme les objets qui représentant son environnement, ses traditions, s'avie, son existence spirituelle et morale. Le musée est la carte d'identité de l'être social, en tant qu'individu, membre d'une communauté, citoyen. Il exprime cette identité non par des mots mais par des choses. C'est dans le contact sensoriel entre l'homme et l'objet que le musée trouve sa justification et, de plus en plus, sa nécessité.(in DESVALLÉES, 1992; p. 54-55)³⁴

Essa nova concepção de museu voltada para uma vocação territorial e salientando seu papel comunitário também buscou atrelar os conhecimentos interdisciplinares ao fazer museológico (DESVALLÉES, 1992; p.64), estabelecendo contatos com a antropologia cultural e social, sociologia, psicologia, economia, sendo que todas essas voltadas primordialmente aos problemas locais ou nacionais enfrentados nos respectivos territórios.

Também sobre este movimento que marcou os museus na contemporaneidade, Fernández (1999; p.9) completa que a Nova Museologia foi propiciada e impulsionada por uma série de circunstâncias de caráter técnico e por uma “evolução de abertura na mentalidade dos museólogos”, que corresponderia à demanda sociocultural do público e de comunidades crescentes após o fim da Segunda Guerra Mundial, bem como a questão da abertura proveniente de pujantes pesquisas científicas e suas aplicações tecnológicas sobre os objetos de cultura material (principalmente em matéria de

³³ Tradução Livre: O fato de existirem museus vivos, abertos ao mundo e ao progresso, que superaram a concepção histórica tradicional, não muda a ameaça que pesa sobre a instituição: ou o seu caráter é contestado pela maioria, ou dispensam a denominação de museu.

³⁴ Tradução Livre: O que, portanto, é um museu? É a instituição que faz o homem conhecer os objetos que representam seu ambiente, suas tradições, sua vida, sua existência espiritual e moral. O museu é a cédula de identidade do ser social, enquanto indivíduo, membro de uma comunidade, cidadão. Ele exprime essa identidade não através das palavras, mas pelos objetos. É através do contato sensorial entre o homem e o objeto que o museu justifica cada vez mais o quanto é necessário.

conservação do patrimônio), e destaca sobretudo a visão antropológica que se aproximou de maneira mais influente à Museologia.

A compreensão da Nova Museologia buscava, portanto, ampliar o alcance dos museus dentro de seus próprios limites territoriais e visava a um olhar mais próximo à antropologia, ao ser humano enquanto agente e cidadão conectado a seu patrimônio não mais apenas pelo valor 'sagrado' do qual este fora historicamente imbuído³⁵. Trouxe, então, para o âmbito destas instituições os problemas enfrentados pela sociedade, inserindo-as em um sopro de modernidade próprio de seu tempo, na tentativa de tirar destas instituições a poeira de um conservadorismo elitista cujo pesar já se considerava ultrapassado.

Ainda sobre a Nova Museologia, podemos destacar a realização de alguns documentos que relatam encontros responsáveis por destacar esta corrente de pensamento que marcou a sua época, como, por exemplo, em 1972, a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, a Declaração de Québec (1984), e a criação do MINOM-Movimento pela Nova Museologia, no Âmbito do ICOM, em 1984, além da Declaração de Caracas, em 1992.

Dentro da perspectiva de pensar a Museologia como área de conhecimento, Cristina Bruno coloca alguns paradigmas que considera como principais para o delineamento do perfil da Museologia como área de conhecimento. Tais paradigmas seriam: a distinção entre Museologia e museografia, as questões referentes aos limites e reciprocidades entre Museologia e estudos de museus, os conflitos entre o colecionismo em si e a questão da ausência de coleções e por fim, um ponto fundamental que seriam as diferenças entre a Nova Museologia e Museologia tradicional (BRUNO, 2000; p.33). A autora ainda avalia que o paradigma do colecionismo teria o início de sua desconstrução justamente com os primeiros estudos sobre a função social do museu, citando autores que refletem sobre o assunto, como Jean Davallon, André Desvallées e Mathilde Bellaigue, além do já acima citado Hugues de Varine.

Entretanto, a superação do paradigma do colecionismo, segundo Bruno (2000; p.33), não significa a negação das coleções como indicadores da memória e sua respectiva importância para a organização e preservação dos mesmos, mas parte da compreensão da existência da possibilidade de identificar indicadores da memória para além das coleções, sendo que o próprio conceito de fato museal corrobora com esta noção alargada de Museologia afirmada pela autora.

³⁵ Sobre o assunto, ver: "L'obsession du sacré"; in: DELOCHE; 1989.

Seguindo a mesma linha de pensamento, há uma proposta de sistematização dessa visão:

Os museus, ao longo do tempo e, sobretudo, permeados pela lógica do colecionismo, têm evidenciado todas essas facetas que, por sua vez, indicam o perfil e a natureza dos procedimentos inerentes à estruturação epistemológica da Museologia. As perspectivas democratizantes, implementadas pelos processos museológicos nas últimas décadas, têm procurado ampliar os domínios do enquadramento, aprimorar as estratégias de organização, multiplicar as fontes a serem selecionadas e, especialmente, diversificar as ações de educação da memória.[...] Este estudo pretende delinear o perfil dos elementos constitutivos da disciplina museológica, considerando que os seus principais desafios consistem, por um lado, na transformação do objeto testemunho em objeto diálogo, com vistas à educação da memória; e, por outro, na aproximação difícil e trabalhosa entre o objeto interpretado e o olhar interpretante. **Dessa forma, evidencia-se que as tarefas essenciais da Museologia e, inclusive, o que justifica a sua função social, residem na transformação dos grupos humanos e na aproximação destes com sua herança cultural.** (BRUNO, 2000; p. 17-20; grifos nossos)

Nos utilizaremos destas reflexões acerca da Museologia enquanto campo de conhecimento como base para analisarmos o ensino de Museologia em São Paulo, e que perspectivas e escolhas os cursos analisados realizaram durante suas trajetórias, de maneira que tornaremos a chamar a atenção a este aspecto em outros momentos deste trabalho.

Centrando novamente a discussão nos MuWoP, ao buscarmos nos documentos de Waldisa Rússio subsídios que nos pudessem dar a dimensão da influência das discussões fomentadas pelo ICOM nos anos 1980, pudemos encontrar, no Fundo Waldisa Rússio, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), alguns itens que puderam nos guiar.

Dentre as caixas repletas de cartas, textos, cadernos de anotação, documentos pessoais e profissionais, bem como aqueles referentes ao curso de Museologia da FESP e das outras inúmeras atividades profissionais exercidas por Waldisa Rússio, pudemos verificar uma série de documentos que nos evidenciam uma importante relação com os membros do ICOM, em especial do ICOFOM³⁶.

³⁶ Além da atividade de Waldisa Rússio no ICOFOM, comitê através do qual se filiou ao ICOM, de acordo com as fontes documentais (IEB-USP, Fundo Waldisa Rússio, caixa 117, Documento 35.0097, 'Demande d'adhesion a une invitation International'), pode-se notar a presença dela também em outros comitês, como o ICTOP, como nas discussões em Londres em 1983, mas também no CECA- Comitê Internacional para a Educação e Ação Cultural, conforme consta em carta redigida pela museóloga e destinada ao ICOM

Há o exemplo de uma carta remetida por Vinos Sofka³⁷, em que pretendia encaminhar aos membros da Comissão Executiva as providências necessárias para a continuidade das publicações do MuWoP, e dentre os membros de tal comissão já estava presente Waldisa Rússio, nos indicando o quanto esta foi presente e ativa no ICOFOM, além de muitos exemplares de publicações posteriores à essas primeiras discussões dos anos 1980 que se encontram em meio ao seu acervo pessoal³⁸. A documentação também aponta para a importância da participação de Waldisa Rússio nas discussões do foro, como é o caso das notas que o próprio Vinos Sofka remetia a ela convidando-a a enviar artigos e ir aos encontros do Comitê.³⁹

Em outro documento manuscrito contendo texto elaborado por Waldisa Rússio, comentando sobre a atuação da UNESCO e seu papel humanista perante os conflitos enfrentados à época⁴⁰, encontramos o seguinte excerto, que exemplifica um pouco o papel desempenhado pelas discussões em curso no ICOFOM:

Se as iniciativas de Bel Chalti Nannar, na Babilônia, e a instalação da pinacoteca dos Propileus são modalidades distintas do fazer museológico, o esforço de Quicheberg assinala o início de publicar, e portanto, comunicar a reflexão crítica sobre a Museologia, enquanto os periódicos de Madri e Dresden fazem supor, pelo menos uma comunicação dos interessados no tema e na disciplina (à época, os colecionadores). Estas citações me parecem oportunas quando lembramos que em 1980, a revista MuWoP – Museological Working Papers (então também designada DOTRAM – Documents de Travail sur la Muséologie), editada pelo ICOFOM – Comitê Internacional para a Museologia, do Conselho Internacional de Museus) e lançada pela primeira vez no México, durante a Assembleia Geral e Congresso Internacional de Museus, retomava a questão ‘Museologia: Ciência ou Trabalho Prático’. Conquanto lançada no primeiro número da revista, é no segundo, sobre o tema ‘Interdisciplinaridade em Museologia’, que a questão realmente fertiliza, levantando posições e esboços de teoria. Na verdade, a Museologia percorre o

declarando seu interesse em participar das discussões deste comitê (IEB-USP; Fundo Waldisa Rússio, Caixa 116, Documento 35.0069, documento sem título).

³⁷ Instituto de Estudos Brasileiros, Fundo Waldisa Rússio; Caixa 130, Referência Cx. 03 V.03.28. Para a transcrição completa do documento, vide anexos.

³⁸ Há exemplares de anais de encontros do ICOFOM e ICTOP, bem como números dos ICOFOM Study Series (listados nos anexos), dos quais a museóloga participou publicando artigos em algumas edições.

³⁹ Em nota de Vinos Sofka endereçada a Waldisa, encontramos o seguinte texto: *“Dear Waldisa, I regret you could not come to Paris – but I hope to see you in London 1983! It will be a very importante meeting for ICOFOM, so do come, please! And do not hesitate to write me about your proposals and points of view – I am very grateful for that! Yours, Vinos Sofka.”*. Tradução livre: “Querida Waldisa, eu lamento que você não tenha podido vir a Paris – mas espero vê-la em Londres 1983! Será um encontro muito importante para o ICOFOM, então por favor, venha! E não hesite em me escrever sobre suas propostas e pontos de vista – eu sou muito grato por isto! Abraços, Vinos Sofka.” – Fonte: Fundo Waldisa Rússio (IEB USP), Caixa 130, Documento Cx. 03 V.03.11; para a listagem dos documentos, vide apêndices.

⁴⁰ Instituto de Estudos Brasileiros, Fundo Waldisa Rússio; Caixa 132, Documento V.73.01

mesmo caminho ingrato das Ciências Humanas e Sociais, tendo de, a cada momento, convalidar o seu caráter científico. A atividade museal é reconhecida como profissão específica em geral, mas, acompanha e sofre os reflexos do subdesenvolvimento na área cultural. Em países como o nosso, definidos como “em crescimento” e que oscilam entre o “milagre”, o reconhecimento do exercício profissional passa por uma via jurídico-formal que lhe dá ares corporativistas sem estabelecer os instrumentos eficazes da defesa e do reconhecimento social.

Nesse sentido, as contribuições de Waldisa Rússio enquanto membro ativo do ICOFOM e ICTOP trouxeram a esta não apenas reflexões teóricas que embasaram seu pensamento museológico, como também serviram para que esta pudesse pensar na formação do profissional de Museologia.

A interdisciplinaridade teve peso importante nessas ponderações, que estavam muito em voga no âmbito internacional, conforme colocamos anteriormente. Dados estes fatores, Waldisa Rússio fará, então, a defesa da formação profissional em nível de Pós-graduação, com profundas reflexões teóricas mas também sem perder de vista o aspecto prático e social do profissional museólogo – discussões estas que serão desdobradas e aprofundadas no segundo capítulo, no qual nos dedicaremos ao curso ministrado por ela na Fundação Escola de Sociologia e Política. No sentido de demonstrar o quanto as questões da teoria, da formação profissional e da interdisciplinaridade estavam conectadas no pensamento de Waldisa Rússio, faz-se necessário citar o seguinte excerto de seu texto “Sistema da Museologia”:

No nível do ensino: a) Considera-se um quadro de professores multiprofissional e interdisciplinar orientado pela e para a Museologia. b) Considera-se, também, um quadro de discípulos igualmente interdisciplinar, isto é, com uma formação anterior em outras disciplinas; c) A existência da interdisciplinaridade em ambos não garante de forma mecânica um bom resultado, mas evidentemente facilita a emergência de um ensino e de instituições de ensino mais democráticas, nas quais a relação “aluno/professor” não configura jamais uma relação de domínio e de autoridade imposta, tornando possível um diálogo efetivo, um clima de humildade, de respeito e confiança recíprocos, de liberdade no qual a educação, a ciência e o homem tem a possibilidade de crescer. (RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v.I, p.135)

Como se pode bem observar, a visão de ensino de Museologia, para Waldisa Rússio, ia além das questões meramente teóricas ou técnicas, mas considerava a interdisciplinaridade como um dos elementos essenciais na tentativa de criar um ambiente de educação no qual docente e discente pudessem realmente estabelecer

diálogos. Esta perspectiva dialógica de ensino de pós-graduação em Museologia ainda será retomada no momento de análise do curso fundado pela autora, na FESP-SP.

No sentido de justificar a necessidade da formação pós-graduada em Museologia, Waldisa Rússio, em sua comunicação “Formação do Museólogo: por que em nível de pós-graduação” (RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v. I, p.232-233), reafirma seu conceito de fato museal, e, a partir desta reafirmação, coloca alguns pressupostos relacionados a este conceito. Seriam eles:

1. O caráter científico do pensamento museológico; 2. A Museologia como ciência, ainda que em construção; 3. O caráter igualmente científico da transmissão de conhecimentos museológicos e, portanto, da formação do profissional de museu; 4. O caráter político (no sentido mais amplo e generoso dessa palavra) do trabalho do museólogo.

No que se refere à conexão entre os três pontos (teoria museológica, interdisciplinaridade e formação profissional) acima citados, e também no sentido de colocar o quanto a fundadora e diretora do curso de Museologia da FESP-SP esteve afinada com os debates que tiveram espaço no âmbito do ICOFOM, podemos rememorar a fala de Waldisa Rússio, em comunicação intitulada “*Quem são e o que são os museólogos?*” (RÚSSIO; s.d., in: BRUNO, 2010; v.I p.252):

Museu, museologia, formação profissional e Estatuto do Museólogo são, sem dúvida, temas interligados; mas a formação e a profissão serão tanto mais respeitadas quanto resultantes de uma convalidação social. Esse reconhecimento depende da ética, da eficiência e da ação de profissionais solidamente formados. Nenhuma formação é possível sem uma bagagem científica. Embora aplicável aos museus, a Museologia deve ir além e ir buscar seu campo de reflexão crítica. E aqui, retomamos o depoimento de Stránský, citado neste trabalho: ‘Não basta inculcar nos futuros museólogos conhecimentos e fazê-los adquirir uma experiência; é preciso ensiná-los a pensar museologicamente e de maneira independente...Somente quadros dotados de conhecimentos teóricos poderão vir a ser cocriadores da Museologia enquanto disciplina científica independente. **A necessidade de criar um sistema teórico próprio da Museologia é pois mais que determinante para o ensino da Museologia. Verifica-se, assim, a necessidade de publicação de textos de ensino de Museologia.** Esses textos seriam a base necessária que permitiria ao ensino museológico transformar-se em objeto de confrontação, cooperação, integração. Concordamos com o mestre da Escola de Brno, quanto à necessidade de uma base teórica sob os pontos de vista gnosiológico e metodológico para que a Museologia cumpra “sua missão, não somente sob o prisma da prática museal, mas também dentro do próprio sistema de

Ciência”. (RÚSSIO, s.d., in BRUNO, 2010; v. I, p.252, grifos nossos).

Portanto, a noção de tal posição demarcada que defende uma consolidação da teoria museológica como algo que interessa não apenas à Museologia enquanto campo disciplinar, mas também está diretamente relacionado ao ensino da mesma é fundamental para que possamos pensar aspectos sobre a formação de Museologia em nível de pós-graduação em São Paulo, como também a formação do próprio campo da Museologia e os desafios da prática profissional, como bem coloca a autora no início do excerto.

No mesmo texto citado acima, Waldisa Rússio ainda valoriza a prática profissional no âmbito da formação em Museologia, ao colocar que havia um consenso, na época, em relação ao nível universitário da formação, que deveria contemplar uma prática em museus, em forma de estágios. Ela ainda ressalta que acreditava na formação pós-graduada e de caráter interdisciplinar, mais até do que a de caráter multidisciplinar, por considerar a primeira opção mais conveniente à conjuntura de sua época (RÚSSIO, in BRUNO, 2010; v.I p.240).

Mergulhando, agora, um pouco mais profundamente nas questões de formação, é necessário explorar aqui o já citado documento realizado no âmbito do ICTOP em 1971, o Syllabus, a fim de entendermos um pouco melhor que pontos tal documento considera como fundamentais para a preparação de currículos e programas de pós-graduação em Museologia.

Os pontos abordados pelo Syllabus obedeciam a seguinte ordem e temas: 1. Introdução à Museologia: história e finalidade dos museus; 2. Organização, Operação e administração dos museus; 3. Arquitetura, Layout, Equipamento; 4. Coleções: origem, registros pertinentes, configuração e movimento; 5. Atividades científicas; 6. Preservação e cuidado com as coleções; 7. Apresentação: Exposições; 8. O Público; 9. Atividades culturais e educacionais dos museus.

Ao explorarmos a publicação, buscamos destacar alguns pontos de tal documento que mais nos chamaram a atenção enquanto elementos importantes para dirigir nossas discussões e análises sobre a formação pós-graduada em Museologia em São Paulo.

A programação do primeiro item, “Introdução à Museologia: história e finalidade dos museus” se inicia por tópicos mais gerais, como Museologia e museografia, percorrendo a história dos museus e das coleções, passando mais especificamente pelo papel dos museus no mundo moderno, pela questão da Ética Profissional, percorrendo também o tema Museu e Patrimônio Nacional - bens culturais e naturais; além do tema

Museus e pesquisa. Por fim, o programa atinge as questões de público e suas necessidades e programação cultural, para finalmente chegar nas tipologias de museus, legislação sobre museus, e organização cooperativa de museus (órgãos regionais, nacionais e internacionais). As discussões, conforme se apresenta nos temas, são em torno dos museus, e não da Museologia e como esta se constitui em si - portanto, em torno das práticas museográficas, de pontos que tangem à cadeia operatória museológica e ao processo curatorial.

Seguindo o próximo item, “Organização, operação e administração de museus”, parte desdobrada em temas como ‘Situação legal e contexto administrativo’, passando por ‘Problemas administrativos’, que se desdobram desde questões relativas ao acervo, como política de aquisição, e também o subitem ‘Política e planejamento de trabalho’. O último subitem explorado neste tema seria o de Orçamento, que envolve recursos financeiros, captação de recursos, problemas financeiros, e associações de amigos e membros dos museus, recursos humanos, manutenção geral, relações públicas e avaliação do desempenho e estatística.

Sobre “Arquitetura, layout, equipamento”, a publicação recomenda que os programas curriculares percorram os pontos de história dos edifícios do museu, projetos, problemas espaciais (como, por exemplo, climatização, segurança e iluminação), circulação dos visitantes, incluindo ainda mobiliário (da exposição e dos departamentos internos do museu) e recursos audiovisuais.

No item “Coleções: origem, registros permanentes, configuração e movimento”, os princípios gerais giram em torno das aquisições e problemas relacionados a estas: política de aquisições e ética, percorrendo também as diferentes formas de aquisição – compra, coleta, doações, legados, empréstimos, depósitos, trocas, e os procedimentos de registro documental relacionados, como registro, inventário, catalogação e classificação. Métodos de catalogação também são abordados, em especial no que tange à computadorização e digitalização da informação. Tipologias de coleções também são abordadas, assim como a biblioteca do museu e a conservação das coleções, em respeito às técnicas de recebimento, expedição, armazenamento e manuseio.

Seguindo na parte de Atividades Científicas, as preocupações se centram no tema de museus e pesquisa, portanto há o objetivo de demonstrar a importância do rigor científico, e suas formas de alcance dentro do museu, através de publicações, catálogos e relatórios, por exemplo.

Acerca da “Preservação e Cuidado com as Coleções”, encontramos no item desdobramentos técnico-científicos provenientes da área de conservação e restauro, partindo de princípios gerais, apresentando também os fatores físicos e químicos e por fim, o tratamento das coleções.

Em “Apresentação das exposições” percorre os temas de: teoria geral das comunicações, diversos tipos de exposição, bem como apresentação de informações correlacionadas a estas – princípios básicos, operação e avaliação.

A parte dedicada ao item “Público” é extensa, e se divide em vários subitens, que, em geral, se destinam tematicamente a conhecer o público, organizar visitas, realizar propostas de circuitos, informação e acessibilidade, instalações a serem usadas pelo público e, por fim, método e análise do comportamento dos visitantes e estatísticas.

É importante destacar que no apêndice da publicação coloca-se que os focos do treinamento de pessoal para museus podem variar muito de acordo com os distintos perfis institucionais, mas que

A natureza e duração do treinamento a ser oferecido em determinadas áreas, ou para funções específicas, sofrerá grandes variações em função das responsabilidades específicas de cada função. Entretanto, todo e qualquer treinamento deve ter um objetivo comum e global: dar a cada funcionário do museu, individualmente, um bom entendimento do papel do museu na sociedade e do papel que desempenham no museu. Portanto, recomendamos que qualquer programa de treinamento procure responder às seguintes perguntas:

1. Museus: por que existem e qual é sua função na sociedade?
2. Coleções: como são obtidas, o que fazemos para estudá-las e mantê-las, e o que fazemos com elas?
3. Administração: quem faz o que no museu e como é feito?
4. Exposições e outros serviços oferecidos ao público: por que existem, como são organizados e como são utilizados?
5. Instalações físicas: como facilitar ao máximo o acesso às instalações do museu e ao mesmo tempo proteger as coleções?” (Syllabus, 1999; p.9-10).

A publicação, portanto, é de caráter abrangente, pois envolve as questões referentes à coleção, mas não restringe a formação profissional ao estudo destas, colocando outros aspectos que dizem respeito ao bom funcionamento da cadeia operatória museológica, como, por exemplo, a arquitetura e manutenção predial, a pesquisa no museu, e as questões de exposição.

FIGURA 3 - ILUSTRAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS GERAIS SUGERIDAS PELO ICTOP

Fonte: ICTOP,1999.

Após a publicação do *Syllabus* e dos dois números do *Museological Working Papers*, podemos citar também o Colóquio organizado em 1983 com a presença dos dois comitês, ICOFOM e ICTOP, cujo tema era Metodologia da Museologia e Formação Profissional, e documentado sob forma de publicação do ICOFOM Study Series n.01.

Tal Colóquio nos é relevante aqui não apenas pela conjunção dos dois temas que mais nos interessam para as discussões sobre formação em Museologia em São Paulo, mas também para a afirmação teórica da Museologia brasileira, pois é neste documento que Waldisa Rússio apresentará um esquema gráfico com sua proposta de Sistema da Museologia. Sobre o assunto, Marília Xavier Cury (2008; p.50) comenta que

Em 1983, o sistema da museologia foi o pano de fundo da temática central e fez-se uma revisão das discussões anteriores. Colaboraram grandemente com os debates e com o amadurecimento da proposta tripartida (Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada): George Ellis Burcaw (USA), Peter van Mensch (Holanda), e Waldisa Rússio (Brasil) (ISS, 1983, p.21, 83, 118 respectivamente). Waldisa Rússio sintetizou as discussões dos anos anteriores – a natureza do conhecimento museológico, os objetivos da museologia, a interdisciplinaridade como método de trabalho para a museologia e para a ação nos museus (ISS, 1983, p.114-115) – e traz uma nova contribuição: um quadro onde apresenta, esquematicamente, o sistema da museologia como uma proposta aperfeiçoada do quadro apresentado 1980 por Klausevitz e Sofka (RÚSSIO, 1983, p.118).

Este quadro, que buscamos transcrever integralmente abaixo, também foi possível de ser identificado em meio à documentação do Fundo Waldisa Rússio

salvaguardado pelo IEB-USP⁴¹, de maneira que nos utilizamos deste último (e não do texto da publicação do ISS) para a transcrição abaixo⁴²

TABELA 1 - QUADRO REFERENCIAL DA MUSEOLOGIA

Ramo ou domínio Museológico		Sub-Domínio Museológico	Objeto
Museologia Geral (1)		Teoria Museológica História dos Museus Administração Museológica (princípios gerais)	O fato Museológico (processo) O “cenário” e sua evolução A ação museal: gestão/organização
Museologia Especial (2)	2.1 Segundo a Tipologia de Museus (texto Museológico)	2.1.1 – Segundo Ramo de conhecimento de atividades: a. Museologia Museus de Arte e b. Museologia Museus de Ciência 2.1.2 Segundo o método (monografia, etc) 2.1.3 Segundo o espaço geográfico ou cultural	O texto museal: O “fato” no seu texto (linguagem) Museu: cenário e instituição: realidade e potencialidade
	2.2 Segundo o contexto (temporal, social)	Museologias: -Do terceiro mundo -Dos países desenvolvidos -Perspectivas (ex.:anos 1960) -Prospectivas (Séc. XXI...)	O fato museal no seu contexto: o Institucional, o “cenário”, as políticas culturais
Museologia Aplicada (Museografia) (3)	3.1 Curadoria Museológica	Pesquisa museológica. Documentação de gestão museológica	O fato museal: a identificação do objeto
	3.2 Conservação Museológica	Conservação: Segurança, clima, luz, processos técnicos, introdução à teoria do restauro.	O fato museal: preservação do objeto
	3.3 Comunicação Museológica (a dialética museal)	1. Do objeto em si: princípios de exposição (inclui as técnicas), Semiologia de	O “fato” museal, o processo O homem, o objeto, o cenário A relação consciência possível

⁴¹ Fonte: Fundo Waldisa Rússio – IEB/USP. “Sistema da Museologia”, s.d., Ref.: Caixa 129 – Curso de Museologia (Documentos não descritos / Fora do SGA).

⁴² Tanto o quadro presente no documento pertencente ao Fundo Waldisa Rússio do IEB USP quanto aquele publicado no ISS possuem o mesmo conteúdo. Contudo, optamos por transcrever o primeiro apenas pelo fato de este se encontrar em língua portuguesa, e o segundo em língua francesa (conforme as normas do Colóquio internacional), de maneira a facilitar o acesso ao mesmo. O mesmo quadro também consta em BRUNO, 2010; v. I, p. 131.

		Objeto, Documentação para comunicação	
		2.Ação educativa e cultural (serviço educativo/Exposição)	Homem/Objeto/Realidade Consciência possível/ ação
	3.4O projeto Museológico	Planificação Museal	O cenário da relação homem/objeto O museu enquanto “UTOPIA” (o pensamento utópico)
<p>Disciplinas Auxiliares e complementares (principais)</p> <p>Conhecimento prévio (desejável): Filosofia, História, Antropologia, Sociologia, Ciência da Educação, Direito, Administração, Física, Química, Biologia</p> <p>Conhecimento auxiliar (desejável): As mesmas áreas acima e, mais especificamente: Teoria da Comunicação, Semiologia, Informática, Antropologia Visual e dos Processos Simbólicos, Métodos e técnicas da pesquisa científica, Técnicas e processos artísticos, Cultura Nacional e Regional, História da arte e da técnica e da ciência.</p> <p>Estágio – Trabalho prático em museu e organismos afins, órgãos de preservação de patrimônio cultural.</p>			
<p>Categorias de objetos a estudar (Área multidisciplinar): Objetos técnicos e científicos; A obra de arte; Tecidos, tapeçaria; Indumentária; Ouriversaria e Joalheria; Madeira; Papel; Fotografia; Imaginária; Utensilagem doméstica; Máquinas e equipamentos: agrícolas, industriais, científicos; Instrumentos musicais; Mobiliário; Vidros e cristais; Cerâmica; Objetos de adorno; Armaria (defensiva e ofensiva); Meios de transporte, multi-meios, etc; (área de ação conjunta com profissionais de outras formações).</p>			

A partir desta tabela proposta no Colóquio de 1983, e das reflexões já colocadas por Cury (2008), podemos analisar que a autora busca, tanto no texto preparado para esta primeira edição do ISS quanto no quadro acima, conectar as questões teóricas da Museologia que haviam sido colocadas até então, como os conceitos de Museologia Geral, Especial e Aplicada, o seu próprio conceito de fato museal e sua visão de interdisciplinaridade como método com as questões de formação em Museologia. Segundo a autora comenta nesse texto, a Museologia deveria pressupor uma interação interdisciplinar de maneira sistêmica, e que a formação dos profissionais, bem como a composição dos quadros profissionais dos museus deveria acompanhar esta característica (ISS, 1983, p.121).

Também é importante salientar que, conforme o próprio quadro sugere, a base conceitual de Waldisa Rússio parte de um olhar museológico, e não de um olhar a partir do estudo de coleções – tanto que os estudos voltados para as tipologias de objetos

não estão presentes como domínios ou subdomínios do conhecimento museológico, mas como “categorias de objetos a estudar”, considerando a sua interdisciplinaridade.

Analizamos, portanto, que um pensamento museológico que parte da relação entre homem-objeto-cenário (fato museal) e dos conceitos de Museologia Geral, Especial e Aplicada para então chegar às coleções pela via do método interdisciplinar foi, e ainda é, uma perspectiva de Museologia que se emancipa em relação ao paradigma do colecionismo colocado por Bruno (2000).

Cabe ainda colocar finalmente que a morte prematura de Waldisa Rússio, em 11 de junho de 1990 como um fato de sua história pessoal que pode marcar a história da Museologia brasileira, e, especialmente, impactar a Museologia Paulista de maneira profunda, especialmente no âmbito do curso de Museologia da FESP, criado e coordenado por ela. Tais impactos serão mais explorados em relação à formação no segundo capítulo deste trabalho, no subitem destinado à FESP.

No que diz respeito ao seu legado teórico para a Museologia, tal autora já encontra certa aceitação no campo da Museologia (conforme se observa nas citações colocadas ao longo deste capítulo). No entanto, nos parece que ainda há um longo caminho a percorrer, visto que tanto no Fundo Waldisa Rússio pertencente ao IEB-USP quanto no Centro de Documentação da FESP-SP se encontram documentos inéditos, prontos a serem explorados por pesquisadores que se interessem, sob perspectivas temáticas variadas para além da teoria e formação profissional. A partir de nossa experiência adquirida no processo desta pesquisa, pudemos notar alguns temas a serem potencialmente explorados: a gestão de projetos museológicos, administração de museus, acessibilidade, expografia, dentre muitos outros que ainda estão por vir a serem descobertos por olhos atentos.

1.1 Mapeamento das Iniciativas de Formação em Museologia em São Paulo

Pensar em nosso tema específico de pesquisa, a tecitura de um pensamento museológico paulista pelo viés do ensino especializado constitui em um mergulho introspectivo, em um esforço de desvelar as características próprias dessa formação.

Abaixo apresentaremos um segundo item dedicado à problematização da formação em Museologia, em uma tentativa de recuperar o histórico dessas instâncias de formação, indicando possíveis rupturas e continuidades, tradições e inovações nesses movimentos.

No sentido de recortar um pouco mais o nosso foco de pesquisa, gostaríamos de ressaltar que estamos longe de esgotar todas as possibilidades de exame do assunto, no entanto, é nossa intenção concentrar nosso enfoque em apontar elementos historicamente importantes para embasar nossa análise sobre os cursos que compõem nosso objeto de estudo no capítulo 2.

Conforme já explanado na introdução, Waldisa Rússio, ao se debruçar sobre a questão do ensino em Museologia no Brasil, ressaltava, em sua produção, um Brasil pioneiro na questão da formação profissional museológica (BRUNO, 2010, v.I,p.228), cujo início teria se dado em 1932, com a criação do Curso de Museus, junto ao Museu Histórico Nacional.

Tal curso, que tomara a Escola do Louvre como norte filosófico e modelo para a modernização dos museus brasileiros, modernização esta que seria alcançada através da formação de profissionais aptos a organizar racionalmente os museus levando em conta o modelo francês, considerado “mais avançado”. O Curso de Museus será considerado equivalente aos cursos de nível superior apenas trinta anos depois de seu início, e só dez anos adiante conseguiu ser incorporado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (Uni-Rio), com a Faculdade de Artes, Biblioteconomia e Museologia.

O Curso de Museus do Rio de Janeiro, criado por decreto e que constituiu em verdadeiro marco na história da formação em Museologia no Brasil, teve um caráter motivado por questões práticas. Para melhor entendermos o contexto e perfil deste curso, é prudente recorrermos ao seguinte excerto de Ivan Coelho de Sá (2012):

O Decreto de 1932 evidencia que a criação do curso estava associada ao ensino das matérias que interessavam ao Museu Histórico Nacional: “Criar no Museu Histórico Nacional um Curso de Museus destinado ao ensino das matérias que interessam à mesma instituição. Na verdade, essas disciplinas, ou melhor, conjunto de disciplinas - História do Brasil, História da Arte, Arqueologia, Numismática, Epigrafia e Cronologia, Sigilografia, Heráldica etc -, daria embasamento ao

estudo, à identificação, à classificação e à catalogação das coleções do MHN. No entanto, nesse mesmo Decreto de 1932, percebe-se a preocupação, não apenas em investir na capacitação técnica, mas também em criar um quadro técnico para o MHN. Na realidade, a implantação do curso passou a fazer parte da política de admissão e promoção de funcionários do museu, ao mesmo tempo que constituiu um primeiro passo voltado para a profissionalização do *Conservador de Museus*, como era mais conhecido o museólogo na época, identificado nesse decreto como *terceiro oficial*. (SÁ, 2012; p.225).

Segundo o mesmo autor destaca, é importante ter em mente que provavelmente o fato do Curso ter nascido diretamente ligado ao Museu Histórico Nacional haveria ocasionado dúvidas em relação à sua natureza, sendo que em 1948, o próprio diretor, Gustavo Barroso, teria feito uma consulta ao então Ministério da Educação e Saúde (MES) sobre a questão.

Também é necessário observar, sobre o perfil deste curso, que:

A disciplina Técnica de Museus, idealizada e ministrada por Gustavo Barroso, era totalmente inusitada na América do Sul, tendo constituído a base e a estrutura principal do ensino de Museologia que se desenvolveu posteriormente. O programa era constituído de um vasto campo de saberes, englobando áreas que, atualmente, entendemos como Museologia, Museografia e Museologia Aplicada. Na verdade, Técnica de Museus - geral, básica e aplicada- sintetizava noções de pesquisa, documentação, preservação, educação em museus e comunicação, ou seja, os pilares básicos da Museologia contemporânea. (SÁ, 2012; p. 233)

Apesar de nosso trabalho não ter como objeto de estudo o Curso de Museus do Rio de Janeiro, consideramos importante inserir pequenas explanações sobre sua estrutura e características, a título de reflexão sobre esta primeira instância de formação em Museologia no Brasil. Ao longo da dissertação, iremos recorrer a este curso para pensar em alguns pontos específicos da Museologia Paulista, não em termos de realizar uma análise comparativa extensiva entre as instâncias de formação em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas a fim de, pontualmente, buscar aspectos de conexão e divergência entre estes, quando estes aspectos se tornarem relevantes para a análise de nosso objeto de estudo específico.

O segundo patamar alcançado no Brasil no contexto voltado ao ensino de Museologia teria sido o Curso de Museologia em Salvador, na Bahia, que surge já em nível superior (licenciatura). Porém, Waldisa Rússio, ao discorrer sobre esse curso, atentou-se para um bloqueio de matrículas durante o período de 1974 até 1979, tendo voltado a seu funcionamento por meio de protestos de alunos e professores (BRUNO, 2010, v.I, p.235). Apesar das dificuldades, a museóloga considera que a iniciativa da

Bahia, junto ao curso de Museologia lançado pela Faculdade Marechal Rondon compunham experiências salutare, pois haveria com isto, segundo ela, uma descentralização necessária a um país de variedades regionais e pluralidade de tempos sociais como o Brasil em consequência do surgimento dos cursos (BRUNO, 2010, v.I, p. 228-229).

Partindo então dessas experiências que vinham à tona no país, e indo em direção às especificidades de formação em Museologia em São Paulo, procuraremos agora avançar no panorama desta última temática. No entanto, para alcançarmos essas questões específicas da Museologia Paulista e seu cenário de formação, faz-se necessária uma contextualização do cenário das políticas públicas de patrimônio especificamente em São Paulo, em um momento “pré-Museologia”.

Revisaremos, então, algumas das experiências no campo da preservação do patrimônio cultural colocadas por Marly Rodrigues em seu *Imagens do Passado* (2000), obra na qual a autora rememora a trajetória preservacionista, primeiro no contexto nacional, e posteriormente, em São Paulo.

Considerando o panorama do patrimônio em escala nacional, a autora comenta que a necessidade de políticas públicas em relação ao patrimônio tornou-se urgente, no início do Século XX, em virtude do rápido crescimento econômico do Brasil:

A perda de tradição parecia iminente, pois o país se transformava sob o impacto da expansão industrial e da metropolização das capitais da Região Sul. Em 1930, a instalação de um Estado que se proclamava modernizador, construtor de uma nação que sobrepujaria os regionalismos, mantenedor da coesão social e guardião dos interesses nacionais, inaugurou uma fase de reordenação institucional e administrativa que implicou a ampliação da intervenção oficial, também no campo da cultura, o que ampliaria a oportunidade de os intelectuais orientarem a construção do Brasil moderno por meio do Estado. Em 1933, um decreto assinado por Getúlio Vargas, ainda chefe do governo provisório, dava mostras que o governo federal começava a voltar a atenção para o potencial simbólico, cívico e mnemônico dos espaços. O decreto erigia Ouro Preto – cidade desde a década anterior valorizada pelos adeptos do neocolonial e pelos modernistas por representar a brasilidade que buscavam – ‘monumento nacional’. (RODRIGUES, 2000, p.13)

A narrativa da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional resgatada por Rodrigues também destaca o papel central desenvolvido pela noção de monumento histórico, que por sua vez se entrelaçou com o protagonismo da arquitetura moderna na mentalidade daqueles que se encontravam à frente de tal Serviço. Ainda sobre esse aspecto, comenta a autora que:

Se por um lado, a valorização da arquitetura tradicional brasileira foi motivada pelo interesse em arquitetura moderna, por outro, fazia parte do esforço de explicação do Brasil desenvolvido por outras áreas de conhecimento, como a Sociologia e História. (RODRIGUES, 2000; p.15)

Recuperar essa jornada da preservação do patrimônio histórico no Brasil é importante enquanto pano de fundo para que possamos inserir neste as respectivas especificidades das questões culturais que tangenciam a preservação patrimonial e as iniciativas em formação em Museologia no estado de São Paulo.

Assim, já dentro de um contexto paulista, Rodrigues destaca o surgimento de forças políticas de oposição liberal em São Paulo, que, em oposição ao Partido Republicano Paulista, e tendo se concentrado junto à família Mesquita, por trás do jornal *O Estado de S. Paulo*.

As condições para que o setor cultural se desenvolvesse em São Paulo também se devem, segundo Rodrigues, em parte, devido à nomeação de Armando Salles de Oliveira como Interventor de São Paulo, e dentro desse contexto, destacamos a criação da Universidade de São Paulo, bem como o advento do Departamento de Cultura, de âmbito municipal, mas cujo governo era de cunho liberal:

Criado em 1934, segundo projeto de Mário de Andrade e Paulo Duarte, o Departamento concentrou suas atividades na expansão da rede de bibliotecas públicas, na organização de arquivos documentais, na criação de parques infantis e no desenvolvimento de pesquisas, especialmente às sociológicas, etnográficas e folclóricas. (RODRIGUES, 2000; p. 18 – grifos nossos)

Assim, incorporar preocupações com as questões culturais e de preservação do patrimônio passaram a fazer parte do ideário liberal paulista, de pensamento muito demarcado por intelectuais que compuseram os quadros desses órgãos culturais, como os já citados Mário de Andrade e Paulo Duarte. Porém, é interessante notar como, conforme a narrativa de Rodrigues, houve uma inovação nesse pensamento liberal em relação às tradições em termos preservacionistas:

A ideia de proteção oficial ao patrimônio, antes só defendida pelos culturalistas do passado, se incorpora ao ideário de modernização do país, abraçado pelos intelectuais, direta ou indiretamente, relacionados ao modernismo e, por meio deles, como condição de sua própria realização, foi vinculada ao projeto da oposição liberal paulista. No centro dessa incorporação está o pensamento de Mário de Andrade, no qual o interesse pelas “tradições móveis” - como a dança, a poesia e as cantigas populares, nas quais ele fundava a brasilidade, espécie de civilização específica capaz de inserir os brasileiros na universalidade moderna, sem perder sua identidade - fundiu-se aos interesses das “tradições imóveis”, provavelmente a partir do

conhecimento da obra de Gilberto Freyre e Lúcio Costa, bem como do contato com o cultualismo bandeirante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao qual, como grande parte dos intelectuais da época, fora filiado. RODRIGUES, 2000;(p. 19-20)

A autora ainda deixa claras as intenções de Paulo Duarte dentro desse contexto, quando eleito pelo Partido Constitucionalista em 1933, e procurando estender os valores de seu partido para São Paulo, buscou estabelecer vínculos entre os Institutos e as Universidades.

Rodrigues comenta ainda o pioneirismo de Duarte ao preparar a organização do Departamento de Patrimônio Paulista tomando como modelo o projeto de Mário de Andrade, antes mesmo da criação do Serviço de Patrimônio. Ainda se esclarece, no mesmo texto, a preferência por deixar o Departamento de Cultura aos cuidados de Mário de Andrade e Rodrigo Mello Franco de Andrade enquanto uma escolha política, já que São Paulo era, àquela época, um centro opositor ao governo Vargas.

Conforme explorado por Patrícia Tavares Raffaini (1999), em sua dissertação acerca do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, a criação da Escola de Sociologia e Política (Escola esta que seria sede do primeiro curso de Museologia de Pós-Graduação em São Paulo, ao qual nos dedicaremos a analisar no segundo capítulo deste trabalho), também consiste em fator importante para nosso contexto, cujos propósitos seriam:

Com a preocupação de conhecer, organizar e transformar a cidade e o Estado cria-se nesse mesmo período a Escola de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo. Esta última reunindo faculdades já existentes como a de direito, medicina e engenharia à faculdade, recém criada, de filosofia e o Instituto de Educação. Essas iniciativas tinham como um de seus objetivos formar funcionários que atuassem na organização e modernização da administração municipal e estadual. **A Escola Livre de Sociologia e Política ficaria encarregada de formar, com ajuda de professores norte-americanos, profissionais que pesquisassem e organizassem, com base em pesquisas científicas, o tecido e a conformação urbana da cidade de São Paulo. A Universidade de São Paulo teria o papel, principalmente através da Faculdade de Filosofia, de formar professores para a rede pública melhorando assim o ensino não só primário como secundário.** É o que podemos ver no memorial apresentado aos deputados estaduais, em agosto de 1935, publicado na Revista do Arquivo Municipal. A escola de Sociologia e Política teria como objetivo: "(...) a formação de uma elite numerosa e disciplinada, sobretudo de administradores capazes de contribuir para o aperfeiçoamento do governo da nossa terra. (RAFFAINI, 1999, p.21-22; grifos nossos)

Outra questão importante de ser mencionada e que também é colocada por Raffaini é que aqueles que compuseram os quadros do Departamento de Cultura raramente eram provenientes das classes mais abastadas, mas eram funcionários públicos, colaboravam com jornais da época e eram ligados ao Partido Democrático, como é o caso dos próprios Mário de Andrade e Paulo Duarte, mas também o de Sérgio Milliet e Rubens Borba de Moraes, sendo que membros da elite foram uma exceção (como foi o caso de Antônio Alcântara Machado).

A inovação do Departamento de Cultura, segundo Raffaini, também passou por uma continuidade das políticas públicas em relação àquelas que já ocorriam – algo nem sempre garantido entre as diferentes gestões de políticas públicas no Brasil. O próprio Paulo Duarte coloca essa questão, afirmando ter realizado um relatório destinado a Fábio Prado, listando os equipamentos culturais que já existiam, e colocando ainda que estes não apenas foram aproveitados, mas teriam continuidade de uso pela população, da mesma maneira como já se vinha fazendo (RAFFAINI, 1999; p.20-30).

Construir uma política cultural de inovação, mas ainda assim considerando a continuidade do que já havia sido feito, no estado paulista cujo contexto é caracterizado justamente pela ausência de tradição patrimonial (levando em conta os contextos mineiro e nordestino já citados), e pela ausência de políticas de Estado que tenham sua continuidade garantida, consistiu em uma inovação grande para São Paulo – mas uma inovação que levava em conta o contexto patrimonial local.

Conforme Raffaini e Rodrigues, o foco em pesquisa colocado em pauta pelo Departamento de Cultura, e sua ligação com as instituições de ensino da época (como as já citadas FESP e USP, criadas contemporaneamente ao Departamento) trouxe outra inovação grande para o setor cultural:

Na tentativa de conhecer e organizar melhor a metrópole paulistana que crescia de forma acelerada e desordenada, o Departamento de Cultura desenvolveu uma série de pesquisas sociais e etnográficas. Essas pesquisas eram feitas pela sub-divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais, que tinha a incumbência de realizar o levantamento das situações sociais e econômicas da cidade, coligindo dados estatísticos e elaborando mapas que permitissem o estabelecimento da situação de desenvolvimento do município. [...] Essas pesquisas em sua maioria tiveram a colaboração de cientistas sociais especialmente contratados pelo Departamento, e muitas vezes foram feitas com a colaboração dos alunos da Universidade de São Paulo e da Escola de Sociologia e Política, que exerciam o papel de entrevistadores, coletando dados. A maior parte dessas pesquisas foi divulgada, durante o período pesquisado, através da Revista do Arquivo Municipal. (RAFFAINI; 1999: p. 36-37, grifo nosso)

O foco de tais pesquisas, de caráter inovador e inédito, haveria recaído, segundo a autora, sobre estudos acerca do operariado da época, mapeando e registrando uma São Paulo que se industrializava, e que com esse crescimento trazia junto a si a inflação dos bairros de operários. A realização de mapas desvendando a distribuição espacial do operariado na cidade já demonstrava uma concentração periférica (p.38). Outro enfoque muito comentado pela obra teriam sido as pesquisas de cunho etnográfico, muito exploradas pelo viés da cultura material (p.71).

A inovação desse Departamento de Cultura não se deu, portanto, apenas pelo alcance de suas ideias preservacionistas⁴³, mas muito pelo fato de ter explorado temas que haviam sido negligenciados em São Paulo no campo do patrimônio, e pelo esforço de realizar uma popularização da cultura, através de vários instrumentos midiáticos e equipamentos culturais.

Para explorarmos o tema da inovação na formação, desta vez mais especificamente no que tange ao campo dos museus, é necessário comentar sobre a trajetória dos Museus Históricos e Pedagógicos, percorrendo alguns pontos que se ligam ao ensino de Museologia em São Paulo.

Tangenciando, então, o histórico dos Museus Históricos e Pedagógicos⁴⁴, devemos destacar, na criação de tais instituições, que se deu entre as décadas de 1960

⁴³Dentre os esforços preservacionistas que se puderam observar, destacamos também a Campanha Contra o Vandalismo e Extermínio, que se iniciou a partir de uma série artigos publicados por Duarte no Estado de São Paulo em 1937, e no mesmo ano foi defendida sob o projeto de lei n 279. De acordo com Aureli Alcântara (2007, p.61): “Mário de Andrade no âmbito da campanha contra o vandalismo e extermínio alertava Duarte que chegara o momento de se estabelecer um viés mais prático em relação ao patrimônio, com ações pautadas pela feitura de legislação, reunião de mecenas, desenvolvimento da iconografia de restos e ruínas, publicação de documentação e organização das instituições museológicas. Em carta de apoio à Campanha, Mário de Andrade alertou: [...] Outra coisa que me parece de enorme e imediata necessidade é a organização dos museus. Mas pelo amor de Deus! Museus à moderna, museus vivos, que sejam um ensinamento ativo, que ponham realmente toda a população do Estado de sobreaviso contra o vandalismo e o extermínio [...] haverá visitas obrigatórias, em dia de trabalho, de operários, estudantes, crianças, etc. Visitas vivas, sem conferência de hora, mas acompanhadas de explicador inteligente. Sem isso não haverá museu, mas cemitério. Sem isso, sem o auxílio do povo, esclarecido, jamais conseguiremos nada de permanentemente eficaz contra vandalismo e extermínio.” Portanto, havia uma série de preocupações não apenas com a preservação do patrimônio, mas também com a apropriação deste dentro do ambiente museológico.

⁴⁴Entre 1956-1973 foram criadas 79 instituições, organizadas na Rede de Museus Histórico Pedagógicos. Atualmente, essa rede possui 49 instituições museológicas, distribuídas no interior do Estado de São Paulo. Segundo Ávila, em 1952, havia cerca de 131 instituições museológicas no Brasil inteiro, o que nos dá a dimensão da ação de criar uma rede de museus históricos e pedagógicos no interior de São Paulo no decorrer das décadas de 1950, 1960, e 1970 (ÁVILA, 2014; p. 31). No Fundo Waldisa Rússio (IEB USP), também se pode encontrar uma cópia do “Plano para criação de um sistema aos Museus Históricos Paulistas e aos museus de um modo geral no Estado de São Paulo” (Caixa 123, Documento n. 37.0020), o que demonstra já a importância das ações de Vinício Stein Campos no âmbito das políticas públicas culturais paulistas, que depois foi revista e criticada por outros autores, como a própria Waldisa Rússio, em sua dissertação de Mestrado *‘Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento’*(1977).

e 1970, que, segundo Ana Carolina Xavier Ávila (2014), teria se dado em um contexto de reafirmação política do ideário republicano e inserção da participação política paulista nesse ideário.

O início da Rede de Museus Histórico-Pedagógicos acompanhou, de acordo com Ávila, a proliferação de museus que já era uma realidade no Estado, tendo à frente Sólton Borges dos Reis, que era diretor-geral do Departamento de Educação da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação; e em 1957, Reis convida Vinício Stein Campos para presidir o Serviço de Museus Históricos, o que o incumbiu da implantação e gestão desses museus. Como o Serviço de Museus Históricos pertencia à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, o mesmo foi transferido posteriormente para o Departamento de Atividades Regionais da Cultura, e depois para o Departamento de Museus e Arquivos. (ÁVILA, 2014; p.34-35).

A figura de Vinício Stein Campos é peculiarmente importante, justamente por conta dos cursos de Museologia que ele teria ministrado nesses Museus Históricos e Pedagógicos, que eram para a época, instituições recém-implantadas no interior paulista e cujo quadro de funcionários seriam os próprios professores da rede Estadual de ensino.

Ávila comenta a falta de formação de Stein Campos na área de Museologia, embora tenha ministrado o Curso de Museologia, que era de curta duração, e teria contado com o apoio da Secretaria da Educação e dos Municípios. A autora atenta para alguns fatores históricos condicionantes desse curso de formação, como a falta de apoio do Museu Paulista⁴⁵, a ausência de formação em Museologia no Estado de São Paulo (pois na época apenas existia o Curso de Museus do Rio de Janeiro), e que Vinício Stein Campos havia sido influenciado por Gustavo Barroso, mentor do curso do carioca, para criar o curso.

Sobre essa influência de Gustavo Barroso nos cursos ministrados por Vinício Stein Campos, Simona Misan (2005) coloca que o curso de Museologia dos Museus Históricos e Pedagógicos seguia a mesma ordem e temas do programa proposto por Barroso: História dos Museus, Técnica dos Museus e Numismática Brasileira.

A particularidade de Campos, segundo a autora, residia no fato dele focar, em sua última aula, na História do Brasil com uma interpretação que partia da História do Município em questão, convidando sempre algum sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ou da respectiva entidade local. De acordo com Misan:

⁴⁵ Tanto a dissertação de Ana Carolina Xavier Ávila quanto a de Simona Misan apontam para alguns conflitos ocorridos entre o então diretor do Museu Paulista, Mário Neme, e Vinício Stein Campos em relação à implantação da Rede de Museus Históricos e Pedagógicos. Neme teria afirmado publicamente ser contrário à implantação desses museus criados por decreto, e daí aponta-se pelas autoras uma ausência de correspondências entre as duas figuras.

O curso de museologia de Vinício Stein era destinado a ministrar noções básicas de organização de museus e, ao mesmo tempo, demonstrar a imensa utilidade que tais instituições podiam significar para o empenho do trabalho educativo das escolas das cidades. O programa constava de quatro aulas proferidas em dois dias consecutivos. [...] A promoção dos cursos de museologia e a arregimentação dos professores, nas diversas cidades sedes, contavam com intenso apoio da Secretaria de Educação. A divulgação dos cursos era realizada tanto pela prefeitura, pelos jornais, como pela escola pública local, garantindo quase sempre a presença de um grande número de participantes. Após o término do curso, o Serviço de Museus Históricos expedia aos participantes um certificado de participação. [...] O curso se destinava principalmente a professores (primários e secundários) mas deles também participavam alunos das escolas normais, cursando os últimos anos, e estudantes. A Secretaria de Educação em acordo com as escolas públicas locais, garantia a todos os participantes o ponto facultativo das aulas, durante os quatro dias em que o curso era proferido. Uma vez concluído o curso e com a expedição dos certificados, Vinício Stein obtinha maior facilidade para solicitar à Secretaria de Educação o comissionamento dos professores, quase sempre indicados por ele próprio ou por prefeitos das cidades, para assumirem o cargo da direção do museu. Como exemplo do alcance da participação de interessados, os dados expressos em correspondências no Arquivo de VSC atestam que de 1956 ao último trimestre do ano de 1964 foram realizados cursos de museologia em diversas cidades do Estado atingindo um enorme número de participantes. (MISAN, 2005; p.90-93)

O Curso ministrado por Stein Campos, que haveria sido de grande alcance dentre o professorado do interior paulista, realizou importante papel de capacitação técnica em uma época na qual a própria formação em Museologia ainda não era uma realizada de maneira abrangente no Brasil. O fato de haver reciprocidades entre o curso do Rio de Janeiro e o ministrado nos Museus Históricos e Pedagógicos sugere que havia uma grande carência na formação técnica desses profissionais, junto à busca de um modelo de formação que já existisse e pudesse ser aplicado aos alunos paulistas. Podemos encarar tal curso enquanto uma inovação pelo seu alcance prático que teve enquanto capacitação para profissionais que atuariam nas instituições museológicas, mas mantendo a tradição do enfoque técnico que já ocorria no Curso de Museus ligado ao Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro.

Também nos salta aos olhos o destaque dado por Vinício Stein Campos à questão pedagógica, priorizando a vocação educacional dos museus, sendo que tanto Ávila quanto Misan destacam o fato de que as duas personalidades à frente da criação dos Museus Históricos e Pedagógicos, Sólton Borges dos Reis e o próprio Stein Campos

se identificarem com a Escola Nova, algo que imprimiu às instituições museológicas a 'função educadora dos Museus' (MISAN, 2005; p. 93).

Por outro lado, a questão da formação em Museologia em São Paulo foi incentivada por Vinício Stein Campos, que divulgou na imprensa da época a criação de uma Faculdade de Museologia. Sobre o assunto, Misan comenta:

Na década de 1960, o assunto da expansão dos Museus Históricos e Pedagógicos foi evoluindo de tal maneira que o governo paulista pretendeu criar conforme informava Vinício Stein Campos pela imprensa, a primeira Faculdade de Museologia do Estado de São Paulo a ser instalada a partir do ano de 1968. Tal iniciativa não foi levada a cabo na época, mas após quase dez anos, em 1977, é criado o primeiro curso de especialização em Museologia no estado de São Paulo, sob iniciativa de Waldisa Rússio [sic], que em meados da década de 1970 integrou o Grupo Técnico do DEMA-SEC onde acompanhou Vinício Stein Campos em algumas visitas técnicas aos Museus Históricos e Pedagógicos. O curso de especialização em Museologia da Faculdade de Sociologia e Política do Estado de São Paulo criado em 1977 perdurou alguns anos após a data do falecimento de Waldisa Rússio, em 1990. (p.93)

O curso da FESP, inaugurado em 1977, é de grande importância não apenas por ter sido uma iniciativa que vingou após a mal lograda tentativa de Campos de instituir uma Faculdade de Museologia em Santos, mas também pelo fato marcante de ter como mentora Waldisa Rússio.

A formação da criadora do Curso de Museologia da Escola de Sociologia e Política de São Paulo possui algumas peculiaridades que acabaram por estar presentes no próprio curso, e consequentemente, por influenciar a capacitação de profissionais que vieram a se tornar a primeira geração de museólogos formados em São Paulo. José Wilton Guerra (2015) sintetiza bem como a trajetória de Waldisa Rússio havia marcado o cenário museológico paulista:

A advogada, autodidata, mergulhou no universo dos museus, no final dos anos 1960 quando a pedido de Arrobas Martins integra o grupo responsável pela Reforma Administrativa do Estado (1967-1970), sendo a responsável pelos projetos técnico-administrativos do Museu de Arte Sacra (MAS) em 1969 e Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, 1970, posteriormente, Museu da Casa Brasileira. Para a estruturação dessas instituições, com grande ênfase para o MCB, não há dúvidas de que ela foi buscar referência no cenário museológico internacional e sua sensibilidade mostrou que os museus passavam por uma mudança. (...) Mais tarde na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, como coordenadora do Grupo Técnico de Museus (GTM), teve um contato profundo com os museus do interior,

podendo formular um importante diagnóstico sobre as condições dos nossos museus e profissionais, esses aspectos estão presentes na sua dissertação de mestrado (...). Em 1978, já como membro do ICOM, formulou o Curso de Especialização em Museologia da FESP. Com grande protagonismo participou dos debates do recém criado The International Committee for Museology (ICOFOM), no ICOM.(GUERRA, 2015; p. 21-22).

Conforme comentado por Guerra, a participação de Waldisa Rússio como integrante do Grupo Executivo da Reforma Administrativa (Gera) durante o governo de Arrobas Martins, deu à museóloga uma grande experiência prática dentro do âmbito das políticas públicas paulistas. Sobre o assunto, Marly Rodrigues (2000, p. 28-29) comenta que essas iniciativas de Reforma Administrativa constituíram uma verdadeira vanguarda política e intelectual que estaria procurando superar o didatismo típico do discurso nacional-populista, de maneira a incentivar a popularização de uma visão erudita da cultura brasileira. Essa vanguarda, segundo a autora, somente pode operar graças às contradições do governo autoritário, de maneira a reunir oposicionistas de diferentes linhas.

O papel de Waldisa Rússio enquanto criadora do curso de Museologia ligado à FESP, que posteriormente veio a se tornar Instituto de Museologia, também mantido pela mesma Fundação, foi de grande inovação em relação aos cursos da época. Para estudar tal curso, como já apresentado, fomos buscar maiores informações a partir da documentação do Fundo Waldisa Rússio, que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB –USP), dentro do qual nos deparamos com um documento intitulado *“Uma Proposta de criação de Escolas de Museologia e de uma Editora de livros de Artes em São Paulo”*, de autoria de Waldisa Rússio e Rossine Camargo Guarnieri e datado de 1975⁴⁶. A proposta realiza um breve panorama crítico da situação dos cursos de Museologia no Brasil à essa época, e indicavam seus problemas, algumas distorções e apontavam inclusive para a precariedade do ensino.

Acerca do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, os autores criticavam o fato de que o curso não era ligado a nenhuma Universidade, e tampouco constituía um instituto isolado de ensino superior, mas era diretamente ligado ao Ministério da Cultura, o que segundo eles acabava *“(...)Tolhendo não só o desenvolvimento do curso*

⁴⁶Instituto de Estudos Brasileiros – IEB USP, Fundo Waldisa Rússio, Caixa 129; Envelope 38.011. *“Uma proposta de criação de Escolas de Museologia e de uma editora de livros de Artes em São Paulo”*, carta emitida por Waldisa Rússio e Rossine Camargo Guarnieri destinada a Edevaldo Alves da Silva, 1975.

*como também a formação dos próprios museólogos em termos de quantidade e – por que não dizer? – de qualidade e atualização*⁴⁷.

Sobre São Paulo, o mesmo documento ressalta por várias vezes a falta de formação de pessoal em Museologia, levando a questão a termos quantitativos, colocando que, apesar de haver um mercado “elástico” para a abertura de um curso de Museologia, apontando ainda para a carência desses profissionais no contexto paulista:

O Estado de São Paulo possui, no Interior, mais de 150 museus, dos quais 89 instalados. Atualmente os próprios municípios se interessam pela criação dos seus museus locais, mas se ressentem da impossibilidade de contratar museólogos – que inexistem- e de se socorrer de um centro de estudos e orientação técnica – QUE TAMBÉM NÃO HÁ. [...] Como é sabido, o Estado de São Paulo não possui escolas de Museologia, nem de nível médio, nem de nível superior. [...] Somente o Estado de São Paulo precisa neste momento de mais de 300 museólogos; este é um número mínimo para um funcionamento normal, sem grande dinamismo dos museus, visando apenas atividades básicas e essenciais, como as de coleta, classificação, catalogação de peças e elaboração de etiquetas (quando desejáveis) ou páginas comentadas [...].⁴⁸

Assim, ao estruturar o curso da FESP, declarou-se, em folheto institucional de divulgação do curso⁴⁹

[...] A FESP -SP, considerando ainda que o mundo atual exige que o museu se assente na multiprofissionalização, procura, através dela, atender às exigências de uma museologia viva e atuante. A própria inserção dos cursos na Escola Pós Graduada de Ciências Sociais define os delineamentos de uma formação que há de encontrar seu embasamento **nas técnicas museográficas e sua filosofia de trabalho na visão do museu como processo social**.(grifo nosso)

Essa busca pelo caráter dinâmico e participativo que a Museologia vinha assumindo, juntamente com o intuito de aliar as perspectivas teóricas da Museologia às técnicas e práticas de museu acabaram por trazer uma inovação frente ao panorama dos cursos de Museologia do Brasil. Conforme já explanado na introdução, o tema do curso de Museologia da FESP será mais detalhadamente explorado e analisado no segundo capítulo deste trabalho.

⁴⁷ Idem, p.4. Na época, ainda tramitava no Ministério o projeto de integração do Curso de Museus à UniRio, mas, segundo Rússio e Camargo Guarnieri, tal iniciativa estaria sofrendo entraves, que supunham ser por conta da fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara.

⁴⁸ Idem nota 13.

⁴⁹ Instituto de Estudos Brasileiros (IEB USP), Fundo Waldisa Rússio, Caixa 129, envelope n. 38.00.39; Folheto institucional da Fundação Escola de Sociologia e Política, sem data.

Após apresentarmos as questões contextuais do curso da FESP, podemos partir para as diversas iniciativas que ocorreram no campo do ensino de Museologia na Universidade de São Paulo, em diversas unidades, mas especialmente em seus museus estatutários.

No caso do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), sua trajetória institucional esteve intimamente ligada à presença de seu fundador, o professor Walter Zanini, que de maneira pioneira reuniu e inventariou a coleção doada por Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado, e, mesmo quando o Brasil se encontrava em pleno regime autoritário, Zanini conseguiu incentivar o trabalho de trocas entre artistas de outros lugares, como o Leste Europeu e América Latina, que, à época, encontravam-se em situação de difícil contato por conta do contexto da Guerra Fria⁵⁰ (FREIRE, 2013; p.10).

Para além de se configurar enquanto um espaço de criação artística e de reflexão sobre a arte contemporânea à sua época, o MAC foi também o lugar em que o professor Zanini ministrou a primeira disciplina de Museologia na Universidade de São Paulo, na qual unia o MAC em colaboração com a Associação de Museus de Arte do Brasil (AMAB) e com o antigo Museu de Arte e Arqueologia da USP, tendo iniciado formalmente tal disciplina em 1971, na Universidade. Cristina Freire (2013; p.10) afirma que “Neste âmbito coordenou, com seus alunos dos cursos de Museologia, um levantamento inédito sobre os acervos da USP e suas condições que até hoje serve como referência na área”.

Posteriormente, mas na mesma linha que soma pontos à tecitura deste panorama de ensino de Museologia em São Paulo, o MAC USP também ofereceu um curso de Especialização “Estudos de Museus de Arte”, que ocorreu de 1997 a 1998. O curso de especialização se subdividiu tematicamente em algumas partes, que correspondiam a disciplinas relacionadas à Museologia Teórica, o Universo dos Museus

⁵⁰ Sobre o papel inovador de Walter Zanini em um momento que politicamente não era favorável à livre expressão artística, Freire (2013, p.11) comenta que: “Em São Paulo, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo funcionava de portas abertas, como um verdadeiro território livre para artistas, estudantes, professores e quem mais visitasse. No final de 1968, com o AI-5, a censura às artes torna-se ainda mais ferrenha e o cinema, o teatro e a música são os mais visados. [...] Entre a noção convencional sustentada no imaginário social e essa outra, completamente nova para seu meio, Zanini procura um ponto de equilíbrio no MAC USP onde, pela dialética entre memória e laboratório, busca uma síntese. Por um lado, como diretor de um museu universitário, responde às expectativas da burocracia dirigente que, via de regra, interessada em manter o poder, limita as transformações para não subverter o instituído. Zanini procura, sem dúvida, tornar visível o fabuloso acervo do MAC USP, considerado um dos mais importantes da América do Sul. [...] A práxis museológica e curatorial de Walter Zanini, seu compromisso acadêmico e sua independência das ingerências externas, seja da censura ditatorial então vigente ou das pressões de mercado (ainda mais incipientes naquele momento se comparadas às atuais), tornam-se ainda mais exemplares a cada dia.

de Arte, Museologia Aplicada (Museografia), questões relativas ao Acervo de tipologia artística, Ações Educativas, Comunicação e Tecnologia, e Administração de Museus.

Este curso, apesar de abranger disciplinas sobre Museologia, era voltado às questões específicas do campo dos museus de arte – ou seja, a Museologia fazia parte do curso, mas não era por si só, um curso de Museologia, tendo seu foco específico na questão de museus de arte. Por esta razão optamos dedicar a ele uma breve menção em relação às disciplinas que tangem estritamente o ensino de Museologia, sem no entanto, nos aprofundarmos nas questões próprias do curso, pois este não está no espectro de cursos que objetivamos analisar neste trabalho.

A grade horária do curso demonstra um equilíbrio entre as disciplinas destinadas ao campo da História da Arte e aquelas ligadas à Museologia. A disciplina de Museologia Teórica, por exemplo, possuía carga horária de 40 horas, equivalente a outras disciplinas mais específicas sobre arte demonstra um pouco a preocupação do curso em dar tanto uma especificidade própria deste campo do conhecimento quanto em dar uma base aprofundada em Museologia, capacitando estes alunos para as práticas cotidianas com as quais se deparavam nas suas respectivas instituições.

É interessante mencionar que, dentre as outras disciplinas ministradas, havia algumas ligadas diretamente ao funcionamento da cadeia operatória museológica, como “Curadoria”, bem como a de “Planejamento de Espaços Expositivos e técnicas de exposição”. Dentro da perspectiva da Comunicação Museológica, encontramos disciplinas como “Ação educativa em Museus de Arte e Princípios Didáticos e Pedagógicos em Museus de Arte”, que juntas totalizam 40 horas. Há ainda duas disciplinas destinadas a uma certa atualização do profissional de museus de arte, uma voltada às questões de tecnologia e outra à gestão de museus, temas que surgiam com força e urgência na época.

Também é interessante mencionar que este curso foi uma experiência que contou com docentes que posteriormente atuaram no CEMMAE, como Marcelo Mattos Araújo e Cristina Bruno.

O curso “Estudos de Museus de Arte” do MAC, embora voltado às questões específicas da Arte Contemporânea, atingiu um nível de formação importante no aspecto museológico, traçando pontos na tecitura de um pensamento museológico paulista, fazendo ainda uma pertinente ‘costura’ interdisciplinar com o campo específico da História da Arte.

Outro curso que deve ser mencionado aqui é a Pós-Graduação em Gestão de Coleções, Curadoria e Mercado da Universidade Belas Artes. O discurso institucional aponta que o curso “proporciona tanto aspectos teóricos quanto práticas curatoriais e preservacionistas, promovendo um amplo conhecimento sobre os processos de

mediação cultural”⁵¹. Dentro de um total de 17 disciplinas ministradas durante a pós-graduação, destacamos aquelas que se destinam às questões Museológicas: “Museologia e História dos Museus”, “Conservação Preventiva”, “História das exposições”, “Gestão de coleções públicas e privadas”, “Crítica e curadoria de exposições”, e “Planejamento e produção de exposições”, somando-se uma carga horária de 100 horas/aula dentro da carga horária total do curso, que é de 484 horas/aula.

O curso demonstra ter caráter abrangente, e com certa preocupação com relação às noções de Museologia oferecidas aos alunos. Também é necessário destacar que alguns docentes tiveram sua experiência de formação nos cursos analisados nesta dissertação, como Marilucia Botallo (que foi docente tanto do curso da FESP como do CEMMAE) e Maurício Cândido da Silva (ex-aluno do CEMMAE).

Também se faz necessário citar o curso técnico em Museologia da Escola Técnica Estadual (Centro Paula Souza, ETEC Parque da Juventude), que forma alunos que já possuem ou que estão cursando o ensino médio, e que destaca, em sua proposta, a importância do profissional técnico em Museologia. De acordo com o discurso institucional,

O TÉCNICO EM MUSEOLOGIA é o profissional que auxilia os trabalhos técnicos nos processos de organização, de conservação, de pesquisa e de difusão de documentos e de objetos de caráter histórico, científico, artístico, literário ou de outras naturezas, em museus e em instituições afins. Atua no planejamento e no gerenciamento de acervos e de respectivos espaços, nas instâncias pública e particular. Gerencia oferecimento de produtos e de serviços ao público de espaços museológicos.⁵²

A coordenadora do curso, Cecília Machado, que inclusive foi ex-aluna do Curso de Museologia da FESP, nos recebeu para entrevista acerca de sua experiência discente, e nos cedeu um documento de apresentação do curso técnico. Abaixo temos um excerto de tal documento⁵³, que discorre sobre o perfil profissional da formação oferecida pela Escola Técnica:

A sociedade solicita a formação de recursos humanos para atuar nesse contexto cultural e artístico. O profissional de museu necessita de formação interdisciplinar e nesse sentido o perfil do aluno egresso tende a ser um **agente mediador dos processo**

⁵¹ Fonte: <http://www.belasartes.br/pos-graduacao/?pagina=cursos&curso=gestao-de-colecoes-curadoria-e-mercado> Acesso em 18/12/2016; às 18:51.

⁵² Fonte: <https://www.vestibulinhoetec.com.br/unidades-cursos/curso.asp?c=607> Acesso em 18/12/2016; Às 19:37.

⁵³ “Formação Técnica em Museologia”. São Paulo, sem data. Fonte: Documento fornecido pela coordenação do curso técnico em Museologia – ETEC Parque da Juventude.

contidos na teoria museológica. Na verdade a característica essencial do museu do futuro será sua capacidade para captar e reagir rapidamente aos problemas próprios de uma sociedade que o rodeia. **Habilidades Gerais Desenvolvidas:** **Capacitação** para atuar nas áreas de **memória e patrimônio.** **Auxiliar** os trabalhos técnicos nos processos de organização, de conservação, de pesquisa e de difusão de documentos e de objetos de caráter histórico, científico, artístico, literários ou de outras naturezas, em museus e em instituições afins. **Atuar** no planejamento e no gerenciamento de acervos e de respectivos espaços, nas instâncias pública e particular. **Gerenciar** oferecimento de produtos e serviços ao público de espaços museológicos.

É necessário ressaltar a importância deste curso em um Estado que conta com a ausência de cursos de graduação em Museologia, pois este busca capacitar os alunos para atuarem nas práticas profissionais ligadas à cadeia operatória museológica.

Seguindo na linha da análise dos cursos de pós-graduação em Museologia ocorridos no Estado de São Paulo, partiremos no próximo capítulo para a observação mais detalhada dos cursos da Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP), e adentrando as questões mais específicas da inserção da Universidade de São Paulo, e o Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (CEMMAE).

Capítulo 2 – As tramas: observando de perto a formação Pós-Graduada em Museologia em São Paulo

Após o percurso de discussões teóricas e contextuais acerca do ensino de Museologia com destaque para a realidade paulista, nos voltaremos neste capítulo, ao nosso objeto de estudo: a análise documental dos cursos de Pós-Graduação em Museologia da FESP e do CEMMAE. Seguiremos, portanto, esta sequência cronológica como estrutura deste capítulo, dividido em três itens, sendo que cada um deles terá enfoque específico em cada um deles, dentro da ordem citada. Gostaríamos de esclarecer, no entanto, que ficaremos longe de esgotar cada um dos cursos em sua totalidade, pois múltiplas possibilidades de abordagens podem ser eleitas para visualizar as tramas contidas no ensino de Museologia em São Paulo.

Optamos, portanto, por um recorte que visa trazer à tona aspectos estruturantes desses cursos, trazendo a base desta tecitura como elemento principal de análise, no sentido de refletir sobre algumas questões: que disciplinas faziam parte de sua grade curricular, que conceitos de Museologia estas disciplinas abordaram, e questões sobre o discurso colocado: que perfil de profissional o curso objetiva formar, que aspectos eram considerados importantes em termos de formação.

Para isto, o levantamento de algumas informações factuais com base nos conjuntos documentais referentes aos cursos se faz necessário. Para realizá-lo buscaremos expor listagens de disciplinas e suas características, leitura e análise de documentos oficiais dos cursos, levantamento da produção discente a partir de monografias, dissertações ou trabalhos de conclusão de curso, e entrevistas com docentes e egressos dos respectivos cursos.

Essas questões tiveram como base documental os diários de classe, ementas de disciplinas, suas respectivas bibliografias indicadas, panfletos de divulgação dos cursos, folders e material de divulgação, fotografias e correspondências institucionais entre os cursos e as instâncias que os regulamentam ou que interagem com estes (Ministério da Educação - MEC, Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Conselho Nacional de Pesquisa-CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo -FAPESP), documentos referentes à atividades extra-classe (fotografias e relatórios de viagens de campo e visitas técnicas a instituições museológicas), além de documentação sobre eventos acadêmicos (palestras, simpósios, encontros e colóquios) ocorridos no âmbito dos três cursos.

Como também é parte de nossos objetivos específicos, nos dedicamos à realização de entrevistas com profissionais que fizeram parte desses cursos, como docentes ou discentes. Nos enveredarmos por este viés nos permitiu trazer algumas

reflexões específicas, que puderam arrematar as análises estruturais de cada curso, nos auxiliando a entender como se deram, na prática, esses momentos de aprendizagem⁵⁴.

No entanto, as entrevistas dependem tanto da disponibilidade dos entrevistados como da precisão de processos de transcrição e revisão, precisaram ter um peso de análise distinto das fontes escritas, e por isso desenvolveram um caráter amostral neste trabalho. No caso das fontes escritas, foi necessário realizarmos um levantamento estrutural e intensivo das mesmas, seguidos de análises sistemáticas, algo que nos permitiu traçar cronologias, tecer análises e entender os documentos oficiais de maneira mais clara, para, por fim, expor essa tecitura ao longo deste capítulo.

Longe de discriminar as fontes orais ou julgá-las como sendo de menor importância para esta tecitura, estas assumiram, no desenrolar da pesquisa, um papel importante de arremate das análises estruturais baseadas nas fontes escritas, que foram aqui nosso pano de fundo.

Arrematar essas análises significa ora costurar esse pano de fundo com novas informações provenientes das memórias individuais dos participantes dos cursos, ora confrontá-las com as fontes escritas, expondo eventualmente alguma ruptura em relação a estas. Nosso trabalho aqui não é o de hierarquizar as fontes, mas o de compreendê-las em suas distintas naturezas, e buscar, considerando suas diferenças, resgatá-las e analisá-las para embasar nosso trabalho.

O caminho para analisar essa delicada e particular tecitura com certeza não será simples ou linear, podendo por vezes nos indicar mais dúvidas e incertezas, apontando para um estudo de semelhanças e diferenças dessas instâncias de aprendizagem, trazendo à tona as tramas museológicas que se quer estudar, nos mostrando as continuidades ou pontos da tecitura, mas ao mesmo tempo as lacunas e ausências (os nós e rupturas) existentes entre os dois cursos.

Assim não procuraremos nos deter a respostas definitivas (o que seria deveras pretensioso de nossa parte), mas sim reflexões provocadoras que nos possam indicar elementos de análise que nos auxiliem a olhar para o conjunto dos cursos – tema a que dedicaremos o terceiro capítulo deste trabalho.

⁵⁴ Os roteiros de entrevistas, assim como a transcrição completa das mesmas consta nos apêndices deste trabalho.

2.1.1 O curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política

O discurso institucional do curso de Museologia da FESP pode ser aferido através de diversos documentos institucionais, dentre os quais os panfletos de divulgação foram imprescindíveis para entender melhor como o curso estava estruturado. Inicialmente, para justificar o seu caráter pós-graduado, um dos panfletos de divulgação com os quais nos deparamos é claro sobre o assunto:

Os cursos de museologia mantidos pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, sob inspeção federal (processo DR5-5551/78, of. DR5-3144/78), objetivam a formação de pessoal em nível pós-graduado, atendendo à RECOMENDAÇÃO adotada pela 8ª ASSEMBLÉIA GERAL DO ICOM, a 2 de outubro de 1965, (...) Dentro das determinações e do espírito dessa Recomendação, a FESP, considerando ainda que o mundo atual exige que o museu se assente na multiprofissionalização, procura, através dela, atender às exigências de uma museologia viva e atuante. A própria inserção dos cursos na Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais define os lineamentos de uma formação que há de encontrar seu embasamento nas técnicas museográficas e sua filosofia de trabalho na visão do museu como processo social.⁵⁵

A proposta de curso apresentada pelo panfleto de divulgação institucional consiste em uma divisão em três módulos de especialização, independentes entre si, mas que se cursados os três, perfaziam os créditos de mestrado.

Ainda sobre as intenções deste curso dentro do discurso institucional que se apresentava, Waldisa Rússio, criadora e coordenadora do curso da FESP, e, posteriormente, diretora do recém-criado (por sua iniciativa) Instituto de Museologia da FESP, colocou em fala intitulada *“Museologia: formação profissional no Brasil: a proposta do Instituto de Museologia de São Paulo/ FESP”*, que foi transcrita e inserida na obra *“Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional”* (BRUNO, 2010; v.I p.253), nos indica um alinhamento com as questões determinadas pelo Syllabus, além de uma visão de pós-graduação que ultrapassava os limites acadêmicos e buscava inserir os alunos nas práticas museológicas.

Assim, destacamos o seguinte excerto, no qual Waldisa Rússio cita diretamente o trabalho realizado pelo grupo do ICTOP que se debruçou a realizar o documento que veio a se tornar o Syllabus. Para entendermos como houve a apropriação deste documento pela autora, e como isto foi aplicado ao curso de pós-graduação em

⁵⁵ “Museologia – Especialização” -Folder de divulgação do curso de Museologia da FESP; São Paulo: 1980. Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política

Museologia da FESP, convém destacarmos da fala da autora os seguintes pontos extraídos do Syllabus:

Entretanto, a sessão do grupo de trabalho⁵⁶fixou o que foi considerado 'não mais do que condições mínimas exigidas pelos programas de ensino museológico e museográfico nas universidades, a saber:

'O programa de ensino museológico e museográfico nas universidades pode situar-se entre os estudos que conduzem ao diploma em licenciatura ou de doutorado a fim de estar de acordo com o sistema educacional específico de cada país; exige-se, entretanto, que tais estudos sejam coroados pela obtenção de um título ou diploma de nível superior, atendidas as seguintes condições:

1. que o programa seja desenvolvido pela universidade em cooperação com ao menos um museu completo e oficialmente respeitado, com pessoal qualificado e corpos adequados;

2. que o programa seja ajustado ao equivalente a, no mínimo, três anos de estudos universitários em uma disciplina reconhecida e apropriada;

3. que o programa seja interdisciplinar e compreenda os estudos teóricos e práticos, a saber:

a. uma proporção substancial de Museologia Teórica, com base no syllabus do ICOM, estabelecido em 1972;

b. instrução de técnicas museográficas, com base também no syllabus do ICOM de 1972;

c. um estágio de trabalhos práticos em museu, de preferência com duração de seis meses;

4. que o programa de ensino museológico universitário seja estabelecido para (cor)responder às necessidades da comunidade museal, assim como à disponibilidade de emprego no país.

Quanto ao profissional docente, refere à necessidade de:

1. ...que os programas de ensino museológico e museográfico nas universidades possam dispor ao menos de um dos membros do corpo docente, professor ou encarregado do curso, responsável pelo programa, que seja experiente (na área);

2. ...que os membros do corpo docente, responsáveis pelo programa, possam grande experiência na gestão e no trabalho prático de museu, sendo eles mesmos profissionais ainda em atividade ou que tiveram grande atividade em museu...(...) **Consideramos tudo isso em nossos cursos de Museologia em 1978, quando os criamos.**" (RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v. I, p.257grifos nossos)

O curso esteve inicialmente ligado à Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais, funcionando também com as aulas no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP, e posteriormente se tornou instituto autônomo da FESP, o Instituto de

⁵⁶A autora se refere ao grupo de trabalho interno do ICTOP que foi responsável pela elaboração do Syllabus.

Museologia de São Paulo. Em correspondência entre Waldisa Rússio, então coordenadora do curso, e a Delegacia Regional do Ministério da Educação em São Paulo, na qual se apresentava a estrutura modular do curso de Museologia, coloca-se também o perfil discente a que este servia:

Sendo, o museu, um centro interdisciplinar de atuação profissional, o curso abre-se para os formados em Ciências Humanas e Sociais e Arte, Ciências da Informação, e, ainda, para os formados em Ciências Biológicas, Exatas e da Terra. Há que se lembrar que, além dos museus específicos de cada área de conhecimento, há urgente necessidade de atender à conservação ativa do acervo.⁵⁷

Sobre a sua estrutura modular, cada um dos módulos buscou explorar monograficamente um tema, que, por sua vez, estava ligado a situações temáticas da realidade brasileira e, segundo o mesmo livreto de divulgação, “ao mesmo tempo em que, em função do tema, estrategicamente, coloca os fundamentos da formação museográfica e museológica”⁵⁸. Quanto à estrutura sugerida pelo folder de divulgação, procuramos apresentá-la na tabela a seguir⁵⁹:

TABELA 2 - ESTRUTURA MODULAR DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP

Módulo	Tema/Conteúdo	Duração
1º	“A função humanizadora dos pequenos museus nos países em desenvolvimento. A conquista de novos públicos: A CRIANÇA”	375 horas/aula, dois semestres
2º	“Função social e humanística dos Museus de Arte e dos Museus de História nos países em desenvolvimento”	375 horas/aula, dois semestres
3º	“A prospectiva dos museus de Ciência, Indústria, e Técnica nos países em desenvolvimento”	375 horas/aula, dois semestres

De acordo com a documentação sobre os módulos⁶⁰, o Primeiro Módulo tinha o objetivo de aperfeiçoar os docentes do ensino médio e superior no trato com o objeto

⁵⁷ Fonte: Correspondência da Coordenação do Curso de Museologia da FESP-SP destinada à Delegacia Regional do MEC em São Paulo. São Paulo (documento sem data). Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ “Especialização Lato Sensu em Museologia” – Livreto de divulgação institucional da FESP-SP. São Paulo, 1984. Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Referência: Correspondências de MEC III.

museológico, compreendendo o museu “como agente cultural e social”⁶¹. Tal módulo parece estar muito dedicado à compreensão do que é um museu – os itens de descrição do módulo em 1984 perpassam as tipologias de museu, com especial atenção dedicada aos “pequenos museus”, aos “museus de terceiro mundo” e também às temáticas ligadas à criança no museu.

O Segundo Módulo de Especialização em Museologia oferecido pela FESP somava alguns pontos, para além dos mesmos objetivos do Primeiro Módulo

Paralelamente fornecer a informação mais atualizada a respeito de conceitos, técnicas e praxes nos museus, formulando críticas e perspectivas para os museus brasileiros e paulistas em particular”, além de “tornar o candidato (ou aluno) apto ao trato conservativo do objeto museológico, seja em exposição, seja nas reservas técnicas, seja nas exposições itinerantes⁶².

É importante mencionar também que nesse mesmo documento destinado ao MEC com o descritivo do segundo Módulo consta uma nota que esclarece que as aulas correspondentes ao mesmo seriam teóricas e práticas, envolvendo desde a visita crítica a museus, a análise e identificação de objetos, e podendo também incluir a montagem de exposição ao fim do ano letivo (já que os módulos tinham duração de um ano).

Já no terceiro módulo, o foco recairia sobre a noção de processo museológico, fornecendo informações sobre os museus, seus objetos e o universo de relações internas e externas, visando a comunidade, além de estimular a produção de pequenas monografias, pois considerava-se que “A bibliografia brasileira é paupérrima no assunto”⁶³.

Em outro panfleto de divulgação do curso de Museologia da FESP, também encontramos o Módulo 1 nomeado como “A curadoria Museológica; A função educadora dos pequenos museus. Ainda em outro folheto, também sem data, mas que por sua vez também indicava que o curso estava de acordo com a Resolução 14/77 do MEC, os títulos dos módulos apresentam mudanças, como “Primeiro Módulo: A curadoria Museológica”; “A função humanizadora dos museus”; “Os museus ecléticos e os Museus de História”; “Segundo Módulo: A conservação Museológica”; “A função social e humanística dos Museus de História”; “Terceiro Módulo: Museologia Geral e Especial: Os Museus de Ciência”. Museus de Indústria e Técnica (Redação do trabalho

⁶¹ Idem.

⁶² Correspondência entre a Coordenação do Curso de Museologia da FESP (na pessoa de Waldisa Rússio) e a Delegacia Regional do MEC em São Paulo. São Paulo, 24 de abril de 1984. Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política. Referência: Caixa 11 – Aprovação Museologia MEC III

⁶³ Idem.

Científico). Os museus ecléticos e os museus de história”⁶⁴. Como nenhum dos dois folhetos de divulgação estão datados, não temos como saber qual dos nomes veio primeiro, mas ainda assim podemos detectar as mudanças e ajustes realizados no decorrer dos processos pedagógicos em curso.

A seguir, temos o quadro de disciplinas encontrado no mesmo livreto de divulgação institucional, do qual extraímos a tabela 3⁶⁵:

TABELA 3 - LISTAGEM DAS DISCIPLINAS DO CURSO DA FESP

Módulo	Disciplinas oferecidas
1º Módulo: Pequenos Museus	Museologia I Museografia I Introdução à Estética e à História da Arte Cultura Brasileira I Estudo de Problemas Brasileiros Administração de Museus Sociologia de Museu Introdução à Técnica e Processos Artísticos Introdução ao Restauro Fotografia Teoria do conhecimento
2º Módulo: Museus de Arte e Museus de História	Museologia II Museografia II Documentação Museológica História e Crítica da Arte Brasileira (Visão Compreensiva e Crítica) Métodos e Técnicas de Pesquisa Estrutura de ensino de 3º grau (I) Cultura Brasileira II História de São Paulo Conservação e Restauro Documentação Fotográfica
3º Módulo:	Museologia III Museografia III

⁶⁴ “Livreto sobre o curso de Museologia (em três módulos de 375h cada) regulamentado pela Resolução 14/77-MEC com coordenação da profa. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri”. Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁶⁵ “Museologia – Especialização” –Livreto de divulgação do curso de Museologia da FESP; São Paulo (1979). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política. Observação: o livreto se refere à matrícula para a turma de 1980.

Museus de Indústria, Ciência e Técnica	Documentação Museológica II História da Ciência Conservação e Restauro Cultura Brasileira (O Processo Industrial) Organização de Ensino de 3º Grau Administração de Museu
--	--

A partir de entrevista realizada com Ricardo Nogueira Bogus, museólogo que foi aluno do curso, este nos comentou sobre esse momento de parceria entre a FESP e o MASP:

E o MASP, claro aquele espaço...e o Bardi [...], lembro de umas aulas que eu tive com o Bardi no período [...], que essas são muito pra um lado muito prático de atividades de museu. Não esqueço dele falando 'atividades de museu'...ele chegava no museu, ele passava no banheiro para ver se tava tudo limpo, e depois ele passava pra ver se tinham tirado o pó das molduras, aí ele ia para o escritório. Não, é que essa era uma...que também eu vejo que é uma função do profissional de museu que é garantir esse atendimento de qualidade ao com o público de qualidade...Muitas vezes as pessoas ficam só nas grandes questões dos museus [...] e esse cotidiano é meio jogado pro pessoal de [manutenção] administrativo e aí não funciona, (BOGUS, Ricardo. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 12 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Em outros momentos da entrevista, Bogus comenta sobre a importância de ter tido contato com docentes de outras áreas, a exemplo da fotografia, com o professor Bóris Kossoy. Maria Pierina Camargo, que foi da primeira turma de alunos da FESP, também comentou o assunto:

E depois, as aulas que ela escolhia, as pessoas que ela escolhia para dar as aulas, [...] então lembro muito por exemplo, que uma coisa que foi questionada, ela escolheu o, acho que a gente já estava no segundo ano...[...] o Fábio Magalhães pra dar História da Arte, e ele não era uma pessoa que tinha formação, [...] ele tem notório saber. Mas era impressionante, ele dava de dez a zero em muito professor de História da Arte, [...] então acho que isso ela tinha...⁶⁶(CAMARGO, Maria Pierina. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 14 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação)

Elisabeth Zolcsak, ex-aluna do curso que veio a lecionar no Instituto de Museologia posteriormente, compartilhou, em entrevista concedida para este trabalho, um pouco de suas experiências como discente do curso. Quando a questionamos sobre

⁶⁶ Camargo se refere à coordenação do curso feita por Waldisa Rússio.

que pontos considerara como principais para trilhar sua carreira profissional, esta destacou alguns do curso:

Bom, me chamou muita atenção teoria museológica, daí depois a sequência da atividade como professora lá. Então os fundamentos dos museus, a reflexão sobre o papel dos museus, isso pra mim foi o mais relevante, mais importante, o que me chamou mais a atenção. [...] Então, as questões mais... teórico-práticas de documentação, de marcação de objetos, de conservação dos objetos também foram relevantes, mas para mim a questão da teoria dos objetos, daí as duas disciplinas, e a teoria museológica, o por quê da Museologia, isso foi o mais importante. (ZOLCSAK Elisabeth. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de fevereiro de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Também é necessário registrar o planejamento e montagem da exposição “Tropa, Tropeiro, Tropeirismo”, realizada pelos alunos da primeira turma da FESP, e inaugurada no final de 1979, no MASP. Procurando na documentação, pudemos encontrar alguns documentos que nos mostram um pouco deste exercício do fazer museológico realizado pelos discentes do curso.

FIGURA 4 – EXPOSIÇÃO “TROPA, TROPEIRO, TROPEIRISMO”, NO MASP

FIGURA 5 - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO "TROPA, TROPEIRO, TROPEIRISMO"

Sobre essa experiência, Maria Pierina Camargo, que frequentou o curso nessa época e atua como museóloga no Museu Lasar Segall, comentou em entrevista cedida para esta pesquisa⁶⁷ que:

As aulas eram teóricas em si, mas por exemplo, nós fizemos, no fim do primeiro ano, a exposição Tropa, Tropeiro, Tropeirismo, que na verdade eu não fiz a documentação, porque as pessoas que fizeram a documentação eram as pessoas que já estavam trabalhando há muito tempo em Museologia, porque isso era uma característica do curso, que na época, eu e a Cristina, éramos, praticamente, as únicas pessoas que não trabalhávamos na área, na época a Cristina⁶⁸ não trabalhava no MAE, ela só fazia a pós, [...] então as pessoas que já estavam trabalhando, então eu lembro que quem fez a documentação foi a Antonieta que trabalhava em documentação aqui no Museu Lasar Segall, então, e eu e a Cris ficamos com a parte de expografia, que é uma parte que eu gosto bastante, e aí a gente meio que bolou, fazia as bandagens de aniagem, as vitrines com as cordas, que foi bastante polêmico na época e montamos, na verdade a coisa da ação educativa que na verdade era um ateliê livre, [...] mas que eu resolvi juntar tudo, as crianças desenhavam eu acabava guardando tudo. (CAMARGO, Maria Pierina. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 14 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação)

⁶⁷ A transcrição integral de todas as entrevistas consta nos Apêndices da dissertação.

⁶⁸ Refere-se à Maria Cristina Bruno.

Ricardo Nogueira Bogus, também comentou sobre as experiências de práticas museais vivenciadas ao longo do curso, e sobre a intenção de enriquecer tais práticas com um espaço para exercitá-las:

Mas as aulas eu acho que eram bastante legais, eu acho que tinham bastante conteúdo sim, tinha muita leitura sim, tinha muitos textos, trabalho prático pra você executar, o que você não tinha, e isso era que a Waldisa sentia falta também, era de um do espaço grande pra atividades práticas, então a gente teve durante o curso que utilizar áreas no eu lembro que com o SESC da rua do Carmo, aquele em galpões do Parque da Água Branca, tinha uns espaços, eu lembro que com o SESC do Carmo, [...] e a questão dos estágios, mas ela sentia falta do prático [...]. Isso daí era uma das coisas que eu acho que ela sentia falta. Tanto que ela queria ter [...], então tinha essas atividades do SESC [...], que davam todo um apoio, mas Ela sentia falta de...um espaço para atividades do curso, eu lembro que a gente discutiu muito, eu acho que foi o período que eu fiquei mais próximo dela no curso com ela, uns seis meses antes de eu ir para Jundiá, assumir a coordenação do Museu Ferroviário Barão de Mauá. Então você tinha o edifício da Fundação, o prédio [...], e daí a ideia de, de alguma maneira você construir ao lado daquele, porque tinha o espaço [...], ocupava o centro de um terreno grande e a ideia era ocupar um dos lados com um pequeno edifício para o Instituto de Museologia colocar as salas de aula e um espaço para exposições e outras atividades. E estava sendo discutido até pro curso ficar permanentemente lá, de ter um espaço para exposições, e atividades educativas. De repente a gente poderia começar a fazer convênios, fazer um monte de coisa, e os alunos trabalharem [...], os alunos trabalharem direto. Mas não aconteceu...não aconteceu... BOGUS, Ricardo. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 12 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação)

Acerca da estrutura oferecida pela parceria com o MASP, e das vivências e aprendizagens cotidianos da FESP, Bogus segue com seu relato:

E ela com toda a visão que a Waldisa tinha [...], mas e os outros professores também [...], entre eles Fábio Magalhães, João Sócrates Oliveira, Boris Kossoy tinha um outro que era de fotografia...que é da USP agora, mas é um cara super ligado em história da fotografia, então...bárbara...bárbara...Então você teve uma série de professores que eu achei muito legais, muito bons, então vai formando [...]. E eu não sei, claro, no nosso tempo era uma grande luta, [...] porque, quando se sai do MASP, que onde a gente tinha as aulas eram num no pequeno auditório [...], mas é tinha toda uma estrutura [...], uma beleza, vamos chamar assim [...], aí foi pra Sociologia Fundação, no começo tinha um problema de espaço [...], era um curso novo no espaço da algo novo na Sociologia Fundação. Então eu lembro que foi meio complicado, na própria sociologia tinha Fundação tinha falta de salas, teve um período que chegou a ser em um saguão no primeiro andar, por falta de outro espaço [...], e a Waldisa

super batalhando [...], depois a gente foi para aquele espaço edifício do lado da Fundação [...], e aí a coisa pegou mais fácil [...]. Mas então tinha todo um trabalho de luta, porque museu não era o que é hoje, vejo assim, hoje museu é muito chique [...], naquela época museu era meio outsider [...], meio ao lado vamos chamar assim [...]. (BOGUS, Ricardo. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 12 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação)

Nos outros folhetos institucionais pesquisados, não se nota grande diferença nas disciplinas oferecidas, de maneira que a estrutura do curso se manteve a mesma até 1984. Em livreto sem data⁶⁹, mas que supomos ser posterior a 1980, primeiro ano do curso, do qual extraímos a primeira tabela de módulos e disciplinas, há pequenas diferenças como, por exemplo, a ausência da disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa” do segundo Módulo, aparecendo no Terceiro Módulo uma disciplina de “Redação de Trabalho Científico”, e também há mudança no nome, de “Comunicação Fotográfica” para “Documentação Fotográfica”.

No mesmo folheto, há uma listagem detalhada dos docentes e monitores responsáveis pelas disciplinas, e cruzando as informações, pudemos chegar ao seguinte mapeamento do quadro de disciplinas:

TABELA 4 - DOCENTES RESPONSÁVEIS PELO CURSO DA FESP

Disciplina	Docentes Responsáveis
Museologia e Museografia	Waldisa Rússio Marília Duarte Nunes – Convidada Almir Paredes – Convidado Pietro Maria Bardi
Documentação Museológica	José Luiz Santoro Serafina Traub do Amaral Giuseppe Cantelli (convidado)
Administração de Museu	Waldisa Rússio Maurício Segall
Teoria do Conhecimento	Gustavo Rojas
História da Arte	José Roberto Teixeira Leite Fábio Magalhães

⁶⁹ Idem nota 52.

Cultura Brasileira	José Ferreira Carrato, Fábio Magalhães, Odilon Nogueira de Mattos
Estrutura de Ensino de 3º Grau	José Amílcar Mattei Wagner Horta
Métodos e Técnicas de Pesquisa	Eva Maria Lakatos Victor Aratangy
Técnicas e Processos Artísticos	Fábio Magalhães J.C. Santoro
Documentação Fotográfica	Bóris Kossoy
Conservação e Restauro	Almir Paredes (convidado) João Sócrates de Oliveira (foto e filme) Antônio Tadeu de Lellis (madeira e papel) Alice Camargo Guarnieri (patologia do livro) Maria Helena Chartuni (artes plásticas)
Estudos de problemas Brasileiros	J. Amilcar Mattei Regina Célia de Andrade
Restauro Fotográfico e Fílmico	J. Sócrates de Oliveira

Também consta na documentação encontrada no Centro de Documentação da FESP, algumas atas de reunião do “Centro de Estudos Museológicos”, que teve sua primeira reunião de apresentação em 3 de setembro de 1979, liderada por Waldisa Rússio, destinada aos alunos que estavam cursando os Módulos I e II do curso de Museologia, e também era aberto a “todos os interessados –museólogos ou não- que queiram se manter a par dos problemas afetos ao Campo Museológico e do que se tem feito para solucioná-los”⁷⁰. Pelo que consta na documentação, tal Centro de Estudos se estendeu até 1986, discutindo temas variados, como ação educativa em museus, turismo, e conservação e restauro.

Para analisar este primeiro período do curso, precisamos verificar a documentação enviada pela FESP à Delegacia Regional do MEC em São Paulo, que por sua vez era a responsável pelo encaminhamento de um cadastro dos três módulos do curso, listando seus conteúdos e docentes responsáveis. Esses relatórios nos auxiliaram a perceber as rupturas e continuidades em relação à permanência e

⁷⁰ “Atas de Reunião – Centro de Estudos Museológicos”. São Paulo (1979). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

mudança de professores, bem como as adaptações dos conteúdos. Analisando o documento enviado em 1984⁷¹, ou seja, quatro anos após a programação listada acima, pudemos extrair dele os seguintes dados sobre o curso ministrado neste ano:

TABELA 5 - PROGRAMA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA FESP - 1984

Módulo	Disciplina	Docentes Responsáveis
I	Museologia Especial I	Waldisa Rússio e Beatriz Cruz
I	Museologia Geral I	Waldisa Rússio Serafina Traub Borges do Amaral (professora substituta) Beatriz Cruz – auxiliar de ensino
I	Museologia Aplicada I	Waldisa Rússio, Serafina Amaral e Beatriz Cruz
I	Museologia Geral II	Waldisa Rússio Serafina Traub Borges do Amaral (professora substituta) Beatriz Cruz – auxiliar de ensino
I	Técnicas e Processos Artísticos	Eunice Moraes Sophia
I	Documentação Museológica	Serafina Traub Borges do Amaral
I	Prevenção e Segurança em Museus	Não consta
I	Climatologia e Climatização	Não consta
I	Estudos Brasileiros I	Fábio Magalhães
I	Ciência da Educação	
I	Métodos e Técnicas de Pesquisa I	Waldisa Rússio
I	Estudo de Problemas Brasileiros I	Regina Célia Andrade
I	Introdução Teoria do Restauro	Thomas Brixia/Renata Becker
I	Recuperação da Imagem Fotográfica	João Sócrates Oliveira

⁷¹ “Curso de Museologia” - Correspondência enviada por Waldisa Rússio Camargo Guanieri, então coordenadora do curso, destinada à Delegacia Regional do MEC em São Paulo. São Paulo (1984). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

I	Cultura Brasileira I	Fábio Magalhães e Sergio Souza Barros
II	Museologia Geral II	Waldisa Rússio
II	Museologia Especial II	Waldisa Rússio
II	Museologia Aplicada II	Waldisa Rússio e Serafina Traub Amaral
II	Cultura Brasileira II	Serafina Traub Amaral
II	História da Arte Brasileira	Lisbeth Rebolo Gonçalves
II	Métodos e Técnicas de Pesquisa	Waldisa Rússio
II	Estrutura Ensino de 3º grau	Jorge Carvalho Nascimento
II	Antropologia Cultural/ Antropologia Visual	Haydée Nascimento
II	Sociologia	Antonio Luiz Carvalho e Silva
II	Ciência da Educação	Jorge Carvalho Nascimento
III	Museologia Geral III	Waldisa Rússio
III	Museologia Especial III	Waldisa Rússio
III	Museologia Aplicada III	Waldisa Rússio
III	Conservação de Peças e Higienização	Renata Becker
III	Conservação e Segurança	Beatriz Cruz
III	Documentação	Serafina Traub Amaral
III	Cultura Brasileira	Não consta
III	Métodos e Técnicas de Pesquisa	Não consta
III	História da Arte no Período Industrial	Maria Pierina F. Camargo

Também havia monitores responsáveis por outros temas, trabalhados nos seminários especiais e disciplinas. Abaixo segue a listagem, baseada ainda no mesmo documento de divulgação institucional, que detalha os seminários por módulo.

TABELA 6 - SEMINÁRIOS TEMÁTICOS PREVISTOS PARA CADA MÓDULO

Módulo	Seminário/Tema
1º	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os museus dentro dos processos de modernização, urbanização, e industrialização. Museu e desenvolvimento. 2. Os públicos de museus. A criança. 3. A pesquisa no museu. 4. Documentação de gestão museológica 5. Descrição de obras de arte e de objetos de museu. 6. Ouriversaria 7. Tecidos 8. A iconografia 9. Fotografia e desenho como instrumentos de apoio museológico. A conservação do material fotográfico e fílmico. 10. Conservação. Climatização. Iluminação. 11. Segurança em museus. 12. O objeto e o seu suporte. 13. O homem e o objeto. 14. Material Arqueológico. Material Etnográfico. 15. Ética Profissional 16. Ética de aquisição 17. A exposição é um texto. Semiologia em Objetos 18. Serviços Educativos em Museus
2º	<ol style="list-style-type: none"> 1. Museu de Arte e Museu de História: limites, confrontações e áreas afins. 2. Os museus de Arte e de História e a Criança. Panorama atual dessa relação no Brasil e em São Paulo. 3. A comunicação museológica. 4. A documentação museológica. 5. Descrição de obras de arte e de objetos históricos. 6. Semiologia do objeto de arte. Semiologia do objeto histórico. 7. Recursos audiovisuais em museu. Cinema e museu. 8. Inventário de objetos históricos e artísticos. 9. Conservação: Climatização e Iluminação 10. Conservação de Material fotográfico e Fílmico 11. Ouriversaria. A prata brasileira

	<p>12. Tecidos. Tecidos no Brasil. A conservação e o restauro dos Têxteis.</p> <p>13. Tapeçaria</p> <p>14. Cerâmica</p> <p>15. Arte Sacra</p> <p>16. O material etnográfico. Seu tratamento nos museus de Arte e nos museus de história.</p> <p>17. O indígena Brasileiro</p> <p>18. A expressão artística e o testemunho histórico, Tipologia de objetos: seu tratamento museológico.</p> <p>19. A fotografia como objeto de arte, como expressão artística e como testemunho histórico.</p> <p>20. Papéis e documentos</p> <p>21. Madeiras</p> <p>22. Técnicas e processos artísticos</p> <p>23. O material editorial de museu</p>
3º	<p>1. Museus de Ciência. Tipologia.</p> <p>2. Indústria e Técnica</p> <p>3. Papel dos museus de Indústria, Ciência e Técnica nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos; nações emergentes e periféricas.</p> <p>4. Questionamento da qualidade de vida.</p> <p>5. Ecologia, Ecosistema, Ecomuseu</p> <p>6. Audiovisual e cinema nos museus de indústria, ciência e técnica.</p> <p>7. Os objetos e as coleções. A representatividade.</p> <p>8. Avanço tecnológico e “museus de sucata”</p> <p>9. O valor da “arqueologia” industrial.</p> <p>10. Museu dinâmico, objetos mecânicos e dinâmicos? Teoria e prática? Atividades?</p> <p>11. A exposição ao ar livre.</p> <p>12. O diorama e outros recursos de apresentação.</p> <p>13. O material científico e o objeto do museu industrial (apenas o objeto industrial?!)</p> <p>14. A conservação nos diversos museus de ciência.</p> <p>15. A segurança dos museus de Indústria, Ciência e Técnica.</p> <p>16. Brasil e Museus de Indústria, Ciência e Técnica.</p>

	17. São Paulo: conjuntura atual e museu de indústria, ciência e técnica 18. Processo de industrialização brasileiro: resíduos materiais para um museu. 19. Orçamento 20. Recursos humanos. A multiprofissionalidade. Museólogo, coordenador e intérprete. 21. Mudança social, mudança tecnológica e museus da indústria, ciência e técnica. 22. O “questionamento” nos museus de Indústria, Ciência e Técnica. 23. Semiologia dos objetos e industriais, etc.
--	---

A partir das tabelas apresentadas, procuraremos seguir com o aprofundamento da documentação referente ao curso de Museologia da FESP, de maneira a iniciar as análises sobre que tipo de formação tal instituição inaugurou em São Paulo, e quais os impactos causados no perfil de profissional de museus.

Abaixo, temos a tabela com informações que constam no mesmo documento destinado à Delegacia Regional do MEC em São Paulo, que trata de descrever os conteúdos previstos a serem abordados por cada módulo. É válido também pontuar que em 1984, o curso de Museologia passa a funcionar na Rua Martiniano de Carvalho, 156.⁷²

TABELA 7 - CONTEÚDOS DOS MÓDULOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MUSEOLOGIA - FESP

Módulo	Disciplina	Conteúdo Programático
I	Museologia Geral I	História dos Museus: Mundo e Brasil; Introdução à Teoria Museológica; Introdução à Administração de Museu
I	Museologia Especial I	Pequenos Museus; Museus de História; Museus no “Terceiro Mundo”
I	Museologia Aplicada I	Ênfase: Curadoria Museológica?; Introdução à documentação; Introdução à Conservação; Ação Educativa e cultural (ênfase: Museu e Criança); A comunicação Museológica
I	Métodos e Técnicas de Pesquisa I	Não consta

⁷² As mudanças de endereço foram muitas, mas não ficam claras na documentação, não tendo sido possível mapeá-las apenas a partir destas fontes.

I	Estudos Brasileiros I	Não Consta
I	Introdução à Teoria e Técnica do Restauro Científico	Recuperação da imagem fotográfica
I	Cultura Brasileira	Não Consta
I	Introdução à estética e aos processos artísticos	Não Consta
I	Antropologia Visual	Não Consta
II	Museologia Geral II	Teoria Museológica; Administração de Museus; História Regional dos Museus Brasileiros
II	Museologia Especial II	Museus de Arte e seus diversos segmentos e manifestações;
II	Museologia Aplicada II	Ênfase: Conservação Museológica, sobretudo “Clima em Museu”; Documentação Museológica; Ação educativa e cultural; Comunicação (Semiologia)
II	Métodos e Técnicas de Pesquisa II	Estrutura de Ensino de 3º Grau
II	Cultura Brasileira	Não Consta
II	Visão Compreensiva da Arte Brasileira	Não Consta
II	Antropologia Visual	Não Consta
III	Museologia Geral III	Teoria Museológica; Ética Profissional; Administração de Museus
III	Museologia Especial III	Museus de Ciência e de Ciência Aplicada: Indústria, Técnica e Tecnologia
III	Métodos e Técnicas de Pesquisa III	Não Consta
III	Cultura Brasileira III	Não Consta

Ainda no mesmo documento, constam os seminários que constituíram a programação especial do curso:

TABELA 8 - LISTAGEM DE SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO CURSO DA FESP

Módulo	Seminário
I	Fiação, Tecelagem, Tecido

I	Ouriversaria
I	Segurança em Museu
II	Bordado
II	Tapeçaria e Tapete
II	Prataria/Cerâmica
II	Mobiliário (em organização)
III	História da Ciência e Técnica no Brasil
III	Arte do Período Industrial

Procuramos trazer, até agora, as experiências dos primeiros anos do Curso de Especialização em Museologia da FESP através da documentação, bibliografia e entrevistas com alunos. A partir deste momento, nos dedicaremos a dissertar sobre o advento do Instituto de Museologia de São Paulo, percorrendo pontos como sua formação, seu discurso institucional e seu funcionamento.

As autoras Andrea Mattos da Fonseca, Kátia Felipini e Cristina Bruno comentam, sobre a criação do Instituto de Museologia de São Paulo em 1984, que seu advento teria origem no Curso de Especialização em Museologia da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da FESP, tendo Waldisa Rússio à frente deste como a primeira diretora. As autoras ainda afirmam que “Nesse novo programa de ensino, procura vincular a perspectiva de pesquisa às propostas de formação especializada” (BRUNO; 2010, p.174). É justamente este viés de alinhamento da formação pós-graduada em nível de especialização à pesquisa que buscaremos priorizar no item a seguir.

2.1.2 O Instituto de Museologia de São Paulo

Sobre o contexto de transformação em que se deu a passagem do curso de Especialização em Museologia para o Instituto de Museologia de São Paulo (IMSP), Waldisa Rússio comenta, ainda em sua fala “Museologia: formação profissional no Brasil: a proposta do Instituto de Museologia de São Paulo”:

E desde o princípio, temos pensado em três módulos distintos de especialização em que a monografia museológica explorava temas essenciais, informativos e formativos. Como o preceito legal e a Resolução CFE/MEC-14/77 não o impediam, exigimos como pré-requisitos ter cursado e ter sido promovido em outro curso universitário. Criados os três módulos, cada qual com a duração de um ano e com cerca de quinhentas horas de aulas, trabalho prático e pesquisa, eles se fixaram como apêndice da Escola de Pós-Graduação de Ciências Sociais em 1978.

Já em 1979, seus alunos e professores reivindicavam sua autonomia em Departamento ou Instituto e sua transformação em mestrado. A partir de 1980, quando o primeiro grupo concluiu seus estudos, tornou-se mais intensa a necessidade de independência e credenciamento como mestrado e não simplesmente como especialização. Dificuldades internas de nossa Fundação mantenedora o impediram de pronto. Somente o reerguimento administrativo e sociopolítico da mantenedora, iniciado no fim de 1983, foi possível - mas não sem grandes dificuldades em razão das prioridades e possibilidades financeiras da mantenedora - transformar-se o Curso no "Instituto de Museologia de São Paulo/FESP" (RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v.I, p.257-258).

Formalmente, sobre a criação do Instituto de Museologia de São Paulo (IMSP), temos, de acordo com a Resolução n.01/1985⁷³, que os objetivos do IMSP consistiam em:

- a) Formar especialistas, mestres e doutores em Museologia e em áreas afins. b) Manter cursos de Especialização, mestrado e doutorado, aperfeiçoamento e extensão cultural. c) Realizar Pesquisas, projetos, edições, consultoria e serviços na área de Museologia. d) Realizar convênios, seminários e intercâmbio técnico-científico com instituições sediadas no país ou no exterior. e) Promover atividades coerentes com os objetivos gerais do Instituto e da Fundação.⁷⁴

Ainda sobre a criação do Instituto, a FESP, na figura de seu vice-diretor, Vicente Carlos y Plá Trevas, emitiu um ato de nomeação, datado de 17 de maio de 1985, que designava Waldisa Rússio ao cargo de diretora "pro-tempore" do Instituto de Museologia de São Paulo (IMSP)⁷⁵, e na mesma data, um outro ato designava Serafina Traub Borges do Amaral para exercer o cargo de vice-diretora "pro-tempore" de tal instituto⁷⁶.

Sobre a visão de Museologia que se adotou no Instituto de Museologia, esta se evidencia em relatório institucional referente à criação do mesmo. Em tal documento, constam a identificação, justificativa e endereço do Instituto, bem como partes destinadas à Estrutura do Curso, Pesquisa e Produção Científica, Corpo Discente, Infraestrutura, e outras atividades de Pós-Graduação. Desta forma, na apresentação da criação do Instituto de Museologia nos é colocada uma determinada visão de Museologia:

⁷³ O Instituto de Museologia funcionou na Rua do Ouvidor, n.63, 4º andar, de acordo com o documento "Instituto de Museologia de São Paulo – Relatório". São Paulo (sem data); Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁷⁴ "Conselho Superior – Resolução n.01/1985"; São Paulo (1985). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁷⁵ "Ato de Nomeação"; São Paulo (1985). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁷⁶ "Ato de Nomeação"; São Paulo (1985). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Um dos mais antigos textos sobre Museologia conhecidos no mundo ocidental, alude ao fato de que “há cerca de vinte anos (portanto em 1863, aproximadamente), se alguém aludisse à Museologia como ciência, receberia um sorriso superior e condescendente...”. No Brasil, até recentemente, esta discussão (ciência) ou arte (técnica) ainda estava presente. E, para muitos, que admitiam o caráter científico da Museologia, estabelecia-se o caráter de “Ciência de Museus”...

O curso mantido pela FESP/SP foi o primeiro a questionar os antigos conceitos e a sugerir novos caminhos teórico-práticos. O Instituto de Museologia firmou os seguintes princípios:

1. A Museologia é uma ciência do homem e da sociedade;
2. Daí que o conhecimento MUSEOLÓGICO é, no mínimo, um conhecimento CIENTÍFICO, e de ser ENSINADO COM O RIGOR DO PENSAMENTO (CIENTÍFICO) INERENTE ÀS CIÊNCIAS.
3. A MUSEOLOGIA constitui um campo específico do conhecimento (lógico, racional, sistêmico) que não prescinde de sua prática;
4. A MUSEOLOGIA enquanto ciência, se ocupa do FATO MUSEOLÓGICO (dentro de um processo) e usa o método – INTERDISCIPLINAR.
- 4.1 Isto nos conduz a que a Museologia, enquanto ciência, formação e profissão, constitui um todo sistêmico, alicerçado na interdisciplinaridade:
 - a) O propósito da formação museológica é gerar profissionais, cientistas, mestres cômicos de que trabalham com testemunhos culturais – e que a cultura é a substância da história; como a História não é apenas o passado, mas uma experiência vivenciada pelo Homem, projeto inacabado, a formação pretende atingir e gerar trabalhadores sociais conscientes de sua responsabilidade histórica;
 - b) A prefiguração de docentes e discentes interagindo interdisciplinarmente (e não apenas multidisciplinarmente) não conduz mecanicamente a resultados satisfatórios, mas facilita a emergência de ensino e de instituições de ensino mais democráticas, onde a responsabilidade e a liberdade não são excludentes e onde a humildade e o respeito recíprocos criam condições de existência de um clima em que a EDUCAÇÃO, a CIÊNCIA e o HOMEM podem crescer.⁷⁷

Observando o documento de maneira a refletir sobre a posição institucional do curso sobre a Museologia, e ainda considerando a proposta do curso colocada acima, faz-se necessário destacar alguns elementos. Inicialmente, em relação ao conceito de Museologia, o texto apresenta uma ruptura do Instituto em relação ao passado da discussão sobre a natureza da Museologia, se esta seria uma ciência ou arte. Tal ruptura seria pautada pelo questionamento dos “antigos conceitos” e pela sugestão de “novos

⁷⁷ “Instituto de Museologia de São Paulo - Relatório”. São Paulo (sem data). Fonte: Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

caminhos teórico-práticos”, e demarcando já a posição institucional, que optava não apenas por considerar, mas também afirmar a Museologia enquanto ciência dentro das humanidades.

Ainda podemos chamar a atenção para o cuidado tomado na redação do documento em evidenciar as características atribuídas à sua própria concepção de ciência dentro da qual a Museologia se inseria: um “campo específico de conhecimento” (“lógico, racional, sistêmico” e ligado à prática) que possui “rigor de pensamento” e deveria ser ensinado com tal rigor (que por sua vez seria inerente às ciências), e que deve ter um método (interdisciplinar) e um objeto de estudo (fato museológico).

Seguindo ainda na linha da análise do discurso institucional, há, neste relatório de apresentação do Instituto de Museologia de São Paulo, uma busca pela justificativa não apenas do próprio curso, mas também por afirmar a cientificidade da Museologia que, segundo a visão apresentada no documento, é colocada como ciência que não poderia ser desligada da prática e, por ser ciência, estaria vinculada a um método específico – chamado de “método interdisciplinar”.

Há ainda, nesta última questão do método, uma preocupação de especificar e diferenciar os conceitos de “multidisciplinaridade” e “interdisciplinaridade”, sendo que o primeiro seria a convivência entre múltiplas disciplinas, enquanto que o segundo as colocaria em interação. Destacaremos ainda que a interdisciplinaridade é colocada como um método que promoveria um “ensino ou instituições de ensino mais democráticas”, que, ao que nos parece, é colocada mesmo como uma questão ética, em um tom particularmente característico, quase moralista, demonstrando rígidos valores éticos.

Outra questão importante a ser destacada a partir do discurso pontuado pelo Instituto de Museologia de São Paulo é a posição demarcada em relação à formação, que por sua vez se destinaria à geração de profissionais cientes de suas responsabilidades para com a cultura, e, assim como a própria coordenadora do curso afirma em outros textos⁷⁸, há aqui a afirmação do museólogo como trabalhador social.

Estes elementos de análise de discurso do Instituto de Museologia apontados anteriormente podem parecer à primeira vista um tanto repetitivos ou até mesmo óbvios diante da leitura da fonte primária citada. Contudo, a obviedade passa a ser relativa se encarmos esta leitura da proposta apresentada pelo Relatório em relação ao momento anterior do curso de Especialização da FESP: na nova proposta, as questões acadêmicas tomam um peso muito maior, algo inerente à transformação do curso em

⁷⁸ Sobre esta questão, verificar: “Sistema da Museologia” e “Conceito de Cultura e sua inter-relação com o Patrimônio cultural e a preservação” (BRUNO ;2010).

Instituto, além da vontade institucional de instaurar o Doutorado, como veremos mais adiante.

O Relatório do Instituto de Museologia de São Paulo, de maneira geral, retoma as questões do Syllabus já comentadas no âmbito do momento anterior do Curso de Especialização em Museologia da FESP, inserindo o histórico de criação deste curso no cenário nacional (também já comentado anteriormente na introdução). O ponto que se estabelece para justificar a criação do Instituto de Museologia de São Paulo, no entanto, é colocado a partir desta contextualização:

Criadas como apêndice à Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais em 78, já em 79, seus alunos e professores, reivindicavam sua autonomia em Departamento ou Instituto e a sua transformação em Mestrado. A partir de 1980, agregou-se também, a consciência da necessidade de credenciamento. Dificuldades internas da Mantenedora impediram que a aspiração da comunidade acadêmica museológica se realizasse. Somente a partir do momento de reerguimento administrativo e sócio-político da Mantenedora (iniciado em 1983) - foi possível, não sem grandes dificuldades, e em função das prioridades e possibilidades da mesma Mantenedora, transformar-se o Curso em “Instituto de Museologia de São Paulo (...)”.⁷⁹

No mesmo Relatório citado acima, a coordenação relata o conteúdo programático a ser trabalhado pelo curso de Especialização em Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo. A partir deste documento, pudemos identificar a estrutura formal do curso declarada no relatório. Tal estrutura baseava-se em um agrupamento de disciplinas, que seriam: Disciplinas relativas ao que a coordenação do programa denominou de “Núcleo Essencial”, “Disciplinas Complementares”, e disciplinas relacionadas a um “Domínio Conexo”.

Já acerca dos módulos, o mesmo documento contém as ementas relativas a cada um deles. Assim, sobre o primeiro módulo do curso, pretendia-se:

Introduzir o aluno às principais questões teóricas e práticas da Museologia contemporânea. Enfatiza-se, na área de Museologia Aplicada a curadoria Museológica. Este primeiro módulo visa formar curadores, entendendo a curadoria como primeira fase do desempenho museológico.

Já durante o Segundo Módulo, com conteúdos voltados para a discussão de terminologias de museus de arte, sendo que a ementa pontua os objetivos do módulo, que também poderiam ser aplicados a outras tipologias de museus:

⁷⁹ “Instituto de Museologia de São Paulo - Relatório”. São Paulo (sem data). Fonte: Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Ao final deste Módulo, o aluno deverá dominar o conceitual e a prática da Documentação Museológica, principalmente nos museus de arte, assim como ter nítida consciência e destreza das Ciências da Conservação. Este módulo forma os conservadores – para nós, os Conservadores de Conservação Preventiva podem ser Conservadores-Restauradores e Conservadores-Museólogos.

O Terceiro Módulo, por sua vez, teve seus conteúdos dedicados à discussão da relação homem-objeto contida no fato museológico. Segundo a ementa do módulo, pretendia-se

Formar museólogos no sentido mais rico desta denominação profissional, alinhando o cientista e o técnico (aqui usada a palavra para designar apenas aquele que desenvolve uma “práxis”) ao lado do trabalhador social.

Seguindo no mesmo relatório, obtivemos os dados das tabelas a seguir, que descrevem a estrutura do curso, que continuou a ser organizada em módulos, expondo também seus respectivos conteúdos programáticos.

TABELA 9 - NÚCLEO ESSENCIAL DE DISCIPLINAS DO INSTITUTO DE MUSEOLOGIA DA FESP

Módulo	Disciplina	Conteúdos Principais	Duração e Créditos
I	Museologia Geral I	Introdução ao Patrimônio Cultural Introdução à Teoria Museológica O sistema da Museologia O Fato Museológico O cenário “museu” (História dos Museus) Princípios Gerais da Administração Museológica	Carga horária total 70 h – 6 créditos
I	Museologia Especial I	Museologia de Pequenos Museus, Comunitária e Popular	32h – 3 créditos
I	Museologia Aplicada I	Introdução à documentação Museológica	32h – 3 créditos
		Documentação: conhecimento de objeto (fio, fiação, tecelagem, tecido)	30h – 3 créditos

		Fotografia: a) de Inventário Fotográfico (documental) b) Apoio museográfico: imagem estática e cinéfila, holografia.	32h – 3 créditos
		Conservação: segurança em Museus.	32h – 3 créditos
		Ação Educativa e Cultural (comunicação museológica)	80h – 6 créditos
		Introdução à Administração Museológica	32h – 3 créditos
II	Museologia Geral II	Teoria Museológica (objeto museológico) História dos Museus em São Paulo História dos Museus de Arte	80h – 7 créditos
II	Museologia Especial II	Museologia nos Museus de arte (o trabalho do homem e as noções de tempo e espaço nos museus de arte. O objeto estético. Os Públicos.)	80h – 7 créditos
II	Museologia Aplicada II	Documentação em Museus de Arte	40h – 4 créditos
		Ciências da Conservação	40h – 4 créditos
		Comunicação Museológica	40h – 4 créditos
		Fotografia como objeto Museológico	20h – 2 créditos
		Documentação Museológica – conhecimento de objeto: a) Prataria, Ouriversaria, Joalheria	20h – 2 créditos
		b) Imaginária Sacra	32h – 2 créditos
III	Museologia Geral III	Teoria Museológica: o fato e o processo museológicos. A relação contida no “fato” A ciência Museológica e as ciências e outros saberes. Etnociência e Museologia	70h – 6 créditos

III	Museologia Especial III	O objeto técnico e o objeto científico e a Museologia dos Museus de Ciência : Astronomia, Geociências, Arqueologia, História, Antropologia, Ciência e Técnica. Etnociência e Museologia Popular: Convergências e Divergências	70h – 6 créditos
III	Museologia Aplicada III	Documentação em Museus de Ciência	32h – 3 créditos
		Comunicação Museológica	32h – 3 créditos
		Administração (enquanto Museografia)	32h – 3 créditos
		Ciência da Conservação: Preservação e Restauro Fotográfico	32h – 3 créditos
		Ciência da Conservação: Reserva Técnica, Embalagem, Manuseio. Objetos em Exposição	40h – 4 créditos
		Documentação: Conhecimento do objeto a) Objeto técnico e científico	32h – 3 créditos
		b) Indumentária	32h – 2 créditos

Além das disciplinas classificadas pelo documento como parte do Núcleo Essencial, abaixo temos a listagem das disciplinas complementares, um pouco menos completa do que a anterior, pois a fonte apresenta a descrição dos conteúdos relativos a tais disciplinas.

TABELA 10 - DISCIPLINAS COMPLEMENTARES DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP

Módulo	Disciplina	Horas e Créditos
I	Antropologia Cultural	20h – 2 créditos
I	Ciência da Educação	20h – 2 créditos
I	Métodos e Técnicas de Pesquisa	20h – 2 créditos
II	Antropologia (Processos simbólicos)	32h – 3 créditos
II	Sócio-história da arte	40h – 4 créditos

Finalmente, abaixo segue a listagem das Disciplinas de Domínio Conexo, que também não possuem descrição específica de conteúdo.

TABELA 11 - DISCIPLINAS DO DOMÍNIO CONEXO DO CURSO DE MUSEOLOGIA DA FESP

Módulo	Disciplina	Horas e Créditos
I	Políticas Culturais	32h – 3 créditos
I	Cultura Brasileira	32h – 3 créditos
I	Introdução à Teoria do Restauro	32h – 3 créditos
I	Técnicas e Processos Artísticos	32h – 3 créditos
I	História da Cultura Latino-Americana ⁸⁰	32h – 3 créditos
II	Cultura Brasileira	32h – 3 créditos
II	Ciência da Educação	32h – 3 créditos
II	Semiologia ⁸¹	32h – 3 créditos
III	Cultura Brasileira	32h – 3 créditos
III	Estrutura de Ensino (3º grau)	32h – 3 créditos
III	Ciência da Educação	32h – 3 créditos
III	História de São Paulo (optativa)	32h – 3 créditos
III	Epistemologia	32h – 3 créditos

Ainda em termos de estrutura, o curso possuía, segundo a fonte, a carga horária total de 1698 horas, num total de 200 créditos, sendo que, a cada módulo, eram exigidas 60 horas de estágio.

Em outro documento, desta vez uma correspondência enviada por Waldisa Rússio à Delegacia Regional do Ministério da Educação (MEC) em São Paulo, descreve-se o perfil do participante do curso, ao mesmo tempo em que, neste mesmo discurso, pode-se perceber a visão institucional sobre o trabalho em museus:

“Sendo, o museu, um centro interdisciplinar de atuação profissional, o curso se abre para os formandos em Ciências Humanas e Sociais, Arte, Ciências da Informação e, ainda, para os formandos em Ciências Biológicas, Exatas e da Terra. Lembre-se que, além dos museus específicos de cada área, há urgente necessidade de recursos humanos para atender à conservação ativa dos acervos museológicos.”⁸²

⁸⁰ Disciplina descrita no documento como ainda em vias de ser implementada.

⁸¹ Idem

⁸² Correspondência “Curso de Museologia”, emitida por Waldisa Rússio, endereçada à Delegacia Regional do MEC em São Paulo; São Paulo (sem data). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Com a estrutura do curso já explicitada no decorrer deste item, nos dedicaremos a seguir a tratar especificamente de um tema que marcou o curso e seu encerramento: as dificuldades que perpassaram sua trajetória, inserindo alguns excertos da documentação, e explorando as entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa.

2.1.3 As dificuldades enfrentadas pelo Instituto de Museologia e o encerramento do curso

Algumas questões puderam ser percebidas em relação às dificuldades da Fundação Escola de Sociologia e Política no sentido da manutenção dos cursos, e em especial, o Instituto de Museologia de São Paulo. No que diz respeito especificamente sobre como tais dificuldades estiveram presentes no dia a dia do Instituto, destacamos aqui um excerto de relatório sintético de atividades desenvolvidas em 1986⁸³:

Durante o ano de 1986, o Instituto de Museologia de São Paulo, finalmente estabelecido em sede condigna mediante acordo com a Secretaria de Cultura do Estado, deu total prioridade à revisão de sua documentação interna de alunos e professores. Tendo mudado 8 vezes de endereço ao longo destes 8 anos de existência, nem sempre convenientemente atendido por funcionário capaz, e, sobretudo, com mudanças que sempre se fizeram de maneira bastante tumultuada, a documentação interna nem sempre foi remanejada sem que a direção dela pudesse ter cabal domínio e conhecimento. [...] Ressalte-se que até mesmo certificados já expedidos e não retirados haviam se extraviado. [...] O Instituto tem, hoje, sua documentação plenamente em ordem e espera não estar mais sujeito às dificuldades que o levaram ao inquietante estado anterior.

Em relação ao alcance das atividades do IMSP no âmbito de outras cidades do estado de São Paulo e fora dele, em termos de formação profissional em Museologia, mas também de práticas museológicas, podemos verificar que algumas ações foram realizadas. Estas foram relatadas em documento redigido por Waldisa Rússio endereçado à direção geral da FESP em dezembro de 1989:

a)Nélida Rodrigues de Lima, ministrou em Taubaté, curso de Introdução à Museologia e montou, em Jacareí, assessorada por Maria Amélia Franco, a exposição de reabertura desse museu, longamente assistido pelo IMSP; b)Beatriz Cruz e Waldisa Rússio deram aulas nos cursos de agentes culturais (Oficinas Três Rios); c)Waldisa Rússio foi oradora convidada no Seminário do Centenário da República (Museu da República e UNI-RIO), no Rio de Janeiro; d)Heloísa Barbuy e Waldisa Rússio ministraram seminário especial no Museu de Paranaguá e a última realizou gestões para um convênio entre especializações. e)Serafina do Amaral e Giselle

⁸³ "Relatório Sintético do Ano de 1986". São Paulo (1986). Fonte: Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Marques Paixão, a pedido do Sistema Nacional de Museus (MINC), treinaram pessoas da comunidade de Mariana para gerir a documentação do Museu da Diocese, de notável acervo. [...] ⁸⁴

No mesmo documento, um dos itens se dedica a investigar as razões da evasão discente, que não é mensurada, portanto não se pode ter ideia da gravidade do problema. Contudo, ao apontar as causas da evasão, Waldisa Rússio descreve três principais tópicos: a existência de um “calendário rigoroso e demasiado exigente”; além de certo desânimo identificado a partir de problemas de infraestrutura enfrentados pelo Instituto; e, por fim, em relação aos alunos provenientes de outras cidades, as dificuldades econômicas enfrentadas por eles, que somavam o pagamento das mensalidades do curso, e ainda as despesas com transporte e alimentação. Segundo Waldisa Rússio, “nem sempre houve compreensão das chefias para facilitar a frequência do curso”. ⁸⁵

Em 13 de fevereiro de 1989, Antonio Augusto Arantes Neto, docente do Departamento de Antropologia da Unicamp, emitiu parecer ao diretor da CAPES na época, Edson Machado, acerca do curso de Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo ⁸⁶. Buscamos explorar tal parecer, pois, a própria documentação aponta em outros momentos, a intenção do IMSP de cadastrar o mestrado junto à CAPES e implementar o doutorado.

Como tal parecer constitui uma fonte interessante para vermos como o curso estava sendo avaliado diante de um docente externo ao Instituto de Museologia e à FESP, constituindo, ainda, documento oficial para a avaliação geral do curso, nos dedicaremos a explorar os principais pontos contidos nele. O parecerista realizou então, um diagnóstico do curso de Museologia, baseando-se em documentos e entrevistando docentes do curso, e percorrendo quatro temas em seu parecer.

Já na introdução, Arantes destaca o momento que a Museologia passava naquela época, de se estabelecer enquanto disciplina específica, e coloca ainda que “O trabalho que vem sendo desenvolvido até hoje tem sido feito bravamente, por pessoas capazes de tirar o melhor proveito dos escassos recursos materiais e intelectuais disponíveis”, e destaca a dedicação da equipe coordenada por Waldisa Rússio. A partir daí, o parecer segue apontando algumas falhas, que expomos abaixo.

⁸⁴ “Relatório”. São Paulo (10/12/1989). Fonte: Centro de Documentação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ “Credenciamento do curso de Mestrado e Doutorado em Museologia. Proposto pelo: Instituto de Museologia de São Paulo”, Campinas (13/02/1989). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

O primeiro item colocado é acerca dos recursos materiais e administrativos, que considera insuficientes, especialmente em relação à infraestrutura da FESP:

As instalações são modestas e inadequadas, pois não há espaço para a instalação de Biblioteca e dos laboratórios necessários aos trabalhos práticos de várias disciplinas constitutivas do currículo, especialmente as que se referem a técnicas de conservação e restauro. [...] O Instituto está vinculado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, instituição que vem enfrentando séria crise nos últimos anos, por irregularidades administrativas constatadas pela Direção em 1984 e 1985. A atual diretoria, pelo que fui informado, está seriamente empenhada em moralizar a Fundação e desenvolver um trabalho de saneamento financeiro-administrativo e acadêmico.⁸⁷

Acerca do tema “Corpo Docente”, discorre-se sobre a falta de professores efetivos detentores do título de Doutor, sendo apenas dois, e três professores mestres efetivos, sendo que outros docentes (seis doutores e quatro mestres) atuavam no curso como colaboradores eventuais. As causas desta deficiência do curso são apontadas por Arantes como decorrentes, inicialmente, do fato de ser a Museologia uma “área do conhecimento emergente”. O autor do documento ainda indica outros pontos:

Confluência de duas dificuldades: por um lado, as condições de contrato pouco atraentes oferecidas pelo Instituto aos docentes e, por outro, pelo fato das pessoas da área serem profissionais liberais, (arquitetos, consultores) ou docentes de outras instituições de ensino superior.⁸⁸

Em seguida, o parecer chega ao item dedicado ao Corpo Docente, apontando uma surpresa ao constatar que não constava que os graduados em Museologia provenientes dos cursos de Salvador e Rio de Janeiro tivessem se matriculado na pós-graduação da FESP, apontando ainda que, dos egressos, “apenas a metade recebeu o título de ‘museólogo’ ao concluir os três módulos de especialização e apenas quatro teses foram defendidas até o momento”.⁸⁹

Seguindo nesta linha de raciocínio, o parecer questiona:

Um grande problema se configura nesse quadro geral. Que tipo de especialista este curso estará formando? A que ele se propõe resumidamente? Fica claro que as suas atividades atendem um duplo objetivo. O de formar pós-graduados, no sentido estrito, ou seja, profissionais familiarizados com as questões práticas e teóricas mais complexas da área e o de reciclar pessoas com graduação nas mais variadas áreas de conhecimento, preparando-as para trabalhar como museólogos. Essa

⁸⁷ Idem, p.2

⁸⁸ Idem, p.2

⁸⁹ Idem, p.3

dupla finalidade é, a meu ver, a principal responsável por uma excessiva amplitude no elenco de disciplinas constitutivas do currículo. [...] Acredito que [...] uma pessoa que tenha feito graduação em Museologia encontraria pouca oportunidade de aprofundar seus conhecimentos fazendo a maior parte das disciplinas desse curso (a não ser pelo enfoque teórico-ideológico que distingue este dos demais cursos existentes no Brasil.⁹⁰

Já no sentido de sugerir o que poderia ser mudado no curso, aponta-se a necessidade de retirar do currículo as disciplinas que possuíam um caráter introdutório à Museologia, que poderiam então,

[...] constituir um curso de especialização ou de extensão, dado à parte. Definido o núcleo de pós-graduação, este deveria, a meu ver, ser estruturado de forma a permitir o aprofundamento obrigatório dos alunos (através de aulas, atividades práticas, estágios e leituras) nas questões centrais da Museologia.⁹¹

O autor ainda lista, no final do documento, as mudanças propostas para o curso:

1. Um dos problemas mais sérios, a meu ver, é o isolamento do Programa de um contexto universitário e acadêmico, seja o da Escola de Sociologia e Política, seja o de uma universidade com a qual ele venha a estar conveniado. Esse “isolamento” eu diagnostico pela impossibilidade dos alunos fazerem créditos fora. 2. Deve ser dado ao Instituto um prazo e, se possível, meios para resolver as pendências administrativas e criar melhores condições de trabalho (contrato de docentes) e de funcionamento do curso (instalações). 3. É necessário reformular a estrutura curricular de disciplinas e créditos (conforme item 5 deste parecer). 4. A instalação do doutorado me parece prematura, em vista das dificuldades existentes no mestrado. 5. Deve ser feita nova avaliação no final do prazo estabelecido para credenciamento em caráter definitivo. 6. Deve ser feita a possibilidade da defesa de tese para alguns alunos que já estão com todo o trabalho concluído. Talvez se pudesse solicitar ao Instituto relação nominal dos alunos nessas condições e extensa justificativa de cada caso.⁹²

Esta última recomendação, colocada por Arantes, foi inclusive acatada, conforme pudemos perceber em carta da diretoria geral da FESP que datava de fevereiro de 1989, colocando que já havia uma autorização para ocorrerem as defesas dos trabalhos de alunos, sob a condição “interno corporis”, estando de acordo com as

⁹⁰ Idem, p.3

⁹¹ Idem, p. 4

⁹² Idem, p.5

recomendações do docente já citado, e com o parecer emitido pela professora Ecylla Castanheira Brandão.⁹³

Contudo, mais tarde, em 18 de dezembro de 1991, em correspondência entre Cristina Maria Costa Jorge, então diretora Geral da FESP endereçada a Roberto Haidar, então diretor do Instituto de Museologia, suspendendo as autorizações para arguições de cursos de mestrado e doutoramento, já que as recomendações colocadas pelos pareceristas não haviam sido postas em prática após 33 meses decorridos da autorização da CAPES⁹⁴.

Percebe-se, através da análise do corpus documental, que a regularização do curso junto à CAPES em relação ao mestrado continuou sendo um problema, pois um documento emitido em 30 de julho de 1992, por Cristina Maria Costa Jorge, então diretora-geral da FESP, e Ivani Kotnit, do Instituto de Museologia de São Paulo, enviaram carta à CAPES para esclarecimentos sobre o curso de Museologia, no sentido de cadastrá-lo como mestrado.⁹⁵

Também podemos notar, no discurso presente na documentação e nas entrevistas, o quanto o falecimento da coordenadora do curso, Waldisa Rússio, marcou profundamente a continuidade dos trabalhos, de maneira que se vê uma ruptura nesse aspecto.

A forma como o fato marcou o curso pode ser aferida no discurso de Elisabeth Zolcsak, na mesma entrevista já mencionada. A ex-aluna do curso também participou como docente, ministrando as disciplinas de Museologia Geral – Teoria Museológica e Objeto Técnico e Científico. Ela nos contou, em diferentes momentos da entrevista, como foi esse processo de lecionar tais disciplinas, e como se deu o impacto da morte de Rússio para os alunos:

Eu utilizei as anotações de Waldisa, especialmente a questão da seleção dos objetos, esse tema na Museologia que ainda hoje pode gerar boas discussões, quer dizer são objetos selecionados, não são objetos todos, ou todos os encontrados. Eu lembro de ter focado muito nesse aspecto, duas coisas: seleção do objeto e percepção do objeto. Eu conversei antes com Waldisa, apresentando essas ideias para ela, eu tinha todas as anotações do curso, um caderno organizadíssimo, fiz uma interpretação minha, ela aprovou, e os alunos meio que aproveitaram bem nessa ausência dela. E isso se repetiu em 1990, não pela morte dela, mas porque ela estava viajando também. Em 1991 foi pela morte dela. Em 1990, ela pediu que eu

⁹³ Correspondência sem título. São Paulo (28/02/1989). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁹⁴ Correspondência sem título. São Paulo (18/12/1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁹⁵ Correspondência sem título. São Paulo (30/07/1992). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

desse a disciplina Objeto Técnico, e para aprofundar essa questão da percepção do objeto, da história do objeto, que eram coisas que me interessavam. Então eram conversas com Waldisa, a maneira como ela percebeu o meu interesse em aprofundar, porque um professor faz isso [...], ele dá aula para ele mesmo se aprofundar, ele dá aula junto com os alunos. E eu tinha o respaldo da Waldisa e eu tinha as anotações dela, então era uma coisa, uma situação responsável, digamos. [...]. E, quando ela teve o acidente e faleceu...o que fazer, não é, realmente... Realmente foi uma situação de impasse. Mas rapidamente os colegas todos, já formados pelo Instituto que estavam dando aula se reuniram, decidiram fazer essa Comissão, e eu permaneci, não por ter experiência, ou por conhecer todo mundo, não, porque eu era recém-formada ali no Instituto, mas porque eu, naquele momento, eu estava lá. Então, para mim, fazer parte da Comissão Diretora também era uma surpresa, e fiquei com uma atribuição mais operacional, de manter o quadro horário, de manter os colegas próximos para que as aulas continuassem, porque o nosso objetivo, nós estávamos...o acidente foi quando, junho? A Comissão se estabeleceu um pouco depois, até fazer todos os procedimentos com a Fundação, nós tivemos que nos reunir com a direção da Fundação, eu lembro da pessoa, Cristina era o nome dela. E estávamos no meio do ano, então o nosso objetivo primeiro era terminar a turma de 1990, não me lembro quantos alunos tinham, são três turmas, mas a gente tinha a intenção de que eles pudessem terminar [...], porque isso era um compromisso do Instituto [...]. Então esse foi o primeiro objetivo. Estavam na Comissão...eu deixo de me lembrar de uma pessoa, eu lembro da Serafina, que era uma professora mais sênior [...], e que era companheira da Waldisa de muitos anos, uma pessoa de mais idade, e ficou a Wânia, a Liliana, e tinha mais uma pessoa...Wânia tinha um foco maior na parte financeira, fizemos uma tentativa de fazer cursos para entrar recursos no Instituto, porque a Fundação também [...] não fomentava, nas necessidades do Instituto. Eu fiquei responsável pelas aulas, e aí a minha carga aumentou não tanto em termos horários mas em responsabilidade, porque aí eu não tinha o respaldo das conversas com a Waldisa, realmente foi um momento de preocupação. (ZOLCSAK, Elisabeth. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de fevereiro de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Ainda acerca da morte da mentora e coordenadora do curso, e os impactos que isto causou tanto no Instituto como no próprio campo, Kátia Felipini, Cristina Bruno e Andréa Fonseca afirmam que:

No dia 11 de junho de 1990, após uma viagem ao México, morre Waldisa Rússio vítima de moléstia cardíaca. A sua trajetória acadêmica e profissional pode ser balizada, entre a sua dissertação e a sua tese, pela descoberta da Museologia pelos caminhos das Ciências Sociais, ao analisar a função dos museus em uma reforma administrativa do Estado e ao assumir a função de

implantar um museu como assistente técnica na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia em São Paulo. Para tanto, procurou os cursos de Museologia da Bahia e do Rio de Janeiro, levantou bibliografia, estabeleceu contatos e acabou criando o Curso de Especialização em Museologia da FESP/SP, influenciando com suas ideias a formação de dezenas de profissionais que desempenham diferentes papéis na condução da Museologia entre nós. [...] ‘O Museólogo é um trabalhador social’, dizia Rússio. Incoerente seria conceber a Museologia como uma disciplina tecnicista, restrita ao tratamento das coleções museais. A interlocução com outras áreas do conhecimento poderia articular e orientar as práticas museológicas visando ao desenvolvimento das sociedades. Dessa forma, sua trajetória esteve intrinsecamente ligada, de forma pioneira, às preocupações de uma Museologia Social. Em outros termos, aos pressupostos da Sociomuseologia, que impregnaram a realidade museológica paulista. (in: BRUNO, 2010; v.II, p. 178)

Além da noção do aspecto social da Museologia, as autoras também comentam sobre o fato da preocupação da coordenadora do curso não apenas com a definição de Museologia, mas ultrapassando o caráter museológico, e caminhando em direção à sistematização da Museologia e à formação profissional, colocando a importância de uma visão crítica a fim de promover uma “Museologia engajada” (BRUNO, 2010; v.I p.179).

Esta mesma visão de Museologia foi comentada por Ricardo Bogus:

E a questão de Museologia [...], o acesso aos textos de Museologia, as discussões de Museologia, e a visão política da aí a posição [...], porque a gente era meio...porque a Waldisa era uma pessoa politizada e isso trouxe uma maneira diferente dos outros cursos uma outra maneira de você no lidar com o museu, que agora [...] então você tinha o curso do Rio, que era um curso super tradicional, super bom, super ótimo [...], mas que era mais voltado para essas coisas, esses estudos mesmo de acervos de objetos, os caras eram ótimos [...], nessas áreas eles eram muito melhores do que a gente... só que a gente, eles não tinham uma visão, a. Nós, alunos, ficamos com uma visão social do museu, essa visão de atuação no museu, e isso daí era muito legal, [...] (BOGUS, Ricardo. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 12 de novembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Já no que diz respeito ao momento institucional pelo qual o IMSP passou após o falecimento de sua diretora, podemos verificar, em Relatório de Gestão⁹⁶ encaminhado à FESP, a seguinte situação:

Em Junho de 1990, em virtude do falecimento da Professora Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, foi nomeada a Comissão Diretora do IMSP composta pelas professoras Serafina Traub Borges do Amaral, Wânia Maria Ferraz Peixoto Tolovi, Liliana Di Bella Napolitano, Elisabeth Zolcsak e Giselle Marques Leite Paixão. As professoras Giselle M. L. Paixão e Serafina T. B. do Amaral solicitaram desligamento, respectivamente, em março/91 e outubro/91. As profas. Wânia Maria F. P. Tolovi, Liliana di Bella Napolitano e Elisabeth Zolcsak permanecem nesta Comissão até dezembro do corrente ano, tendo já solicitado desligamento e demissão do corpo docente do IMSP/FESPSP, encaminhando o presente relatório de gestão.

Tal documento nos indica uma grande dificuldade na continuidade do curso, tendo em vista a saída de cinco docentes em seu quadro. Dentre as atividades realizadas que constam no mesmo Relatório, podemos destacar uma reestruturação prevista para os cursos de Especialização:

1991 – reestruturação, com a participação do corpo docente do Instituto, dos cursos de Especialização, como: Procedimentos Museológicos Gerais (I Módulo), Métodos Museológicos e Museus de Arte (II Módulo), Museologia e Museus de Ciência, Técnica e Indústria (III Módulo), com alteração das grades curriculares e cargas horárias.

Além disso, o mesmo documento menciona o planejamento de realização de evento em homenagem à Waldisa Rússio, que envolveria a organização de Publicação, Mesa Redonda e Mostra. O mesmo relatório indica a continuidade das atividades, inclusive constando a verificação de processo já encaminhado à CAPES para credenciamento do curso da FESP como mestrado, bem como elaboração de panfletos de divulgação do curso, e reuniões pedagógicas. Tem-se, então, uma situação um tanto complicada para o IMSP: ao mesmo tempo em que cinco docentes pediram desligamento de suas funções, além da morte de sua diretora, ao que o documento indica, o curso continuou funcionando em ritmo de “normalidade”, apesar de estar desestruturado.

Elisabeth Zolcsak, que esteve presente neste contexto conturbado do IMSP afirma que:

⁹⁶ “Relatório de Gestão”, encaminhado por Wânia Maria Tolovi, Liliana di Bello Napolitano e Elisabeth Zolcsak à FESP-SP. São Paulo (10/12/1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Comecei o ano de 1990 participando também dos trabalhos de organização didática do Instituto. Mas não acompanhei os preparativos da viagem que Waldisa fez naquele ano. [...] Após sua morte, fiz parte da Comissão Diretora que se formou no Instituto de Museologia de São Paulo. Lembro que naquele momento, para todos os alunos e ex-alunos, importava a continuidade do Instituto, no modelo desenvolvido por Waldisa, e havia reconhecimento pelo seu trabalho de muitos anos. Na organização das atividades necessárias, assumi a condução integral da disciplina “Teoria Museológica”, até o término em 1991. (ZOLCSAK, in: BRUNO, 2010, v.II; p.40)

Se a morte da diretora do IMSP havia abalado as estruturas de organização institucional, observa-se uma preocupação institucional para dar continuidade aos trabalhos mantendo os mesmos princípios colocados por esta em vida.

Foi também possível identificar, através da leitura de atas de reuniões da Comissão Diretora do Instituto de Museologia de São Paulo, que houve grandes atritos entre a FESP e o IMSP, como se pode bem observar no excerto seguinte:

A profa. Maria Edith Giusti Serra, membro da Comissão assim como Sr. Roberto Aidar [sic] e Antônio Jordão, todos da Faculdade de Biblioteconomia da FESP, fez comentários relativos à área pedagógica, a que a Comissão Diretora do IMSP protestou, dado que sua atribuição era apenas para investigação financeira. No entanto, foram analisadas as pastas dos professores e o regulamento do Instituto. O prazo para apresentação do relatório da inspeção pela comissão expirou em 1º de Agosto e até o momento a coordenação do IMSP não recebeu qualquer notícia sobre o assunto, que envolve a continuidade ou não do Instituto de Museologia junto à FESP. Wânia lembra que a FESP preocupa-se muito com a questão do equilíbrio financeiro e não com a produção acadêmica e cultural, tais como as realizações da Revista de Museologia e do Seminário Latino-Americano. [...] Os professores levantam considerações sobre a continuidade do Instituto e a profa. Beth também coloca as dificuldades de “sobrevivência” relativos à captação de alunos em função da própria localização do IMSP, em área de pouca segurança; a utilização do prédio da rua Jesuíno Paschoal não foi possibilitada ao Instituto.

Mesmo uma leitura mais superficial na documentação referente às tais atas mencionadas nos poderia indicar que os atritos colocados foram uma questão constante nas pautas discutidas, sempre presentes na ordem do dia. Inclusive, consta em ata de reunião do dia 03 de outubro de 1991 que a FESP designava a mudança de endereço do Instituto de Museologia para a rua Jesuíno Paschoal, e ainda recomendava a diminuição de despesas do mesmo, em que se inseria a recomendação de diminuição de membros da Comissão Diretora do IMSP. O dado que mais nos chamou atenção, contudo, foi o seguinte, relatado na mesma ata:

Beth diz que foi feita a convocação dos professores para a presente reunião também para que se apresentem candidaturas à Comissão Diretora, ou melhor, diretoria, dado que a presente comissão não pretendeu nunca permanecer indefinidamente no cargo. Acrescenta que há intenção na Fundação de se formar um curso integrado de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, em nível de graduação; abre-se a palavra aos demais participantes da reunião para que manifestem suas posições. [...] Profa. Wania relembra as iniciativas tomadas para tentar minorar o déficit orçamentário e enfatiza o pouco tempo dado ao Instituto para que sanasse suas dificuldades financeiras. Profa. Marilúcia Botallo enfatiza a questão da transformação em curso de graduação e que há argumentos que justifiquem o seu nível atual de pós-graduação. Profa. Wânia releva que o relacionamento com a Fundação precisa ser feito por novas pessoas com grande dedicação, mas com muito profissionalismo. **Comenta também as dificuldades para retomar, digo, equilibrar as finanças em tão pouco tempo, ou seja, o ano letivo de 1991[...].(grifo nosso)**

A instabilidade financeira enfrentada pelo Instituto, e ainda a iniciativa de abrir um curso de graduação que abarcasse as três áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia nos pareceu uma tentativa de impedir o fechamento do curso, mas buscando apresentar uma proposta que fosse atrativa a um público à procura de uma formação mais generalista, mais aproximada às necessidades do mercado de trabalho. Chamamos a atenção, neste momento, para o posicionamento da docente Marilucia Botallo, que relembra a defesa do ensino de Museologia em nível de pós-graduação. Também nos questionamos sobre como um curso de graduação poderia dar conta das particularidades e especificidades de cada uma das áreas de especialidade apontadas no documento.

Sobre a continuidade dos trabalhos já existentes, pudemos obter o registro dos Seminários Especiais ministrados no ano de 1990⁹⁷. Tais seminários estão registrados na tabela abaixo:

TABELA 12 - SEMINÁRIOS ESPECIAIS MINISTRADOS NO ANO DE 1990

Tema do Seminário	Professor responsável
Prataria	Maria Amélia Franco
Imaginária	Giselle Marques Leite Paixão
Mobiliário	Beatriz Cruz
História da Indumentária	Serafina Traub Amaral
História da Joalheria	Maria Amélia Franco

⁹⁷ “Relatório de Gestão”, encaminhado por Wânia Maria Tolovi, Liliana di Bello Napolitano e Elisabeth Zolcsac à FESP-SP. São Paulo (10/12/1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Filatelias	Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior
------------	-----------------------------------

Em panfleto de divulgação institucional anexo ao relatório anterior, divulgam-se três principais ações promovidas pelo Instituto de Museologia de São Paulo: cursos de atualização para ex-alunos; cursos de extensão universitária; cursos de difusão cultural; comentando-se ainda que o IMSP realizava ainda trabalhos de consultoria e assessoria a projetos e cursos na área de Museologia.

O curso, ao que se indica através do panfleto, manteve ainda a divisão em módulos, mas de maneira a relacionar os módulos a temas e conteúdo, transcritos do documento e estruturados na tabela a seguir:

TABELA 13 - ESTRUTURA MODULAR DO CURSO DA FESP A PARTIR DE 1991

Módulo	Temas e Conteúdos
I Procedimentos Museológicos Gerais	-Aspectos históricos e conceitos básicos de museus e Museologia -Procedimentos gerais da prática museológica -Inicia o aluno nas questões fundamentais da Museologia como ciência nas diferentes projeções práticas. Revela um campo de conhecimento e uma via de profissionalização e permite maior compreensão do trabalho dos museus.
II Métodos Museológicos e Museus de Arte	-Métodos para preservação (aquisição, documentação, conservação), e difusão (exposição, ação educativa e cultural) do objeto museológico. -Estudo dos objetos e museus de arte, seus fundamentos, objetivos e funcionamento. -Aprofunda as noções de Museologia geral e aplicada. Torna o aluno apto à compreensão e ao trato do objeto museológico. Introduz aos aspectos específicos dos objetos e museus de arte.
III Museologia e Museus de Ciência, Técnica e Indústria	-Processo Museológico: ações e fenômenos -Institucionalização: funções dos museus -Estudos dos objetos e Museus de Ciência e Técnica Complementa os conceitos de Museologia geral e aplicada. Torna o aluno apto à compreensão e ao estudo das ações e dos fenômenos museológicos. Possibilita a análise das instituições museológicas no âmbito da Museologia. Introduz aos aspectos específicos dos objetos e museus de ciência e técnica.

Em documento que contém o Programa da disciplina de Teoria Museológica, assinado por Suely Moraes Cerávolo, havia uma ênfase em tornar o aluno capaz de

Discutir sobre a existência ou não de uma classificação ou tipologia(s) de Museus, com base nos elementos ou princípios da Museologia. Esse debate se apoia na apresentação de algumas das classificações ou tipologias de Museus, segundo bibliografia indicada. Como metodologia comparativa apresentar o que é classificação, tipo e tipologia como instrumentos de ordenação e análise em outras ciências.⁹⁸

Assim, havia uma preocupação central em ensinar tipologia de museus, percorrendo os itens do programa, que procuravam demonstrar as diferentes formas de classificação, e ainda o uso de procedimentos e recursos.

A disciplina “Museologia Geral - História dos Museus”, sob responsabilidade da docente Nélida Maria Lima Rodrigues, também é importante para nos auxiliar numa visão sobre os conceitos abordados pelo curso neste período, nos sugere uma visão panorâmica sobre a história do Colecionismo, tendo como marco inicial o item “As coleções no Mundo Antigo”⁹⁹.

Ainda sobre a fragilidade institucional em que o Instituto de Museologia da FESP se encontrava, já em 01 julho de 1991, uma carta remetida pelo Presidente do Conselho Superior da FESP¹⁰⁰, destinada à Comissão diretora do Instituto de Museologia de São Paulo, que comunicava a criação de uma Comissão formada pelos professores Maria Edith Giusti Serra, Roberto Haidar, Antonio Jordão Netto, encarregada de apresentar um relatório ao Conselho Superior da FESP em 30 dias, “indicando a viabilidade ou não, da continuidade desse Instituto”. O documento apresentava as seguintes justificativas:

Tendo em vista: 1º - as precárias condições em que se encontram as instalações do Instituto de Museologia de São Paulo; 2º - O grave incidente acontecido contra os alunos e professores; 3º A baixa procura de alunos do curso; 4º Os déficits acumulados, que comprometem o equilíbrio financeiro da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.¹⁰¹

⁹⁸ “Programa” São Paulo (12/03/1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

⁹⁹ “Museologia Geral – História dos Museus – 1º Módulo” São Paulo (1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

¹⁰⁰ Correspondência sem título. São Paulo (01/07/1991). Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

¹⁰¹ Acerca do “grave incidente” citado, encontramos, em meio à documentação do curso, um Boletim de Ocorrência, que registrava o disparo de arma de fogo contra o IMSP, referente ao mês de junho de 1991, de maneira que ao cruzar as informações, julgamos que ambos eventos estão relacionados. “Boletim de ocorrência de autoria desconhecida n.4.728/91”. São Paulo, 26/06/1991. Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Sobre tais precárias condições das instalações do IMSP, estas são detalhadamente relatadas em carta assinada por Wânia Tolovi, endereçadas à diretora geral da FESP, Cristina Maria Costa Jorge, datada de março de 1991, na qual a docente relata que havia problemas nos banheiros, janelas sem vidros, infiltrações nas paredes, e falta de manutenção nos elevadores dos prédios¹⁰².

Em 1992, em documento intitulado “Ata da Instalação do Conselho do Instituto de Museologia de São Paulo”¹⁰³, realizada em 5 de outubro, com representantes docentes e discentes da FESP, e contando ainda com membros representativos do Conselho Federal de Museologia (COFEM) e do Conselho Regional de Museologia de São Paulo (COREM-SP), reunião na qual a docente Teresa Cristina A. Bock, enfatizou que

[...] o atual curso deixou de ser ministrado apenas de forma teórica, passando para o prático, quando da participação dos alunos nos estágios supervisionados. Ratifica que o programa apresentado é muito bom, porque envolve todas as citações usadas na América Latina, voltadas para a realidade brasileira.

O mesmo documento aponta que o curso estava prevendo modificações em sua grade para 1993, no sentido de regularizar sua situação junto à CAPES e registrá-lo como curso *stricto sensu*:

Profa. Ivani Kotait inicia agradecendo a colaboração das profas. Cristina Jorge – diretora da FESP- Maria Edith G. Serra –Diretora da Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, na elaboração do novo curso de Museologia. Mostra aos presentes a nova montagem do curso para 1993, submetido recentemente à CAPES; objetivando trazer professores do exterior para ministrar aulas no Instituto e vice-versa, informa que a duração passou para 18 meses; coloca que será o melhor curso da América Latina.

No sentido de explicitarmos as questões abordadas pelo curso durante esse difícil período para o IMSP, pudemos obter, através da documentação, uma tabela de disciplinas, professores, carga horária e conteúdos ministrados, datada de 1992¹⁰⁴:

TABELA 14 - PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS DO INSTITUTO DE MUSEOLOGIA EM 1992

¹⁰² Correspondência sem título. São Paulo (05/04/1991).Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

¹⁰³ “Ata de Instalação do Conselho do Instituto de Museologia de São Paulo”. São Paulo (05/10/1992).Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

¹⁰⁴ As informações que constam na tabela foram obtidas no documento sem título – Correspondência do Instituto de Museologia da FESP-SP destinada à Delegacia do Ministério da Educação em São Paulo. São Paulo: 17 de agosto de 1992. Fonte: Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política.

Disciplina	Carga Horária	Docente Responsável	Programa
Teoria Museológica	60 horas/aula	Tereza Cristina Bock	Museologia, Ciência Museológica, Teorias Museológicas/Processo/ Fenômeno; História de museus – patrimônio cultural; Dispositivos: museus/objetos/processo; Exercícios: objeto da Museologia – objeto de museu- objeto museológico; classificação e tipologia; visita a museus;
Metodologia da Pesquisa Científica	48 horas/aula	Paulo Martinez	Distinção das formas de saber: senso comum, conhecimento científico; A dinâmica da atividade científica: o problema metodológico, o que é pesquisa, as ciências e a investigação, a comunicação dos resultados, a comunidade científica o “colégio invisível”; A iniciação na pesquisa: o problema e o tema, delimitação e problematização, originalidade; o projeto de pesquisa: o que é o projeto, diferentes tipos de projeto, exemplos; informação bibliográfica; realização da pesquisa; a construção da teoria científica; a monografia.
Documentação	76 horas/aula	Rosa Corrêa	Ciência da Comunicação, Ciência da Informação, documentação e Museologia; arquivo, biblioteca, museu, centros de documentação – proximidades, particularidades; documentação: definição, natureza – o objetivo museológico como documentação material; Documentação em Museus – importância, fundamentos, princípios; Formação de acervos – política e procedimentos; A questão do descarte; Legislação e ética; procedimentos básicos de documentação museológica; princípios de documentação de gestão; Classificação; Catalogação; O registro, papel, pessoal; Equipamentos, espaço; As relações com demais serviços do museu; bibliotecas do museu;
História dos Museus	32 horas/aula	Tereza Cristina Bock	Museu, conceituação, objeto cultural, histórico, museológico; O homem como

			coleccionador, museus vivos, Reservas e sítios; A idade média; Gabinetes de curiosidades e tesouros da Igreja; Renascimentos, Museus dos Séculos XVII e XVIII; Iluminismo: Museus de Ciência e Museus de Arte; Arqueologia e Pesquisa como fonte de criação de novos museus; Século XIX – museus europeus e americanos; Brasil: tradição museológica e museus criados de fundo específico.
História dos Museus de Arte	32 horas/aula	Laura Della Mônica	Evolução conceitual dos museus de arte; Objeto estético; Valorização dos museus de arte; função sócio-cultural.
História dos Museus de Ciência e Tecnologia	32 horas/aula	Tereza Cristina Bock	Tratamento específico para os museus de Ciência e Tecnologia levando em conta as áreas de ciência pura e aplicada; acondicionamento e tratamento do objeto museal enquanto Ecomuseu; Museu de anatomia patológica; Museu de Botânica e outras áreas mencionadas;
Comunicação Museológica	48 horas/aula	Fioravante Mancini Filho (arquiteto)	Arquitetura de Museus; Museu como meio de comunicação de massa; exposição de eventos; categoria de exposições: temática e/ou objectual; tipos de exposições: permanentes, temporárias ou itinerantes; Linguagem museográfica; Projeto de Exposições: museografia, adequação ambiental e design; funcionamento e avaliação da exposição;
Ação Educativa e Cultural – Didática e Prática de Ensino	30 horas/aula	Marly Solanowsky	Ação cultural dos museus de Paris: o trabalho realizado no 'Centre Georges Pompidou', O sistema educativo do 'Musée Du Louvre' e 'Musée d'art Moderne de La Ville de Paris'; Aula prática: desenvolver uma atividade para o público a partir de uma obra escolhida pelo aluno; As publicações dos Museus- livros, catálogos, revistas, análises das publicações francesas e brasileiras; Aula prática: a utilização do livro como meio de aproximação da arte; Ação cultural em São Paulo: uma abordagem dos trabalhos educativos do MAC – visita ao museu;Visita ao setor educativo do

			MAE/USP; Visita ao Setor Educativo do Museu Lasar Segall; Análise dos serviços educativos dos museus visitados.
Ciências Sociais	32 horas/aula	Cláudio Novaes Pinto Coelho	O Século XIX- o surgimento das Ciências Sociais; Princípios teóricos das Ciências Sociais; A Antropologia e a Diversidade Cultural; Cultura Erudita e a Cultura Popular
Administração de Museus	32 horas/aula	Tereza Cristina Bock	Tipos de organização; Museus enquanto empresas; Evolução e teoria da administração; Planejamento e organização museológica; Direção, controle e organização de museus; Marketing e promoção do museu; Administração financeira de museus;
Trabalho de conclusão do curso (TCC)	80 horas/aula	Ivani Kotait	“Devido às possibilidades temáticas passíveis de serem escolhidas, não há conteúdo programático. Cumpre esclarecer ainda que todas as quintas-feiras estarão reservadas à palestras de profissionais da área que trazem experiências de outros estados e/ou países, enriquecendo o curso de especialização. O próprio trabalho de conclusão do curso (TCC) orientado por nós, na sua apresentação, segue padrões internacionais e corresponde à verdadeira tese de doutorado e/ou dissertação de mestrado. Enfim, tudo é exigível à preparação de profissionais competentes para atender à demanda mercadológica da área, não ficando no empirismo é imediatamente colocado ao alcance do aluno e praticado em sala de aula. Haja visto as aquisições bibliográficas feitas por esta casa e subvencionadas por empresas interessadas no desenvolvimento da carreira do museólogo.”

Sobre a decadência da própria FESP, não era segredo que a Fundação Escola de Sociologia e Política atravessava uma fase de aprofundamento de uma situação que

já era instável, a julgar pelas muitas mudanças de sede do próprio curso de Museologia, e entraves na programação do curso causadas por problemas institucionais.

Nesses momentos finais,¹⁰⁵ é oportuno retomar a entrevista realizada com Elisabeth Zolcsak, que comentou em linhas gerais sobre a suspensão do direito a registro profissional, as discordâncias entre as diretrizes da FESP e a Comissão Diretora, e as condições de infraestrutura do prédio no qual o curso estava alocado. De seu depoimento, temos:

E procuramos de novo o Dalmo Dalari, novos pareceres, porque como estava mantida a estrutura do curso, inclusive as atividades dos alunos, os trabalhos finais, então tudo isso foi mantido para que ele continuasse com a característica de mestrado, para permitir o registro. No fim do nosso trabalho, ele perdeu essa característica, e os alunos de 1991 não se enquadraram nessa questão, não puderam fazer registro profissional. Então o curso continuou no Instituto, eu fiquei até surpresa quando eu soube anos depois, mas aí já com outras características, não sob o guarda-chuva desses pareceres todos, e nós realmente finalizamos esses trabalhos em dezembro de 1991, porque aí já não tínhamos mais respaldo da Fundação, a Fundação queria outros professores, estávamos perdendo o espaço que era o espaço emprestado da Secretaria da Cultura na Rua do Ouvidor, que nem era adequado, em dezembro de 1991 só tinha o Instituto lá, todos os outros andares estavam esvaziados, não era uma condição nem segura já. Antes tinha gente no prédio, lá, era um prédio da Secretaria da Cultura, mas a Secretaria da Cultura foi fechando aquele prédio. Então nós fomos perdendo condições financeiras, materiais, humanas talvez não, os professores estavam presentes, era um grupo muito unido, museólogos ou não, todas as pessoas eram muito envolvidas, todos os professores ali de todas as disciplinas. Então foi com pesar que nós nos desligamos, finalizamos as duas turmas, uma não foi finalizada. Nós não iniciamos nenhuma turma que eu me lembre [...] mas quem começou, quem teve o último ano em 1990 finalizou bem, quem teve o último ano em 1991, finalizou bem, quem teve o segundo ano em 1991 – porque nós não fizemos ingresso – então nós temos aqui uma situação de quem estava no segundo ano em 1991, a Fundação completou o curso deles, mas eu não sei em que termos. Eu acho que, revendo os nomes, eu acho que finalizou ainda dentro da proteção jurídica de eles receberem, mas foi a última turma, nós não fizemos seleção. (ZOLCSAK, Elisabeth. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de fevereiro de 2017. A

¹⁰⁵ Até o momento de finalização da pesquisa, não foi encontrado nenhum documento oficial, dentre os conjuntos documentais pesquisados, que colocasse diretamente em termos oficiais o encerramento do curso. É importante colocar que isto não indica a inexistência de um documento oficial.

entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Sobre o encerramento do curso, Inês Coutinho realiza um balanço sobre o legado deixado por este:

Antes de tudo, Waldisa considerava a Museologia uma vocação. Na época, pela forma como se dava a formação de Museologia no Brasil, São Paulo apresentou grande avanço. O nível de pós-graduação permitiu uma maior maturidade intelectual sobre a então ciência em formação, o que rendeu, no cenário nacional, muitas desavenças e dissabores, principalmente até a regulamentação da profissão em 1984. (COUTINHO, in: BRUNO, 2010; v.II p.10)

Acerca do caráter do curso, Ana Maria Leitão, museóloga que foi discente do curso coloca que “O fato do curso paulista ser em nível de pós-graduação determinava também o nível de maturidade intelectual dos que ingressavam no curso.” (LEITÃO, in: BRUNO, 2010; v.II, p.30). Leitão relata as atividades em que os discentes se envolveram na época:

Criamos a Associação Paulista de Museólogos (Asspam). Participávamos de grupos de Cultura nos programas dos partidos políticos da época; juntamo-nos aos arquitetos, criando um grupo de preservacionistas junto ao IAB, e militávamos ativamente para a criação de marcos legais de proteção do patrimônio cultural [...]. Nossa participação provoca uma atenção maior ao tombamento das coleções museológicas e arquivísticas. [...] São Paulo era um grande desafio no campo da preservação. Uma cidade historicamente tombada pela especulação imobiliária, “a cidade que mais cresce no mundo”, ou “locomotiva da Nação”, se destruía e se construía ao preço da perda da memória e da própria identidade. [...] Começamos a perceber a diferença de São Paulo em relação aos outros estados quando quisemos nos somar aos cariocas e baianos. O ICOM-Brasil não nos aceitava como membros, pelo fato de não sermos alunos do curso de graduação. No início, participamos como ouvintes e fomos conquistando espaço e respeito ao introduzirmos novos paradigmas para o debate sobre os museus. Na década de 80 começamos a organizar em São Paulo o movimento para a regulamentação da profissão. Foi uma grande vitória. (LEITÃO, in: BRUNO, 2010, v.II; p.32)

O assunto da regulamentação da profissão, assim como as questões que dificultaram a aceitação do ensino de Museologia em nível de pós-graduação serão retomados no terceiro capítulo desta dissertação, a fim de fazer parte de nossa análise que tange a conjuntura do ensino de Museologia como um todo.

2.2 O Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – CEMMAE-USP

No tocante à pesquisa realizada no âmbito do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (CEMMAE), centramos a busca documental e a pesquisa a partir de um mergulho no já mencionado Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista (SIG.RP-MUSP), presente no Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS) do MAE, experiência esta que teve seu início na realização de um estágio durante a graduação em História.

A documentação referente ao CEMMAE, ao contrário dos conjuntos documentais já mencionados relacionados ao curso da FESP – que por sua vez possui caráter disperso e pouco organizado do ponto de vista da informação arquivística – está organizada e seus conteúdos estão inventariados. Além disso, nossa experiência prévia de estágio de pesquisa na documentação do CEMMAE nos permitiu uma familiaridade com a mesma, o que facilitou o trabalho de identificação, listagem e análise das fontes.

Estas fontes estão divididas em cerca de 35 caixas, presentes no arquivo do LAPECOMUS, e pode-se dividir seu caráter em dois temas: documentos de conteúdo do curso, ou seja, relatórios técnicos da coordenação do curso e de estagiários e bolsistas, fotografias que registravam o cotidiano das aulas, ementas de disciplinas, bibliografias e avaliações. De outro lado, temos documentos referentes ao registro das questões burocráticas e financeiras do curso: relatórios financeiros de prestação de contas, realizados semestralmente. Para as análises que constam neste item, levamos em consideração o foco voltado para os documentos de conteúdo, e a partir deste momento daremos início a estas análises, a fim de dissertar sobre a estrutura do curso.

O curso teve seu início em 1999 e foi encerrado em 2006, totalizando quatro turmas, que, na documentação oficial são indicadas respectivamente como: CEMMAE 1 (1999-2001), CEMMAE 2 (2001-2002), CEMMAE 3 (2003-2004), CEMMAE 4 (2005-2006). De um modo geral, não foram identificadas grandes mudanças na grade horária, apenas alguns pontuais ajustes de uma turma para outra, de maneira que a estrutura do curso se manteve a mesma com o passar dos anos, conforme veremos no desenvolvimento deste item. Assim, fizemos o seguinte levantamento, baseado na documentação, acerca das turmas que passaram pelo curso¹⁰⁶:

¹⁰⁶Dados extraídos do documento “Dossie cemmae_2006 a”. São Paulo, s.d. Fonte: SIG.RP-MUSP.

TABELA 15 - LISTAGEM DAS TURMAS DO CEMMAE

Turma	Ano de início e conclusão	Número de alunos que concluíram o curso
1	1999-2001	30
2	2001-2002	25
3	2003-2004	29
4	2005-2006	26

Parte do discurso institucional do CEMMAE pode ser verificado em um documento de Apresentação do Programa Acadêmico¹⁰⁷, que foi elaborado para apresentar a segunda turma do curso, ou seja, em uma etapa de consolidação do mesmo:

O Curso de Especialização em Museologia, oferecido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo a partir de 1999, é uma oportunidade e um novo caminho para a formação de profissionais voltados para a atuação na área patrimonial. O curso inicia-se pelo núcleo de disciplinas básicas, às quais cabe a tarefa de apresentar e discutir os fundamentos conceituais da Museologia, seguidas por uma série de seminários, responsáveis pela informação mais específica ou interdisciplinar. O elenco de professores convidados para esses seminários é formado por profissionais atuantes nas mais diversas áreas da Museologia e dos museus, compondo um quadro heterogêneo tanto de assuntos tratados quanto de abordagens. O curso ainda prevê visitas técnicas e estágios, cabendo à produção de uma monografia o papel de conclusão do percurso, num total de três semestres letivos. O objetivo global perseguido pelo curso é conciliar a formação e o rigor conceituais com o enfrentamento das questões colocadas pela Museologia Contemporânea.

Para identificarmos as características essenciais da estrutura do curso, percorremos a documentação oficial em busca de informações relativas à grade de disciplinas, carga horária, programas de disciplinas, textos e bibliografias, e relatórios institucionais. Discorreremos, então, acerca da estrutura básica do curso baseada nestas fontes escritas.

É pertinente lembrar que as entrevistas, assim como no caso da análise da FESP, também estão presentes neste item como arremates importantes para que pudéssemos entender o dia a dia do curso, e ter a dimensão de como este marcou os discentes e docentes que passaram por ele. Ainda em relação às fontes, temos o

¹⁰⁷ Fonte: "Programa Acadêmico". São Paulo, s.d. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

destaque das fotografias, responsáveis por registrar o cotidiano do curso, algo que buscamos explorar nos apêndices desta dissertação sob a forma de fotobiografia.

Sobre a estrutura do curso, em correspondência¹⁰⁸ entre a coordenação do curso, representada por Maria Cristina Oliveira Bruno, já mencionada em outras partes deste trabalho, docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e Adilson Avansi de Abreu, pró-reitor de Cultura e Extensão Universitária, que versava sobre a abertura da segunda turma do curso, podemos verificar a sua manutenção, bem como entender como a estrutura da primeira turma do CEMMAE foi avaliada em parecer emitido por Maria Cecília França Lourenço – documento que será comentado mais adiante.

Neste documento, temos em anexo o Regulamento do Curso de Especialização em Museologia, que indica uma carga horária total de 825 horas, com duração de três semestres consecutivos, e consta que era dividida em: três disciplinas (135 horas), visitas técnicas a museus (60 horas), estágios (120 horas), e elaboração de monografia (180 horas). Outro aspecto importante apontado pelo curso é o de que havia uma taxa de R\$ 2.000,00 a ser paga, dividida em quatro parcelas de R\$ 500,00.

As disciplinas mencionadas na documentação seriam referentes ao primeiro semestre, e eram: “Museologia: princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenômeno museal”; “Museologia e Museografia: salvaguarda patrimonial nos museus”; “Museologia e Museografia: a comunicação patrimonial nos museus”, ou seja, o curso era estruturado e pautado pelo conceito de cadeia operatória museológica, subdividida em atividades relativas às áreas de salvaguarda e comunicação. O documento segue informando sobre o caráter dos seminários: estes seriam divididos em duas modalidades – Seminários Temáticos e Seminários Intensivos. De acordo com o Regulamento¹⁰⁹:

Parágrafo primeiro: Os seminários temáticos apresentam as perspectivas interdisciplinares e acompanham o desenvolvimento conceitual das disciplinas básicas, no primeiro semestre letivo, a partir dos seguintes temas: Processos Curatoriais, História dos Museus no Brasil, Nova Museologia e Ação Comunitária, Pesquisa em Museologia. Parágrafo Segundo: os seminários intensivos aprofundam questões técnicas ligadas à salvaguarda e comunicação, ocorrem ao longo do segundo semestre letivo e compreendem os seguintes temas: Museografia e Arquitetura de Museus, Museografia e Reserva Técnica, Museografia: Conservação/Climatização, Museografia: Conservação/Iluminação, Museografia: Segurança, Museografia: Documentação/Sistemas de Informação,

¹⁰⁸ “CEMMAE_Digitalização processo”, São Paulo: 06 de setembro de 2000. SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

¹⁰⁹ Idem.

Museografia: Expografia, Museografia: Ação Educativa e Recursos Pedagógicos, Museografia: Avaliação em Museus, Marketing Museológico.

Nos outros relatórios técnicos e ainda nas entrevistas com ex-alunos do curso, detectamos ainda a participação notável de alguns profissionais de grande destaque internacional como Peter Van Mensch, Joel Sweimler, Felipe Tirado, e Norma Rusconi de maneira a explorar com profundidade temas como Teoria Museológica, Educação em Museus e Museologia e Avaliação. Mais adiante traremos a tabulação destes seminários, junto à dos Seminários Temáticos.

Após a apresentação dos Seminários Intensivos, estavam previstas duas avaliações temáticas, baseadas nos conteúdos apresentados, sendo que uma era em relação às questões referentes à salvaguarda, e outra direcionada para questões de comunicação.

O *Regulamento do Curso de Especialização em Museologia* discorre ainda sobre as visitas técnicas, realizadas conforme o desenvolvimento da grade curricular e dos seminários, e que os estágios eram supervisionados pela Coordenação do Curso. Além disso, acerca da realização das monografias, comenta-se que esta constitui parte já do processo seletivo, e que ao longo do primeiro semestre, os discentes elegeriam seus orientadores, desenvolveriam os projetos no segundo semestre, e teriam o terceiro semestre especialmente dedicado à orientação e realização dos trabalhos de monografia.

As linhas de pesquisa para a orientação dos trabalhos são apontadas pelo documento, e seriam: Estudos Teórico-Metodológicos, Análises sobre a historicidade do fenômeno e do pensamento museológico, Projetos de salvaguarda e Comunicação, Projetos de avaliação, e Projetos de Marketing Museológico.

O já mencionado parecer emitido por Maria Cecília França Lourenço é relativo à segunda versão do curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. O parecer, anexo ao Regulamento, é favorável à manutenção do curso, e nos permite uma visão externa em relação a este, apontando algumas mudanças pequenas, mas interessantes de serem percebidas como ajustes do curso.

Assim, chamamos a atenção para os seguintes aspectos de tal documento: conforme apontado pela parecerista, o regimento da segunda turma do CEMMAE teria sido alterado, no sentido de incluir a Gestão Museológica nas atividades de preparação profissional, algo valorizado no parecer. Além disso, o parecer comenta a inclusão do tema da Segurança, e também sobre outras modificações menores no corpo do texto, expressando-se favoravelmente a todas elas. Percebemos, então, uma manutenção da

estrutura do curso, apenas acrescentando alguns pontos que foram entendidos como necessários a esta formação.

Partindo do mesmo documento, obtivemos a seguinte tabela, que lista as disciplinas e professores ministrantes:

TABELA 16 - GRADE DE DISCIPLINAS DO CEMMAE

Disciplina	Carga horária	Docente responsável
Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos e a historicidade do fenômeno museal	45h	Maria Cristina Oliveira Bruno
Museologia e Museografia: a salvaguarda patrimonial dos museus	45h	Marilúcia Botallo Teresa Cristina Toledo de Paula
Museologia e Museografia: a comunicação patrimonial dos museus	45h	Marcelo Mattos Araújo Marília Xavier Cury
Seminários temáticos: desdobramentos conceituais	60h	Maria Cristina Oliveira Bruno (Coordenação Geral), Ministrantes: Haiganuch Sarian André Desvallées Norma Rusconi Marisa Coutinho Afonso Carlos Roberto Brandão Solange Lima Vânia Carvalho Maria José Elias Margareth Lopes Beatriz Cruz Regina Abreu Maria Cecília F. Lourenço Martim Grossman Cristina Freire Tadeu Chiarelli Zita Possamai Elisabeth Zolcsak

		Magaly Cabral Peter Van Mensch Claudia Scharf Helena Ferrez Maria Ignêz Mantovani Franco
Visitas técnicas a Museus	60h	Maria Cristina Oliveira Bruno

Abaixo, temos a listagem dos seminários intensivos, sua carga horária e docentes responsáveis:

TABELA 17 - SEMINÁRIOS INTENSIVOS DO CEMMAE

Seminário	Carga Horária	Ministrante
Museografia e Arquitetura de Museus	30hs	Juan Carlos Rico
Museografia e Reserva Técnica	30hs	Marco Ferretti Luiz Souza
Museografia: Conservação/Climatização	15hs	Marco Ferretti Luiz Souza
Museografia: Conservação/Iluminação	15hs	Marco Ferretti Luiz Souza
Museografia: Segurança	30hs	Marco Ferretti Luiz Souza
Museografia: Documentação/ Sistemas de Informação	30hs	Rosana Nascimento Gisele Paixão
Museografia: Expografia	30hs	Joel Sweimler Júlio Abe Marcelo Cunha François Hubert Cesáreo Moreno Luiz Antonelli Mário Chagas
Museografia: Ação Educativa e Recursos Pedagógicos	30hs	Denise Grinspum Amanda Tojal Isabel Victor Kathleen Walsh-Piper Mário Moutinho

		Judith Primo Maria Célia Santos
Museografia: Avaliação em Museus	30hs	Felipe Tirado Adriana Mortara
Marketing Museológico	30hs	Ximena Varela

Mais especificamente sobre a distribuição das atividades do curso ao longo dos três semestres de duração, no primeiro semestre, os alunos se dedicavam às disciplinas que estruturariam as noções teóricas dos alunos, que por sua vez abordavam as delimitações dos limites e reciprocidades entre Museologia e Museografia. Para completar esse quadro, eram realizados sistematicamente os Seminários Temáticos com especialistas em áreas afins, visando a interdisciplinaridade¹¹⁰.

Durante o segundo semestre, temas mais específicos eram abordados também através de Seminários Intensivos que buscavam desdobrar assuntos técnicos, tais como

Os problemas inerentes às reservas técnicas; à climatização e segurança nos museus; à elaboração de recursos pedagógicos e à transposição de códigos para a preparação de exposições; à geração de sistemas documentais, entre muitos outros.¹¹¹

Também no mesmo semestre eram realizadas visitas técnicas e viagens de estudo, voltadas à observação das práticas, técnicas e ações de profissionais de museus, além da realização de estágios. No mesmo semestre também eram realizados eventos acadêmicos, como os Encontros Museológicos, evento que proporcionou espaço de convivência acadêmica e debate com outros profissionais. Já o terceiro semestre era exclusivamente dedicado à orientação das monografias, para sua apresentação à banca na conclusão do curso.

De maneira resumida, o mesmo documento de apresentação do CEMMAE presente no arquivo SIG.RP-MUSP apresenta uma tabela que resume a programação¹¹²:

¹¹⁰ "Cronograma_1999". São Paulo, 1999. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP).

¹¹¹ *Idem*.

¹¹² Tabela extraída do documento "Dossie cemmae_2006 a". São Paulo, 2006. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

TABELA 18 - PERIODIZAÇÃO DO CEMMAE - CARGA HORÁRIA TOTAL: 825 HORAS

Primeiro Semestre	Segundo Semestre	Terceiro Semestre
Disciplinas Visitas técnicas Conferências Viagens de Estudo	Seminários Estágios Visitas Técnicas Viagens de Estudos Programação Especial	Orientação das Monografias

Sobre a elaboração das monografias mais especificamente, no documento “Relatório Técnico e Financeiro 1”, há um Informe Interno¹¹³ contendo sugestões para tal tarefa. O documento sugere que esta seja cumprida em três etapas, que visam colaborar com os estudos prévios envolvendo a escolha do tema, a organização das referências bibliográficas e as etapas de redação. São elas:

Primeira etapa: - Reavaliação do enfoque temático em relação à proposta apresentada no momento da seleção; - Delimitação do tema em função das perspectivas conceituais (teóricas) e aplicadas (práticas), relativas à Museologia. – Reflexão sobre a inserção do tema em um quadro histórico referencial. – Análise sobre as relações do enfoque temático escolhido para a monografia e as três disciplinas básicas do curso. Segunda etapa: -Seleção Bibliográfica a partir da bibliografia que já foi apresentada no curso. – Definição sobre as necessidades de outros levantamentos (bibliográficos, documentais, orais, avaliações de projetos, entre outros). – Levantamento e análise de trabalhos congêneres (artigos, monografias, teses, etc). Terceira etapa: - Redação do plano de trabalho a partir dos seguintes tópicos: - Apresentação do tema, -Justificativa em relação à proposta do curso; Objetivos da monografia; -Plano de trabalho; - Metodologia; -Cronograma.

A preocupação em dividir a elaboração da monografia em etapas se torna uma questão de tornar mais didático o processo de pesquisa realizado pelos discentes, de maneira a facilitar o processo e padronizar os trabalhos elaborados por estes.

Os objetivos do curso, que não sofreram alterações durante as quatro turmas formadas, consistiam em:

Orientar o estudo e o desenvolvimento dos processos de musealização das referências patrimoniais, coleções e acervos museológicos; Capacitar profissionais para o exercício técnico-científico referente à salvaguarda e comunicação museológicas; Instrumentalizar graduados, das diferentes áreas, para a especialização em Museologia, enquanto área comprometida com a

¹¹³ “Informe Interno 03/99”, in: “Relatório Técnico e Financeiro 1”. São Paulo, 18/01/2000, Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

preservação e o desenvolvimento; Colaborar com o desenvolvimento dos museus e instituições congêneres por meio da preparação de profissionais para as atividades de conservação, documentação, exposição e ação educativo-cultural.¹¹⁴

A metodologia do próprio curso evidenciou um esforço por desenvolver tanto a parte teórica quanto prática, tentando unir salvaguarda e comunicação sob as óticas da extroversão do patrimônio quanto sob a visão preservacionista:

A proposta metodológica deste curso parte da compreensão de que a Museologia é uma disciplina aplicada, voltada para o estudo sobre o enquadramento, tratamento, valorização e extroversão dos indicadores da memória, selecionados enquanto referências patrimoniais.¹¹⁵ [grifo nosso]

Sobre as disciplinas mais especificamente, o curso se iniciava com um núcleo de disciplinas básicas, estruturadas em uma disciplina teórica sobre Museologia, uma referente às questões de salvaguarda e outra à comunicação, demonstrando que a própria grade curricular estava pautada no conceito de cadeia operatória museológica. Listamos abaixo as disciplinas e seus objetivos, obtidos a partir da documentação institucional¹¹⁶.

TABELA 19 - LISTAGEM DO NÚCLEO DE DISCIPLINAS BÁSICAS DO CEMMAE

Disciplina	Objetivos
Museologia: princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenômeno museal	Apresentar a estrutura epistemológica e a historicidade da Museologia; decodificar a gênese do fenômeno museal e suas implicações relativas à história do colecionismo e às novas formas dos processos de musealização.
Museologia e Museografia: a salvaguarda patrimonial nos museus	Oferecer ao aluno os conceitos básicos encontrados no trabalho científico de conservação de artefatos e de documentação de gestão museológica, através da apresentação dos principais parâmetros teórico-metodológicos.

¹¹⁴ "Dossie cemmae_2006 a". São Paulo, 2006. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP).

¹¹⁵ Idem, p.9.

¹¹⁶ Os dados foram extraídos do documento "Disciplinas básicas". São Paulo, sem data. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

Museologia e Museografia: a comunicação patrimonial nos museus	Apresentar os processos de comunicação patrimonial nos museus e sua relação intrínseca com o público, por meio da discussão e da reflexão crítica sobre os princípios gerais da expografia e da ação educativa, com uma proposta de abordagem histórica, teórica e metodológica.
--	--

A programação dos Seminários Temáticos e dos Seminários Intensivos também pode ser observada na documentação, de maneira que buscamos mapear os temas desses seminários e os profissionais responsáveis por ministrá-los no período de 1999 a 2000¹¹⁷.

TABELA 20 - SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO CEMMAE - 1o SEMESTRE DO CURSO, 1999

Tema	Ministrantes – Instituição
Processos Curatoriais	José Luiz de Moraes – MAE USP Marisa Coutinho Afonso – MAE USP Sônia Dorta – MAE USP Carlos Roberto Brandão – MZ USP Solange Lima – MP USP Tadeu Chiarelli – MAM/ECA USP Ana Maria Beluzzo – FAU USP Cláudia Ferreira – Museu Nacional do Folclore- MinC Vera Alencar – Museus Castro Maia- MinC Martin Grossman – MAC USP Haiganuch Sarian – MAE USP
História de Museus no Brasil	Margareth Lopes – IG Unicamp Heloisa Barbuy – MP USP Maria José Elias – MP USP Maria Cecília França Lourenço -FAU USP Regina Abreu – Museu Nacional do Folclore Beatriz Cruz – DEMA-SEC Luiz Donizete Grupioni – FFLCH USP
Pesquisa em Museus e Museologia	Sibele Cazzeli – MASR – MCT Heloise Costa – MAC USP

¹¹⁷ Fonte: “Cronograma_1999”; SIG.RP-MUSP.

	Cristina Freire – MAC USP Elisabeth Zolcsak – Estação Ciência Maurício Arouca – Casa da Ciência UFRJ Lilia Schwarcz – FFLCH USP Claudia Sharf – CECOR Elizabeth Tamanini – MASJ e Unicamp
Nova Museologia	Odalice Priosti – Ecomuseu de Santa Cruz Maria Cecília Santos – UFBA

TABELA 21 - SEMINÁRIOS INTENSIVOS DO CEMMAE - 2o SEMESTRE DO CURSO, 2000

Tema	Ministrantes – Instituição
Museografia – Design e Comunicação Visual	Jean Bernard Roy – Musée de Pré-Histoire d’Ile-de-France François Hubert – Musée de Bretagne Mário Chagas – Museu Imperial – MinC Jean Claude Duclos – Musée Dauphinois
Processos Museológicos	Jean Guibal – Musée Dauphinois Teresa Scheiner – UNIRIO James Volkert – Smithsonian Institution Magdalena Mieri – Center for Museum Studies
Museografia – Recursos Pedagógicos	Maria Célia Santos– UFBA Isabel Victor -Museus Municipais de Setúbal Ana Duarte -Museus Municipais de Setúbal Denise Grinspum -Museu Lasar Segall Eilean Hooper-Greenhell -University of Leicester
Museografia – Sistemas de Informação	Gisele Paixão -formada pelo Instituto de Museologia de São Paulo Helena Ferrez -FUNARTE – MinC
Museografia – Conservação	Marco Ferreti -Centro Nazionale di Ricerca Luiz Souza -CECOR – UFMG Stefan Michalki -Canadian Conservation Institute
Museografia – Segurança	Norman Pedgen -especialista em segurança de Museus
Avaliação	Adriana Mortara Almeida –ECA USP

	Filipe Tirado -Universidad Autonoma de México
Marketing Museológico	Ximena Varela -Washington University Carlos Magalhães -Museu Lasar Segall Maria Ignêz Mantovani Franco –EXPOMUS

Em relação às principais questões trazidas pelo CEMMAE, pudemos observar no *Relatório Preliminar referente ao primeiro semestre do Curso de Especialização em Museologia – MAE/USP*¹¹⁸, referente ao período de junho a dezembro de 1999, que:

A preocupação básica da coordenação do curso, para este primeiro semestre, esteve centrada em dois pontos:
- Transmitir aos alunos a essência do fenômeno museal, as operações técnico-científicas referentes à cadeia operatória museológica, e as perspectivas do trabalho interdisciplinar nos museus. – Orientar os estudantes para a elaboração de reflexões sobre museus e Museologia, por meio de discussões e da preparação de resenhas e ensaios bibliográficos. Considerou-se que esse plano acadêmico permitirá o desejável acompanhamento do segundo semestre, com seminários técnicos proferidos por professores brasileiros e estrangeiros e elaboração da monografia.

Em outra parte do documento que discorre sobre a visibilidade da proposta do curso, coloca-se que esta haveria sido apresentada entre pares da UNIRIO, além da coordenação ter ido a diversos seminários nacionais e internacionais apresentar a proposta.

Outro aspecto relevante do curso a ser destacado é o de que este contava com o apoio financeiro da *VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social*, uma associação civil sem fins lucrativos, que apoiou projetos na área de Cultura, Educação, e Promoção Social. O contexto da criação desta organização, segundo Almeida e Herencia (2013; p.1) é oriundo da venda de empresas de grupo alemão da área da mineração *Hochschild*. A venda haveria gerado a Fundação Lampadia, instituição filantrópica com sede em *Liechtenstein*, e, pela intensa relação do grupo com países da América Latina, haviam sido criadas as associações VITAE, no Brasil, a *Fundación Antorchas*, na Argentina, e a *Fundación Andes*, no Chile.

Dentre as Condições Gerais de Patrocínio da VITAE¹¹⁹, estavam algumas exigências como a elaboração de relatórios técnicos parciais contendo dados sobre o

¹¹⁸“Relatório Preliminar referente ao primeiro semestre do Curso de Especialização em Museologia – MAE USP”, in: “Relatório Técnico e Financeiro 1”. São Paulo, 18/01/2000. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

¹¹⁹ “Condições Gerais de Patrocínio da VITAE.”. São Paulo, s.d. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

desenvolvimento dos projetos e relatório final, com os resultados alcançados; e relatórios financeiros detalhados com prestação de contas. As condições não apresentam nenhuma exigência ou limitação em relação ao conteúdo do curso: o documento coloca apenas a necessidade de acompanhamento de resultados do próprio curso e de questões financeiras.

O CEMMAE contou, portanto, com a concessão de bolsas e de auxílios financeiros em relação às monografias, que custeadas pela VITAE, e cujos relatórios e notas constam na documentação do CEMMAE. Ao final de cada semestre, consta um Relatório Técnico e Financeiro, que expõe todas as prestações de contas e ainda relata as atividades desenvolvidas.

Havia no curso a possibilidade de solicitação de bolsas de diferentes naturezas. Uma delas era disponibilizada pela própria VITAE, outra pelo MAE, no sentido de auxiliar os alunos nas taxas¹²⁰ a serem pagas pelo curso, e, além disso, havia também a possibilidade de tutoria. Essas possibilidades de bolsa foram fatos bastante enfatizados nas entrevistas como algo que havia viabilizado o curso para alguns discentes na época.

Em uma das entrevistas, Kátia Felipini Neves, que foi assistente da coordenação do CEMMAE, pode relatar um pouco a experiência desses bolsistas, já que acompanhou de perto muitos momentos do curso:

Tinha bolsistas que eram do MAE, que era uma bolsa que cobria os custos do curso (acho que a metade), e tinha bolsistas VITAE, que ganhava uma parte a mais [...], ele recebia o curso e mais alguma outra coisa [...], não me lembro bem dessa singularidade, acho que a bolsa integral e ajuda para a monografia. A atuação dos bolsistas da Vitae deveria ser como auxiliares da tutoria nas viagens de estudo... Ah, porque essa era outra coisa bem interessante [...], tinha os tutores do curso, eu depois também fui tutora, eu era assistente e tutora. O tutor fazia o acompanhamento da vida do aluno, ajudava a organizar as viagens de estudos, ajudava na parte de estágios. E os alunos bolsistas, por exemplo, nas viagens de estudos tinham que estar atentos para que as pessoas não se dispersassem, não fossem cada um para um lado, cumprissem os horários, ou seja, colaborar com a coordenação para que as coisas funcionassem bem. (FELIPINI, Kátia Regina. Entrevista concedida a Léa

¹²⁰ De acordo com a Resolução da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (Resolução CoPGr n.4196, de 06/09/1995), que apresentava o regulamento das pós-graduações *latu sensu* da universidade, as taxas acadêmicas poderiam ser cobradas de acordo com as características e objetivos de cada curso, sendo que seriam recolhidos 5% do total para constituir um Fundo de auxílio para os cursos de Especialização, a ser gerido pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 10% do valor poderia ser destinado às Unidades ou Departamentos, e os outros 85% deveriam ser destinados aos custeios do curso: aquisição de materiais de consumo, pagamento de docentes (no caso, os cursos poderiam contar com docentes externos à USP) e serviços de terceiros. As taxas referentes ao ano de 1999 foram: R\$ 300,00 de inscrição, e mais duas mensalidades do mesmo valor.

Blezer Araújo. São Paulo, 16 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Acerca da importância que a bolsa tinha para os alunos, Beatriz Cavalcanti de Arruda, ex-aluna que foi bolsista VITAE comenta um pouco sobre sua experiência nesse aspecto, e quais as demandas deveria cumprir como bolsista do curso:

Eu fui bolsista da VITAE, e na verdade eu só pude fazer o curso porque eu fui bolsista da VITAE. [...] bom, solicitei a bolsa, e eu tinha que manter notas A em tudo, 90% de presença. E eu consegui! E eu acho que essa bolsa, especialmente, a VITAE ter subsidiado essas bolsas possibilitou que pessoas como eu pudessem realizar esse curso. (ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 05 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Ainda sobre a estrutura do curso sob a luz da documentação analisada, no decorrer da primeira turma (CEMMAE 1), os relatórios correspondentes demonstram uma grande preocupação em relatar o bom funcionamento das atividades do curso¹²¹: reitera as disciplinas cumpridas; o desenvolvimento dos seminários intensivos, que procuravam “pormenorizar e multiplicar os conceitos e métodos propostos a partir das disciplinas básicas, que foram ministradas na primeira etapa do curso”¹²²; a realização de viagens de estudo (sobre as quais discutiremos mais adiante); e a participação em eventos científicos da área museológica.

O mesmo relatório comenta sobre os principais aspectos do desenvolvimento do Programa Acadêmico do CEMMAE, no segundo semestre do curso:

Os alunos tiveram a oportunidade de realizar, em diversos seminários, análises críticas ou planejar estratégias para a implantação de processos museológicos. Consideramos que esta vivência em relação à realidade museológica representou uma singular oportunidade de aprendizagem. Esses seminários foram introduzidos pela realização dos Encontros Museológicos, que permitiu o exercício da organização de eventos ao lado da convivência com diferentes profissionais. A abordagem dos problemas referentes à inserção das novas tecnologias, no universo museológico, foi permeada por enfoques teóricos e pelas discussões sobre os respectivos desdobramentos técnicos. Cabe mencionar que a aula inaugural, proferida pelo prof. Ulpiano Bezerra de Meneses, pontuou, com expressiva erudição, as diversas interfaces entre o universo da cultura material musealizada e os desafios da atualidade. A possibilidade de escolher o museólogo

¹²¹ “Relatório Técnico e Financeiro 1”, “Relatório Técnico e Financeiro 2”, e Relatório Técnico e Financeiro 3”. São Paulo, 1999 a 2001. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

¹²² “Relatório Técnico e Financeiro 2”, São Paulo, 20/07/2000. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

Maurício Segall, para ser o profissional homenageado por esta primeira turma, foi outro aspecto que levou os alunos ao conhecimento do universo museológico paulista.

Discorre-se, no mesmo documento, sobre as viagens de estudos, aspecto que se tornou parte obrigatória do currículo do curso. Ao longo da trajetória, o discente se depararia com três viagens, com distintos roteiros e objetivos: uma para Santos e São Vicente, direcionada ao aprendizado sobre redes e sistemas museológicos, outra para as cidades de Itu, Salto e Porto Feliz, com a proposta de discussão acerca da temática da salvaguarda, gestão e do marketing museológico, e ainda outra para o Rio de Janeiro, contando com visitas técnicas, e algumas das discussões voltadas para questões de arquitetura e restauro. O mesmo documento citado acima coloca que esta última viagem ainda viabilizou a participação dos alunos no 2º Encontro Internacional de Ecomuseus, no Rio de Janeiro, com reunião do ICOFOM-LAM e do MINOM.

As viagens de estudos contavam com um roteiro bem estruturado em relação às atividades a serem realizadas: havia propostas de exercícios individuais e coletivos a serem feitos tendo em conta uma realidade local.

O documento *Curso de Especialização em Museologia (CEMMAE 4-2005/2006)* pode nos mostrar como eram pensadas essas viagens dentro do âmbito do curso de Museologia, tratando-se aqui mais especificamente da viagem a Santos e São Vicente:

Esta viagem de estudos é dedicada, do ponto de vista metodológico, aos exercícios de leituras patrimoniais, com vistas à concepção de propostas de musealização do território. Para tanto, o território é considerado como eixo de sentidos patrimoniais, a partir de suas características geográficas, da historicidade de suas apropriações e transformações ao longo do tempo e, sobretudo, de suas opções preservacionistas. Trata-se, portanto, da elaboração de intenções que possam orientar o planejamento de roteiros, para subsidiar a seleção de rotas a serem percorridas. Estes percursos, por sua vez, são estratégias para o exercício do olhar, com a perspectiva de perceber e registrar. Em Santos/São Vicente, vamos exercitar este olhar e elaborar analogias com os processos de musealização já existentes. Da mesma forma, elaboraremos propostas que traduzam o olhar reflexivo, específico à metodologia museológica de leitura do território patrimonial¹²³

Do *Relatório técnico e Financeiro 2*¹²⁴, temos a seguinte proposta de trabalho:

Acompanhamento do roteiro, analisar e elaborar argumentos preservacionistas; discussão em grupo: avaliação sobre o encaminhamento metodológico e

¹²³ “Curso de Especialização em Museologia (CEMMAE 4 – 2005/2006)”. São Paulo, s.d. Fonte: SIG.RP-MUSP.

¹²⁴ “Relatório Técnico e Financeiro 2”, São Paulo, 20/07/2000. Fonte: SIG.RP-MUSP, arquivo LAPECOMUS..

estruturação de proposta, através de modelo: conceito gerador, delimitação patrimonial, definição do modelo, organização de estratégias metodológicas.

Os alunos eram divididos em grupos de trabalho, sendo que haveria 3 etapas para a execução: reconhecimento do território patrimonial e seleção do enfoque temático, elaboração da proposta de musealização, com redação e discussão da proposta, aproximação entre os grupos e as propostas, com a elaboração total de 3 propostas, que deveria englobar características das proposições anteriores juntas.

A viagem de estudos programada foi com destino às cidades de Itu, Salto e Porto Feliz, no interior do Estado de São Paulo. A viagem incluía em seu roteiro visitas a museus locais, espaços culturais e lugares importantes para a paisagem cultural da cidade, como o Museu Republicano de Itu, Espaço Cultural Almeida Júnior, Museu de Arte Sacra, visitas a Igrejas e parques.

O exercício destinado aos alunos, desta vez, estava relacionado à elaboração de um projeto, deveria se basear em um diagnóstico, e na escolha de patrocinadores para viabilidade do projeto. A proposta deveria ser apresentada por cada grupo, e depois seguir alguns passos já colocados anteriormente no Seminário Intensivo ministrado por Ximena Varela, o que envolveria um diagnóstico da instituição, identificação de metas a curto e longo prazo, diagnóstico da comunicação institucional e das finanças. Passos dados, o exercício se daria através de duas propostas: Comunicação Patrimonial, Salvaguarda Patrimonial.

Também houve registros de realização de visitas ao Museu Republicano de Itu, Museu da Energia (Itu), Museu da Cidade (Salto), para um exercício a ser feito pelos alunos.¹²⁵ Os estudantes teriam de identificar a proposta institucional (que se desdobravam em aspectos espaciais, arquitetônicos, e institucionais), identificação da proposta conceitual e análise de aspectos de comunicação e salvaguarda, a serem avaliados pelas professoras responsáveis pelas disciplinas destas áreas, Marília Xavier Cury e Marilucia Botallo.

A viagem ao Rio de Janeiro, que contava com a participação de alunos e professores do programa, que coordenavam e acompanhavam os alunos a visitas a instituições como ao MAM-RJ, CCBB, Museu da Chácara do Céu, Museu Nacional de Belas Artes, Ateliê de Restauro Marylka Mendes, Museu Imperial de Petrópolis, Museu da República, Museu de Folclore Edison Carneiro, Museu de Astronomia e Ciências

¹²⁵ “Relatório Técnico e Financeiro (mar a jul 2002)”. São Paulo, Agosto de 2002. Fonte:SIG.RP-MUSP.

Afins, Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, MAC Niterói, Museu da Vida – Fundação Oswaldo Cruz.

Sobre as reflexões instigadas pelas visitas realizadas durante a viagem ao Rio de Janeiro, temos, da entrevista com a ex-aluna do curso, Viviane Panelli Sarraf, que:

[...] não eram só visitas, eram visitas técnicas, com os diretores, os profissionais, tinha seminários também, com alguns desses profissionais de museus. Por outro lado também, acho que tinha um olhar assim, da Cristina [Bruno] de perceber [...] outros locais de patrimônio que não eram só museus, para levar a gente para refletir sobre aquilo, então, monumentos históricos, bairros, restaurantes, que tinham uma importância histórica também [...] nessa paisagem cultural -que nem se discutia ainda na ocasião - nas cidades. Então assim, acho que isso também foi bem bacana para compor, porque forma um olhar nosso que não fica só centrado na instituição museológica, mas na relação da instituição com a cidade também, na relação ou na ausência de relação. Então, por exemplo, quando a gente foi para o Rio, um dos locais que a gente visitou foi a feira de São Cristóvão, então era uma coisa interessante, que por um lado estava super próximo do Museu Nacional, mas que, nem na época e nem hoje você vê que existe uma relação aí de patrimônio entre essas duas instâncias, que talvez, por conta dessa curadoria da viagem, dos roteiros, levou [...] a gente a refletir [...] sobre essas exclusões, do que é ou era considerado um patrimônio digno de patrimonialização, de musealização e do que ficava fora desse eixo. (SARRAF, Viviane Panelli. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

A documentação também aponta para participações com importantes profissionais da área museológica. Dentre estas, destacamos a palestra realizada por Peter Van Mensch em outubro de 2000, intitulada “Três revoluções e a Teoria Museológica: uma perspectiva europeia”. Segundo o documento:

A palestra abordará aspectos do trabalho museológico em três diferentes períodos de tempo: a formação de acervos, a ação educativa, e a profissionalização serão analisadas durante o século XIX, os anos 1970 e os anos 1990. Em cada um destes períodos, o museu precisou repensar sua relação com o público e com o gerenciamento de acervos, gerando, em consequência, uma evolução no conceito de profissionalização.¹²⁶

Nesta mesma linha de ação, Ximena Varela também haveria participado como ministrante de seminários e oficinas para o curso. Esta teria ficado encarregada da

¹²⁶ “Palestra – ‘Três revoluções e a Teoria Museológica: uma perspectiva europeia’”, in: “Relatório Técnico e Financeiro 3”. São Paulo, 5 de outubro de 2000. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

Oficina de Trabalho “Gestão de Museus”, que continha aulas de planejamento da gestão de instituições culturais, público de museus, diagnóstico de potencialidades de recursos para os projetos culturais e avaliação de projetos do setor privado ligados às áreas culturais – nos apontando para um importante enfoque na gestão museológica. A mesma docente também ministrou aula sobre Marketing Museológico.

Seguindo o aspecto de atividades do curso, há um relatório de Ação Museológica no prédio do Antigo DOPS¹²⁷ (Departamento de Ordem Política e Social), localizado no Centro de São Paulo. Tal ação foi desmembrada em etapas de Identificação do universo de Musealização, Levantamentos Básicos (referentes ao histórico do edifício e recorte patrimonial), Elaboração de Proposta Museológica e Programação, e, por fim, o Desenvolvimento do Projeto (o que envolvia financiamento e responsabilidades), para serem apresentados em uma viagem de estudos realizada a Portugal, algo ocorrido apenas durante o CEMMAE 1.

Os trâmites desta viagem puderam ser verificados em documento emitido pela Câmara Municipal de Setúbal em 16 de agosto de 2000, assinado por Ana Duarte, então diretora do Departamento de Cultura, Educação e Desporto, temos que:

A Câmara Municipal de Setúbal, através dos seus Museus Municipais, está a desenvolver esforços para organizar um encontro luso-brasileiro, no próximo ano, durante todo o mês de Maio, tendo como objetivo a apresentação de um trabalho de Museologia por parte do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo e a posterior discussão e intercâmbio de ideias, com elementos de vários Museus portugueses e do Curso de Museologia da Universidade Nova de Lisboa. Por essa razão temos todo o gosto em convidar os formandos desse curso e os professores responsáveis pelo mesmo, a virem apresentar esse trabalho em Portugal no próximo mês de maio de 2001, sendo a estadia dos elementos pagas por nós. ¹²⁸

No Relatório da Viagem de Estudos a Portugal, que consta em anexo do mesmo *Relatório Técnico e Financeiro 3* podemos observar a apresentação do evento Museológico “Lembrar é Resistir – Memórias exiladas: o antigo prédio DOPS - São Paulo - um exercício de musealização”, que foi feita a partir da montagem de uma exposição, da dramatização do enfoque temático, e de realização de debate sobre os limites dos processos museológicos e sobre a metodologia de trabalho. A ex-aluna

¹²⁷ “Relatório Técnico e Financeiro 3”. São Paulo, janeiro de 2001. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

¹²⁸ Correspondência sem título, “Anexo 3- Proposta de Trabalho – Viagem de Estudos a Portugal”; in: Relatório Técnico e Financeiro 3. São Paulo, janeiro de 2001. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP).

Manuelina Duarte Cândido, que pode participar dessa viagem a Portugal, nos relatou um pouco sobre esta experiência em entrevista:

Mas a viagem de Portugal teve um caráter diferente porque foi um convite mais oficial, feito à turma. Quando vieram a Isabel Victor e a Ana Duarte, a Isabel era do Museu do Trabalho de Setúbal, e a Ana já tinha sido de lá, e acho que ela ocupava um outro cargo na cidade de Setúbal. Elas tinham, naquele ano, um desafio, não sei se era um tema... do ano dos Museus... essa coisa do tema do ano dos museus hoje em dia é tão familiar para a gente, todo mundo ouve falar, todo ano a gente fica na expectativa do tema, mas na época era grande novidade. Acho que nunca ninguém falava desse tema do ano dos museus, mas acho que era isso... Elas anunciaram que era um tema ligado à memória das prisões, alguma coisa assim...[...] E aí elas tiveram... deixa eu ver se foram elas que propuseram o exercício sobre a musealização do DOPS, ou se a gente já estava fazendo por conta de outra coisa... isso eu não me lembro bem... Não, acho que foram elas que nos desafiaram mesmo, que era fazer uma proposta de uma exposição sobre o antigo prédio do DOPS, onde hoje é o Memorial da Resistência, e depois levar essa exposição para Portugal. E aí nós fizemos uma exposição que também tinha uma espécie de *sketch* teatral, com vários momentos da história do prédio, tinha uma parte dos imigrantes chegando pela estação, e tinha a parte dos presos políticos, a tortura e tal. E a gente fez uma exposição bastante flexível que a gente pode carregar conosco durante a viagem para Portugal. [...] Depois, nos convidaram, nessa ida, para levar pessoalmente a exposição, que abriu no dia 18 de maio de 2001 no museu de Setúbal, e fazer... acho que foi quase um mês... não, quinze dias, de viagem a museus de Portugal. As despesas quase todas foram por nossa conta, mas elas facilitaram a parte interna [...], o transporte terrestre e as hospedagens – albergue, essas coisas. Não...[...] elas davam o transporte terrestre e a alimentação mas a parte de hospedagem elas ajudaram nos contatos, a ter coisas mais baratas mas a gente pagava. E claro, a viagem de ida e volta, que a gente se reuniu para comprar em grupo, para tentar um desconto, aquelas coisas de estudante. Mas deu certo, fomos todos, foi bastante rica também essa viagem [...].(CÂNDIDO, Manuelina Duarte. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 04 de março de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

A concretização de tal viagem, que contou com a presença de 16 estudantes, demonstra um destaque do curso em relação aos exercícios desenvolvidos em seu âmbito. Durante este período, entre 18 a 29 de maio de 2001, foram realizadas visitas a instituições museológicas, parques e patrimônio urbano que constituem parte da paisagem cultural portuguesa, além de discussões e intercâmbio dos alunos da especialização com os professores de Mestrado da Universidade Nova de Lisboa.

Em relação aos eventos ocorridos no âmbito do CEMMAE, no primeiro semestre de 2000, realizou-se a primeira edição dos Encontros Museológicos, evento criado e promovido pelo curso, com o objetivo de

Propiciar o encontro entre profissionais e estudantes para a abordagem de problemas teórico-metodológicos referentes à Museologia e aos museus; Discutir questões ligadas à formação profissional para o gerenciamento e preservação do patrimônio cultural e os respectivos desdobramentos no que se refere ao tratamento museológico; Fazer um balanço sobre as novas experiências brasileiras e internacionais no que tange à elaboração de programas para museus; Discutir as especificidades da produção acadêmica, nos seus distintos vetores, voltada para o universo dos processos museológicos.¹²⁹

Assim, os Encontros Museológicos ocorreram com frequência, para que cada turma tivesse acesso a tal evento, adquirindo um lugar de importância dentro da programação do curso. A partir do excerto citado, podemos observar que tal evento possuía caráter abrangente, pois debatia questões ligadas às práticas profissionais, à formação, ao campo museológico brasileiro, e à produção acadêmica, e, ao que nos parece, buscando unir teoria e prática museológica.

Outro evento de destaque na programação do curso, desta vez mais voltado para a pesquisa, foi o *Simpósio Internacional Pesquisa em Museologia e seus diferentes vetores acadêmicos (2003)*. É interessante colocar que neste evento se realizou uma reflexão sobre a formação e o perfil do profissional de museologia. De acordo com o *relatório CEMMAE 3 – Relatório Técnico agosto a dezembro 2003*, temos um pouco dessas reflexões trazidas no documento, nos dando a dimensão de como eram encaradas as questões de formação e do campo de atuação da Museologia:

Em diversas ocasiões, foram frisadas as especificidades do trabalho nessa área: - A concepção de que esse profissional precisa aliar conhecimentos técnico e científico a uma responsabilidade e uma ética; - O caráter interdisciplinar e a transdisciplinaridade como objetivo maior: um tratamento transversal das questões, que ultrapasse os quadros, das disciplinas tradicionais; uma transdisciplinaridade que não anula a especialidade (Ulpiano B. de Meneses). Em muitas das falas dos participantes, foi mencionada a distância entre o estado atual e o estado ideal do campo e da profissão. Problemas cotidianos: falta de profissionais qualificados e treinados; dificuldade de contratações. Carência de recursos e de pessoal. Políticas culturais neoliberais e a redução de recursos públicos para os museus. A respeito da formação, destacam-se também os seguintes pontos: -

¹²⁹ “CEMMAE 3 – Relatório Técnico agosto a dezembro 2003”. São Paulo, janeiro de 2004. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS-MAE/USP)

necessidade de definir o território de pretensões dessa formação, desse profissional (Murilo Marx); Importância de haver um diálogo entre os profissionais (no nível intra e inter institucional); a necessidade de uma cooperação técnica (Cristina Bruno). Questão: graduação ou especialização? Para além das discussões sobre o grau, o que importa é a qualidade do programa acadêmico (Bruno). Discussões sobre o que seria um currículo de graduação (Meneses: uma 'salada russa' interdisciplinar). –A importância de se conhecer as declarações e documentos – seu papel como referências no interior do pensamento museológico. Os documentos produzidos em fóruns de discussão ou no interior de instituições culturais ou governamentais foram citados várias vezes. – Santiago do Chile; - Documento sobre pedagogia do patrimônio – Conselho da Europa 1998; - Salvaguarda dos tesouros humanos vivos – Unesco; - Programa de formação e capacitação na área de Museologia (Minc Brasil).

A partir deste excerto, observamos que a percepção das necessidades do campo da Museologia perpassavam desde problemas detectados no cotejamento entre o “estado atual” e o “estado ideal”, como a ausência de pessoal especializado, até questionamentos sobre a formação de tais profissionais, inserindo-se aí a discussão sobre a graduação *versus* a especialização (de que trataremos mais adiante).

Ainda para termos ideia do alcance do curso em eventos da área museal, entre 20 e 24 de julho de 2004, ocorreu um evento patrocinado pelo CCBB e de realização da Expomus (empresa de projetos culturais e museológicos), contando com o apoio institucional do CEMMAE, tendo a participação de 260 pessoas. Sobre esse seminário, no relatório tem-se que:

O temário proposto nesse seminário procura responder às principais questões contemporâneas identificadas na composição da cadeia expositiva e aborda vetores conceituais, metodológicos, e de produção, apresentados por profissionais de relevância internacional e nacional, priorizando a abordagem de conteúdos inovadores. Partindo do pressuposto de que as exposições museológicas propiciam amplo debate interdisciplinar no que se refere às especialidades e técnicas adequadas à salvaguarda e comunicação das referências patrimoniais, coleções e acervos, entende que a potencialidade educacional das exposições aponta novos horizontes para a Museologia contemporânea e afirma os princípios de valorização da diversidade cultural em nosso país.

Dentre os objetivos do evento, podemos destacar a discussão de métodos de articulação entre diferentes disciplinas que possam colaborar na dinâmica de proposição, conceituação, planejamento, realização e avaliação de exposições. O seminário abordou a gestão museológica, e depois percorreu questões mais específicas em relação às exposições, como processos e métodos de planejamento aplicáveis às

exposições, recursos comunicacionais para exposições, e salvaguarda patrimonial e conservação preventiva.

Abaixo, temos a listagem completa de eventos promovidos pelo curso, que inclui os Encontros Museológicos, além de outros simpósios e seminários também ocorridos no bojo do CEMMAE.

TABELA 22 - EVENTOS ACADÊMICOS OCORRIDOS AO LONGO DO CEMMAE

Evento	Data e Local	Tema
Encontros Museológicos	Março de 2000 – Pinacoteca do Estado de São Paulo	Linguagens, Tecnologias e Processos Museológicos
Simpósio Internacional	Agosto de 2001 – Museu de Arte Moderna de São Paulo	Museu e Educação: Conceitos e Métodos
Encontros Museológicos	Março de 2002 – Pinacoteca do Estado	Arquitetura, Expografia, Comunicação Visual e Cenografia: limites e reciprocidades
Simpósio Internacional	Agosto de 2003 – Museu de Arte de São Paulo Assis Cheateaubriand	Pesquisa em Museologia- reflexões e ações
Seminário	Novembro de 2003 – Instituto Itaú Cultural e Museu Lasar Segall	Política Educacional em Museus
Seminário	Abril de 2004 – Divisão de Iconografia e Museus/DIM/DPH/SEC e Centro Nacional de Folclore Edison Carneiro – RJ	Cultura Popular: perspectivas para a documentação do patrimônio intangível
Seminário	Julho de 2004 – Museu Lasar Segall	Construindo o museu: a arquitetura da Museologia por meio da Museografia
Seminário	Julho 2004 – Centro Cultural Banco do Brasil e EXPOMUS	Museus e Exposições no Século XXI: vetores e desafios contemporâneos
Seminário	Mai a Junho de 2005 – Cultural Banco do Brasil; ICOM Brasil	Museus e Entidades Culturais: planejamento institucional

Encontros Museológicos	Outubro de 2005 -	Programas, Projetos, Problemas museológicos
Seminário	Outubro 2005	Arquitetura de Museus: perspectivas contemporâneas

Sobre esses eventos promovidos pelo curso, é oportuno citarmos o relato de Viviane Panelli Sarraf, que comentou um pouco mais sobre a inserção e participação dos discentes nesse contexto:

[...] eu gostaria de comentar que eu acho que foi uma coisa bem importante não só para mim mas como para outros alunos foi o “depois”, o “logo depois” do encerramento da terceira turma, [...] logo depois do encerramento, eu acho que a quarta turma já estava iniciando as aulas, ocorreu um seminário de Museologia, que eu não lembro agora se era Encontro...se era Seminário, que, se não me engano foi feito aqui na USP, que foi organizado pela Cristina... Era um evento de uma semana, que teve palestras internacionais, oficinas paralelas, foi um evento que nessa época, 2004-2005, foi um evento bem significativo aqui na USP, e que aí a professora Cristina e os outros organizadores chamaram ex-alunos para participar, então para apresentar comunicações ou para coordenar grupos de trabalho [...], apresentar oficinas, então aí foi uma oportunidade legal, porque foi um seminário grande, que veio gente de todo Brasil, que realmente chamou a atenção da área de Museologia, não ficou centrado só na Universidade, e que os ex-alunos tiveram a oportunidade então, de mostrar um pouco dos trabalhos que tinham desenvolvido, das suas ideias, dos seus projetos, e isso ajudou muito a gente a consolidar uma rede de contatos posteriores [...]. E uma outra coisa também é que alguns alunos foram chamados para dar aulas ou seminários para a turma 4, o que eu acho que foi bem bacana também, [...] por mais que eu já desse aula para Ensino Fundamental e Médio, curso técnico, foi, vamos dizer, o meu *début* na área de graduação, pós-graduação, então era uma oportunidade bacana. (SARRAF, Viviane Panelli. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

A participação discente nas atividades de organização e mesmo de colaboração de ex-alunos que ministravam pontualmente aulas apresentando seus projetos de pesquisa e suas experiências de trabalho também foi algo recorrente a ser notado nas entrevistas em geral, de maneira que havia um estímulo ao compartilhamento daquilo que já havia sido realizado nas gerações anteriores do curso.

Outro ponto mencionado por Sarraf, e que também foi reforçado por outros ex-alunos entrevistados, como Kátia Felipini e Manuelina Duarte Cândido, foi a

oportunidade de firmar redes de contatos profissionais, tanto com os próprios colegas, quanto com os professores visitantes, palestrantes dos seminários, e profissionais dos museus que recebiam as turmas do CEMMAE nas visitas técnicas.

É interessante como essas trocas de experiências influenciaram a memória profissional relatada nas entrevistas. Cândido comenta, em entrevista cedida para esta pesquisa, justamente sobre esse assunto, que:

O convívio com os colegas de diferentes formações básicas que traziam questões diferentes, problemas diferentes... O que mais... acho que a variedade de textos, de referências, o conhecimento amplo que a gente teve... Profissionais muito renomados, não me lembro o nome de todos, mas eu me lembro que uma pessoa da área de conservação do Museu do Vaticano, uma pessoa de segurança de um museu dos Estados Unidos. A Ximena Varela, que é do Uruguai, mas que mora nos Estados Unidos, falou com a gente sobre Marketing, com ela também mantive contato até hoje. Quem mais? Ah, da França muitas pessoas, o Jean Guibal que era do Museu Dauphinois, em Grenoble, e depois eu organizei uma viagem para a França, logo que foi possível, na verdade só foi possível em 2006, para visitar alguns desses museus que eu tinha ouvido na especialização e que eu não tinha conhecido ainda. Então tanto tempo depois, né?! Então eu fui a Grenoble, e fui ao museu do Jean Bernard Roy, queria ir até o do François Hubert mas não tinha o contato. E a gente teve uns contatos próximos com eles [Jean Guibal e Jean Bernard Roy], teve até uma festa na minha casa que eles foram em que o Marcelo Cunha cozinhou e uma parte da turma estava lá, tenho uma foto. Dessa viagem para o Rio, que eu falei, além de visitar os museus do Rio, a gente participou do II Encontro Internacional de Ecomuseus que teve em Santa Cruz. [...] A Norma Rusconi estava lá, foi lá que eu a conheci [...]. (CÂNDIDO, Manuelina Duarte. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 04 de março de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Em termos de levantamentos sobre a produção discente, a documentação apresenta uma elaboração de um “Quadro Referencial de Terminologia Brasileira – Pesquisa realizada por alunos do CEMMAE-USP/2002”¹³⁰, uma espécie de banco de dados conceitual, que possui tabulações das terminologias e conceitos levantados a partir das produções dos alunos da turma anterior do curso de Especialização.

Tal levantamento foi dividido entre alguns alunos, que identificaram os termos, descreveram sua formulação, inseriram a origem da citação, e o autor que a havia citado na monografia. Este levantamento aponta para uma preocupação com o estudo teórico

¹³⁰ “CEMMAE 2- Relatório Técnico e Financeiro (mar a jul 2002).” São Paulo, agosto de 2002. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS-MAE/USP)

de conceitos e levanta a importante questão da terminologia para a Museologia enquanto campo de conhecimento.

Buscamos, então, neste levantamento, o conceito de Museologia, para entender melhor quais autores, ideias e questões estavam emergindo na produção discente do curso. Foram levantadas catorze conceituações para o termo Museologia. Destes, quatro colocavam a Museologia como ciência social aplicada, ainda em fase de construção, outros três explicitavam a presença da cadeia operatória museológica. Também estava presente em um trabalho o potencial da Museologia de transformar o patrimônio em herança cultural, enquanto outros seis trabalhos citaram o conceito de fato museal de Waldisa Rússio. Outros autores citados pelos trabalhos dos discentes são Mario Chagas, Zbynek Stránský e Cristina Bruno.

Outros conceitos destacados no mesmo levantamento são: Ação Educativa, Coleção, Comunicação, Cultura, Documentação Museológica, Documento, Exposição Museológica, Fato Museal, Herança, Marketing, Museografia, Museu, Papel da Museologia, Patrimônio, Preservação, Processo Museológico, Salvaguarda, e Semióforo. O mapeamento destes conceitos é importante, pois além de demonstrar uma preocupação do curso em levantar e entender como os conceitos estavam sendo apropriados, também nos dão uma ideia quantitativa de citações dos conceitos na produção discente.

Ainda sobre a produção discente, mas já alinhavando a questão da produção das monografias, foi possível encontrar, em meio à documentação, um balanço desses trabalhos produzidos no último semestre de cada turma, computados até o CEMMAE 3, de maneira que a maior parte dos discentes está contemplada nas estatísticas. Buscamos, então, reproduzir abaixo o conteúdo do documento¹³¹, a fim de nos situar em relação aos temas abordados nas monografias, bem como a ocupação dos discentes que fizeram parte do curso.

¹³¹ “Curso de Especialização em Museologia”. São Paulo, s.d. Fonte: SIG.RP/MUSP.

FIGURA 6 - ESTATÍSTICAS DAS MONOGRAFIAS PRODUZIDAS NO CEMMAE

Curso de Especialização em Museologia - CEMMAE/USP

MONOGRAFIAS

<i>Tema</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>	<i>Descrição</i>
ETM	24	30%	Estudos Teórico-Metodológicos
AHFPM	18	21%	Análise sobre a Historicidade do Fenômeno e do Pensamento Museológico
SC-CONS	6	7%	Projetos de Salvaguarda e Comunicação - Conservação
SC-DOC	13	15%	Projetos de Salvaguarda e Comunicação - Documentação
SC-EXPO	6	7%	Projetos de Salvaguarda e Comunicação - Exposição
SC-AE	11	13%	Projetos de Salvaguarda e Comunicação - Ação Educativa
MKT	2	2%	Marketing
AV	4	5%	Avaliação
Total	84	100%

OCUPAÇÃO

<i>Descrição</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Museu	51	60%
Ensino	9	11%
Empresa	4	5%
Autônomo	10	12%
Não atuante	10	12%
Total	84	100%

Em Anexo ao Relatório Técnico do período de agosto a dezembro de 2003¹³², encontra-se o projeto “A memória do pensamento museológico”, que se constituiu já como uma iniciativa de registro de iniciativas do campo da Museologia. Deste documento, destacamos o seguinte excerto:

A comemoração de datas relevantes para a história do pensamento museológico, em nível internacional, aponta para a necessidade de realizarmos um balanço crítico sobre a participação de profissionais do Brasil neste

¹³² “Relatório Técnico (ago a dez 2003)”. São Paulo, janeiro de 2004. Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

contexto, uma vez que as três últimas décadas do século passado registraram múltiplas mudanças nas perspectivas sócio-culturais dos processos museológicos. A bibliografia especializada documenta as alterações de paradigmas teórico-metodológicos, os meios de comunicação em massa chamam a atenção para as discrepâncias existentes entre a atuação dos museus e as necessidades socioculturais no que tange à apropriação de bens patrimoniais, mas, especificamente, verifica-se uma profunda mudança no curriculum dos cursos de formação para profissionais de museus. [...] Assim, os procedimentos técnico-científicos relativos à cadeia operatória de salvaguarda e comunicação vêm alcançando interfaces com novas áreas de conhecimento. Esse período de marcantes rupturas desperta, ainda, a necessidade de construção da memória sobre desse processo. Cabe, portanto, aos profissionais ligados à Museologia o reconhecimento dos indicadores, o tratamento das fontes documentais e elaboração de análises sobre as contribuições acadêmicas que têm subsidiado as recentes abordagens conceituais. Nesse sentido, entendemos que o Curso de Especialização em Museologia da Universidade de São Paulo tem a responsabilidade de decodificar as especificidades da contribuição paulista no âmbito da trajetória referida e, sobretudo, preservar os indicadores desta memória.

Desta forma, o CEMMAE chamava para si a responsabilidade de preservar esta memória, identificada como parte de uma contribuição paulista para a Museologia brasileira e global. No projeto há a proposição de etapas, que apontavam para a identificação de tais indicadores, pesquisa e elaboração de cronologias e análises sobre o tema, e elaboração de produtos (que não estavam especificados em tal documento).

Ainda na parte de desenvolvimento, há um 'Projeto de Organização e Sistematização do Acervo Documental do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP' e um Projeto de roteiro para desenvolvimento de CD Rom institucional com o Acervo Documental.

Pode-se entender que esta iniciativa, além de reconhecer os processos museológicos e questões relativas ao campo da Museologia em São Paulo, buscava também registrar seus próprios processos, junto à compreensão de que estes fariam parte deste contexto paulista. Também é necessário registrar que foi graças a esta preocupação com esses registros possibilitou que nosso trabalho sobre a documentação do CEMMAE fosse uma experiência completamente distinta da pesquisa acerca dos documentos da FESP.

Ao contrário deste último conjunto documental, como já comentado anteriormente, a documentação do CEMMAE encontra-se concentrada em um único lugar, o LAPECOMUS, e está listada em inventários das caixas e do arquivo digital. Fazemos ainda uma ressalva para o fato de que o CEMMAE se inseriu em um contexto

distinto do curso da FESP, ou seja, em uma instituição Universitária bem consolidada como é a Universidade de São Paulo, e especialmente dentro de um cenário de ensino de Museologia já instituído previamente, entende-se que houve melhores condições, que se juntaram à iniciativa própria do curso de registrar suas experiências.

Nota-se uma continuidade no trabalho com este projeto em 2004, conforme apontado por relatório técnico. Além disso, o mesmo documento aponta que o curso concorreu ao prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade na categoria “Preservação do Patrimônio cultural”, com o projeto “Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista – SIG.RP-MUSP: Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – CEMMAE USP.”

O relatório aponta ainda que “Informamos ainda que, durante esse período, elaboramos pareceres relativos às idiosincrasias entre o perfil do curso e a legislação vigente”. Pelas características da questão serem relativas à legislação, e sendo este um tema transversal à formação em Museologia em São Paulo, discorreremos sobre ele em maiores detalhes no capítulo 3.

Sobre o encerramento do curso, temos, da documentação¹³³, que

Conforme salientado anteriormente, estas atuações [em eventos organizados pelo curso] têm não somente colaborado para a projeção do CEMMAE no cenário Nacional e Internacional como, também, com a Museologia paulista, uma vez que possibilita a interlocução entre profissionais e estudantes de diferentes locais e de áreas afins. A proposta de mestrado *stricto sensu* foi aprovada pela Comissão de Pós-Graduação do MAE/USP, em reunião no dia 22 de novembro de 2005, e encontra-se em processo de formatação de acordo com as normas da CAPES e desta Universidade. O próximo semestre será dedicado ao acompanhamento dos estágios e da elaboração das monografias. Ainda, está sendo organizada a edição de CD Rom sobre a produção acadêmica do curso e que será produzido ao final do período para ser distribuído aos alunos e colaboradores do CEMMAE/USP nessas quatro edições.

Em Anexo 4 do “Relatório Técnico e Financeiro 3”, referente ao segundo semestre de 2000, encontramos o documento “Proposta para Mestrado”, contendo um Programa Acadêmico de Museologia e Educação Patrimonial, que previa três linhas de pesquisa: Teoria e Metodologia em Museologia, Modelos de Gestão de Programas Museológicos e de Educação Patrimonial, Processos Comunicacionais em Museus de Arqueologia e

¹³³ “Relatório referente ao segundo semestre do Curso de Especialização em Museologia – CEMMAE USP (CEMMAE 4/2005-2006). São Paulo, s.d. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP)

Etnologia. Previa uma duração de 30 meses, divididos em 200 créditos, em uma carga horária de 3000 horas. As atividades do curso estariam associadas àquelas já praticadas no CEMMAE, ou seja, a realização de disciplinas básicas e optativas, os seminários intensivos, estudos de campo, e desenvolvimento das pesquisas. Quanto a estas últimas, seriam divididas em três linhas de pesquisa: Teoria e Metodologia da Museologia, Modelos de Gestão de Programas Museológicos e de Educação Patrimonial, e Processos Comunicacionais em Museus de Arqueologia e Etnologia. O mesmo documento afirma que:

Este programa foi concedido a partir da compreensão da Museologia como uma das áreas de conhecimento comprometida com a educação para o patrimônio e vocacionada para o desenvolvimento de políticas públicas inerentes à apropriação dos bens patrimoniais.

Através de análises da documentação estudada, pudemos inferir que o curso era de caráter abrangente, pois tanto pelo discurso institucional de apresentação quanto pelas memórias registradas através de relatórios de estágio, atividades de sala, documentos referentes a seminários e conferências, bibliografias de disciplinas, além das fotos que compõem o corpo documental, e pela própria estrutura do curso, observamos um esforço para dar conta tanto dos princípios teórico-metodológicos próprios da Museologia, quanto da parte prática do trabalho em museus.

Este olhar institucional do CEMMAE, preocupado em formar profissionais capazes de atuar nas mais diversas áreas das instituições museológicas (conservação e restauro, expografia, gestão museológica, arquitetura de museus, ação educativa, dentre outros aspectos abordados pelas disciplinas), veio entrelaçar pontos na tecitura do panorama da formação em Museologia no Estado de São Paulo, visto que nosso estado não possuía graduação na área, e tendo em conta que o curso pós graduado de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política havia funcionado de 1978 a 1996. Assim, no período de 1996, último ano de funcionamento do curso da FESP, até 1999, início do CEMMAE, o estado de São Paulo encontrou-se na ausência de matrículas abertas desse tipo de ensino especificamente para a área de Museologia¹³⁴.

¹³⁴Podemos lembrar o já mencionado curso do Museu de Arte Contemporânea, de especialização em Arte e Museologia, entre 1997 e 1998, cujo mapeamento enquanto iniciativa de formação em Museologia consta no capítulo. O curso do MAC foi de extrema importância, especialmente para a formação dos profissionais de museus de arte, levando em consideração as disciplinas listadas e docentes participantes, sendo que alguns deles também lecionaram no CEMMAE. Este fator em comum aos dois cursos pode nos indicar que houve um bom embasamento de Museologia para os discentes deste curso. Por não ser um curso que tratava exclusivamente de Museologia, e pelo seu foco se voltar especificamente à uma tipologia de acervos e museus, consideramos que ainda havia uma lacuna na formação específica em museologia voltada para todas as tipologias de acervos e museus, numa perspectiva mais abrangente e voltadas a quaisquer profissionais de museus.

Para entender melhor as contribuições que o curso trouxe para o campo, buscamos explorar essa questão através das entrevistas, de modo a verificar junto a estes sua visão sobre o assunto.

O primeiro ponto que se destacou nas entrevistas em diversos momentos foi a forte noção de cadeia operatória museológica, conceito sobre o qual o próprio curso se embasava, já que as próprias disciplinas obrigatórias estavam divididas em Museologia em seu viés teórico, uma destinada à salvaguarda e outra, à comunicação. Buscaremos destacar do discurso de alguns entrevistados excertos que possam nos situar em relação à compreensão deste conceito.

Assim, da entrevista com Beatriz Cavalcanti de Arruda, ao questionarmos a ex-aluna acerca das contribuições da formação obtida no CEMMAE no tocante ao enfrentamento dos desafios da prática, obtivemos que:

[...] para mim ficou muito forte a questão da cadeia operatória, e da questão dos fluxos e do equilíbrio. Então, assim, quando eu faço a análise de um museu, eu procuro ver a questão do equilíbrio em primeiro lugar. E em geral o problema está no desequilíbrio, para um diagnóstico, quase sempre, inevitavelmente tem um lado pendendo. E eu acho que aí, o conceito do equilíbrio, a tentativa do [equilíbrio] aí que é o caminho que eu tento buscar. Então sem dúvida, se eu não tivesse essa parte teórica tão forte...E eu percebo assim, [tem] gente muito boa, mas que não teve essa formação mais teórica, tem mais dificuldade de enxergar um museu com clareza, dessa questão dos fluxos e do equilíbrio. (ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 05 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Ainda sobre a especificidade das contribuições do CEMMAE para a formação, Manuelina Duarte Cândido, dentro de sua experiência de ex-aluna, que

Então desde esse momento em que tinha muito exercício em grupo, que a gente tinha essa vivência de atuar com profissionais de outras áreas, já ir conseguindo se familiarizar com diferentes jargões e estar apto, depois, na nossa prática profissional, a atuar nesse tipo de equipe interdisciplinar, e saber, dentro disso, qual o papel da Museologia. Daí que eu acho que é o diferencial de ter a formação em nível de pós-graduação, porque as pessoas já têm um conhecimento geral anterior. E a gente tem um desafio próximo do que a gente vai ter futuramente na vivência profissional, ao invés de eu me acostumar, no trabalho com todas as equipes do curso, a dialogar só com gente que tem só *background* de Museologia. Achei muito rico, muito importante. (CÂNDIDO, Manuelina Duarte. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 04 de março de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Kátia Felipini também pode nos contar um pouco sobre suas impressões acerca do curso, que a permitiram uma vivência não apenas de discente, mas também de assistente e tutora. Seu olhar para a formação profissional pode ser contemplado na entrevista, ao comentar:

E tenho certeza que não tem nenhuma outra formação melhor em Museologia que esse curso de especialização, pois nem o mestrado, nem o doutorado vai possibilitar ao aluno ter essa visão macro de uma instituição. Porque o museu não é só ação educativa, não é só pesquisa, não é só exposição, ele é um conjunto e justamente ter essa visão de conjunto, você precisa se debruçar sobre essas partes; é isso que vai fazer com que você veja a instituição como um todo orgânico, e não como uma coisa departamentalizada, que eu acho que esse é um grande entrave que a gente vê nas instituições [...]. Cada um fica lá no seu quadrado e não consegue enxergar o todo; nesse sentido, eu não vejo outra formação melhor do que o Curso de Especialização. Mas eu digo que tem que ser especialização pelos múltiplos olhares à Cadeia Operatória, mas é preciso que na graduação tenha a formação mais humanista; [...] (FELIPINI, Kátia Regina. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 16 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

É importante pontuar, a partir desses relatos colhidos nas entrevistas e transcritos aqui, a questão da dimensão aplicada do curso: se, por um lado, havia uma preocupação com a teoria e a pesquisa, esta preocupação não era isolada da prática, de maneira que os alunos estavam sempre exercitando seu olhar para a Museologia através dos estágios, visitas técnicas, interações com colegas e exercícios em grupo exigidos pelo curso. Esta questão de conciliar a prática à teoria também foi pontuada por Viviane Panelli Sarraf:

Foi o Curso de Especialização em Museologia que me pôs no mercado como uma profissional que sabe fazer mas sabe refletir, que eu acho que isso é muito importante. Saber fazer é uma coisa, a gente aprende muito na prática, mas refletir sobre e fazer desse fazer um conhecimento e multiplicar, compartilhar com outras pessoas, isso foi um diferencial para mim. (SARRAF, Viviane Panelli. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 13 de dezembro de 2016. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Portanto, houve, no curso, a visão de que a Museologia consiste em uma disciplina aplicada, a constante preocupação por embasar os alunos através de disciplinas teóricas e seminários sistemáticos, mas também com um olhar voltado à práxis museal presente nas viagens de estudos e visitas técnicas, além da obrigatoriedade da produção de monografias na área de Museologia nos apontam para um discurso institucional voltado para as realidades patrimoniais da região paulista, através das

visitas técnicas e viagens de estudos, cumprindo as etapas de preparação teórica, contato com a prática e exercício do olhar acadêmico de pesquisa.

Dentro desta compreensão de Museologia, alguns pontos nos pareceram particulares do CEMMAE. Destacamos, através das análises documentais e dos discursos presentes nas entrevistas, algumas constantes: a visão processual dos museus, o exercício do olhar para o museu como um todo e, a partir daí, a habilidade em diagnosticar e gerir instituições museológicas a partir do conceito de cadeia operatória museológica, e do equilíbrio entre as áreas de salvaguarda e comunicação. Esses pontos, que se destacam nas falas e na produção discente, nos permitem ter uma ideia de como tem se pensado a questão da gestão de museus em São Paulo pelas gerações formadas nesse curso, que não são objeto de estudo desta dissertação, mas que tem potencial para pesquisas futuras.

Assim, podemos inferir que o CEMMAE tinha uma formação ampla, de maneira que o especialista saberia trabalhar nas áreas e desenvolver projetos, mas permitia uma especialização em determinada área, a partir dos seminários, e da construção da monografia em tema de interesse ao longo do curso.

Um dos desdobramentos do estudo acerca da documentação do CEMMAE será apresentado nos anexos da dissertação sob a forma de fotobiografia. Ao estudarmos a documentação institucional do curso, verificamos que, dentre o conjunto dos cursos estudados, o CEMMAE possui uma vasta documentação fotográfica, e julgamos que seria possível e interessante expor tal documentação no trabalho.

Organizamos então tais registros fotográficos de maneira a complementar este capítulo, de maneira que após traçar aqui um panorama geral do curso, expondo sua estrutura, disciplinas, docentes e discentes, o leitor também pode recorrer à fotobiografia para entender melhor como se deram alguns aspectos específicos do curso. Estes momentos presentes nas fotografias foram agrupados em algumas temáticas, organizadas em um roteiro, apresentado nos tópicos a seguir:

1. Disciplinas básicas: “Museologia – princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenômeno museal”, “Museologia e Museografia: a salvaguarda patrimonial dos museus”; “Museologia e Museografia: a comunicação patrimonial nos museus”.
2. Seminários Temáticos e Intensivos
3. Visitas técnicas e Viagens de estudo
4. Programação especial – Encontros Museológicos, Simpósios.
5. Reuniões extra-classe, Encerramentos e aberturas.

Todos estes temas serão expostos indicando as referentes turmas (exceto em alguns casos em que não seja possível identificar o período na fotografia), de maneira a apresentar uma cronologia ilustrada de cada uma delas, nos permitindo dar um *zoom*, e portanto aproximar o olhar como as tramas do curso se entrelaçam, ou seja, como se davam, na prática as vivências pedagógicas e museológicas no bojo do CEMMAE.

Capítulo 3 – A tecitura: uma Museologia Paulista

Este capítulo será desenvolvido a partir dos elementos de análise indicados no capítulo 2 referentes a cada um dos cursos estudados. Pretende-se, aqui, fazer uma reflexão panorâmica acerca da formação Pós-Graduada em Museologia em São Paulo, não apenas no sentido de caracterizá-la, mas também trazendo contribuições críticas para o tema.

Também será neste capítulo que teremos a oportunidade de cruzar as análises decorrentes das fontes de pesquisa, sejam estas ‘documentos de classe, ementas de disciplina, fotografias, trabalhos acadêmicos e entrevistas já mencionadas e apontadas anteriormente no capítulo 2, para lançar as bases das considerações finais do trabalho.

Para isto, inicialmente, trataremos de um ponto importante para a tecitura da Museologia Paulista, mas que precisou ser excluído de nossos objetos de estudo por razões já comentadas na introdução, e que serão retomadas aqui: o Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade de São Paulo. Este item não analisará o curso extensivamente, mas o apresentará como parte do contexto da Museologia Paulista, posterior a todas as experiências apontadas nos dois primeiros capítulos deste trabalho, apresentando ao leitor os pontos mais importantes da criação deste curso.

Depois, passaremos a desenvolver questões sobre a lei de regulamentação da profissão de Museólogo, e as relacionaremos com elementos analíticos relativos aos cursos, que já foram apontados ao longo dos capítulos anteriores, buscando uma visão crítica em relação ao tema, com base na documentação visitada e nas entrevistas realizadas.

Por fim, nos dedicaremos a desvelar as características percebidas em relação à formação pós-graduada em São Paulo, a partir das análises de documentação, entrevistas, leituras bibliográficas e reflexões realizadas ao longo deste processo de pesquisa, apontando encaminhamentos para as considerações finais do trabalho.

3.1 As tramas do presente – tecendo um programa de mestrado em Museologia da Universidade de São Paulo

Conforme comentado anteriormente, a exclusão do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo do conjunto de cursos tidos como nossos objetos de pesquisa não foi decisão fácil. Porém, o fato de ser um curso relativamente novo, inaugurando sua primeira turma em 2012, estando, portanto, ainda em fase de consolidação de suas características próprias, e não tendo ainda passado, até o momento de finalização desta pesquisa, pelo resultado final da

Avaliação Quadrienal da Coordenadoria de Apoio à Pesquisa do Ministério da Educação (CAPES/MEC).

Também o fator de proximidade da pesquisadora em relação ao programa, justamente pelo fato deste trabalho estar inserido no próprio PPGmus nos permite, por um lado, certa familiaridade em relação ao programa, mas, ao mesmo tempo, uma visão muito próxima por vezes pode desfocar ou dificultar um debate mais cuidadoso acerca do tema. A questão do tempo de elaboração da pesquisa também foi crucial, mas os temas acima elencados foram decisivos para que o PPGmus não fizesse mais parte de nosso conjunto de cursos para análise.

Contudo, assim como fizemos com outros cursos no primeiro capítulo deste trabalho, entendemos o PPGmus como parte desta tecitura. Ao contrário daqueles cursos citados no primeiro item, optamos por inseri-lo neste capítulo justamente por ser um curso cujas iniciativas nasceram no bojo do CEMMAE, portanto o enxergamos como uma continuidade desta tecitura estabelecida pelas experiências anteriores analisadas no capítulo 2.

Percorreremos, então, alguns dados provenientes de documentos que nos possam esclarecer um pouco mais sobre o contexto de criação do PPGmus, e também acerca da forma como tal pós-graduação se instalou no âmbito da Universidade de São Paulo.

A proposta do curso enviada à CAPES¹³⁵, identificada no nível mestrado acadêmico, teve em seu início a coordenação em nome da professora Cristina Bruno (que também havia sido responsável pela coordenação do CEMMAE), sendo configurado como um curso da área básica de Museologia, dentro da área de avaliação das Ciências Sociais Aplicadas. Na apresentação dos recursos disponíveis colocada à disposição, temos, deste documento, que:

Os quatro museus da USP têm investido sistematicamente na ampliação e consolidação do ensino em suas áreas básicas que envolvem os diferentes aspectos da Arqueologia, Etnologia, Arte Contemporânea, História e Zoologia, nas perspectivas dos distintos processos curatoriais de seus acervos e coleções, que por sua vez estão consolidados em expressivos projetos de pesquisa apoiados por diversificada fonte de financiamento e interlocução com instituições nacionais e estrangeiras. Essa universidade conta também com mais duas dezenas de acervos de outros campos de conhecimentos que têm sido alvo de ensino e pesquisa em temas curatoriais. Comum a todos os museus são as diversas aplicações da Museologia, fato gerador da proposta deste Programa Interunidades de Mestrado, que contam com docentes com diferentes titulações

¹³⁵ Proposta n.7674. "Proposta de Curso Novo". São Paulo, s.d. Fonte: Fonte: SIG.PR-MUSP, arquivo do Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica (LAPECOMUS- MAE/USP).

(doutorado, livre docência e titular), envolvidos há décadas com o ensino deste campo de conhecimento, em cursos de especialização, em disciplinas inseridas em diferentes programas de pós-graduação, disciplinas optativas de graduação e cursos de capacitação profissional.

No tocante à estrutura interunidades do PPGmus, e o contexto que rodeava os museus universitários no momento da proposta, o mesmo documento segue:

Cabe registrar que, para o ensino de Museologia, todos esses espaços técnicos são fundamentais para o desenvolvimento de atividades aplicadas. Entende-se que, a partir desses dados apresentados, os alunos e professores deste programa podem dispor de condições adequadas para as suas atividades. É fundamental registrar nesta oportunidade que a USP está desenvolvendo diferentes programas para a qualificação de seus espaços museológicos. No Museu Paulista está em tramitação a construção de anexos para a expansão de suas áreas técnicas que ampliarão o seu edifício monumental ; o Museu de Arte Contemporânea já está de mudança para a sua nova sede que ampliará de forma exponencial os seus espaços museológicos; o Museu de Arqueologia e Etnologia e o Museu de Zoologia estão inseridos no novo Programa Arquitetônico Praça dos Museus da USP, que está em realização na Cidade Universitária, que não só multiplicará a potencialidade de suas áreas de ensino e pesquisa mas articulará os espaços museológicos dos dois museus. Quanto à sede operacional do programa interunidades, o MAE possui a experiência necessária para encaminhar e executar os procedimentos correspondentes, tendo em vista o fato de sediar, há anos, o maior programa de pós-graduação em Arqueologia do país, que conta com linhas de pesquisa e disciplinas voltadas para as questões museológicas.

Sobre a forma de encarar a Museologia na justificativa do curso, temos que:

A Museologia surgiu e tem sido consolidada como uma área de conhecimento vocacionada ao equacionamento dos aspectos técnicos, teóricos, metodológicos, relativos à constituição, desenvolvimento e análise dos processos que as sociedades estabelecem para o tratamento e extroversão dos indicadores da memória, transformando-os em referências patrimoniais e projetando-os em campos constitutivos da herança cultural (Desvallées, 1992; Varine-Bohan, 1980 e 2002). Tradicionalmente, esses campos têm gerado museus e instituições congêneres, exigindo a implantação de estratégias de planejamento e avaliação para o desempenho de suas funções científicas, educativas e sociais (Léon, 1978). [...] Para a Museologia interessa aproximar os objetos interpretados dos olhares interpretantes, e resgatar dos indicadores da memória os diferentes sentidos e significados. É possível reconhecer que é uma área de conhecimento que se preocupa em preservar a lucidez dos olhares perceptivos que se apropriam de referências culturais, coleções e acervos, constituindo instituições

museológicas, mas sempre com a intenção de permitir a reversibilidade destes olhares e a devolução social dessas percepções, para permitir novos arranjos patrimoniais e novas apropriações culturais (Bruno, 2002). Acima de tudo, os estudos museológicos procuram desvelar a importância das funções preservacionistas e educacionais dos museus na sociedade contemporânea. Essa ampliação do escopo científico da Museologia tem demonstrado a necessidade de análises que caracterizem os vetores e os problemas inerentes ao processo de musealização, os compromissos com a ética preservacionista em relação à apropriação dos bens patrimoniais, além do domínio de técnicas de salvaguarda e comunicação dos acervos e coleções.

Pelo discurso presente no documento, pudemos interpretar que o curso parte de uma vontade institucional, que por sua vez tem origem nas práticas museais que tangem os quatro museus estatutários da USP, mas também diz respeito à produção de conhecimento Museológico dentro da própria universidade, sob a forma de pesquisas, disciplinas, cursos e eventos da área de Museologia, aliando, portanto, estas duas perspectivas.

O curso foi inaugurado, com o primeiro processo seletivo publicado no Diário Oficial em abril de 2012. Contava, então, com treze disciplinas que tangenciavam tais experiências museais e museológicas que refletem esse universo dos museus universitários, e exploram a Museologia através das áreas específicas de tais instituições: arqueologia e etnologia, arte contemporânea, história e zoologia, e que eram ministradas pelos docentes dos respectivos museus.

As linhas de pesquisa eram inicialmente duas: Teoria e Método da gestão patrimonial e dos processos museológicos e História dos processos museológicos, coleções e acervos. Até o momento de finalização desta pesquisa, o PPGmus ampliou suas linhas de pesquisa, sendo elas: História dos processos museológicos, coleções e acervos; Teoria e método da gestão patrimonial; e Salvaguarda do Patrimônio cultural e coleções museológicas.

Em entrevista com uma das docentes que integra o corpo do PPGmus, professora Dra. Marília Xavier Cury, quando pedimos para que comentasse sobre o CEMMAE, no sentido de cotejar com a experiência de docência no PPGmus, esta comentou, acerca do perfil discente deste último:

[...] A gente investe no pesquisador. Então, eu vejo, o aluno é um jovem pesquisador. Então eu estou menos preocupada com ele no museu, embora eu queira, que ele trabalhe no museu, mas eu estou apostando nele como um jovem pesquisador. E estou apostando também, que ele vai trabalhar no museu, sabendo, dentro dessa perspectiva do pesquisador, melhor estruturar os projetos, dentro daquela instituição, com outro tipo de consistência.

De forma alguma eu desvalorizo a prática no museu, eu acho ela fundamental, mas eu acho que esse jovem pesquisador, com mestrado ou doutorado dentro de uma instituição, ele consegue levar para lá uma outra experiência, um outro traquejo, uma outra capacidade de circular a teoria e os conceitos, e aí o desafio é ele colocar tudo aquilo em prática, porque o museu se faz, se realiza, não é uma abstração, não se faz museu no papel. Mas eu acho...na verdade na pós-graduação a gente investe no pesquisador, na capacidade dele de se articular conceitualmente, teoricamente, buscando sempre uma bibliografia internacional, apostando que ele vai buscar a construção de metodologias para a pesquisa dele, e consequentemente ele vai saber levar isso para o museu, e saber construir alguma coisa e saber levar isso então daí é um desafio dele, saber levar isso para uma prática cotidiana. Eu tenho absoluta certeza de que isso é possível, levar a teoria e o conceito para a prática (CURY, Marília Xavier. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 03 de abril de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Portanto, o papel que se cumpre no PPGmus se diferencia de imediato dos cursos analisados no segundo capítulo deste trabalho, pois, enquanto aqueles se ocupavam do alinhamento entre uma formação teórica, uma carga de disciplinas que desse conta das técnicas e da parte prática, e de produções acadêmicas, o PPGmus se coloca como um programa de mestrado acadêmico, que vem a entrelaçar outros pontos, de natureza necessariamente distinta das opções anteriores.

3.2 A discussão sobre a regulamentação da profissão de museólogo e a pós-graduação em Museologia

A regulamentação da profissão de Museólogo é um ponto imprescindível a ser discutido neste trabalho, pois não há como discutir formação em Museologia sem tocar neste ponto sensível, citado em vários momentos tanto nas entrevistas, quanto nas fontes documentais escritas e na bibliografia consultada, sendo, portanto, um elemento transversal a esta tecitura. Para iniciar o debate acerca do tema, inicialmente precisamos pontuar - sem, no entanto, nos estendermos no assunto - o histórico da lei de regulamentação da profissão, bem como situar o leitor acerca dos órgãos paulistas que estiveram à frente das discussões deste âmbito.

No entanto, antes de chamarmos a atenção para a lei de regulamentação da profissão, faz-se necessário citar como importantes iniciativas nesse mesmo contexto, a criação da Associação dos Trabalhadores de Museus (ATM), e da Associação Paulista de Museólogos (Asspam), que datam de 1983, e, segundo Caroline Grassi Franco de

Menezes (2010, in: BRUNO, 2010a, p.47) constituíram importantes iniciativas para a consolidação da área museológica em São Paulo.

Nesta época, cujo contexto era de redemocratização do país e de mobilização geral a favor de direitos civis, a autora destaca o papel destas duas entidades em relação ao campo da Museologia. Ela comenta que o surgimento da Associação de Trabalhadores de Museus, que teve uma representatividade regional e um caráter abrangente, pois se estendia a centros culturais e organismos oficiais de preservação do patrimônio, teria sido um processo que culminara na formação da Asspam, definida como

O órgão de classe representativo dos museólogos do Estado de São Paulo. A partir do objetivo fundamental de buscar “a dignificação, proteção e defesa dos interesses profissionais de seus membros e de toda a categoria”, a Asspam se dedicou à fiscalização ética do exercício profissional dentro do campo da Museologia e à luta constante pelo aperfeiçoamento das instituições de caráter museológico, dentro de uma dimensão maior de política cultural. [...] Estatutos determinam a estrutura administrativa da Asspam, composta por Diretoria Executiva, Comissão Ética e Admissão e Conselho Fiscal, cujos cargos foram ocupados por sócios eleitos para mandatos de dois anos – duração de cada gestão. É importante destacar a importância atribuída à Assembleia Geral, considerada o órgão deliberativo máximo. [...] De fato, a Asspam se caracterizou como uma associação engajada, pois uma de suas principais linhas de atuação foi a luta pelo exercício da profissão de museólogo, em diferentes momentos e instâncias. (MENEZES, 2010; in: BRUNO, 2010 a; p.47-50)

A Asspam, portanto, teve um caráter de aglutinação, debate e luta pela regulamentação da profissão, mas também para a discussão das questões éticas profissionais, tendo sido, impreterivelmente, engajada às questões de seu tempo- como é o exemplo citado no texto da participação do movimento Diretas Já!. Menezes também comenta sobre os eventos realizados no âmbito da Asspam, como os Encontros Paulistas de Museologia e a criação, a partir de 1986, do Prêmio de Museologia Paulo Duarte, dedicado à consagração de iniciativas e projetos da área de preservação patrimonial, cujas cerimônias ocorriam nos próprios Encontros.

Após este breve contexto de discussões acerca das organizações profissionais em relação ao campo da Museologia em São Paulo, faz-se necessário, agora, citarmos os três primeiros artigos da legislação de Regulamentação da profissão de Museólogo, Lei n. 7.287, de 18 de dezembro de 1984:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:
Art. 1º - O desempenho das atividades de Museólogo, em

qualquer de suas modalidades, constitui objeto da profissão de Museólogo, regulamentada por esta Lei. Art. 2º - O exercício da profissão de Museólogo é privativo: **I - dos diplomados em Bacharelado ou Licenciatura Plena em Museologia, por cursos ou escolas reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura; II - dos diplomados em Mestrado e Doutorado em Museologia, por cursos ou escolas devidamente reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura; III - dos diplomados em Museologia por escolas estrangeiras reconhecidas pelas leis do país de origem, cujos títulos tenham sido revalidados no Brasil, na forma da legislação; IV - dos diplomados em outros cursos de nível superior que, na data desta Lei, contem pelo menos 5 (cinco) anos de exercício de atividades técnicas de Museologia, devidamente comprovados.** Parágrafo único. A comprovação a que se refere o inciso IV deverá ser feita no prazo de 3 (três) anos a contar da vigência desta Lei, perante os Conselhos Regionais de Museologia, aos quais compete decidir sobre a sua validade.[...] **(grifos nossos)**

No sentido de detectar como a regulamentação da profissão era vista por seus atores paulistas do campo e em especial como era vista dentro do curso da FESP, buscaremos destacar um excerto de comunicação oral que data de 1990, apresentada no I Seminário Latino Americano de Museologia, em que Waldisa Rússio faz algumas colocações. Por um lado, buscava-se fornecer tanto uma formação de apoio àqueles que já possuíam a titulação de Museólogo, e àqueles que a buscavam, e que poderiam obtê-la na modalidade de mestrado, e, por outro, há uma defesa da necessidade de formação em Museologia em diferentes níveis.

Em diversos momentos (nesse e em outros muitos outros textos), os discursos da museóloga debatem, em tom fervoroso, a necessidade de formação de profissionais aptos para o trabalho em museus, e a questão da regulamentação, que era vista por esta como uma ferramenta, um meio de alcançar um certo grau de profissionalização, como no exemplo a seguir:

Em um país de tradição jurídico-formal, a inexistência de uma profissão regrada e reconhecida por leis estimulava o improviso, o amadorismo, quando não o arraigamento de um sistema de favores aos beneficiários de um nepotismo extenso; junto a tudo isso, um problema a mais: a proibição legal de criação de novas faculdades no país. Nessa época, o governo baixou um regulamento sobre a pós-graduação lato sensu (Resolução 14/77-CFE/MEC), preocupando-se principalmente com a especialização, e, sobretudo, com a especialização de docentes para o segundo grau, mas permitindo-a, também, para outras formações de ensino intermediário. Nesse tempo, a maior parte dos profissionais de museus não só em São Paulo mas pelas regiões Sul e Sudeste do país, era de professores. Por que não lhes dar uma capacitação ao mesmo tempo em que abríamos a formação para aqueles que tinham já uma graduação universitária e queriam

trabalhar em museus? (RÚSSIO, 1990, in: BRUNO, 2010^a; p.255).

Sobre o impacto da criação da lei, mais especificamente para o recorte da formação em Museologia em São Paulo e sobre o curso da FESP, gostaríamos de destacar, do texto “Museologia: formação profissional no Brasil: a proposta do Instituto de Museologia de São Paulo/ FESP”, de Waldisa Rússio (in: BRUNO, 2010a; p. 260), temos que:

Em 1984 foi baixada a lei que regulamenta a profissão de museólogo admitindo dois níveis de formação: a graduação e a pós-graduação, indistintamente. Assim, hoje postulamos perante o Ministério da Educação nossa transformação em mestrado direto, tornando-nos independentes de Cursos de Pós-Graduação de Ciências Sociais ou outros que não reconheçam os créditos de formação. Assim, manteremos a especialização para profissionais de museus não museólogos (um ou dois módulos) e o mestrado, para a formação de museólogos, com os créditos completados, e para mestres com a apresentação de dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Manteremos, brevemente, cursos de capacitação, atualização e extensão, assim como preparação de profissionais de base e auxiliares de museus. Pensamos que onde as leis federais o permitam devemos admitir níveis distintos de formação em contextos culturais distintos, atendimento à especificidade regional imediata e preparação de um futuro com menores – se possível nenhuma – distâncias entre os tempos sociais, as pessoas e os museus para que o homem possa “viver na beleza na qual sua alma possa crescer”, como nos indicava um irmão índio. (RÚSSIO, 1990; in: BRUNO, 2010; p.261)

Esta reivindicação, no entanto, não era vista de maneira corporativista ou ‘carreirista’, como podemos perceber no excerto acima, estando muito mais relacionada com uma afirmação do campo da Museologia e na defesa do lugar de profissionais dentro dos espaços de museus, e a sua relação com a formação em Museologia. Justamente no aspecto da formação, podemos notar que Rússio compreendia as diferenças regionais e os “tempos sociais” de cada lugar, defendendo a formação em diversos níveis, posição que foi mantida pela FESP ao ofertar os cursos de mestrado, especialização, e extensão universitária.

Já em relação ao momento seguinte da pós-graduação em Museologia em São Paulo de que tratamos neste trabalho, ou seja, sobre o curso do CEMMAE, podemos já indicar, apenas com uma breve leitura da legislação de 1984, que a categoria de Especialista em Museologia não estava enquadrada em seus termos, de maneira que os profissionais formados nesta instância não puderam obter o registro profissional.

Dentro deste tópico, inicialmente é preciso dizer que a questão da regulamentação da profissão é transversal a todo o curso, sendo citada em documentos oficiais que abrangem todo o seu período de atuação. Assim, daremos destaque aos principais momentos que demonstram algumas tensões em relação a esta questão, no sentido de provocar uma discussão crítica sobre o assunto ao final deste item, considerando ambos os cursos estudados neste trabalho.

Temos, de 03 de agosto de 1999, um ofício emitido pela presidência do COFEM, à época na pessoa de Eunice Penna Neves de Farias, em resposta um ofício anterior emitido pelo MAE, datado de julho de 1999 a este órgão, com o objetivo de comunicá-lo acerca da aprovação do CEMMAE e do início das aulas. A resposta do COFEM se deu nos seguintes termos:

Louvamos a iniciativa, contudo, seria de bom senso que essa Coordenadoria acatasse o seguinte: a) que o Certificado do Curso de Especialização em Museologia não contrarie de modo algum, os direitos assegurados ao Museólogo pela Lei n.7287 de 18.12.84, sobretudo em seus artigos 1º e 2º; b) que a carga horária destinada às três disciplinas básicas seja aumentada de 16,4% para 22,0% do total de 825 horas, ou seja, a mesma destinada à elaboração de monografia – 180 horas; c) que os concluintes do curso sejam ser informados e alertados que o enquadramento dos mesmos no mercado de trabalho, dependerá da aprovação superior do estudo que vem sendo elaborado por este Conselho; d) que o COREM – 4ª Região (São Paulo), fiscalize o desenvolvimento do Curso e, emita a este COFEM parecer sobre os objetivos e resultados propostos por essa Coordenação; e) que o próprio MAE, através de seus museólogos, estimulem a criação do bacharelado em Museologia e/ou Mestrado Profissionalizante, como atualmente vem acontecendo em Porto Alegre, para que o profissional faça parte, desde o início, de todo o processo de aprendizagem museológica.¹³⁶

Logo em seguida temos o ofício¹³⁷ em resposta a este colocado acima, emitido pela coordenadora do curso, Cristina Bruno, informando que tais questões apontadas pela presidência do COFEM já haviam sido apreciadas no decorrer da tramitação do projeto acadêmico do curso, nas referentes instâncias do âmbito da Universidade de São Paulo.

Posteriormente, a então diretoria do MAE, em 23 de setembro de 1999, se manifestou em relação ao COFEM¹³⁸:

Senhora Presidente, O Conselho Deliberativo do MAE, em sua reunião de 17/9/99, analisou documento enviado por Vossa Senhoria ao Pró-Reitor de Pós-Graduação que

¹³⁶ “Ofício n.13/99- COFEM”. Belém, 03/08/1999. Fonte: SIG.RP/MUSP

¹³⁷ “OF.CEM.06099/MAE”. São Paulo, 23/08/1999. Fonte: SIG.RP/MUSP

¹³⁸ “OF.GD.19599/MAE”. São Paulo, 23/09/1999. Fonde: SIG.RP/MUSP

foi anexado ao processo de criação do referido curso. Cabe, desde logo, esclarecer que os direitos do museólogo estão plenamente assegurados pelo Curso de Museologia. Na verdade, este curso, que acompanha recomendações internacionais relativas a formação nesta área, só poderá trazer benefícios à profissão. Quanto às suas sugestões relativas à carga horária e desenvolvimento do curso, gostaríamos de lembrar que as decisões acadêmicas devem ser tomadas pelas normas da USP, no âmbito da Comissão de Pós-Graduação de cada curso, Comissão da qual a Diretora deste Museu é a Presidente, e da Comissão Central de Pós-Graduação.

Anos adiante, temos um documento datado de 18 de outubro de 2001, referente a um ofício emitido pela presidência do COFEM, na pessoa de sua presidente, Telma Lasmar Gonçalves, destinado à então Secretária de Políticas públicas de Emprego do Ministério do Trabalho, Dra. Fátima Bayma, reiterando-a de uma correspondência anterior, cujo conteúdo seria o mesmo apontado neste ofício, que colocava:

O Conselho Federal de Museologia – COFEM, a pedido de seus filiados, pretende abrir novas categorias de registro profissional, modificando a Lei n.7287 de 18 de dezembro de 1984, que regulamenta a profissão de museólogo. Pela nossa legislação têm direito ao registro profissional os bacharéis, os mestres e doutores em Museologia, além dos profissionais provisionados por ocasião da regulamentação da Lei. Para que possamos efetuar mudanças, gostaríamos de obter a sua orientação quanto às seguintes questões: - Podemos, através de Resolução, criar a categoria de registro profissional, para técnicos em nível de Ensino Médio? – Os cursos de Pós-Graduação “*Latu Sensu*” habilitam para o registro profissional? Em caso positivo, sob que categoria? – Os Cursos sequenciais já são contemplados com registro em algum Conselho Profissional? Sob que categoria? – Há alguma orientação do Ministério do Trabalho quanto à possibilidade ou não de registro profissional destas novas modalidades de formação acadêmica? [...] ¹³⁹

Este documento, datado dos primeiros anos de atuação do CEMMAE, já demonstra uma iniciativa de consulta de parte do COFEM em relação à situação de regulamentação dos especialistas em Museologia, além da tentativa de esclarecimento sobre os cursos de pós-graduação de caráter *latu sensu*.

Outro documento interessante de ser pontuado aqui foi mais um ofício emitido da coordenação do MAE, que data de outubro de 2001, encaminhado à Presidente do COREM, Maria Olímpia Dutzmann, pedindo a esta que tivesse especial atenção com relação ao tema do registro profissional dos especialistas em Museologia, colocando que a análise do Programa do curso, junto à verificação do histórico escolar dos

¹³⁹ “Ofício 27/2001 COFEM”. Rio de Janeiro: 18/10/2001. Fonte: SIG.RP/MUSP

signatários seriam evidências da preparação para o exercício profissional em Museologia¹⁴⁰.

Em resposta, o COFEM, na pessoa de Telma Lasmar Gonçalves, respondeu que:

Temos a informar que a reivindicação dos Especialistas em Museologia que concluíram o Curso de Especialização em Museologia promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, na qual pedem registro profissional na condição de Museólogo foi indeferida, pelo motivo abaixo explicitado: 1º A lei n.7.287 de 18 de dezembro de 1984 [...]. Portanto, o fato dos signatários do documento terem feito um Curso de Especialização em Museologia não lhes confere o direito ao registro profissional. Além disto, o título de Museólogo pelos formandos não é permitido, pois constitui uma ilegalidade. E não podemos nos valer de uma ilegalidade para transformá-la em direito. [...] Sugiro que os signatários do documento de reivindicação empenhem-se, junto à Reitoria da Universidade de São Paulo, para transformar o Curso de Especialização em Museologia em Mestrado em Museologia. A USP, uma das mais importantes e renomadas universidades brasileiras possui, em seu corpo Docente, cinco museólogos com o título de doutor, o que, segundo as normas do MEC, habilita para a criação de cursos em nível de mestrado. Mestres em Museologia, de acordo com o Artigo 3º da Lei 7.287, recebem o título de Museólogo.¹⁴¹

As tentativas de diálogo com o COREM e COFEM, contudo, não pararam por ali. Há, ainda, uma carta¹⁴² destinada ao COFEM, datada de abril de 2003, assinada por museólogos que apoiavam a iniciativa do CEMMAE (dentre estes os próprios docentes do curso) – Ana Sílvia Bloise, Beatriz Cruz, Marcelo Mattos Araújo, Cristina Bruno, Maria Ignez Mantovani Franco, Maria Olímpia Dutzmann, Maria Pierina Ferreira de Camargo, Marília Xavier Cury e Radhá Abramo.

Este abaixo-assinado tem conteúdo de caráter propositivo em relação à lei de regulamentação da profissão de museólogo: justifica-se, pela crescente queda de profissionais registrados (por motivos de aposentadoria e falecimento), que provocava um descompasso relação à realidade, pois se descreve um cenário de crescimento de instituições museológicas e multiplicação de possibilidades profissionais. Aproveitam para reiterar que a formação do CEMMAE ia de encontro a tais necessidades, inserindo o número de formandos a esta época (55 formandos e 29 em formação).

¹⁴⁰ “OF. CEM6930/MAE”. São Paulo: 18/10/2001.

¹⁴¹ “Ofício COFEM 05/2002”. Rio de Janeiro: 26 de março de 2002. Fonte: SIG.RP/MUSP.

¹⁴² Correspondência sem título. São Paulo: abril de 2003. Fonte: SIG.RP/MUSP.

O mesmo documento ainda procura inserir uma outra demanda em relação à regulamentação: a questão das pessoas de nível técnico em Museologia, e a necessidade de haver habilitação para tal categoria específica. Coloca-se, por fim, que esta seria uma reivindicação histórica do COREM 4ª Região, e que a intenção seria pleitear a alteração da legislação, nos conformes propostos pelo abaixo-assinado.

O CEMMAE não logrou as investidas de mudança da lei, mesmo com os abaixo-assinados e tentativas de diálogo com os órgãos competentes, tendo sua última turma encerrado em 2005, já com perspectivas de um projeto acadêmico de mestrado¹⁴³.

Em entrevista realizada com uma das docentes do curso, Marília Xavier Cury, quando a questionamos sobre como foi encarado o encerramento do CEMMAE, e as questões relativas à regulamentação da profissão que foram decisivas para que isto ocorresse e ali se instaurasse um programa de mestrado, Cury nos comentou alguns pontos que gostaríamos de ressaltar a seguir:

Então por mais que nós tenhamos lutado para a alteração da lei, a gente não tenha conseguido isso, eu acho tudo muito lamentável. Acho que é uma realidade brasileira, mas não é uma realidade que eu goste. Eu acho que eu jamais vou dizer que um museólogo formado na graduação não esteja bem formado ou que ele não seja necessário, isso não faz parte do meu pensamento, e eu entendo exatamente o que que é o museólogo formado na graduação ou museólogo como eu sou. Eu sou museóloga também, de acordo com a lei, eu não me sinto menos museóloga do que qualquer pessoa formada na graduação. É por conta disso também que talvez eu perceba que alguém que faça uma boa especialização bem estruturada tenha esses requisitos para ser museólogo. Mas aí entra a questão da lei e do corporativismo. Então as pessoas da graduação acham que, porque eles estudam quatro anos, se sentiriam menosprezados se alguém que estuda um ano e meio tivesse também o título de museólogo. Então eu acho isso tudo lamentável, porque na verdade quem faz especialização não estuda um ano e meio, ele tem os quatro anos da graduação dele, mais um ano e meio, então são cinco anos e meio que ele está estudando, a bagagem dele é trazida e é incorporada. Mas infelizmente são coisas da realidade, eu só acho lamentável que profissionalmente...quem está querendo trabalhar em museus se sinta nessa briga, que não leva a lugar nenhum, não leva a lugar nenhum...porque está cheio de museus aí no Brasil, não falta museu. Então na verdade é uma disputa pelo quê? Campo de trabalho? Está cheio de museus por aí. Tudo bem que é difícil a contratação, mas se fica uma demanda centralizada nas capitais, fica até um corporativismo centralizado nas capitais, quem é que quer ir para o interior? Quem quer ir para o Brasil central? Então acho que é uma coisa que tão cedo a gente não supera, infelizmente. Eu gostaria que se pensasse mais nos museus e no público e menos em defesa de

¹⁴³ “Projeto para Mestrado”. São Paulo: s.d. Fonte: SIG.RP/MUSP.

segmentações do mercado de trabalho, que acho que definitivamente não leva a nada. Muito embora a lei tenha sido uma grande medida, uma coisa importante, porque foi um dos marcos para a profissionalização dos museus no Brasil, porque antes era, na verdade, em grande medida, o lugar do voluntarismo. Então ela teve a sua importância, e não vou dizer que não tenha hoje, mas da forma como foi fechada e opera talvez não seja tão eficiente quanto a realidade museológica hoje exige. [...] Ela tem um lado importante mas ela não se atualizou. Ela não se atualizou e ela ainda vai ficar muito tempo parada, porque a gente não consegue se enfrentar, a verdade é isso. São pessoas, a lei não tem vida própria. Então por que as pessoas não conseguem ver o outro lugar para pensar a Museologia, e os museus e as pessoas dentro desse processo, então a lei vai ficar parada. Então é isso, ela não muda, e eu acho que é melhor ficar parada do que mudar para pior. Você sabe que sempre pode piorar [risos], então acho que é melhor ficar parada. Até porque a pós-graduação, os cursos de pós-graduação estão ampliando no Brasil e com a pós-graduação, quem está se formando tem o direito, por lei, de requerer o registro profissional, então assim, bem ou mal, o mercado está se modificando com essa possibilidade de mestres e doutores que não tenham graduação em Museologia, possam ter o registro profissional. A possibilidade da pós-graduação é isso, a pessoa que já está no mercado, já está no museu, já tem uma experiência, já tem uma reflexão, já tem uma vivência, uma visão, procura o mestrado, ou procura o doutorado, para dar essa volta, digamos assim, para, a partir da sua prática buscar as referências teóricas e conceituais para rever a sua visão, no caso, e quem sabe a sua prática. Então acho que é um caminho, é uma forma, que não elimina a especialização, nem os cursos técnicos, que a gente tenha clareza sobre isso, minha fala começou dizendo que eu aposto em tudo e eu aposto mesmo! Nem todo mundo...porque nós vivemos em um país onde só quem tem graduação é que é doutor, todo mundo quer ser doutor, então...sabe? acho que as pessoas tem que ter a liberdade de escolher o seu lugar, no mundo e no mundo profissional, e no mundo profissional dos museus. Mas novamente, as falsas hierarquias, no sentido de que impõem uma visão de que você é bom se você estiver num patamar, e consequentemente você não é tão bom se você estiver em outro...e salário...fragiliza completamente isso. (CURY, Marília Xavier. Entrevista concedida a Léa Blezer Araújo. São Paulo, 03 de abril de 2017. A entrevista encontra-se transcrita nos apêndices desta dissertação).

Refletir criticamente sobre os fatos colocados acima é um de nossos objetivos neste capítulo, portanto agora seguimos com algumas considerações acerca deste tema. É necessário considerar que São Paulo, através dos envolvidos no curso da FESP, esteve à frente do momento de mobilização para que se aprovasse a lei de regulamentação da profissão, e, conforme os pontos já colocados acima, esta

mobilização se deu justamente pela demanda de mais profissionais da Museologia nos museus.

Após a regulamentação da profissão em 1984, com o impasse colocado à especialização *latu sensu*, surgem as demandas de modificação da legislação, que continua a mesma até o momento da finalização deste trabalho. O que gostaríamos de chamar a atenção, neste ponto, é para um certo desencontro entre a formação e a legislação. Para este debate, é necessário inserir abaixo o artigo 3º da mesma lei, que define as atribuições do museólogo:

Art. 3º – São atribuições da profissão de Museólogo:
I – ensinar a matéria Museologia, nos seus diversos conteúdos, em todos os graus e níveis, obedecidas as prescrições legais;
II – planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins; III – executar todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus; IV – solicitar o tombamento de bens culturais e o seu registro em instrumento, específico; V – coletar, conservar, preservar e divulgar o acervo museológico; VI – planejar e executar serviços de identificação, classificação e cadastramento de bens culturais; VII – promover estudos e pesquisas sobre acervos museológicos; VIII – definir o espaço museológico adequado a apresentação e guarda das coleções; IX – informar os órgãos competentes sobre o deslocamento irregular de bens culturais, dentro do País ou para o exterior; X – dirigir, chefiar e administrar os setores técnicos de Museologia nas instituições governamentais da Administração Direta e Indireta, bem como em órgãos particulares de idêntica finalidade; XI – prestar serviços de consultoria e assessoria na área de Museologia;
XII – realizar perícias destinadas a apurar o valor histórico, artístico ou científico de bens museológicos, bem como sua autenticidade; XIII – orientar, supervisionar e executar programas de treinamento, aperfeiçoamento e especialização de pessoa das áreas de Museologia e Museografia, como atividades de extensão; XIV – orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, exposições de âmbito nacional ou internacional, e de outras atividades de caráter museológico, bem como nelas fazer-se representar.

Interpretamos, a partir deste artigo, que a maior parte dos itens descritos diz respeito às práticas relativas à cadeia operatória museológica, pois de catorze itens, apenas três dizem respeito à área teórica e acadêmica. Portanto, a legislação entende o papel deste profissional como um especialista (no sentido amplo da palavra) que deve, primordialmente, atuar nos espaços museais e museológicos, promovendo seus conhecimentos acerca da cadeia operatória museológica (ali implícita, pois são citadas ações de salvaguarda e de comunicação).

No entanto, nos parece controversa a situação do CEMMAE: um curso de especialização que, conforme explanamos no capítulo segundo deste trabalho, foi pautado na ideia de cadeia operatória museológica, e que teve tanto uma carga teórica considerável, quanto abordagens práticas através de viagens, estudos e seminários com profissionais de importância nacional e internacional, buscando aliar teoria e prática, não esteja contemplado na legislação, portanto não dando direito a registro dos discentes. Outra questão espantosa é a ausência de diálogo com os órgãos de classe, COFEM e COREM, pois ao invés de, ao menos haver algum tipo de esforço para a criação de novas categorias para os profissionais especialistas e técnicos em Museologia, se reiterou a posição da lei, mesmo havendo ali uma contradição.

Sabemos que este ponto sensível abrange a defesa da graduação em Museologia, e da pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. Contudo, se nos atentarmos para a estrutura destes cursos de pós-graduação *strictu sensu*, logo perceberemos que estes passam longe das questões que habilitam os profissionais para a prática, justamente pelo fato do aluno, dentro deste universo, ter um papel essencialmente de pesquisador. Longe de tirarmos o grande mérito dos pesquisadores em Museologia do país, procuramos aqui apenas chamar a atenção para esses desencontros promovidos pelas tensões do campo e pela própria forma como a legislação está redigida.

Assim nos parece esta realidade profissional da Museologia: museólogos habilitados, mas que, em suas formações não passaram necessariamente por abordagens técnicas, com foco na produção de dissertações e teses, e, de outro, especialistas, que tiveram acesso a toda esta carga mais técnica, sem direito a registro.

Esse abismo é aprofundado quando pensamos na perspectiva proposta por Cândido (2013, p.25), quando a autora afirma que há um descompasso entre os museus e a Museologia, e propõe uma inserção da Museologia nos museus, no sentido de

[...] romper os descompassos entre uma prática museal muitas vezes gerada por desejos de memória legítimos, mas desconhecedores do que se tem produzido nos fóruns de produção da Museologia: universidades, órgãos de governo e organismos não governamentais ligados ao campo. Isso passa por um reconhecimento também de que a Museologia não deve ficar apenas sob domínio dos técnicos e profissionais da área, mas pode ser disseminada pelos interessados em autogestão do seu patrimônio.

A autora discute ainda, na mesma obra, as questões de profissionalização e formação em uma perspectiva de longa duração, debatendo as figuras e papéis do curador, conservador de museu e museólogo, sobre as quais não iremos nos debruçar aqui, apenas colocar a título de citação, pois nosso debate está agora circunscrito ao nosso recorte de formação pós-graduada em São Paulo.

Porém, vale inserir aqui uma questão que a mesma autora coloca, acerca do papel da Museologia e do profissional que está relacionado a esta área:

O que se quer, como Rússio (1983, apud Bruno, 2010, p.126), é compreender que o museólogo é um trabalhador social e que todo museu e toda Museologia só fazem sentido se comprometidos com a sociedade, portanto, cabendo transformar as práticas e as mentalidades que insistem no contrário. (CÂNDIDO, 2013; p.56).

Aproveitamos esta reflexão a que Cândido nos conduz para chamar a atenção para a importância (descabida, a nosso ver), que se dá ao debate esvaziado acerca de um embate entre museólogos versus especialistas e técnicos – se partirmos do princípio de que trabalhar na área de Museologia é realizar um trabalho de cunho social, conforme postulado por Rússio, e, como bem observado por Cândido, há um descompasso entre os desejos e vontades de museus e os desejos e vontades de Museologia, nos colocamos diante de alguns questionamentos.

O primeiro deles é: por que concentramos esforços mais na titulação de Museólogo do que em capacitar e habilitar formações de distintos graus, que possuem suas características próprias e são complementares e necessárias ao trabalho em museus? Em seguida, nos perguntamos: por que o enfoque recaiu muitas vezes sobre a divisão de uma mesma categoria – trabalhadores de museus, de modo geral- do que em colocar nas mesmas tramas os compassos entre a Museologia e os museus, unindo teoria e prática, dando sentido e valor aos diferentes profissionais advindos das distintas instâncias de formação?

A discussão acerca destes dois profissionais citados – especialista e técnico, que não são contemplados pela lei de regulamentação, mas que atuam profissionalmente nos museus de todo país – ao contrário de ser abafada, a nosso ver, deveria ser amplamente discutida. Reiteramos a fala de Cury em nossa entrevista, ao colocar que todo profissional é necessário e tem seu valor, e que as falsas hierarquias, ao contrário de resguardar determinada categoria profissional, acabam por prejudicar a situação do campo como um todo.

Todos estes fatores colocados nos levam a um último questionamento: será que, ao invés de nos preocuparmos cada vez mais com as diferenças profissionais que nos cercam, não deveríamos estar mais ocupados de aproximar nossas semelhanças, aquilo que nos une, que nos é comum – a constante e árdua luta pela salvaguarda e comunicação de nosso patrimônio museológico?

Por fim, encerramos aqui com mais uma citação de Rússio, na qual a museóloga discorre sobre a exigência cada vez maior que se faz de parte dos museólogos acerca da questão da formação reflexiva e do pensamento crítico:

Em 1978, timidamente repetíamos a definição de Museologia como “ciência dos museus” (Gustavo Barroso, 1953), ou “ciência dos museus e de suas relações com a sociedade” (ICOM, aceita até 1977); ousávamos acrescentar “e é também a ciência da relação homem/objeto” (1977, dissertação de mestrado). Até então, exigia-se do Museólogo nada mais que noções de curadoria e que fosse alguém mais “especialista em generalizações” que conhecedor do fato e do processo museológico, da relação homem-objeto, do processo de musealização. Até o momento se dá privilégio a uma formação embasada no estudo físico-externo dos objetos, em detrimento de seu caráter polissêmico, do mesmo modo que se esqueceu de questionar profundamente os critérios de coleta e formação de acervos e, sobretudo, o sistema interno da própria Museologia. **Em síntese, falta reflexão crítica que contribui para a formação e que renova a ciência, ela mesma.** (RÚSSIO, 1990, in: BRUNO, 2010^a; p.258; grifos nossos).

3.3 A tecitura: cruzamentos entre os pontos traçados neste trabalho

Passaremos agora, ao arremate de elementos de análise que já foram indicados ao longo deste trabalho, desdobrando tais elementos em características que foram percebidas acerca da formação pós-graduada em São Paulo, após as análises feitas.

Acerca do curso da FESP, de um modo geral, se percebe que, em um momento inicial, em seus primeiros anos, houve um momento de afirmação e consolidação da Museologia como área de conhecimento, um fenômeno que ocorria paralelamente em discussões nacionais e internacionais, conforme já foi exposto nos capítulos anteriores.

É primordial apontar a presença de Waldisa Rússio nesse debate, pois a coordenadora do curso trouxe tais discussões para seus alunos, e, ao mesmo tempo em que formava sua própria visão teórica acerca da Museologia, a ensinava e debatia com seus alunos.

Outro ponto importante de ser levado em consideração é a influência da sociologia nesta linha de pensamento estabelecida na FESP. O próprio conceito de fato museal ali lançado e consolidado demonstra uma preocupação na inserção do fator “humano” dentro dos museus e da Museologia. Afora isso, ainda podemos citar aqui as frequentes preocupações nos documentos, bibliografia, e nas próprias disciplinas com este viés, que se refletia tanto nas citações com relação aos diversos tempos sociais presentes no país, quanto com as questões que tangem a educação em museus, além das disciplinas especificamente relacionadas à sociologia, a visão do trabalho social exercido pelo museólogo, e em tantos outros vieses que ainda podem ser explorados em outros trabalhos.

Esta visão por si só acaba por reafirmar a Museologia não apenas enquanto uma disciplina, mas também já a situa dentre as ciências sociais aplicadas, enquadrando tanto seu viés teórico e político, mas também a práxis museal. Contudo, esta afirmação não vem de uma continuidade de um pensamento já estabelecido em território nacional, mas nasce justamente da ruptura em relação à concepção de Museologia pré-estabelecida como simplesmente “ciência de museus”, que se ocupava mais das técnicas museográficas (com toda a importância que estas possuem), mas que ignorava as questões que foram acrescentadas por esta nova visão aproximada da esfera social dos museus afirmada por Rússio.

Outro elemento evidente do curso de Museologia da FESP foi a valorização da interdisciplinaridade, que transcendia as questões teóricas dos textos de Rússio, e foi bastante citada no corpo das entrevistas, e na própria interdisciplinaridade contida nas disciplinas ministradas pelo curso.

Uma outra questão necessária a se arrematar aqui foram os distintos momentos pelos quais o curso passou durante sua existência, com as mudanças ocorridas na grade de professores, monitores e até mesmo mudanças de endereço – que foram tantas que até dificultaram o trabalho de pesquisa, não tendo sido possível mapear em que momentos o curso se mudou, e quais foram todos os endereços que ocupou durante sua história. Essa inconsistência pode ser observada, por um lado, pelo próprio apoio (ou falta dele, em muitos casos) da mantenedora do curso, a FESP, mas, por outro lado, pelos distintos momentos pelos quais a Museologia perpassou enquanto disciplina e enquanto área em consolidação no âmbito paulista.

Portanto, acompanhar a história desse curso nos foi importante no sentido não apenas de mapear suas disciplinas, seus ex-alunos, ex-docentes e inúmeras atividades realizadas em seu bojo, mas também foi, na prática, relacioná-lo a uma estrutura de longa duração à qual pertence a história do pensamento museológico, a consolidação de seus conceitos, as iniciativas em formação na área, os percalços e potencialidades da área de museus em São Paulo, enfim, as tais dores e delícias de se tecer os saberes e fazeres museológicos na região, relacionando-os aos fatos dos panoramas nacional e internacional.

Ainda é necessário destacar o caráter de resistência enfrentado pelo curso da FESP na continuidade de seus trabalhos, pois houveram grandes dificuldades financeiras e de infraestrutura do curso tanto durante o período de vida de sua coordenadora, que foram potencializadas após a sua morte, a ponto de inviabilizar o curso na maneira em que este havia sido concebido.

Também é necessário destacar que, ao mesmo tempo em que Waldisa Rússio acrescentava muitos traços de sua personalidade e de suas características filosóficas e

acadêmicas, isso também trouxe ao curso momentos de tensão após sua morte, pois sua figura estava de tal modo embricada nesta instância de formação a ponto que não foi possível superar tal fato e sobreviver a ele, o que nos levou a uma triste realidade de “morte” do curso quase que contemporâneo ao falecimento de sua coordenadora. Identificamos isto como uma fragilidade institucional, à qual foram associados os inúmeros fatores enumerados acima, mas profundamente potencializados pela prematura morte de Rússio.

Passando para as características que fizeram parte do CEMMAE, as primeiras e principais destas envolvem, inicialmente, o fato do curso ser pautado na noção de cadeia operatória museológica, tendo sido estruturado em torno de disciplinas básicas e seminários que abordavam questões teóricas, práticas e operacionais com as quais os profissionais se deparariam, mais tarde, na práxis museológica.

A estrutura do curso, que, ao contrário daquela do curso da FESP que possuiu vários momentos distintos, permaneceu a mesma durante os anos em que o curso ocorreu, apenas apresentando alguns pequenos ajustes em termos de cronograma e no próprio estatuto do curso, a fim de melhorá-lo. Isso também foi possível de ser identificado em relação aos objetivos do curso, que tampouco se modificaram com os anos.

Pelo que pudemos aferir diante da documentação, bibliografia e entrevistas, as disciplinas básicas, já pautadas na ideia de cadeia operatória, dividiam os temas da salvaguarda e comunicação, priorizavam uma visão museológica do “todo”. Isso foi possível averiguar especialmente nas entrevistas de ex-discentes, em especial a fala de Beatriz Cavalcanti de Arruda, quando coloca a clareza que ficou em relação ao conceito de equilíbrio almejado dentro da cadeia operatória, entre as áreas de salvaguarda e comunicação.

A ferramenta de visão do todo ainda é comentada por ela como algo útil para diagnosticar uma instituição. Um tom semelhante foi adotado por Manuelina Duarte Cândido e Kátia Felipini, o que nos indica uma formação de especialistas com foco na criação de um olhar diagnóstico para as instituições museais. A construção deste olhar era portanto, iniciada em seus estudos teóricos, passava por momentos de contato com a prática, através de estágios e viagens de estudo, e por fim, voltava-se à submissão do pensamento crítico através da elaboração de um trabalho de monografia.

Consideramos ainda que a proposta do curso, evidente na documentação em diversos momentos, colocava que o curso entendia a Museologia enquanto ciência social aplicada. Outro ponto muito ressaltado nesta documentação é a visão processual

do museu – os processos, abordados nas próprias disciplinas, como pontos da cadeia operatória, desdobrando-se em ações de salvaguarda e comunicação, além dos seminários intensivos e temáticos, que aprofundavam alguns temas com especialistas nos respectivos assuntos.

Ainda os eventos promovidos no âmbito do curso, frequentados por profissionais de todo o país e mesmo vindos de instituições internacionais atesta certo reconhecimento e validação pelos pares com relação ao próprio curso, além de colocar os estudantes em posição de apresentação e debate de suas ideias desenvolvidas nas monografias.

Nesse sentido, podemos interpretar que o CEMMAE acrescentava importantes pontos para a tecitura, com seu caráter abrangente ao capacitar, instrumentalizar e orientar os profissionais através dos estudos em seu bojo.

Conectando todos os pontos citados acima, que se pode dizer acerca da formação pós-graduada em Museologia em São Paulo, a partir dos cursos pesquisados?

Inicialmente, é necessário colocar que São Paulo ocupa um lugar distinto justamente pela ausência de graduação. A opção pela pós-graduação, por um lado, reflete uma lacuna, e por outro, mostra uma preferência, que, no caso, favoreceu uma valorização da interdisciplinaridade como fortaleza desses cursos. Em ambos, o discurso interdisciplinar é bastante forte, e o próprio ambiente da pós-graduação é um lugar privilegiado para que este diálogo ocorra. Também a consolidação de alguns conceitos, como o de fato museal, cadeia operatória museológica, e visão processual acerca dos museus são pontos recorrentes dessa tecitura. A visão processual, de acordo com os depoimentos orais coletados, auxilia na formação de um certo “olhar museológico”, ou seja, no treino do olhar que interpreta a realidade museológica com que se depara. O contato com a realidade, através de estágios, palestras e disciplinas já voltadas à prática também demonstra forte noção da dimensão aplicada da Museologia, buscando um contato entre a “Museologia sonhada” e a “Museologia real” de que falava Rússio.

Esta tecitura se mostra ainda, como um conjunto de iniciativas que partiram de coletividades, encabeçadas por pessoas que tomaram à frente tais processos de concepção, abertura, e manutenção desses cursos. Longe de passar por caminhos fáceis, previsíveis e lineares, percebemos um longo histórico de resistência por parte desses cursos, ao enfrentar problemas de manutenção financeira, garantia de condições mínimas de infraestrutura para o aprendizado, validação e reconhecimento

dos profissionais que ali se formaram no campo de trabalho, questões de regulamentação da profissão e combate ao amadorismo no trabalho nos museus, além da marcação dos respectivos conceitos que embasaram essas instâncias de formação.

No sentido de quebrar eventuais impressões de linearidade entre um curso e outro, gostaríamos de colocar as principais diferenças que nos parecem relativas à maneira como os cursos eram estruturados, que por sua vez estão diretamente relacionadas com as diferenças temporais e seus respectivos contextos históricos.

O curso da FESP vem de uma perspectiva de formar pessoas enquanto ainda se debatiam, pensavam e consolidavam visões gnoseológicas acerca da Museologia e do trabalho em museus, do papel do museólogo e do desejo de transformação de uma realidade museal, estando portanto à mercê de todas essas discussões e mudanças, às quais respondeu com o passar do tempo. Passou por muitos momentos, altos e baixos, que marcaram pequenas rupturas, que procuramos identificar no segundo capítulo de maneira mais esmiuçada.

Em um segundo momento, o CEMMAE se coloca em uma perspectiva já inserida em uma Universidade consolidada, com uma influência de alcance nacional e internacional. O curso teve de lidar, portanto, com um outro tempo, que trouxe outros desafios e necessidades: a de realização de pesquisas acadêmicas críticas na área de Museologia; a inserção das novas tecnologias nos trabalhos técnicos; o crescente destaque que se deu, no início dos anos 2000, com áreas que antes não necessariamente eram abordadas nos cursos de museus e Museologia, como administração, marketing e planejamento museológico; a questão do diálogo entre o saber teórico e o fazer técnico; a construção de um olhar do todo e visão diagnóstica; os embates e tensões com a relação já estabelecida pela regulamentação da profissão.

Também é necessário voltar a ressaltar que, enquanto o curso da FESP passava por várias mudanças, inclusive de endereço, o CEMMAE, por já contar com a estrutura e respaldo da Universidade de São Paulo e um programa acadêmico sólido, não sofreu mudanças estruturais em seu curso.

Essas especificidades e diferenças colocadas acima acabam por particularizar cada universo dos cursos, e romper com a ideia de um passado linear e previsível que se possa ter. Percebemos que, assim como qualquer processo histórico, há rupturas e continuidades acerca deste processo, pontos que se continuam tecendo de maneira semelhante e furos que rompem com o que já se teceu no passado. Pontos de inovação em relação ao tempo anterior, e pontos que simplesmente herdaram concepções que se estabeleceram e continuaram fortes como nós. Sobre tudo, é necessário pontuar que

essa construção que se teceu e ainda se tece é coletiva, dinâmica, crítica e com grande capacidade de auto-renovação, pois todo ponto pode ser desfeito, revisto, e refeito de outra maneira.

Considerações finais

Para as nossas considerações finais, retomaremos aqui alguns pontos que foram tecidos ao longo deste trabalho, dando ênfase para as principais características da tecitura do ensino de Museologia em São Paulo, no sentido de reforçar e sintetizar alguns apontamentos para a nossa pergunta inicial: há alguma especificidade na Museologia Paulista, sob o viés da formação pós-graduada? Faremos então, um pequeno apanhado das principais características deste ensino, colocando ao fim algumas reflexões críticas acerca do assunto.

Inicialmente, é necessário destacar o contexto principal que gerou as particularidades do ensino de Museologia em São Paulo em relação ao contexto brasileiro: a ausência de graduação, e a escolha pela pós-graduação, já justificada diversas vezes em documentos do curso da FESP, o que consolidou uma visão alinhada com as questões discutidas no ICTOP e ICOFOM, cristalizando uma verdadeira defesa da pós-graduação apoiada nos conceitos que estavam sendo discutidos, à época, no âmbito destes comitês.

Da mesma forma, também é necessário comentar a importância das experiências de ensino em Museologia anteriores e posteriores aos cursos da FESP e do CEMMAE, pois foram imprescindíveis para que se desse forma a essa tecitura. Essas iniciativas, já destacadas anteriormente no primeiro e terceiro capítulos, demonstram não apenas uma preocupação com a salvaguarda patrimonial, mas a formação de um olhar sensível à preservação do patrimônio imaterial, desde a criação do Departamento de Cultura com Mário de Andrade e o foco dado pelos intelectuais da época à pesquisa, passando pela criação e organização dos Museus Históricos e Pedagógicos e a posterior necessidade de criação do curso ministrado por Vinício Stein Campos no interior do estado, até a valorização e curadoria de experiências artísticas inovadoras e fundação de um museu universitário, com Walter Zanini, a fundação do curso da FESP, além das inúmeras iniciativas ocorridas na Universidade de São Paulo, desde disciplinas até cursos como o CEMMAE, o curso de Arte e Museologia do MAC e o próprio PPGmus.

Acerca dos dois cursos estudados, o curso oferecido pela FESP nos pareceu ser uma iniciativa única e inovadora no cenário do ensino de Museologia em São Paulo. Sua especificidade se deu, principalmente, pelo fato deste, em seus diferentes momentos, estar integrado conceitualmente com as discussões internacionais e nacionais, em grande medida em relação à teoria museológica e às particularidades e

problemas ligados à Museologia enquanto disciplina. A preocupação em imbuí-la de um caráter científico, e de centrar seu ensino na interdisciplinaridade, apoiado ao mesmo tempo nos saberes e fazeres técnicos, mas também nas reflexões críticas são fatores que nos remetem às particularidades inovadoras deste curso para a sua época.

Também é necessário lembrar o quanto das ideias e conceitos calcados pela fundadora e coordenadora do curso, Waldisa Rússio, estiveram presentes não apenas na bibliografia e textos redigidos por ela, mas também estiveram presentes na própria grade do curso.

De maneira resumida, percebemos que os tais conceitos principais foram os de Fato Museal, muito presente na bibliografia cunhada pela autora na época; de visão processual acerca do Museu e de suas diferentes áreas, também reforçada pelos textos da autora¹⁴⁴; a Interdisciplinaridade como método – que se reflete de maneira explícita na grade de disciplinas do curso; a influência da Sociologia, percebida essencialmente, com a preocupação com o “homem”, “sujeito conhecedor”(RÚSSIO, in: BRUNO, 2010; v.I, p. 123-124), que assume um papel ativo diante do “objeto” e “cenário” que envolvem o fato museal - conceitos esses expressos diversas vezes em seus textos, mas também na própria inserção do curso na FESP e no diálogo que as disciplinas travavam com a sociologia, afora a compreensão acerca dos diferentes tempos sociais que cercam as realidades museológicas no Brasil e no mundo.

Observou-se, também, ao longo do tempo, diferentes momentos do curso da FESP, conforme colocado no segundo capítulo. Esses momentos passam, inicialmente, por uma consolidação do próprio curso como uma instância de formação em Museologia reconhecida pelos pares, que se iniciou em sua fundação e funcionamento no MASP, culminando na inauguração do Instituto de Museologia de São Paulo. A autonomia do IMSP foi um fator decisivo para a validação do próprio campo em São Paulo, através da organização dos alunos da Associação Paulista de Museólogos e da luta pela regulamentação da profissão de museólogo, pontos tecidos que estão presentes no capítulo terceiro.

Contudo, os momentos finais do curso da FESP, conforme descritos no segundo capítulo, foram marcados por dificuldades institucionais e financeiras, levando ao ensino uma característica de precariedade, ao mesmo tempo em que atribuía ao curso e a seus corpos docente e discente um caráter de resistência às dificuldades que se impuseram

¹⁴⁴Marcelo Mattos Araújo (ARAÚJO, in: BRUNO, 2010, v.II; p.112) discorre acerca desta visão processual do museu no texto “Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – Agente da utopia”, e o relaciona a distintos momentos da prática museológica da autora, como no excerto: “Essa visão do ‘museu-processo’ permitiria ainda, segundo Waldisa, ‘A construção de uma política museológica calcada na realidade nacional e nas várias realidades regionais, para que os museus possam se viabilizar como preservadores da memória e inspiradores da mudança’(Guarnieri, 1977, p.146)”.

naquela época. No entanto, institucionalmente o curso não resistiu à morte prematura de Waldisa Rússio, o que ao mesmo tempo, ressalta seu caráter agregador de liderança, como também demonstrou a fragilidade institucional de seu desmonte.

Em um segundo momento, ao avaliarmos o CEMMAE, já temos em vista um outro contexto, do final da década de 1990 e início dos anos 2000, atrelado à estrutura da Universidade de São Paulo, tendo à sua frente docentes que frequentaram o curso da FESP. Essa percepção nos insere em discussões diferentes daquelas que se colocavam na FESP: no CEMMAE, havia outros desafios a serem superados.

Inicialmente, o curso veio preencher uma lacuna de formação em Museologia em nível de pós-graduação, que, por sua vez, é proveniente de uma perspectiva de conceitos fundamentais da área já estabelecidos e absorvidos pelos docentes responsáveis pelo curso. A característica de constante debate e diálogo com órgãos internacionais como ICTOP e ICOFOM permaneceu, assim como a participação de profissionais que faziam parte desses comitês no curso, através dos Seminários e palestras que faziam parte do programa. É importante, portanto, considerar que o CEMMAE “herdou” os conceitos cristalizados no curso da FESP, partindo deste arcabouço para então ter suas contribuições próprias.

Dentre os pontos observados no segundo capítulo, e de maneira a resumir as tais especificidades trazidas pelo CEMMAE, desdobradas nos pontos a seguir. Inicialmente, detectamos a construção de um “olhar museológico”, ou seja, percebeu-se uma ênfase em oferecer ao discente uma base teórica da Museologia, que por sua vez era desdobrada no curso com o conceito de cadeia operatória museológica, através das disciplinas básicas de teoria museológica, salvaguarda e comunicação. Além disso, havia uma forte noção de “teste” deste olhar, realizado pelo confronto desses conceitos com a prática, expressa no curso pelas viagens de estudos, visitas técnicas, estudos de casos, e estágios.

Observamos ainda que este aspecto mais voltado à prática era permeado por exercícios que se voltavam ao exercício da gestão, reforçando conceitos como o de visão processual dos museus e de equilíbrio da operação da salvaguarda e da comunicação. Também é relevante destacar aqui a continuidade da valorização da interdisciplinaridade como algo inerente não apenas à Museologia (entendida como disciplina aplicada), mas à práxis museológica, dentro dos espaços museais. Essa valorização do curso se percebe pela busca da variedade de especialistas que ministraram aulas e seminários acerca de temas distintos que abrangem a cadeia operatória museológica.

Também é interessante ressaltar o lugar de resistência que o curso acabou ocupando justamente em relação ao registro profissional. Ao que nos foi possível aferir,

as tentativas de diálogo não tiveram sucesso – o que nos diz muito mais sobre as disputas do campo em si do que sobre o curso.

Observamos criticamente que há um desencontro entre a legislação vigente e o recorte dos cursos, pois justamente os cursos de mestrado *stricto sensu*, aos quais se confere a titulação de Museólogo aos formados, não contemplam o universo de técnicas e práticas museológicas sobre as quais este profissional deveria, em tese, ter domínio. Por outro lado, o CEMMAE, curso que buscava dar conta dessas especificidades, por ser uma especialização *latu sensu*, não pode oferecer a titulação de Museólogos por não ser contemplado pela legislação.

Temos, portanto, uma ruptura, que representa um furo nessa tecitura, além de um contrassenso na prática: de um lado, Museólogos sem a devida carga de aporte técnico para atuar, e, de outro, especialistas com o campo de atuação restrito, já que não houve nenhum êxito em criar uma outra categoria dentro do COFEM e COREM que contemplasse esses profissionais – problema este que também ocorre com os técnicos em Museologia.

Essa ruptura, ao contrário de garantir mais campo de trabalho aos que possuem o registro profissional, acaba por enfraquecer a todos, criando hierarquias desnecessárias e a desvalorização de profissionais que são imprescindíveis à preservação do patrimônio museológico.

Dentro deste mesmo aspecto, concluímos que cada vez mais o diálogo e aproximação das questões comuns entre os diferentes profissionais de museus se fazem necessários, considerando ainda o contexto atual de crise político-econômica agravada pelos cortes nas áreas de educação e cultura, responsáveis pelo esfacelamento de instituições museológicas e universidades espalhadas pelo país.

De maneira a finalizar este trabalho, mas sem, contudo, esgotar a questão do ensino pós-graduado em Museologia em São Paulo, apresentaremos aqui algumas características gerais comuns aos cursos estudados e ora percebidas em outras instâncias de formação do Estado ao longo da pesquisa.

Temos então, um pensamento marcado por uma ênfase na teoria museológica, voltada à realidade museal de maneira diagnóstica, processual e interdisciplinar. A teoria museológica se projeta nessa tecitura como pontos fortes, que alicerçam e embasam a construção das práticas que se tecem adiante. A reafirmação de alguns conceitos principais já citados acima é necessária, dentre eles o de fato museológico, cadeia operatória e importância do equilíbrio dessa operação, importância do conhecimento técnico aliado à uma base teórica sólida, além do caráter questionador através da elaboração das pesquisas de conclusão de curso. Além disso, há certa

inovação nessa tecitura, através das discussões acerca do campo e atuação de profissionais nele colocadas, embora na prática muitas vezes a falta de diálogos tenha demonstrado a fragilidade destes pontos, suscetíveis a rupturas e furos nessa tecitura.

De maneira geral, a Museologia, sob a ótica dos pontos tecidos coletivamente em São Paulo, deixa de ser apenas um ponto aglutinador de uma série de áreas específicas dos museus (documentação, expografia, ação educativa, conservação...) para ser um elemento fundamental que define e guia conceitualmente cada um deles, consolidando, portanto, uma visão diagnóstica, juntamente a um caráter questionador e propositivo – alinhando as dimensões teórica e aplicada da Museologia nesse tecido.

Um último ponto importante de ser ressaltado, observado em ambos os cursos é o caráter de resistência diante das dificuldades de manutenção de cursos de pós-graduação no Brasil, tanto sob o viés da FESP e suas dificuldades institucionais, quanto com o CEMMAE e a questão da regulamentação dos títulos.

Buscamos, portanto, não esgotar a discussão, mas levantar alguns pontos fundamentais para pensar nessa tecitura e em como esta se constituiu ao longo de sua trajetória. Longe de realizarmos uma defesa acrítica e inflexível de determinado modelo de ensino de Museologia, reconhecemos a importância de seus diversos níveis: técnico, graduação e pós-graduação. Entendemos, porém, que a especificidade da pós-graduação em São Paulo e a ausência da graduação encaminham historicamente essa tecitura por alguns caminhos característicos, que buscamos desvelar ao longo deste trabalho.

Acreditamos que esta tecitura não se encerra nestas discussões e neste contexto, esperando ainda que as tecituras futuras possam esclarecer questões, estabelecer diálogos, emendando as rupturas e costurando um futuro melhor tanto para os museus quanto para os profissionais de museus.

Finalizaremos, então, com uma pergunta instigadora para essa perspectiva futura: será que os pontos a serem traçados pelo ensino de Museologia darão conta dos desafios do presente e do futuro dos museus, superando as já apontadas dificuldades e estabelecendo cada vez mais fóruns de diálogo com a sociedade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Aureli. *Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa de sua dama- a Pré-História*. São Paulo: tese- Museu de Arqueologia e Etnologia, 2007.

ALMEIDA, Gabriela Sandes Borges de; HERENCIA, José Luiz. *A Fundação VITAE e seu legado para a cultura brasileira – Parte I: Fontes conceituais, linhas diretivas, programas próprios e legado*; in: *III Seminário Interno Políticas Culturais, 2012*. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2012/09/Gabriela-Sandes-Borges-de-Almeida-et-alii.pdf> , acesso em 11/04/2017 às 10:19.

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

ARRUDA, Beatriz Cavalcanti de. *O museu da Cidade de São Paulo e seu acervo arquitetônico*. São Paulo: dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. São Paulo, 2014

ÁVILA, Ana Carolina Xavier. *Museus Históricos e Pedagógicos no século XXI: processo de municipalização e novas perspectivas*. Dissertação (Mestrado em Museologia). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

BARAÇAL, Anaildo. *Objeto da museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio; Rio de Janeiro, 2008.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à técnica de museus*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica: 1946.

BOYLAN, Patrick. *The ICOM Curricula Guidelines for Museum Professional Development and the Extension of ICOM's official role into the Living Intangible Heritage*, in: ICME Papers, 2004. Acesso em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icme/pdf/Conference_papers/2004-2005/ICME_2004_boylan.pdf; em:10/01/2017, às 11:59.

BRUNO, Ernani. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono*. Tese (livre-docência), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

_____. *Museologia: os inevitáveis caminhos entrelaçados*. In: Cadernos de Sociomuseologia, n.25. Lisboa, 2006.

_____. (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. Vols. I e II

_____. “Os Museus servem para transgredir: um ponto de vista sobre a museologia paulista.”; in: *Museus: O que são, para que servem?*. SISEM-SP – Sistema Estadual de Museus de São Paulo (org.). ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura. São Paulo, 2011 (Coleção Museu Aberto).

_____.; FELIPINI, Katia Regina Neves (coord). *Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas*. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

_____.; *XIX Conferência Anual do Comitê para Museologia do Conselho Internacional de Museus – ICOFOM/ICOM*, França, junho-julho de 1997.

_____.; *Museologia e Museus – como implantar novas tendências*. Rio de Janeiro: 1993.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Ondas do pensamento museológico brasileiro*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Especialização em Museologia do MAE/USP. São Paulo: 2000.

_____. Cartas de navegação: planejamento museológico em mar revolto.; in: Cadernos de Sociomuseologia, 4. Lisboa, 2014.

CERAVOLO, Suely Moraes. *Delineamentos para uma teoria da museologia*. in: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.12.p. 237-268. jan./dez. 2004

COELHO, Priscilla Arigoni. *Metáforas em rede no processo de Institucionalização: um estudo sobre memória e discurso da Museologia no Brasil (1932 a 1985)*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2015.

CURY, Marília Xavier. *Museologia – marcos referenciais* ; in : Cadernos do CEOM – Ano 18, n.21 – Museus : Pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó : UnoChapecó, 2008.

DELOCHE, Bernard. *Museologica – contradictions et logique du musée*. Paris, Éditions M.N.E.S.: 1989.

FABRIS, Annateresa. *Walter Zanini, o construtor do MAC-USP*. Rio de Janeiro: CBHA, 2009.

FREIRE, Cristina (org.) *Walter Zanini – escrituras críticas*. São Paulo: Annablume/MAC:2013

_____.; *Museos em red: La dialética impecable de Walter Zanini*. Madri: 2014

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Paulo Duarte e o Instituto de Pré História – documentos inéditos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1994.

Icofom Study Series. Suécia: Internacional Committee for Museology, 1983.

GUERRA, José Wilton Nascimento. *O projeto de Ernani da Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979)*. São Paulo, 2015. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo.

HAYASHI, Marli Guimarães. *Paulo Duarte, um Dom Quixote brasileiro*. São Paulo: 2001.

MAROEVIC, Ivo. *Introduction to Museology – The European approach*. Munique: Verlag Dr. Christian Müller-Straten, 1998. Disponível em: <http://www.worldcat.org/title/introduction-to-museology-the-european-approach/oclc/475116392/viewportversãocortada>; acesso em 24/05/2016, às 11:14.

MARX, Murillo de Azevedo. *Ernani da Silva Bruno, perfil de grandeza*; in: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 27, p. 127-39, 1987.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Museu virtual é o museu do futuro?* São Paulo, 2009

_____.; *Para que serve um museu*. [Entrevista]. Rio de Janeiro, 2007.

_____.; *O documento e o problema das intenções na escrita da história*. São Paulo: Departamento de História/USP, 2007.

_____.; *Patrimônio*. São Paulo, 2007.

_____.; *Os usos culturais da cultura – contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____.; *Museus Históricos: da celebração à consciência histórica*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992.

_____.; *Para que serve um museu histórico?* São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992.

MENSCH, Peter van. *O objeto de estudo da museologia*. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994. (Pretextos Museológicos, n.1)

MISAN, Simona. *A implantação dos Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo (1956-1973)*. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, 2005.

MuseologicalWorkingPapers: interdisciplinarity in museology. Estocolmo: Internacional Committee for Museology of the International Council of Museums (ICOFOM- ICOM), 1980.

MuseologicalWorkingPapers: interdisciplinarity in museology. Estocolmo: Internacional Committee for Museology of the International Council of Museums (ICOFOM- ICOM), 1982.

PALMA, Adriana A. M. D. L. *Invenções museológicas em exposição do MAC do Zanini e MASP do casal Bardi (1960-1970)*. São Paulo: 2014.

PEARCE, Susan M. *Objects of Knowledge*. Londres: The Athlone Press, 1990.

RODRIGUES, Marly. *Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2000.

RUSSIO, Waldisa Pinto. *Museu, um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento*. Dissertação (mestrado). Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Escola Pós graduada de ciências sociais. São Paulo, 1977.

SÁ, Ivan Coelho de. *“Institucionalização das práticas museológicas: oitenta anos do Curso de Museus”*, in: Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2012.

TEATHER, Lynne. “A history”, in: Museum International. Paris, ICOM- International Council of Museums, v.68, 2016.

The ICOM Basic Syllabus for Professional Museum Training. International Committee for the Training of the Personnel (ICTOP). Grenoble, 1971.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Listagem da documentação analisada

Listagem 1

Levantamento de Documentação – Centro de Documentação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Título	Descrição	Data
Curriculum Vitae resumido	Currículo de Waldisa Rússio	fev/86
EPG - Curriculum de Professores	Banco de Currículos - formulário do CNPq, modelo 168, contendo o currículo de Waldisa Rússio	1983
Declaração n. 6 - Delegacia Regional do Trabalho do Estado de São Paulo	Declaração de que Waldisa Rússio estava 'devidamente registrada' como museóloga.	26/03/1986
Diploma da Escola Pós Graduada de Ciências Sociais da FESP	Diploma de Doutora em Ciências concedido à Waldisa Rússio	10/03/1985
Ofício SPHAN n.051	Ofício endereçado a Waldisa Rússio, que fazia parte do Conselho Editorial da Premiação do Concurso de Monografias Comemorativo aos 50 anos do SPHAN, para solicitar que avaliasse as 11 monografias anexadas à correspondência.	16/03/1988
Parte da Produção Científica da Diretora do Instituto a partir de 1978	Reunião de textos de autoria de Waldisa Rússio publicados em diversos meios	1978
ICCROM Technical Assistance Program	Atestado de Recebimento de material enviado pelo ICCROM para o Curso de Museologia	14/11/1984

Alunos de Museologia - 1984 a 1994	Listagem completa de alunos do Curso de Museologia entre 1984 a 1994	sem data
Waldisa Pinto Rússio - Pré Doutoral ou Doutorado	Formulário Pré-Doutoral do Cadastro de Teses da Tese de Doutorado de Waldisa Rússio	1976
Seminário Permanente do Currículo Obrigatório e demais disciplinas regimentais	Seminário ministrado no Museu Casa Guilherme de Almeida	23/06/1978
Edital - Arguição Final	Edital para marcar a arguição da defesa de Doutorado de Waldisa Rússio	1977
Estágio Supervisionado Interno-Corpore	Documento da FESP sobre estágio realizado por Waldisa Rússio	21/05/1980
Requerimento de matrícula	Documento da FESP de requerimento de Matrícula da então discente Waldisa Rússio	17/03/1980
Certificado - Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura	Certificado concedido a Waldisa Rússio por frequentar o curso "Técnicas de Museologia I"	31/03/1978
Fundação Joaquim Nabuco - Certificado de Participação	Certificado de participação como conferencista no I Encontro de Museólogos do Norte e Nordeste, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco	13/08/1982
Questionário para levantamento das pesquisas em processo no Brasil - Conselho Nacional de Pesquisas	Formulário preenchido com os dados da pesquisa realizada por Waldisa Rússio	10/06/1980
[Notícia de jornal] Itu encerra palestras sobre museu	Recorte de jornal sobre ciclo de palestras sobre museus em Itu, que, de acordo com a nota, tal ciclo haveria se transformado em um "curso de Museologia"	sem data

Ofício Secretaria de Estado da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia	Ofício afastando a funcionária da Secretaria, Waldisa Rússio, para ministrar curso sobre Herança Cultural em Santa Catarina	14/10/1981
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Documentação II - Relatório Progressivo da Pesquisa" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Organização Humana II, Comportamento da Estrutura da Personalidade" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Organização Humana I, Organização Social" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Documentação I" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Bibliografia" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Estudo de Problemas Brasileiros" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Fenomenologia" cursada por Waldisa Rússio	04/10/1977
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Prospectiva" cursada por Waldisa Rússio	04/11/1977

Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado do Mestrado da FESP - Cadeira "Metodologia" cursada por Waldisa Rússio	07/10/1977
[Notícia de jornal] "Cursos"	Nota publicada pelo Estado de S. Paulo divulgando cursos que foram ministrados no Museu da Casa Brasileira	01/08/1974
Carta sem título	Carta de Diva Francisca Sgueglia, presidente da Associação Mundial para Educação Pré-Escolar, endereçada a Waldisa Rússio, agradecendo sua conferência ministrada com tema "A criança e o Museu"	06/10/1976
ICOM Brasil – Declaração	Declaração de Fernanda Camargo Moro, então presidente do ICOM-Brasil atestando que Waldisa Rússio era membro associado individual da entidade	06/12/1977
[Notícia de Jornal] "Os Caminhos do desenvolvimento antes da máquina"	Notícia publicada divulgando a exposição 'Tropa, Tropeiro, Tropeirismo' realizada pelos alunos do Curso de Museologia da FESP	17/12/1978
[Correspondência]	Telegrama sem indicação de autoria, sobre a oficialização da proposta do curso de Museologia	06/06/1975
[Notícia de Jornal] "Museólogos sem regulamentação"	Notícia publicada na Folha de S. Paulo, sobre o problema da regulamentação da profissão, com comentário de Waldisa Rússio	sem data
[Notícia de Jornal] "Museólogo, "agente catalisador do processo cultural"	Notícia publicada na Folha do Vestibular, com comentários de Waldisa Rússio descrevendo o curso da FESP.	02/12/1981
Certificado - Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Certificado de que Waldisa Rússio havia colado o grau de mestre.	12/10/1977
Cópia de ata de arguição final	Arguição do Mestrado de Waldisa Rússio	05/11/1980

Correspondência sem título	Carta de Renata Miceli Zoudine, do Ministério da Educação, advertendo a FESP sobre alguns pontos do curso de Museologia	15/10/1992
Carta sem título	Carta do Instituto de Museologia em resposta ao MEC, contendo uma justificativa para as exigências dadas pelo MEC.	17/08/1992
Carta sem título	Carta assinada por Waldisa Rússio, destinada aos diretores da FESP, contendo sugestões para adequação de uma casa que seria destinada a abrigar o Museu FESP e o Campus de Museologia da Fundação.	17/06/1982
Carta sem título	Carta dirigida à Delegacia Regional do MEC em São Paulo	24/03/1986
[Notícia de jornal] "Museus: temos o que comemorar?"	Artigo assinado por Marcelo Araújo e Cristina Bruno	sem data
Carta sem título	Carta de Marcelo Araújo, então presidente do COREM-SP destinada ao presidente do COFEM, pedindo a concessão do registro profissional aos alunos do curso da FESP	13/09/1990
Parecer do Ministério da Educação	Parecer MEC sobre Curso de Museologia do Instituto de Museologia da FESP	16/03/1988
Parecer do Ministério da Educação	Parecer MEC sobre Curso de Museologia do Instituto de Museologia da FESP	16/03/1988
Museologia – Especialização	Folheto de divulgação do Curso de Especialização em Museologia da FESP, contendo em seu descritivo a estrutura do curso, listagem de disciplinas, monitores, professores	1978

Livreto sobre o curso de Museologia (em três módulos de 375h cada) regulamentado pela resolução 14/77 do MEC com coordenação da Professora Waldisa Rússio Camargo Guarnieri	Folheto de divulgação do Curso de Especialização em Museologia da FESP, contendo em seu descritivo a estrutura do curso, listagem de disciplinas, monitores, professores	sem data
Curso de Museologia 1979	Folheto de divulgação do Curso de Especialização em Museologia da FESP, contendo em seu descritivo a estrutura do curso, listagem de disciplinas, monitores, professores	1979
Resolução n. 01/1985	Resolução de criação do Instituto de Museologia de São Paulo	09/05/1985
Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio, então coordenadora do curso de Museologia, destinada à delegacia regional do MEC, tendo em anexo o cadastro dos módulos I, II, e III do curso.	sem data
Carta sem título	Carta do Instituto de Museologia em resposta ao MEC, contendo uma justificativa para as exigências dadas pelo MEC.	17/08/1992
Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio, então coordenadora do curso de Museologia, destinada à delegacia regional do MEC	23/04/1984
Protocolo do MEC	Protocolo do MEC	20/12/1990
Carta sem título	Carta de Cristina Maria Costa Jorge, destinada a Gilda Portugal Gouveia, da Delegacia do MEC.	29/05/1995
[Notícia interna da FESP] 'Associação Brasileira de Museologia'	Notícia sobre reposição de aulas	16/12/1983
Carta sem título	Carta da delegada do MEC para Waldisa Rússio	09/05/1978
Programa	Programas de disciplinas	1984

Cadastro dos cursos pós-graduação 'Latu sensu'	Cadastro do curso e da coordenadora, Waldisa Rússio	sem data
Correspondência sem título	Correspondências entre o MEC e a FESP	1984
Regulamento Didático	Regulamento anexo ao Regimento interno da FESP, que dispõe sobre as regras do Instituto de Museologia de São Paulo	02/04/1990
Regulamento Didático	Regulamento anexo ao Regimento interno da FESP, que dispõe sobre as regras do Instituto de Museologia de São Paulo	16/11/1992
Regulamento Didático	Cópia do Regulamento didático de 02/04/1990	02/04/1990
Regulamento Didático	Regulamento anexo ao Regimento interno da FESP, que dispõe sobre as regras do Instituto de Museologia de São Paulo	mai/86
Instituto de Museologia de São Paulo	Texto institucional composto por tópicos como "histórico", "currículo e programas", "convênios", dentre outros.	sem data
Regimento Interno - Instituto de Museologia	Regimento interno do Instituto de Museologia de São Paulo, contendo como anexo o Regulamento Didático	1988
Carta sem título	Carta de Dalmo de Abreu Dallari destinada à Heloisa Barbuy sobre a regularidade do curso de Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo e a validação profissional do diploma	04/04/1990
Carta sem título	Correspondências entre a Associação Brasileira de Museologia e o MEC	30/12/1987

Carta sem título	Correspondência entre o Conselho Federal de Educação sobre o pedido de cancelamento de registros de diplomas de pós-graduação da FESP	05/02/1988
Carta sem título	Correspondência de Ricardo Nogueira Bogus, então secretário da Associação Paulista de Museólogos a Cristina Bruno dispondo sobre a regulamentação da profissão e a validação do diploma da FESP	11/09/1987
Carta sem título	Correspondência entre a Delegacia Regional do Trabalho e a Associação Brasileira de Museologia, dispondo sobre uma irregularidade do curso da FESP	28/04/1987?
Carta sem título	Correspondência da Associação Brasileira de Museologia destinada ao Ministério do Trabalho, dispondo sobre o registro irregular na profissão de museólogos.	10/09/1987?
Guia para formação de processo	Ficha preenchida pela Associação Brasileira de Museólogos para cancelamento de registro	27/10/1987
Organograma Fundação Escola de Sociologia e Política FESP	Imagem contendo o organograma da FESP na qual consta já a existência do Instituto de Museologia de São Paulo	sem data
Carta sem título	Correspondência de Ana Sílvia Bloise, então presidente do COREM SP destinada ao Instituto de Museologia de São Paulo, pedindo a correção de irregularidades no curso. Uma cópia da carta foi mandada para o COFEM	09/05/1992
Certificado	Certificação de cartório atestando a Escritura de Ratificação da FESP	09/05/1990

Carta sem título	Correspondência de Ivan Kotait, vice-diretor do Instituto de Museologia de São Paulo, destinada à Delegada do Ministério da Educação e Cultura de São Paulo.	02/03/1994
Aula Inaugural - Texto 1 Conceito de Museologia	Documento da FESP	sem data
Cópia do Regimento Interno do Instituto de Museologia de São Paulo de abril de 1990		
Palestra 'Museologia no Estado de São Paulo'	Convite da ASSPAM, em nome de Marcelo Araújo, para Waldisa Rússio	01/09/1988
Mesa Redonda "A formação do Museólogo no Estado de São Paulo: premissas da realidade"	Convite da ASSPAM ao Instituto de Museologia de São Paulo para estruturar a Mesa-Redonda.	01/09/1988
Sobre curso de Pós-Graduação em Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo	Documento da Associação Brasileira de Museologia versando sobre se o curso era reconhecido pelo Conselho Federal de Educação e se aos diplomados caberia o título de Museólogo	16/03/1988
Sem título	Documento da ABM versando sobre diversas questões profissionais, como o exercício da profissão	sem data
Carta sem título	Carta de Fernando Menezes de Moura, presidente da ABM, destinada a Waldisa Rússio	26/10/1985
Relação de profissionais inscritos no COREM SP	Relação contendo o nome do profissional, endereço e telefone	19/10/1995
Edital – Convocação	Edital da ASSPAM publicado no Estado de S. Paulo convocando profissionais a uma Assembléia para discutir sobre a regulamentação da profissão.	19/07/1986
Sem título	Lista de presença da Assembléia de Instalação do Conselho Regional de Museologia de São Paulo	29/07/1986

Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio a Cristina Bruno, então presidente da ASSPAM, confirmando sua presença e a de Pierina Camargo, então professora, na Assembléia da ASSPAM.	data não legível
Carta sem título	Carta aberta ASSPAM comunicando a presidência de Cristina Bruno e vice-presidência de Maurício Segall	sem data
Convite para o II Encontro Paulista de Museologia	O Tema do encontro era "Museu e Interdisciplinaridade"	jul/1987
Documentos da Asspam	Atas de reuniões, convites para eventos...	sem data
Ata da 7a Reunião extraordinária do COFEM	Ata juntamente à documentação referente à regulamentação da profissão	1990
Resolução /88	Autorização para funcionamento interno corporis do Mestrado em Museologia na FESP	sem data
Parecer Conselho Federal de Educação	Parecer do CEF destinado à CEF sobre o Curso de Museologia	14/06/1988
Carta sem título	Carta do COREM SP ao diretor da FESP, parabenizando pela realização da mesa na qual comenta sobre os 20 anos da criação do curso de Museologia	08/12/1998
Carta sem título	Carta de Ana Maria Leitão, então presidente do COREM sp, ao então diretor da FESP, Waltércio Zanvettor	04/08/1997

Carta sem título	Carta de Clarete de Oliveira Maganhotto, então presidente do COFEM, ao diretor do Instituto de Museologia de São Paulo, Roberto Haidar, contestando uma carta que este teria enviado a ela.	18/01/1993
Cartas sem título	Cartas entre o Instituto de Museologia de São Paulo e o COFEM	1992
Carta sem título	Carta dos alunos, professores e coordenação do curso de Museologia da FESP destinada ao secretário de Estado da Cultura da época, João Carlos Martins, dispondo sobre questões de tombamento.	sem data
Boletim de ocorrência	Boletim de ocorrência de autoria desconhecida, alegando disparo de arma de fogo contra o Instituto de Museologia de São Paulo	26/06/1991
Carta sem título	Carta de Cristina Maria Costa Jorge, então diretora da FESP, destinada à Delegacia do MEC, informando algumas questões curso, como justificativa, currículo da diretora.	06/05/1988
Resolução n. 01/1985	Resolução de criação do Instituto de Museologia de São Paulo	09/05/1985
Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio, então diretora da FESP, encaminhada à Secretaria Executiva do Grupo Técnico Consultivo da CAPES, sugerindo para a Comissão de Avaliação os nomes de Ecyla Brandão, Lygia Martins Costa, Maria Augusta Machado.	03/05/1988

Carta sem título	Carta do Instituto de Museologia, em nome de sua diretora Waldisa Rússio, destinada à Secretaria Executiva do Grupo Técnico Consultivo da CAPES, solicitando o permanente acompanhamento da CAPES para os Cursos de Museologia nos níveis de mestrado e Doutorado, e pedindo autorização para funcionamento dos cursos em caráter experimental.	03/05/1988
Relatório sem título	Relatório encaminhado à CAPES, em papel timbrado do Instituto de Museologia da FESP, contendo informações básicas sobre o curso, como endereço, justificativa, estrutura do curso.	sem data
ICCROM Technical Assistance Program	Recibo de recebimento de alguns equipamentos do Programa do ICCROM de Assistência Técnica	14/11/1984
La Formation du Personnel des Musées - Resolution adoptée par la 8ème Assemblée Général de l'ICOM, le 2 octobre 1965	Texto com a resolução do ICOM de 1965	02/10/1965
Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio, então diretora do Instituto de Museologia à Diretora Geral da FESP solicitando a aprovação dos regimentos	25/04/1988
Carta sem título	Resposta da Diretora da FESP, aprovando o regimento do Instituto de Museologia	27/04/1988
Regimento Interno - Instituto de Museologia	Cópia do Regimento interno já listado	1988
Convênio FESP USP - Ações e Cronograma de Repasse	Regimento do Convênio	02/12/1987
Banco de currículos – CNPq	Currículo de Waldisa Rússio, diretora do Instituto de Museologia	sem data

Sem título	Listagem completa dos professores do curso de Museologia	sem data
Alunos que cursaram os três módulos até 1987	Listagem dos alunos que cursaram os três módulos do curso até 1987, constando a instituição onde trabalhavam.	sem data
Museologia	Documento em papel timbrado do Instituto de Museologia de São Paulo, contendo Identificação do Curso, Justificativa, e endereço	sem data
Parte da Produção Científica da Diretora do Instituto a partir de 1978	cópia de documento já descrito acima	
Regimento Interno - Instituto de Museologia	Regimento do Instituto de Museologia	02/04/1990
Abaixo Assinado sem título	Abaixo assinado dos alunos do curso de Museologia para obtenção dos certificados de conclusão de créditos de mestrado	08/05/1986
Museólogo, "agente catalisador do processo cultural"	Cópia de notícia de jornal contendo texto sobre a profissão de museólogo e com participação de Waldisa Rússio, consta cópia do mesmo documento no arquivo do IEB	sem data
Sem título	Rascunhos referentes ao Museu da Indústria de São Paulo	sem data
Certificado	Certificado de grau de mestre concedido a Waldisa Rússio	12/10/1977
Resenha "Principes esthetiques et preparation des expositions didatiques"	Resenha de texto feita por Waldisa Rússio	sem data

Carta sem título	Carta do Instituto de Museologia para a Delegacia do Ministério da Educação em São Paulo contendo a relação de disciplinas do curso, os temas abordados pelos programas e os professores	17/08/1992
Curso de 1978	Documento datilografado contendo programas de disciplinas - parece um rascunho	sem data
Carta sem título	Carta de Waldisa Rússio, endereçada à Diretoria Executiva da FESP, solicitando adequações para a casa que sediava o curso de Museologia	17/06/1982
Parecer Ministério da Educação	Parecer do MEC sobre o Curso de Museologia da FESP	16/03/1988
Museologia – Especialização	Folheto de divulgação do Curso de Especialização em Museologia da FESP, contendo em seu descritivo a estrutura do curso, listagem de disciplinas, monitores, professores	sem data
Carta sem título	Carta de Maria Costa Jorge à Delegacia do Ministério da Educação e Cultura de São Paulo, com conteúdo que procura convencer o destinatário da devida importância do curso de Museologia da FESP, para solicitar que a então delegada autorizasse a 'nossa participação no meio museal do Brasil'.	29/05/1995
Associação Brasileira de Museologia	Nota sobre a regularidade do curso de Museologia da FESP	jul/84
Carta sem título	Comunicado de Waldisa Rússio à Delegacia Regional do MEC informando mudança de endereço do Curso de Museologia da FESP.	sem data
Especialização latu sensu em Museologia	Programa do primeiro módulo do curso da FESP	sem data

Programa Módulo 2	Programa do segundo módulo do curso da FESP	1984
Programa Módulo 3	Programa do terceiro módulo do curso da FESP	1984
Programa Museologia 1 Técnicas e processos artísticos	Programa de disciplinas do primeiro módulo do curso da FESP	1984
Carta sem título	Carta do tesoureiro da FESP informando Waldisa Rússio de que os débitos aos professores seriam pagos o mais rápido possível	31/05/1985
Regulamento Didático	Regulamento anexo ao Regimento interno da FESP, que dispõe sobre as regras do Instituto de Museologia de São Paulo	16/11/1992
Instituto de Museologia de São Paulo	Documento contendo informações sobre o Instituto	sem data
Carta sem título	Carta do Secretário geral da FESP para a Diretoria Executiva da FESP, comentando sobre algumas questões do curso de Museologia	22/01/1986
Curso de Museologia - Relação de Matriculados	Relação de alunos com informações básicas como Curso Superior e Instituição onde trabalham	1978 a 1991
Curso de Museologia Avançada	Folder do curso do Instituto de Museologia de São Paulo, constam as disciplinas e estrutura do curso.	sem data
Seja especialista em Museologia	Carta de divulgação do Curso de Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo, na qual constam as disciplinas e o corpo docente	1992
Escola Pós Graduada de Ciências Sociais	Folheto de divulgação dos cursos da FESP, contendo em seu descritivo o histórico e as teses defendidas	sem data
Curso de Museologia Avançada – Pós-Graduação Lato sensu	Documento de divulgação do curso oferecido pelo Instituto de Museologia de São Paulo , constando as disciplinas e o corpo docente.	sem data

Seminário Latino Americano de Museologia	Folder de divulgação do Seminário Latino Americano de Museologia, cujo objetivo era discutir a formação de pessoal para museus no contexto Latino Americano	1990
Curso de Museologia Avançada	Folheto de divulgação do curso da FESP, mais recente	1993
I Seminário Latino Americano de Museologia	Folheto de Divulgação do Seminário, que abordava a realidade Latino Americana	1990
Tapeçaria - História e Técnicas	Programa de Curso de Tapeçaria oferecido pelo Instituto de Museologia de São Paulo	setembro de 1990
Instituto de Museologia de São Paulo	Folder de divulgação do Instituto de Museologia de São Paulo, contendo informações sobre os cursos oferecidos: cursos de atualização para ex alunos, cursos de extensão universitária, e cursos de difusão cultural, além da especialização	1991
Instituto de Museologia de São Paulo	Folder de divulgação do Instituto, contendo texto que salientava a fundação do mesmo por Waldisa Rússio e contendo informações sobre os cursos	1991
Curso de Museologia Avançada – Pós-Graduação Latus sensu	Folder de divulgação do Curso de Museologia contendo o conteúdo programático das disciplinas e o corpo docente	sem data
Instituto de Museologia de São Paulo	Folder de divulgação do Instituto de Museologia de São Paulo, contendo informações sobre os cursos oferecidos: cursos de atualização para ex alunos, cursos de extensão universitária, e cursos de difusão cultural, além da especialização	sem data

Cursos de Museologia "Pós-Graduação"	Folder de divulgação do Curso de Museologia contendo o conteúdo programático das disciplinas e o corpo docente	sem data
FESPSP Instituto de Museologia de São Paulo – Pós-Graduação Latu sensu	Folder de divulgação do Instituto de Museologia de São Paulo, contendo informações sobre os cursos oferecidos	1993
Museologia - Uma profissão nova	Folder de divulgação do Instituto de Museologia de São Paulo	sem data
Segurança e Conservação dos acervos	Manual de Conservação com o carimbo do Instituto de Museologia de São Paulo, editado pela Secretaria de Estado da Cultura	sem data
Potencial do museólogo é pouco explorado [Notícia de jornal]	Notícia da Folha de São Paulo discutindo questões sobre a profissão de museólogo, ainda com um quadro de depoimento de uma pessoa que desistiu por 'não haver retorno financeiro'.	sem data
Seja especialista em Museologia - Instituto de Museologia de São Paulo	Folder de divulgação do curso de Museologia contendo o conteúdo programático das disciplinas, o corpo docente e preços dos cursos	sem data
Seminário comemorativo dos 10 anos de Regulamentação da Profissão de Museólogo	Folder de divulgação de evento da Associação Brasileira de Museologia em parceria com o CCBB, com a presença de diferentes museólogos do Brasil	sem data
Por que Pós-Graduação em Museologia?	Palestra proferida no XIV Congresso Nacional de Museus, por Ivani Koitat	1995
Mesa Redonda "Lazer Museus no Brasil - Comunicação Museológica"	Folheto de divulgação da mesa redonda promovida pelo Curso de Museologia da FESP que ocorreu em homenagem À Waldisa Rússio	1991

Livro de assinaturas da exposição Tropa, Tropeiro, Tropeirismo	Livro de assinaturas	02/12/1978
Um novo compromisso com a vida	Texto de autoria de Waldisa Rússio	sem data
Museólogo: uma profesión para masoquistas	Notícia de Jornal em espanhol com destaque para o curso ministrado por Waldisa Rússio	Setembro de 1980
Prataria [Notícia de jornal]	nota na revista Veja divulgando o curso de prataria do Instituto de Museologia	01/05/1991
Museologia deverá torna-se profissão [Notícia de jornal]	Notícia publicada no Estado de S. Paulo sobre a regulamentação da profissão de museólogo	14/05/1980
Museóloga no Peru [notícia de jornal]	Notícia publicada na Folha Ilustrada sobre o curso que Waldisa Rússio ministrou no Peru	06/10/1980
Livro de Tombo	Livro de tombo contendo o registro do acervo do Museu do Instituto de Museologia de São Paulo	15/05/1989
Livro de Certificados a serem entregues	Livro contendo os registros dos alunos que receberiam os certificados, junto aos módulos respectivos	1978
Programa Preliminar	Programa das Oficinas Culturais oferecidas pela Secretaria de Estado da Cultura	1987
Waldisa [Jornal]	Texto de Marcelo Araújo publicado na imprensa, sobre o repentino falecimento de Waldisa Rússio.	1990
Instituto de Museologia de São Paulo	Homenagem do Instituto de Museologia à Waldisa Rússio, após a sua morte; há um tom biográfico da vida dela, com enfoque na carreira docente	11/06/1991
Methodologie de la Muséologie et de la formation	Texto de Waldisa Rússio para algum debate internacional, com uma tabela intitulada "Système de la Muséologie"	sem data

Es el Patrimonio, la herencia cultural, la razón primera de la museología.	Texto de Marta Arjona	1986
Tropa, Tropeiro, Tropeirismo	Cartaz de divulgação da exposição realizada pelos alunos da FESP	sem data
Listas de Presença	Listas de presença	1983
Lista de Chamada	Disciplina de Catalogação - profa. Maria Pierina F. Camargo - Contem algumas atividades extra curriculares no verso	1983
Lista de Presença de Conservação	Lista de presença.	1983
Lista de Chamada - Cultura Brasileira II	Disciplina ministrada por Sérgio Souza Barros	1983
Lista de Chamada - Conservação	Disciplina ministrada por Beatriz Cruz	1983
Lista de Presença - Debate em Museologia	Assinatura parece ser de Waldisa Rússio	23/05/1983
Lista de Presença - Documentação III	Ministrada por Pierina Camargo	08/06/1983
Lista de Presença - Documentação II	Ministrada por Pierina Camargo	08/06/1983
Lista de Chamada - Estudos de Problemas Brasileiros	Ministrada por Regina Célia Andrade	1983
Lista de chamada - Endumentárias – Bordado	Ministrada por Serafina Traub Amaral	1983
Lista de Presença de - Fiação – Tecelagem	Ministrada por Serafina Traub Amaral	20/04/1983
Lista de chamada - Endumentárias – Bordado	Ministrada por Serafina Traub Amaral	1983
Lista de chamada - Introdução ao Restauro	Ministrada por Renata Mercadante Becker	1983
Lista de Presença - Conferência - Museologia - Painel sobre Museus	Assinada por Waldisa Rússio	24/05/1983
Lista de Chamada - Memória fotográfica (fotografia)	Ministrada por João Sócrates Oliveira	1983
Lista de Chamada - Métodos e Técnicas de Pesquisa	Ministrada por Marly Solanowsk	1983
Lista de chamada - Museologia I	Ministrada por Waldisa Rússio	1983
Lista de presença – Museografia	Ministrada por Pierina Camargo	15/06/1983

Curso de Museologia - 1 Módulo	Lista de presença informal	07/12/1983
Lista de Presença - Introdução ao Restauro	Lista de presença informal	17/11/1983
Lista de Presença - Introdução ao Restauro	Lista de presença informal	13/10/1983
Técnicas e Processos artísticos	Lista de presença informal	19/12/1983
Lista de presença – Museografia	Ministrada por Pierina Camargo	05/06/1905
III Módulo - Museologia III	Questionário de prova (aparentemente), elaborado por Waldisa Rússio	16/11/1983
Lista de Chamada - Museologia e Museografia III	Ministrada por Waldisa Rússio	1983
Lista de Presença de Museus Agro Industriais - Equipamentos Agrícolas	Registro do professor ministrante ilegível	19/04/1983
Museologia Rural	Ministrada por João Castilho de O. César	1983
Lista de Presença - Ligamentos e Tecelagem	Ministrada por Serafina Traub Amaral	25/04/1983
Lista de Presença - Museologia - Visita a museu	Assinatura ilegível	16/06/1983
Lista de chamada - Museologia II	Ministrada por Waldisa Rússio	1983
Lista de Presença - Patrimônio Cultural	Assinatura ilegível	1983
Lista de presença - Prataria – origens	Ministrada por Serafina Traub Amaral	1983
3o Módulo - Introdução à Conservação e Restauração de papel	Ministrada por Marina Garrido Monteiro (?)	09/12/1983
Lista de presença - visita a museu (Museologia)	Assinada por Napolitano	25/06/1983
Lista de chamada - Antropologia Visual	Ministrada por Helena Cristina S. Cupini	1982
Lista de presença - Atividades Educativas em Museus	Ministrada por Lenora (?) Barbieri	15/12/1982
Lista de chamada - Climatização e iluminação	Ministrada Beatriz Augusta	1982
Lista de chamada- Cultura Brasileira III	Sérgio Souza Barros	1982
Lista de presença - Conservação e Segurança em museus	Ministrada por Lenora (?) Barbieri	04/05/1982

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo	Croqui da exposição Tropa, Tropeiro, Tropeirismo realizada pelos alunos do curso de Museologia	sem data
Lista de chamada - História e Técnica no Brasil	Ministrada por Antonio Luiz Andrade	1982
Lista de chamada [disciplina não descrita]	Ministrada por Waldisa Rússio -	1982
Lista de presença - Visita ao Museu de Arte de São Paulo (MASP)	Referente à disciplina de Documentação e Comunicação, ministrada por Pierina Camargo	28/08/1982
Lista de chamada - Estudo de Problemas Brasileiros	Ministrada por Célia Regina Andrade	1982
Lista de chamada - [disciplina não descrita]	Ministrada por Pierina Camargo	1982
Lista de chamada - Estética e História da Arte	Ministrada por Eunice Moraes Sophia	1982
Lista de presença - História e Crítica de Arte no Brasil - visita ao Museu Lasar Segall	Assinatura ilegível	26/10/1982
Lista de Presença - Visita ao MAC	Disciplina ministrada por Pierina Camargo	14/08/1982
Lista de presença - Seminário Museus Históricos e Museus Comunitários	Ministrado por Solange Godoy	09/06/1982
Lista de presença - Montagem da Exposição	Assinatura ilegível	20/12/1982
Lista de Chamada - Museologia / Museografia	Ministrada por Waldisa Rússio	sem data
Lista de Chamada - Museologia / Museografia	Ministrada por Waldisa Rússio	sem data
Lista de chamada - [disciplina não descrita]	Ministrada por Pierina Camargo	1982
Lista de chamada - [disciplina não descrita]	Ministrada por Maria Cristina Oliveira Bruno	1982
Lista de Chamada - Museologia / Museografia	Ministrada por Waldisa Rússio	1982
Lista de presença- Museu de Pré História USP	Ministrada por Pierina Camargo	05/06/1982
Lista de Chamada - Museologia / Museografia	Ministrada por Waldisa Rússio	1982
Folha de frequência - Visita ao Museu de Arte Sacra	Professora assistente - Giselle	22/05/1982
Lista de presença - Seminário Especial	Ministrada por Gabriela Santiago	25/05/1982
Lista de presença - Museu de Pré História	Em disciplina ministrada por Pierina Camargo, e consta a assinatura de Cristina Bruno	05/06/1982

Lista de presença - Seminário Museus Históricos e Museus Comunitários	Ministrado por Solange Godoy	07/06/1982
Lista de chamada - [disciplina não descrita]	Ministrada por Cristina Bruno, constam 20 horas/aula, distribuídas em 5 aulas de 4 horas	1983
Seminário especial - [não descrito]	Gabriela Fantigozo (?)	25/05/1982
Lista de presença - recuperação da imagem fotográfica	João Sócrates de Oliveira	28/10/1982
Lista de chamada - Conservação e Restauro de fotografias	João Sócrates de Oliveira	1982
Lista de chamada - Restauração e Conservação de bens culturais	Ministrada por Renata Mercadante Becker	1982
Cronograma de aulas para o ano de 1982	Distribuição de disciplinas em grade horária	1982
Lista de presença - Seminário 'História da Técnica no Brasil'	Ministrada por Antonio Luiz Andrade	27/07/1982
Computação de faltas - Ciência da Educação	sem indicação de professor	jul/84
Lista de Chamada - Cultura Brasileira	Ministrada por Waldisa Rússio	1984
Curso de Museologia – Higienização	sem indicação de professor	1984
Comunicado	Comunicado manuscrito de Waldisa Rússio aos alunos do curso, dizendo que os havia esperado para a aula mas não os havia encontrado.	sem data
Lista de chamada - História da Cultura	Ministrada por Serafina Traub Amaral	dez/85
Lista de Presença – Museologia	Ministrada por Waldisa Rússio - provavelmente é a lista de presença referente ao dia do comunicado, inferindo-se pelo título da aula.	09/08/1985
Lista de Presença - Visita à Bienal	Ministrada por Pierina Camargo	01/12/1985
Frequência - Instituto de Museologia de São Paulo	Frequência dos alunos dividida por disciplina	12/04/1993

Notas Finais - Museologia Avançada	Notas dos alunos, excerto retirado de diário de classe	1993
Lista de Presença - Museologia (?)	Documento rasurado - ministrado por Waldisa Rússio	15/04/1987
Diário de Classe - Fiação e Tecelagem	1o módulo - Ministrada por Serafina Traub do Amaral	1988
Lista de Chamada - Seminário Patrimônio cultural	sem indicação de professor	1988
Lista de Chamada - Seminário Os negros nos museus de São Paulo	sem indicação de professor	1988
Lista de Presença - Segurança em Museus	Ministrada por Beatriz (?)	17/11/1988
Lista de chamada – Visitas	Wania Tolovi (coordenadora)	1988
Lista de presença - Visita ao Museu Paulista	sem indicação de professor	23/04/1988
Lista de presença - Visita ao Museu da Casa Brasileira	sem indicação de professor	26/03/1988
Lista de presença - visita a Pinacoteca	ministrado por Waldisa / Renata	30/04/1988
Lista de presença - visita ao Museu da Imigração Japonesa	ministrado por Ricardo Bogus	04/06/1988
Lista de presença - visita ao Museu Padre Anchieta	Ministrado por Luiz Angelo Mazzaro	18/06/1988
Lista de presença - visita ao Museu do Telefone	Ministrado por Ricardo Bogus	25/06/1988
Lista de presença - visita à Casa Guilherme de Almeida	Ministrado por Giselle	27/08/1988
Lista de presença - visita ao Museu de Arte Sacra	Ministrado por Renata	21/05/1988
Lista de presença - visita ao Museu Padre Anchieta	Ministrado por Renata	29/06/1988
Lista de Presença - Ação educativa e cultural Museu da Casa Brasileira	Ministrado por Marília	15/10/1988
Lista de presença - visita - Ação educativa e cultural Instituto Butantan	Ministrado por Marília	15/10/1988

Lista de presença- visita - Ação educativa e cultural - Museu Lasar Segall	Ministrado por Marília	19/11/1988
Seminário - Patrimônio cultural	sem indicação de professor	07/04/1988
Lista de presença - Museu da Casa Brasileira	sem indicação de professor	30/04/1988
Lista de presença de - Museu Paulista	Ministrada por Ana Silva	25/08/1988
Lista de presença - visita à Casa Guilherme de Almeida	Ministrada por Giselle Marques Leite Paixão	04/06/1988
Lista de presença - visita a Museu	Ministrada por Giselle, para o 3o módulo	sem data
Lista de presença - visita ao Museu Paulista	Ministrada por Ana Silva	25/08/1988
Lista de presença - Seminário - Patrimônio cultural	sem indicação de professor	05/04/1988
Lista de presença - visita - Museu da Casa Brasileira	Ministrada por Lilliana Di Bella Napolitano	30/04/1988
Lista de presença – Ética	Ministrada por Renato Janine Ribeiro	20/09/1988
Diário de Classe - História da Joalheria	Ministrada por Maria Amélia Franco	1991
Diário de Classe – Antropologia	Ministrada por Antonio Sérgio de Azevedo Damy	1991
Diário de Classe – Documentação	Ministrada por Marilúcia Botallo	1991
Diário de Classe – Conservação	Ministrada por Magali Melleu Sehn	1991
Diário de Classe - Ação educativa e cultural	Ministrada por Marília Xavier Cury	1991
Diário de Classe - Museologia dos Museus de Arte	Ministrada por Marilúcia Botallo	1991
Diário de Classe - Teoria Museológica	Elisabeth Zolcsak	1991
Museologia - uma profissão nova	Panfleto de divulgação do curso da FESP, mas já na fase do Instituto de Museologia - há um esclarecimento sobre a transição de curso para Instituto, no sentido de que, ao inaugurar o Instituto, houve uma ampliação da linha inicial de trabalho. Contém a descrição temática breve dos três módulos do curso de especialização.	1985 - 1986 (?)
Museologia - especialização / Cursos noturnos	Panfleto de divulgação da FESP	1980
Sistema da Museologia	Esquema gráfico contendo questões teóricas da Museologia	sem data

Listagem 2

Fundo Waldisa Rússio – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP)

Caixa	Documento	Data	Título / Descrição
100	31.017	jul/89	“Projeto de treinamento de pessoas com deficiência visual em atividades agrícolas.”
100	31.020	31/03/1989	“Projeto: ‘A Luz no contexto histórico-cultural da cidade.’”
101	31.039	Sem data	“Projeto do Curso de Especialização de Museologia – Curso de Museologia – UNI-RIO”
102	31.041	Sem data	“Refaire Notre Monde”
102	31.046	10/09/1986	“Estudo para a Definição Geral dos Programas, projetos e planos de instalação de centros de ciência para o Ministério da Ciência e Tecnologia através de sua Secretaria de Articulação com órgãos do Setor Público.”
103	310.056	1976	Projeto de Lei que autoriza a criação e contém regimento da Fundação Paulista de Museus. O PL é assinado pelo governador Paulo Egydio Martins.
103	310.056	1976	Decreto de lei que coloca as normas da política museológica do Estado de São Paulo.
109	350.001	1983	“ICOM International Committee for the Training of Personnel – ICOM International Committee for Museology. Methodology of Museology and professional Training. London, July 1983.”
110	350.004	1986	“ICOM International Committee for Museology – Symposium. Buenos Aires, octubre 1986”
110	350.005	1986	“ICOM International Committee for Museology – Symposium Museology and Identity – Comments and views. Buenos Aires, october 1986.”
111	350.010	1982	“Museums: an Investment for development”
112	350.012	1989	“Symposium Forecasting – A Museological Tool? Den Haag, August/ 1989”

113	350.014	1983	"ICOM International Committee for Museology – Symposium Museum-Territory-Society. London, 1983
113	350.016	Sem data	"ICOM – Memórias 4º Coloquio Nacional de Museus"
113	350.017	1988	"Symposium – Museology and developing Countries – Help or Manipulation? – Hyderabad – Varanasi – New Delhi, November, 1988."
114	350.018	out/85	"ICOM International Committee for Museology Symposium – Originals and substitutes in Museums – Comments and views. Zagreb, 1985"
114	350.019	1986	"14e Conférence Générale – 15e Assemblée Générale. Buenos Aires, Argentina"
114	350.021	Julho de 1983	"ICOM International Committee for the Training of Personnel – Joint Colloquium. Methodology of Museology and Professional Training. London, July 1983."
114	350.023	1986	"ICOM International Committee for Museology – Symposium Museology and Identity. Buenos Aires, October 1986."
114	350.025	1984	"ICOM International Committee for Museology – Symposium Collecting today for tomorrow. Leiden, October 1984."
115	350.026	set/86	"The International Council of Museums – Règlement"
115	350.027	1986	"Consejo Internacional de Museos – Conocimiento Popular y Museos"
115	350.028	jan/83	"ICOM'83 – Treizième conférence générale de L'ICOM".
115	350.030	Outubro de 1986	"ICOM'86- Quatorzième Conférence Générale de L'ICOM – Rapports des organisations internationales affiliées 1983-1986".
115	350.033	Outubro de 1980	"List of participants (by countries) – International Council of Museums 12th General Conference – Mexico City."
115	350.034	1989	Carta aberta de Vinos Sofka aos membros do ICOFOM, com nota manuscrita do autor direccionada a Waldisa Rússio.
115	350.036	1990	"ICOM COMMITTEE OF PERSONEL PROPOSED AGENDA"

115	350.052	02/09/1987	Carta de autoria de Waldisa Rússio Destinada à Presidente do ICOM Brasil.
116	350.054	1985	“Nouvelles de L’ICOM – Bulletin du Conseil international des musées”.
116	350.056	15/12/1980	Telegrama de autoria de Oswaldo Palma, Secretário de Estado da Sec. De Estado da Indústria e Comércio, Ciência e Tecnologia de São Paulo, para Lourdes Rego Novas da Secretaria Geral do ICOM Brasil.
116	360.056	16/12/1980	Carta de autoria de Waldisa Rússio para Solange, digitada sobre papel simples, sem timbre.
116	350.056	02/02/1981	Declaração de Marília Duarte Nunes, registrada em cartório.
116	360.056	02/02/1981	Carta de Mercedes Rosa, então diretora da Fundação Museu Carlos Costa Pinto, destinada à Fernanda Camargo Moro, então Presidente da AMICOM/Br. Carta digitada sobre papel timbrado da mesma Fundação.
116	350.057	Sem data	Rascunho datilografado de carta de Waldisa Rússio, provavelmente endereçada ao ICOM a fim de esclarecer as questões com Fernanda Camargo Moro.
116	350.063	02/08/1979	Cartas de Waldisa Rússio a Fernanda de Camargo Moro, esclarecendo alguns trâmites acerca do empréstimo de aparelhos de aulas ministradas pelo prof. Gael de Guinchen, pelo ICOM Br, no Curso de Museologia da FESP
116	350.066	1980	“The Professional Training of Museum Personnel”
116	350.067	14/06/1974	“ICOM Statuts – Conseil International des Musées”
116	350.069	08/07/1980	Carta de Waldisa Rússio destinada ao ICOM.
116	350.071	mar/83	“Programme Triennial de l’ICOM 1983-1986 – Deuxième Projet”
116	350.087	Sem data	“Programa Trienal – Actividades Regionales – America Latina y Caribe”
116	350.089	1977(?)	“ICOM – Programme 1975-1977”
116	350.091	1974	“Museums’ Annual Educational Cultural Action”
117	350.096	Abril de 1988	Carta de Vinos Sofka a todos os membros do ICOFOM, comentando sobre o anterior encontro na Escandinávia e convidando para o posterior em Hyderabad, Índia. Em anexo consta o boletim do ICOM.
117	350.097	28/10/1986	“ICOM- Demande D’Adhesion a um convite International”

117	350.109	Outubro de 1986	"ICOM International Committee for Museology. Symposium MUSEOLOGY AND IDENTITY – Basic papers. Buenos Aires, October, 1986.
118	360.001	Sem data	"Grupo Técnico de Museus – Súmula das Análises"
118	360.002	Sem data	"A Divisão de Museus – Súmula Histórica"
118	360.018	17/05/1976	"Relatório do Grupo Técnico de Museus –GTM"
120	360.055	1976	"Contribuição para pauta dos trabalhos de reunião 1.7.76"
121	360.061	1958	"Regulamento de Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo"
121	360.066	Sem data	Cópia de documento datilografado. Contém a relação de Museus Históricos Pedagógicos do interior de São Paulo listados, juntamente à cidade correspondente.
121	36.006.907	07/08/1978	Abaixo-assinado dos alunos do curso de Museologia da FESP, destinado ao Presidente do CONDEPHAAT.
121	360.071	Sem data	Dossiê de cópias de documentos sobre a criação (decretos) dos Museus Históricos e Pedagógicos.
121	360.072	Sem data	"Quadro sintético da situação geral dos Museus Fechados e dos Museus não instalados (inclusive a Casa Cardeal Leme).
122	Cx. 35 3/5	1968	"Help! For the Small Museum – A handbook for Exhibit Ideas and Methods"
122	370.008	Sem data	"Teaching Introductory Museology"
122	370.009	1975	"Uma proposta de criação de Escolas de Museologia e de uma Editora de Livros de Arte em São Paulo"
122	370.010	Sem data	"Museus e País 'em desenvolvimento'
122	Cx. 35	1968	"Help! For the Small Museum- A Handbook Exhibit Ideas and Methods"

123	370.016	Julho de 1983	"Some brief notes on the problems of museological research"
123	370.016	Sem data	"Museus didáticos Comunitários"
123	370.017	Sem data	Éléments d'un Programme type de formation professionnelle du Personnel de Musée"
123	370.018	18/03/1981	"O museólogo e sua formação"
123	370.019	Sem data	"Ecology and Environment – the interpretive role of natural history museums"
123	370.020	Sem data	"Plano para Criação de um Sistema visando aos Museus Históricos Paulistas e aos museus de um modo geral no Estado de São Paulo"
123	370.020	Sem data	"Divisão de Museus – Súmula Histórica"
123	370.021	1968	"Elements de Documentation Muséographique – Centre de Formation de techniciens de musées"
123	370.022	Sem data	Textos datilografados correspondentes a traduções dos textos do MUWOP.
123	370.023	Sem data	Museologia e Amor
123	370.025	Sem data	"Estudo de problemas brasileiros – 33ª aula Os Museus – Característica Fundamental da evolução de um povo – Luíza Soares Benício de Moraes"
126	370.066	Sem data	"Programa Museu-Escola"
126	370.069	Sem data	"Memória – Escola – Comunidade"
126	370.071	1979	"Experiência e Liberdade: uma opção de serviço educativo"
126	370.072	Sem data	"Relatório de Pesquisa "Museu vai à escola: preparo de kits como apoio curricular no ensino de 1º e 2º graus""
126	370.073	Sem data	"Programa Escuela Nueva: uma alternativa de educacion primaria completa para niños de zonas rurales y áreas marginales de Colombia"
126	370.076	1981	"Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais existentes no País"

126	370.077	set/78	"How to turn your classroom into a museum – Anacostia Neighborhood Museum. Education Department"
127	370.079	Abril de 1981	"Bulletin Technique – Institut Canadien de conservation"
127	370.080	Abril de 1980	"CORLIDOSP – Curso de Conservação Documental – Bibliografia (parcial) sobre Conservação e Restauração de Objetos em Papel"
127	370.081	1980	"Alguns aspectos da História e Técnica da Encadernação – Ursula Ephraim Katzenstein"
127	370.082	Março de 1980	"Química das tintas de escrever – Benjamim Solitrenick"
127	370.086	27/11/1980	"Relatório" e "Declaração" (dois docs)
127	370.087	Sem data	"Packaging Techniques for Works of art – Jesse Speight I.M.A. Packaging Supervisor"
127	370.088	Setembro/Outubro 1978	"Rescuing Nitrate Negatives"
127	370.089	Sem data	"Conserving and Restoring Photographic Collections"
127	370.091	Sem data	"The textile conservation centre"
127	370.092	1980	"Deterioração de documentos gráficos por insetos"
127	370.093	1980	Apostila referente ao curso Conservação Documental", ministrado por Maria Luiza Otero D'Almeida e Ilda Tamada, em 1980. [consta no doc 37.0092
127	370.094	Sem data	Folhetos institucionais de divulgação, relativos aos cursos: "Maestría en Arquitectura en Restauración de monumentos", "Centro Churubusco", "Maestría en Museología"
127	370.095	Sem data	"Cours Annuels"
127	370.098	ago/77	"Curso de Iluminação e Climatização – International Centre for Conservation"

128	37.0107 cx. O. 37 3/3	18/12/1984	"Lei Federal 7287, de 18/12/1984 Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. PL n. 75/83 (Senado) e Projeto n. 4858, de 1981 (Câmara)"
128	37.0100 cx. O. 2c	Julho-agosto de 1982	"Estatuto da Associação Brasileira de Museologia"
128	370.109	1976	"Autoriza o poder executivo a instruir a Fundação Paulista de Museus"
128	370.110	16.03.1988	"Sobre o Curso de Pos Graduação em Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo"
128	370.112	Sem data	Documento defendendo a regulamentação da profissão de museólogo. Sem autoria, mas deve ser de Waldisa (acredito eu).
128	370.113	Sem data	"Código de Ética Profissional do Museólogo"
128	370.114	Sem data	"Estudo de um Ante-projeto de lei para regulamentação da profissão de museólogo"
128	370.115	Sem data	"O Museólogo e o Mercado de trabalho na Superintendência de Museus da FUNARJ"
128	370.116	18/03/1981	"Formação do Museólogo"
128	370.118	---	Cópia do documento 37.0115
128	370.119	Sem data	"A profissão do Museólogo"
129	38.0036 – cx. O. 26 1 /4	Sem data	"Cursos Rio e Bahia"
129	38.0037 Cx. O.26 1/4	São Paulo, 27/10/1983	Sem título, carta endereçada à Diretoria Executiva da FESP
129	38.0038 CX.O.26 ¼	Sem data	"Curso de Museologia – Relatório"

129	38.0039 cx. O. 38 2/3	Sem data	Folheto do curso de Museologia
129	380.040	Sem data	Cartaz de divulgação do curso da FESP
129	38.041 cx. O. 39 1/3	Sem data	“Curso de Museologia – Debate”
129	38.0042 cx. O. 39 1/3	1980 – 1984 (vários documentos)	“Relação dos aprovados”
129	38.0043 cx. O. 39 1/3	16.04.1990	Relatório Financeiro
129	380.044	Sem data	“Sistema da Museologia”
129	38.0045 cx. O. 28 1/3	23.08.1988	“Instituto de Museologia de São Paulo – Curso de Especialização – História da Indumentária
129	380.046	Sem data	“Museologia – especialização – resolução 14/77 CFE”
129	380.047	1984	“Fundação Escola de Sociologia e Política – Curso de Museologia Popular”
129	38.0048 CX. O. 39 2/3	Sem data	“Museologia – especialização – resolução 14/77 CFE”
129	38.0049 cx.o. 39 2/3	21.10.1984	Carta de Waldisa Rússio, então diretora do Instituto de Museologia de São Paulo, endereçada a Jean-Pierre Sainte-Marie, responsável pelo Departamento de formação profissional da École du Louvre – École du Patrimoine.
129	380.050	1986	Ementa da disciplina “História da Educação”, pertencente ao curso de Pós-Graduação em Museologia, para o ano letivo de 1986, de carga horária semanal de 4 horas-aula, e total de 20 horas aula, ministrada pela profa. Rita Maria Lino
129	38.0051 cx. O. 39 2/3	1986	cópia do documento 38.0051
129	38.0052 Cx. O. 39 2/3	1988	Regimento Interno [Instituto de Museologia de São Paulo]

130	CX. 3 V.03.03	17/01/1984	Carta de autoria de Waldisa Rússio, destinada a Neusa Fernandes, então Presidente da Associação Brasileira de Museologia
130	Cx. 3 V. 03.05	04/10/1980	"Herança Cultural Brasileira – Ciclo de Palestras por Waldisa Rússio"
130	Cx. 03 V. 03.09	25/05/1984	Cartão postal de Waldisa Rússio endereçado ao então Senador Fernando Henrique Cardoso, para tratar de questões da regulamentação da profissão.
130	Cx. 03 V. 03.10	Sem data	Manuscrito de Waldisa Rússio sobre papel timbrado da FESP, que discorre acerca dos documentos necessários para a regularização do curso de Museologia.
130	Cx. 03 V. 03.11	1983	"Muzeologické sesity"
130	Cx. 03 V. 03.13	14/07/1985	Carta de autoria de Waldisa Rússio, destinada a Fernanda Camargo Moro, então Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, com cópia para Lourdes Rego Novaes, Dra. Maria Teresa Gomes Ferreira, Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. H. Ganslmayr, e Asspam.
130	Cx. 03 V. 03.15	18/11/1987	Carta de Maria Cristina Oliveira Bruno, então presidente do COREM (cujo endereço provisório, na época, era no próprio Instituto de Pré-História da USP, de acordo com o papel timbrado da correspondência), endereçada a Ester Dolce Mascolo
130	Cx. 03 V. 03.15	13/11/1987	Carta de Waldisa Rússio endereçada à Ester Dolcemasclo, chefe do Gabinete do Secretário de Estado da Indústria e Comércio, encaminhando seu relatório referente à viagem ao México para participação nos simpósios "Patrimonio y Políticas Culturales para el siglo XXI" e "Análisis de la Museologia en Latinoamérica", que ocorreram de 5 a 15 de outubro de 1987.
130	Cx. 03 V. 03.20	Sem data	"Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Curriculum Vitae"

130	Cx. 03 V. 03.23	Sem data	"Curriculum vitae resumido – Waldisa Rússio"
130	Cx. 03 V. 03.24	Sem data	Correspondência remetida por Inês Coutinho, endereçada a Waldisa Rússio, contendo três recortes de jornal, de títulos "Cegos podem ver exposição de arte", sobre exposição no Museu Mineiro destinada ao público com deficiência visual.
130	Cx. 03 V. 03.25	Sem data	Manuscrito de Waldisa Rússio contendo cálculos de honorários de professores do curso da FESP.
130	22/12/1982	22/12/1982	Carta redigida por Vinos Sofka endereçada a Waldisa Rússio. Anexada à carta há duas notas, uma de autoria de Vinos Sofka, redigida à mão, em tom mais informal. Tanto a nota quanto a carta se apresentam em papel timbrado do Statens Historiska Museum, de Estocolmo
130	Cx. 03 V. 03.29	Sem data	"Organograma – Secretaria de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia conf. Decreto n.7730 de 22/03/1976
130	Cx. 03 V. 07.05	Sem data	-Divulgação de curso ministrado por Marina Garrido Monteiro (Aluna do Curso de Museologia), sobre o Museu de Pirassununga, e Luiz Barbosa (Restaurador da SEC), sobre Técnicas e Problemas de Restauração.
130	Cx. 03 V.16.03	Sem data	Folheto de divulgação da Candidatura de Rossine Guarnieri para Deputado Estadual pelo PDT.
130	Cx. 03 V. 14.02	Sem data	Envelope vazio, timbrado, com as inscrições: "Associação dos Antigos Alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Rua General Jardim, 522 São Paulo – Brasil"
132	Cx. 03 V. 73.02	Sem data	"Museologia I"
132	Cx. 03 V. 73.03	30/04/1988	Carta de Vinos Sofka aos membros do ICOFOM, contendo chamada para o encontro de Hyderabad, e chamada para artigos.

132	Cx. 03 V. 73.13	Julho de 1985	Conjunto de Manuscritos (rascunhos) de correspondência de autoria de Waldisa Rússio, mas para ser assinada pelo diretor da FESP, destinada ao Chefe do Gabinete, Dr. Milton Tucci, da Secretaria da Cultura, e ao Secretário de Estado da Cultura.
132	Cx. 03 V.67	Sem data	“A filatelia e os selos no museu – José Aurélio Martinez”
132	Cx. 03 v.66	Sem data	Diversos documentos relacionados à questão da deficiência visual. Waldisa teria dado uma palestra nas “Jornadas de Ortóptica” da Associação brasileira de Ortóptica, sobre “Diferentes maneiras de ver”.
132	Cx. 03 V.57	Sem data	Série de manuscritos
132	Cx. 03 V. 07	1977	“Nouvelles de L’ICOM – Bulletin trimestriel du Conseil International des Musées”
132	Cx. 03 V. 67.02	Sem data	Anotações de Waldisa Rússio
132	Cx. 03 V. 68	Sem data	Série de manuscritos (rascunhos) de autoria de Waldisa Rússio
132	Cx. 03 V. 69.02	Sem data	Dois Manuscritos de Waldisa Rússio, um contem anotações sobre ética em museus, patrimônio arqueológico e bens culturais; o outro é um rascunho do texto “Em defesa do patrimônio cultural dos povos”
132	v.73.01	Sem data	Manuscrito de texto (rascunho) de autoria de Waldisa Rússio, em papel timbrado da Secretaria da Indústria e Comércio
132	v.71.01	1982	“Newsletter n.8 – Annual Bulletin ICCROM”
132	Cx. 03 V.70	Sem data	Série de manuscritos (rascunhos) de autoria de Waldisa Rússio, sendo eles: bloco de anotações contendo apenas uma folha manuscrita com notas sobre Ecomuseu;
132	Cx. 03 V. 74	Sem data	Manuscritos de autoria de Waldisa Rússio (rascunhos) sobre a palavra “formação”.
133	Vol. 01.01	Sem data	Transparências sobre conservação, para aulas. Há trechos em Francês. Aulas sobre conservação de obras de arte, manuseio e cuidados gerais.

133	Vol. 1	Sem data	Transparências sobre conservação, contendo dados técnicos e procedimentos.
134	Caixa 04 Pasta 02	Sem data	Texto datilografado em papel timbrado da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais – Superintendência de Museus, contendo um programa sobre Museologia Geral, Ética Museológica, Introdução à Administração de Museus, Museologia Especial, Museologia Aplicada, Estágios, Ementa de planejamento da ação cultural, ementa de antropologia cultural.
134	Caixa 04 Pasta 02	1987	“Políticas culturales para el siglo XXI – La difusión del patrimônio: Nuevas experiências em museos, programas educativos y promoción cultural”
134	Caixa 04 Pasta 02	1978	“Justificativa enviada ao MEC em 1978 que constituiu o processo DR 5-5551/78 acompanhada dos respectivos documentos”
134	Caixa 04 Pasta 02	2 de outubro de 1965	“Training of Museum Personel – Resolution adopted by the 8th General Assembly of ICOM, 2 October 1965”
134	Caixa 04 Pasta 02	Sem data	“Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial.”
134	Caixa 04 Pasta 02	Sem data	Notícia de jornal recortada, colada sobre folha de sulfite contendo nota sobre a estadia de Waldisa Rússio em Londrina.
134	Caixa 04 Pasta 02	1984	“Associação de Museólogos da Bahia. Curso: ‘A Museologia e seus aspectos sociais’ / Museologia Popular”
134	Caixa 04 Pasta 02	14 de agosto de 1989	Carta de Waldisa Rússio, datilografada sobre papel timbrado do Instituto de Museologia de São Paulo, dispondo sobre o curso ‘Introdução aos museus de história industrial’. A carta é destinada ao Departamento de Patrimônio Histórico da CESP (Cia. Energética de São Paulo).
134	Caixa 04 Pasta 02	12/11/1986	Carta endereçada a Waldisa Rússio, em papel timbrado da Universidade Federal de Minas Gerais, convidando-a a participar do 7º Curso de Conservação/Restauração de bens culturais móveis.

134	Caixa 04 Pasta 02	24/01/1985	"Encontro Internacional de Legislação Cultural – Sugestões para debate"
134	Caixa 04 Pasta 02	11/07/1984	Carta de Dulce Cardozo Ludolf, então chefe do departamento de Museologia da UNIRIO, endereçada a Augusto Paes Barreto. Carta datilografada sobre papel timbrado do Centro de Ciências Humanas, Curso de Museologia – Departamento de Museologia
134	Caixa 04 Pasta 02	20/07/1980	Telegrama de Fernanda Camargo Moro – ICOM Brasil, destinado a Waldisa Rússio.
134	Caixa 04 Pasta 02	12/08/1980	Carta de Gael de Guichen, em francês, endereçada a Waldisa Rússio, em envelope e papel timbrado do ICCROM, tratando de passagens aéreas para o Brasil.
134	Caixa 04 Pasta 02	24/08/1983	"Na casa da cultura, o Curso de Museologia"
134	Pasta 1	Sem data	"Museologia Popular – Bibliografia Recomendada)
134	Caixa 04 Pasta 01	1978	Panfleto de divulgação da exposição "Tropa, tropeiro, tropeirismo".
134	Caixa 04 Pasta 01	Dezembro de 1978	Convite oficial para a abertura da exposição
134	Caixa 04 Pasta 01	Dezembro de 1978	Pequeno cartaz convidando para a exposição "Tropa, tropeiro, tropeirismo"
134	Caixa 04 Pasta 01	Setembro de 1979	"Deterioração e preservação de madeira"
134	Caixa 04 Pasta 01	set/79	Carta aberta destinada aos integrantes do CAESP (gestão 78/79). Não há indicação de autoria (seria de Waldisa Rússio?)
134	Caixa 04 Pasta 01	Sem data (ano)	"Palestra da Museóloga Waldisa Rússio"
134	Caixa 04 Pasta 01	Sem data	"Ciclo de Conferências Comemorativas do 30º aniversário do MAM Trinta anos de arte brasileira"

134	Caixa 04 Pasta 01	1980	"Herança Cultural Brasileira – Ciclo de Palestras por Waldisa Rússio – 4 a 9 de outubro de 1980"
134	Caixa 04 Pasta 01	26/07/1985	Carta da coordenadora do curso de especialização em Antropologia da Universidade Federal de Goiás, oficializando o convite para que Waldisa Rússio desse aulas no referido curso.
134	Caixa 04 Pasta 01	Sem data	Divulgação de cursos no Museu da Casa Brasileira
134	Caixa 04 Pasta 01	1984	"Associação de Museólogos da Bahia – Curso: 'A Museologia e seus aspectos sociais'/Museologia Popular – Professora Waldisa Rússio Guarnieri"
134	Caixa 04 Pasta 01	Sem data	"Formação Profissional – Waldisa R C Guarnieri"
135	Cx. 07 V. 01.03	Janeiro de 1982	Carta de Antonio Rubo Muller, então diretor da Escola de Sociologia e Política, não contem indicação de destinatário. Carta impressa sobre papel timbrado da FESP, em anexo há envelope também timbrado.
135	Cx. 07 V. 19	Sem data	Série de documentos – cópias de notícias da imprensa divulgando a exposição planejada por Waldisa Rússio voltada para pessoas com deficiência visual.
137	Cx. 07 V. 50	Sem data	Descritivo de projeto expositivo voltada para pessoas com deficiência visual
137	Cx. 07 V.51.07	Sem ano	"Exposição O deficiente e o trabalho Realidade e Possibilidade
139	CX. 08 V. 30	Sem data	Carta da Associação Brasileira de Museologia – ABM- convidando para a 1ª reunião brasileira de Museologia.

140	Cx. 08 V. 54	31/04/1978	Carta de Fernanda Camargo e Almeida, então Presidente do ICOM Brasil, destinada a Paulo Egydio Martins, então governador do Estado de São Paulo, pedindo o afastamento de Waldisa Rússio para que esta pudesse participar do 3º Congresso Internacional de Amigos de Museus. Carta datilografada sobre papel timbrado do ICOM Brasil.
140	Cx. 08 V. 54	Sem data	Currículo de Waldisa Rússio, sem ano.

Listagem 3

Sistema de Gerenciamento de Referências Patrimoniais da Museologia Paulista (SIG.RP-MUSP) – Laboratório de Pesquisa em Comunicação Museológica

Documentação referente ao CEMMAE

Caixa	Documento	Data
1	CEMMAE 1 - Relatórios Técnicos 1, 2 e 3	1999 a 2000
2	Relatório Técnico (abr 2001 a fev 2002)	2001-2002
2	CEMMAE 2 – Relatório Financeiro (mar a dez 2001)	2001
2	CEMMAE 2 Relatório Técnico (mar a jul 2002)	2002
2	CEMMAE 2 Relatório Financeiro (mar a jul 2002 - 2)	2002
2	CEMMAE 2 – Relatórios Técnico e Financeiro (ago 2002 a fev 2003)	2002-2003

2	Relatório Tutoria Acadêmica mês de agosto de 2001 (Manuelina Duarte)	2001
2	Anexos de 1 a 5: Extratos Bancários	sem data
3	CEMMAE 3 – Relatório Técnico (mar a jul 2003)	2003
3	CEMMAE 3 – Relatório Financeiro (mar a jul 2003)	2003
3	CEMMAE 3 – Relatório Técnico (ago a dez 2003)	2003
3	CEMMAE 3 – Relatório Financeiro (ago a dez 2003)	2003
3	CEMMAE 3 – Relatório Técnico (jan a jul 2004)	2004
3	CEMMAE 3 – Relatório Financeiro (jan a jul 2004)	2004
3	CEMMAE 3 – CNPq (Relatórios Técnico e Financeiro - 31/10/03)	2003
3	CEMMAE 3 – Solicitação de Verbas (CNPq, FAPESP, Consulados)	2003
3	CEMMAE 3 – Solicitação de Verbas Aprovadas (CNPq, Consulado Geral dos Países Baixos)	2003
4	CEMMAE 4 – Relatórios Técnico (ago 2004 a jan 2005) e Financeiro (set 2004 a jan 2005)	2004-2005
4	CEMMAE 4 – Relatório Técnico (mar a jul 2005)	2005
4	CEMMAE 4 – Relatório Financeiro (fev a jul 2005)	2005
4	CEMMAE 4 – Relatório Financeiro (ago a dez 2005)	2005
4	“Ficha Resumo Relatório Técnico – agosto 2004 a janeiro 2005”	2005
5	CEMMAE 1 – Documentos Originais de Prestação de Contas (fases 1, 2 e 3)	sem data
5	CEMMAE 1 – Bolsistas/apoio à monografia: Documentos Originais	sem data
5	CEMMAE 2 – Documentos Originais de Prestação de Contas (fases 1, 2, 3 e 4)	sem data
5	CEMMAE 2 – Bolsistas/apoio à monografia: Documentos Originais	sem data

6	CEMMAE 3 – Documentos Originais de Prestação de Contas (fases 1, 2 e 3)	sem data
6	CEMMAE 3 – Documentos Originais: Bolsistas/apoio à monografia: (aprovação seleção/ seleção bolsistas/ declarações)	sem data
6	CEMMAE 4 – Documentos Originais de Prestação de Contas (Fase de Implantação: set 2004 a jan 2005; Fase 1: fev a jul 2005; Fase 2: ago a dez 2005)	2004-2005
6	CEMMAE 4 – Documentos Originais: Bolsistas	sem data
9	Regimento do curso de especialização em Museologia	1999
9	Proposta Acadêmica CEMMAE	1999
16	Viagens de Estudos (Turmas 1, 2, 3 e 4)	2005
16	Avaliação do curso, seminários, viagens e disciplinas 2001/2002	2001-2002
17	Avaliação do curso, seminários, viagens e disciplinas 2001/2002	2001-2002
17	Relatório e Tabulação de avaliações do CEMMAE 4	2005
17	Relatório e Tabulação da Avaliação Didática do CEMMAE – 2005	2005
17	CEMMAE 3 – Avaliação do curso 1º semestre/2º semestre	2003
18	Relatórios de estágios 2001-2002 – Análise e comentários da tutoria	2001-2002
18	Documentos de estágio: fichas, declarações, protocolos, fichas de observação, propostas de estágio	sem data
19	Relatórios de estágio – Análise e comentários da tutoria: 2005/2006	2006
19	Documentos e Correspondências referentes aos estágios	sem data
19	Parecer sobre relatórios de estágios CEMMAE 2003/2004; Fichas de observação;	2004
20	Curso de Especialização – projeto acadêmico, programa acadêmico	sem data

20	Documentos seminário sobre Educação Patrimonial: recibos, programa e declarações	sem data
20	Documentos CEMMAE 4: Notas e frequência	2005
20	Planilha de monografias 2001/2002; Análises das monografias (bancas) – 2001	2002
20	Documentos CEMMAE – tutoria, outros (folder do curso)	sem data
20	Cronograma, Programação CEMMAE 2, Formulário respondido pelos discentes	2002
21	Correspondências recebidas e enviadas ao COREM (sobre solicitação de registro)	sem data
22	Curricula dos professores do curso e professores convidados	sem data
23	Programas dos seminários	sem data
24	Documentação das viagens de estudos (2005/2006): Santos-São Vicente; Rio de Janeiro; Itu - Porto Feliz	2006

APÊNDICE B – FOTOBIOGRAFIA DO CEMMAE

Disciplinas básicas

Disciplina: Museologia – princípios teórico-metodológicos e a historicidade do fenômeno museal

1) Docentes das disciplinas básicas: Marília Xavier Cury, Maria Cristina Bruno, Marcelo Araújo e Marilúcia Botallo • 2) Turma 2 • 3) Turma 1 • 4) Turma 1 • 5) Turma 3 • 6) Encerramento de semestre da Turma 1 com todos os professores reunidos

Disciplina: Museologia e Museografia - a salvaguarda patrimonial dos museus

1) Turma 1 • 2) Turma 2

Disciplina: Museologia e Museografia - a comunicação patrimonial nos museus

1) Turma 1 • 2) Turma 2 • 3) Turma 3 • 4) Turma 1 • 5) Turma 1

Seminários Temáticos e Intensivos

1) Turma 2 - Norma Rusconi e André Desvallées • 2) Turma 2 - Ulpiano Bezerra de Meneses • 3) Turma 2 - Amanda Tojal • 4) Turma 3 - Peter van Mensch • 5) Turma 3 - Mário Chagas e Solange Godoy • 6) Turma 2 - François Hubert • 7) Turma 3 - Jean Bernard Roy • 8) Turma 2 - Juan Carlos Rico • 9) Turma 4 - Helouise Costa • 10) Turma 4 - Peter van Mensch

Visitas técnicas

1) Turma 3 – Museu Paulista • 2) Turma 3 – Museu Lasar Segall

Viagens de estudos

1) Turma 1 - Itu • 2) Turma 1 - Portugal • 3) Turma 1 - Painel da exposição montada pelos alunos em Portugal

4) Turma 1 - Santos • 5) Turma 2 - Museu Imperial • 6) Turma 2 - Rio de Janeiro • 7) Turma 2 - Itu • 8) Turma 2 - Parque Geológico Varvito

9

10

11

12

13

14

15

1) Turma 3 - Itu, com Juan Rico • 2) Turma 3 - Viagem a Santos com Wilma Terezinha • 3) Turma 3 - Turma durante exercício em Santos • 4) e 5) Turma 4 - Viagem ao Rio de Janeiro - MAC • 6) e 7) Viagem a Itu

Programação especial – Encontros Museológicos e e Eventos Acadêmicos

1), 2) e 3) Turma 1 - Encontros Museológicos • 3), 4) e 5) Turma 2 - Encontros Museológicos

7), 8) e 9) Turma 3 - Encontros Museológicos • 10), 11) e 12) Turma 4 - Encontros Museológicos

Simpósios

1) e 2) Turma 2 - Simpósio Internacional Educação: conceitos e Métodos no MAM • 3) e 4) Turma 3 - Simpósio Internacional Pesquisa em Museologia - reflexões e ações no MASP

Encerramentos, aberturas e reuniões extra-classe

1) e 2) Turma 1 - Abertura do curso na Reitoria da USP • 3) Turma 1 - Encerramento do curso

4) Turma 2 - Encerramento do curso • 5) Turma 3 - Encerramento do curso • 6) e 7) Turma 4 - Reuniões Extra-Classe • 8) e 9) Turma 2 - Reunião extra-classe com Jean Bernard Roy e Juan Rico

APÊNDICE C -Transcrição Integral das entrevistas

Observações acerca da metodologia de entrevista e transcrição

Nas entrevistas apresentadas a seguir, buscamos um caráter amostral, de modo a enriquecer as fontes de pesquisa, e explorar especialmente algumas lacunas encontradas na documentação. As pessoas a serem entrevistadas foram selecionadas de maneira simples: demos prioridade aos docentes, coordenadores e discentes que se colocaram à disposição, de maneira que todos aqueles que concordaram em realizar a entrevista foram entrevistados. Alguns desses atores, no entanto, pelos mais diversos motivos, infelizmente não puderam constar nas entrevistas, apesar de terem demonstrado interesse pela pesquisa. Cabe aqui um sincero agradecimento a todos eles, de qualquer maneira, pela imensa colaboração para a construção desta pesquisa.

Assim, seguimos um roteiro semi-estruturado de perguntas, que consta abaixo, sendo que um é especificamente para discentes e outro apenas para docentes. Há casos em que o entrevistado foi discente e docente dos cursos estudados, e, nessa ocasião, aplicamos os dois roteiros na entrevista, a fim de aferir as experiências discente e docente de uma maneira geral.

O roteiro, apesar de estruturar nossa entrevista, não foi seguido à risca em todas as entrevistas: buscamos sempre fazer todas as perguntas contidas no roteiro, mas também nos permitimos fazer alguns devaneios e perguntas específicas quando o/a entrevistado/a possuía alguma informação que julgamos importante para a escrita do trabalho. Essas inserções não atrapalharam o rumo das entrevistas, mas a complementaram com informações e depoimentos para além do alcance que se havia previsto.

Sobre a metodologia da transcrição, esta foi realizada de maneira literal, passando depois por uma revisão gramatical e ortográfica, de maneira a traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi compartilhado no campo da oralidade. Para isto, optamos por omitir os vícios de linguagem e outras marcas de oralidade, que estão sinalizados nas entrevistas por reticências entre colchetes. As pausas realizadas na fala também são sinalizadas, desta vez apenas por reticências, e também os risos constam entre colchetes. As perguntas feitas pela entrevistadora estão sinalizadas em negrito, e as falas dos entrevistados em fonte normal, sem grifos. Optamos por esta transcrição para garantir um melhor fluxo de leitura e compreensão, além do ajuste necessário à linguagem formal exigida pelas normas acadêmicas.

Modelo de Fichas de Transcrição de entrevistas, contendo o roteiro de perguntas:

1. Modelo de ficha destinado aos discentes

Nome do discente:
Curso que participou:
Formação prévia:
Local e data da entrevista:
Tipo de entrevista e duração:
Período em que participou do curso:
<p>Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...</p> <p>No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?</p> <p>Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?</p> <p>Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?</p> <p>Gostaria de falar mais alguma coisa?</p>

2. Modelo de ficha destinado aos docentes

Nome do docente:
Curso que participou:
Formação prévia:
Disciplinas ministradas no curso:
Período em que lecionou no curso:
Tipo da entrevista e duração:
<p>Roteiro de perguntas:</p> <p>Fale um pouco sobre as disciplinas que ministrou: que conceitos e noções buscou priorizar, quais eram as maiores dificuldades em lecioná-los, que reflexões e discussões almejava provocar nos alunos...</p> <p>Que potencialidades você enxerga na formação pós-graduada em Museologia?</p> <p>E quais as maiores dificuldades nesse tipo de formação?</p> <p>Que tipo de formação considera ideal para capacitar museólogos?</p>

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Transcrições das entrevistas

Nome do discente: Marília Xavier Cury

Curso que participou: FESP, como discente e docente, e CEMMAE, como docente.

Formação prévia: Licenciatura em Educação artística

Local e data da entrevista: 03/04/2017, MAE USP

Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4) INSERIR

Período em que participou do curso da FESP: 1983-1985

Período em que participou do CEMMAE: 1999-2006

Perguntas relativas ao curso da FESP

Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...

É, expectativa...é difícil de dizer, sou franca em dizer que quando eu entrei no curso eu não tinha muito a clareza do que era a Museologia, do que era o trabalho em museu. Eu fui, na verdade, porque quando eu estudava na Faculdade de Belas Artes eu tive uma professora, Eunice Sophia, que ela se formou no curso [...]...na FESP, trabalhava já no MASP então ela falou dessa especialização em Museologia, e como ela dava história da arte, eu gostava muito de história da arte, nessa época a Faculdade de Belas Artes ficava no andar superior da Pinacoteca do Estado, então eu estava sempre na Pinacoteca do Estado...eu tive na verdade vontade de continuar estudando, e eu vi que ali pela arte, pelos museus, poderia ser uma boa possibilidade. Depois que eu entrei que eu fui aos poucos entendendo que ali era um lugar de profissionalização e que era uma boa perspectiva, e que eu ia aprender muito mais, na verdade, do que eu poderia supor inicialmente, também comecei a ter muito contato com pessoas que já trabalhavam em museus, e pessoas de outras áreas, como eu era também, [...] mas que gostariam de entrar nos museus...Então foi aos poucos que eu fui entendendo como campo de trabalho, na verdade eu era professora do ensino fundamental, e continuei professora do ensino fundamental durante muitos anos, só deixei...só passei para o ramo profissional primeiramente em 1985, e depois definitivamente em 1986 quando eu fechei meu vínculo, provisoriamente, como

professora do ensino fundamental. Agora a dinâmica das aulas no curso de Museologia era bastante interessante, nós tínhamos vários professores de diversas áreas, com temas bem específicos, que hoje eu entendo claramente [...] que eram o suporte, o aporte teórico e conceitual, ou metodológico, ou técnico, para trabalhar dentro dos museus, então era muito dinâmico, as aulas eram de terça a quinta, [...] eventualmente tinha as aulas aos sábados que eram as visitas técnicas aos museus... Então tinha um certo dinamismo, às vezes era até difícil da gente entender, mas acho que era isso mesmo, pelo dinamismo, pela flexibilidade, [...] pela forma como... criativa como a Waldisa compunha o quadro de professores, o quadro de disciplinas... Às vezes essas coisas pareciam dispersas e fragmentadas, mas eu acho que tinha um núcleo de pensamento comum, hoje isso eu vejo claramente, vejo claramente como ela era uma pessoa central nisso, em unificar, e como a turma de alunos foi muito importante, porque na verdade a gente fazia uma amizade, um grupo, não era uma turma muito grande, embora no começo era mais ou menos grande, talvez uns vinte alunos, depois deu uma reduzida, mas ficou um grupo muito unido, [...] no sentido de conversa, de fala, então era algo...essa dinâmica possível que era muito boa.

E essa questão de entender o campo aconteceu depois, essa clareza chegou para você durante o curso ou foi só com a prática profissional?

Chegou sim [risos]. Acho que é porque a gente falava muito sobre museu. Parece...por mais que tivesse disciplinas que na verdade não eram diretamente da Museologia, ou tratavam especialmente da Museologia ou de museus, como Ciência da Educação, por exemplo. Essas disciplinas traziam aportes muito importantes. Então eu acho assim que o papel da Waldisa e de outros profissionais de museus, formados no Instituto, e que passaram a dar aula lá, foram muito importantes para a gente aos poucos, ir entendendo, o que que é o campo profissional, como atuar no campo profissional. E por outro lado, também teve o período de estágio profissional que eu fiz no último ano [1985], onde na verdade foi estágio, mas foi onde eu iniciei a minha atuação diretamente, então eu cheguei no museu [Museu de Ribeirão Pires], era só eu, a profissional, e eu tinha que organizar aquilo museologicamente, lógico que contei com o apoio de professores e colegas, [...] acho que eu consegui pegar as ideias e ir absorvendo. Nós também participávamos muito de congressos, era uma coisa bastante estimulada no programa, então nós participávamos muito de congressos nacionais, então isso tudo foi ajudando, [...] a mim especialmente, a entender o campo, me inserir no campo, e continuar atuando nele.

No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

Eu acho que...eu diria que o curso da FESP ele tinha uma visão antropológica...Que hoje eu entendo claramente que é a perspectiva da Sociologia, [é a perspectiva] social dos museus, a Waldisa tinha muito isso nela, então era a Instituição, era a preservação, mais o público, a comunidade. Então nós vivemos isso, essa fala, esse discurso, durante três anos, então eu acho que eu me simpatizei com isso sem perceber, eu hoje percebo claramente, que eu gostava daquilo, que eu fazia parte, tanto que eu continuei, talvez se fosse uma outra coisa, uma outra visão, poderia até concluir, mas talvez não...com tanto entusiasmo. E justamente talvez porque eu fosse professora, lidava cotidianamente com jovens, com crianças, e professora de artes, [...] envolvida em uma série de ações, eu fui me encontrando, ali nessa perspectiva sociológica [...] da Museologia [...], que é o que eu gosto na verdade. Continuo...então, assim, acho que era o meu lugar, como o acaso não existe, acho que eu cheguei no meu lugar sem saber.

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Olha...Eu acho que talvez o principal lá foi essa...justamente essa visão sociológica [...] das ciências sociais e humanas, acho que para mim foi o principal lá, e também foi a minha principal opção, porque no curso a gente tinha contato, por exemplo, com a professora Renata que dava restauração, conservação e restauro...Em algum momento eu percebi que ali poderia ser uma coisa boa para mim também, no sentido de que eu gostaria de fazer aquilo, justamente porque eu também lidava com as artes plásticas, eu pintava, eu fazia gravura, então as habilidades manuais eu sempre tive, não é à toa que eu fui estudar artes plásticas, e continuo tendo. Mas aí eu vi também com o tempo que, digamos, ou eu me dedicava a isso mesmo, à minha mão, o meu olho, a essa prática, ou eu me dedicava ao público e à comunicação, então eu acabei me dedicando às questões comunicacionais justamente porque também eu tinha me descoberto como professora [...], e me descobri na sala de aula, como professora. Então uma necessidade me levou a uma descoberta e eu acho que isso somou lá. Agora, daí para a frente, quando a gente está atuando na prática, a gente consegue achar outros desafios [...] que às vezes foram apontados no curso [...], mas que o curso não pode aprofundar. Então eu jamais direi que eu não aprendi muita coisa lá, eu direi que na FESP eu aprendi o principal, que é pensar Museologia na perspectiva do público, eu saí com isso de lá, e tem pessoas que não saem, em outras circunstâncias, vamos dizer assim, é lógico que cada um é um. Então eu acho que o principal para mim foi aprender a pensar Museologia na perspectiva sociológica. Isso

eu aprendi lá, e de lá para a frente eu pude desenvolver métodos, técnicas, mas isso é o cotidiano, então na verdade cada trabalho que a gente faz é uma escola...Então comecei a trabalhar no Museu Histórico em Ribeirão Pires [1985] consegui avançar nessa minha aprendizagem no trabalho. Depois fui trabalhar na Estação Ciência (1986-87) [...] ...consegui lá, aprofundar, outras questões, e no Museu Lasar Segall (1988), estou aqui no MAE há anos e estou sempre...[tendo] novas descobertas [...]. Então até para a gente entender que um curso é importantíssimo, mas ele...a formação não se encerra ali, se encerra...não se encerra na verdade, então eu jamais direi que eu fechei, não é, eu continuo aprendendo, todos os dias tenho novos desafios, mas o pensamento matricial, sem dúvida, é aquele que eu encontrei lá e que eu levo para a frente.

A construção de um olhar?

É, de um olhar, uma forma diferente, uma outra abordagem, é o ser humano, os processos, é o público nos processos, é o profissional nos processos, pensando o ser humano, a finalidade do museu que é o ser humano.

Sentiu alguma lacuna, falta de algum tema ou experiência nessa formação?

Não, eu não senti. Algumas coisas eu não entendia. E agora olhando para trás, até porque você está me ajudando a fazer isso, a gente...eu não volto para trás sempre, mas uma entrevista nos ajuda, a voltar para trás, eu percebo que o curso da FESP, ou o curso da Waldisa, como a gente costuma dizer, porque...como uma homenagem a ela, que a personalidade dela no curso [...], eu diria que ele tinha algumas coisas que eram a mais, que eu gostei de fazer mas que eu senti que eu não entendia direito por que eu estava fazendo aquela disciplina e hoje eu entendo claramente, que era um curso também em transição. Embora tivesse essa base filosófica, ele também carregava em si, em certa medida, aulas voltadas à cultura material. Então eu estudei bordado, na teoria [risos] nem aprendi a fazer um ponto [risos], que eu adoraria, então...numismática...não, numismática não teve, mas bordado, prataria, tapeçaria, [...] então assim...[...] hoje eu percebo assim que era não só pela disponibilidade de professores, importantíssimos aliás, naquele lugar, como a Serafina, então ela dava prataria, bordado, tapeçaria, então hoje eu percebo claramente que era para agregar pessoas boas, mas tinha a ver com o pensamento ainda antigo, mas necessário naquele momento. Então era isso que eu percebia, é lógico que foi bom para a minha bagagem, eu estudei tapeçaria, fiquei com um trabalho de tapeçaria, eu até lembro dos modelos, do estilo, e aí todos foram importantes em alguma medida. Então não vou dizer que foi uma aprendizagem desnecessária, mas é que hoje a gente percebe,

que a abordagem, o enfoque seria outro. A gente percebe isso com muita clareza, mas é isso só, de resto, eu não vejo...eu não via lacunas. Justamente porque eu via que a Waldisa dava uma sintetizada e uma amarrada, sempre, e em alguns momentos era até extremamente técnico demais...Então a gente tinha aula com o João Sócrates de Oliveira que já era o máximo, e hoje, imagina, nem no Brasil está. Então era extremamente técnico, eu não entendia direito, era muito técnico. Mas eu admirava, procurava acompanhar, entender... dava aula, dentro de restauração, de química, por exemplo, então assim, embora eu tivesse alguma dificuldade, eu conseguia entender que na verdade era um ensino de altíssima qualidade, mas consegui entender também que não seria a minha especialidade aquilo tudo. E com relação a isso a gente tinha muita liberdade, então por exemplo, eu nunca fui reprovada numa disciplina do João Sócrates. Mesmo sabendo [...] que aquilo não era a minha, que eu não ia me aprofundar, me jogar naquilo, para saber tantas coisas da química, então também a gente tinha muita liberdade. Então isso era muito bom, dava uma tranquilidade para os alunos de uma forma geral.

A Waldisa chegou a te convidar para dar aulas na FESP?

Ah, sim, a Waldisa fazia isso, ela era agregadora, era uma pessoa agregadora, João Sócrates, Serafina, Maria Margareth Lopes também deu aula lá atrás, então ela era uma pessoa agregadora, chamava pessoas da PUC, pessoas muito boas por sinal. Ela me chamou para algumas palestras, aulas, eu [...] trabalhava no Museu Lasar Segall, depois de determinada época, recebia os alunos, no Museu Lasar Segall, no período que eles podiam, que era, em geral, à noite. E depois eu fui convidada para dar disciplina de Educação em museus, para os três módulos do curso, e dei alguns anos. Eu só saí depois, com o falecimento da Waldisa, ficou um grupo, muito unido e leal (Vania, Liliane e Beth) mantendo o curso, e depois a Fundação começou a ter uma série de atitudes, que nós no geral não estávamos entendendo bem, então eu me desvinculei nesse momento, do curso, por conta de uma circunstância momentânea da Fundação Escola de Sociologia e Política, com relação ao curso, com relação aos alunos e professores, com relação à própria Waldisa já falecida. Então achei que já não era o meu lugar, acho que o curso até parou, a partir daí.

Que período foi esse?

Olha...Deixa eu ver...1991...eu acho que eu me desvinculei em 1992. [...] Não, acho que eu me desvinculei em 1989, 1990 ou 1991, por aí, mas eu dei aula uns dois, três anos lá. É 1988 eu me lembro que sim, 1989, até 1990, mais ou menos, eu me desvinculei de lá. Mas é por isso, é porque...a Fundação, é o momento e a Waldisa

lutava muito pelo curso dentro da Fundação. Com o falecimento dela talvez essa liderança dela, esse poder, essa força que ela tinha internamente...não tinha mais [...], por mais que as nossas três colegas, que foi a Beth Zolcsac, Vânia e Liliana [...], por mais que elas assim, bravamente, heroicamente, e honrosamente, mantiveram o curso para finalizar as turmas, depois acho que isso foi meio que esmorecendo, talvez até a própria Fundação tenha perdido o interesse pelo curso, também, vai saber, não é?! [...] Isso, e não respeitavam a Waldisa, eu fui em algumas reuniões, foram extremamente desrespeitosos, [...] foram extremamente desrespeitosos com a dedicação da Waldisa, o trabalho da Waldisa, então não era o lugar. É justamente...a Museologia que a gente quer está no lugar certo, ela não está em qualquer lugar. Então eu me lembro que saiu um grupo... Eu me lembro que alguma coisa continuou, mas era uma outra coisa. Com outras pessoas...[...] Eu não sei o que que deu, não sei se eu sei de alguém que estudou naquela época, mas é isso, aquela fase encerrou aí. Acho importante dizer que com muita dignidade, por conta das três colegas, a dedicação delas, elas foram bem firmes, e justamente porque nós reconhecemos, as pessoas reconheceram a dedicação delas em prol do curso que era, “da Waldisa”, no bom sentido, muitas pessoas mantiveram seu apoio por muito tempo. Eu mesma, estava com elas por conta da confiança [...].

Fale um pouco sobre as disciplinas que ministrou: que conceitos e noções buscou priorizar, quais eram as maiores dificuldades em lecioná-los, que reflexões e discussões almejava provocar nos alunos...

É...faz tempo [risos]...faz tempo! Mas como na verdade eu era educadora, de museus nessa época, estava no Museu Lasar Segall, tinha formação em Museologia, mas atuava como educadora de museus...Mas ao mesmo tempo, apesar da minha formação em Artes Plásticas, acho que uma coisa que a Museologia me ensinou é que eu poderia, na verdade, ser educadora, ou ser museóloga independente das artes, eu poderia fazer isso em qualquer tipo de museu que não fosse um museu de arte. Tanto que anteriormente a isso eu já tinha trabalhado em um museu de história, um museu de ciências, que era a Estação Ciência, e no Museu Lasar Segall... Então assim, talvez porque devido a isso, que eu aprendi na Museologia -eu não sou museóloga de uma coisa, eu sou museóloga, sou educadora...- é que eu acho que eu consegui desenvolver um programa para pequenos museus, os módulos [...] - Pequenos Museus, Museus de Artes e Museus de Ciências, módulos específicos. E também porque na faculdade eu já tinha estudado teoria da comunicação, consegui trabalhar mais empiricamente do que teoricamente, as questões relacionadas à comunicação [...], vindas dessa teoria da comunicação [...], questões mais práticas

do dia-a-dia de um museu, entendendo que aquele especialista iria atuar. Ou como museólogo dentro do museu, teria que entender o que é educação dentro do museu, mesmo que ele estivesse cuidando do acervo. Então dentro da amplitude do que é o trabalho dentro do museu, o que é educação, mesmo que ele não fosse ser o educador, mas que ele fosse atuar interdisciplinarmente com aquele educador. Então assim, são questões mais...foram questões mais conceituais ligadas à comunicação, questões mais conceituais ligadas ao museu e à Museologia, e que educação pode ser feita no museu. Eu me lembro bem que, em determinado momento, a gente falava muito sobre a desescolarização dos museus, então isso ajudou a entender, separar os papéis [...] , da escola e do museu...Então, uma vez separando, o desafio é ser museu. Então o que é educação em museus, como fazer, e a parte toda de metodologia, projeto, como elaborar um projeto, então tem uma ação anterior, do fazer o projeto, preparar o projeto, antes da atuação específica para distintos públicos [...], com questões específicas dentro desta perspectiva: pequeno museu, museu de arte, museu de ciência...Então acho que é isso, que acho que eu consegui, que eu me lembro com clareza, até porque é a trajetória.

Se você quiser comentar mais alguma coisa especificamente sobre a FESP...

Não, acho que era isso, era muito dinâmico, muito agradável, um grupo pequeno, a Waldisa fazia questão de nos disponibilizar bibliografia, então eu lembro que tinha um lugar que tinha muitos livros, ela mesma participava de muitos congressos internacionais, então ela trazia xerox para a gente...Xerox da xerox da xerox [risos]. Eu sempre lembro que ela estava chegando com uma pasta nova de xerox, sabe, então ela distribuía. Então...e daí a gente percebia quando a gente ia em um congresso, por exemplo, que a gente tinha acesso à bibliografia, que a gente tinha acesso aos conceitos, nessa época que eu estudei o campo era muito fechado, ainda, infelizmente. Era muito poucas pessoas que tinham esse domínio a essa bibliografia internacional, e tinha acesso a viagens internacionais. Então ela trazia tudo isso sempre para a gente, e disponibilizava em pastas para quem quisesse xerocar o que fosse. Então eu lembro isso com muita clareza, que a gente sempre tinha bibliografia na mão, os nomes, a gente tinha na cabeça, a gente sabia quem era fulano, siclano, o que ele pensava, que Museologia era essa que estava sendo construída no ICOFOM [...]. Então eu lembro isso que eu acho que era uma coisa muito bacana, muito, muito legal. Até hoje eu valorizo muito isso, lógico que hoje a gente tem acesso a muita coisa, mas hoje talvez o meu discurso é igual, no sentido de que a gente precisa disseminar, igual ao da Waldisa, disseminar informação, só que hoje eu falo isso, só que eu acho que a gente tem que escrever. Está tudo na internet. Mas o que

não está na internet são as experiências das pessoas, elas ainda não perceberam que na experiência delas tem uma aprendizagem que é única e que ela deveria colocar isso num texto e disseminar na internet. Acho que é essa outra fase, o que o colega está fazendo que eu gostaria de saber para poder dialogar com ele, me apropriar, no bom sentido, da prática dele, da experiência dele. Então acho que hoje é isso, inverter...os papéis...inversão de papéis, a gente escrever mais, publicar mais.

Perguntas relativas ao CEMMAE

Fale um pouco sobre as disciplinas que ministrou: que conceitos e noções buscou priorizar, quais eram as maiores dificuldades em lecioná-los, que reflexões e discussões almejava provocar nos alunos...

Foi uma disciplina [...], juntamente com o Marcelo Mattos Araújo, que era específico sobre exposição, comunicação, com uma abordagem educacional, como é própria da comunicação, então era essa a disciplina, e dava apoio também nos seminários, nas viagens de estudos, aliás todos os professores participavam das viagens de estudos, onde era, onde aconteciam também não só visitas técnicas mas também elaborações de trabalhos com os alunos onde a gente tinha a oportunidade de discutir com eles, os mais diversos aportes, cada um dentro da sua disciplina. Olha, partia das questões comunicacionais, então Marcelo e eu montamos um programa baseado então, nas questões conceituais da comunicação, nessa época eu já estava com o meu mestrado, meu mestrado eu fiz na Escola de Comunicações e Artes, aonde eu tive a oportunidade, sem tirar o pé da Museologia, de aprofundar questões da área de comunicação, justamente porque eu me preocupava, e eu me perguntava que comunicação é essa que se faz no museu, e em que medida ela é comunicação, no sentido da ciência da comunicação, então...fazer o mestrado na ECA foi muito importante nesse aspecto [...]. Que teoria da comunicação é

factível com a comunicação museológica, entendida como uma sub-área da Museologia, da teoria museológica... E que comunicação é essa que [...] é passível de ser feita dentro do museu, partindo da teoria e de um conjunto conceitual, que prática é essa? Então o nosso curso partia disso e aprofundava, nas questões de expografia, nas questões expográficas e educacionais também, mas o nosso trabalho, o nosso grande empenho, sobretudo, era em olhar e saber conceber uma exposição, mas saber olhar para uma exposição. Então, por exemplo, [...]nós trabalhávamos muito com roteiro de exposição, então aquele roteiro que você conhece começou ali, a partir de uma contribuição internacional a gente começou a desenvolver ali, e vinha cada vez mais desenvolvendo e aperfeiçoando aquele roteiro.

Então, ajudar o aluno não só na perspectiva da concepção da exposição, mas sobretudo olhar exposições. As exposições estão prontas, estão aí justamente para a gente fazer a crítica, no sentido da desconstrução, entendê-la, na forma como ela foi concebida e realizada. E inclusive o trabalho final era isso, os alunos escolherem uma exposição e fazerem um exercício, tão exaustivo quanto ele conseguisse, a respeito de olhar para uma exposição, e analisá-la de forma a desconstruí-la. Da mesma forma também tinha o trabalho prático. Então os alunos, em grupo, fazer o exercício de concepção e montagem de exposição, apresentá-los na sala de aula, para debate de todos, e observação de questões técnicas tão importantes, tão, às vezes, esquecidas, no campo da exposição, mas tudo é a criação, e se esquece de que na verdade é mais técnica do que criação, embora a gente crie, faça uma criação controlada. [...] Não somos artistas, não é? Somos técnicos, somos técnicos de museus montando exposições para o público, e aí é que [se] fechavam as questões da teoria, das questões do público. Então era basicamente isso, um semestre, era muito bom.

E durante as viagens de campo, como era a abordagem a partir da comunicação?

É muito fácil, porque é isso, voltando ao curso da Waldisa, é o ser humano. É colocar o ser humano-público, na pauta. O ser humano-público e o ser humano profissional de museus também a gente esquece: por isso que eu trabalho com o conceito de público interno e público externo da instituição, é para lembrar que quem está trabalhando dentro da instituição são pessoas, é um ser humano, também, dentro daquele contexto, com obrigações claras, mas ao mesmo tempo também um ser humano, com a sua sensibilidade, a sua moral, a sua ética. Então assim, é muito fácil, como continua...é isso, aquela matriz, dentro de uma filosofia. Eu acho que o museu é para pessoas [...], então o que ele tem de específico, é uma instituição voltada para pessoas, mas a sua especificidade é a cultura material, é o objeto. E tantas instituições são voltadas para o ser humano, como a escola, mas digamos a nossa base de trabalho são os objetos. Então eu não consigo não ver isso, e talvez com o tempo, a partir da própria ECA, no mestrado e no doutorado, é que eu vejo clareza que, dentro da perspectiva da comunicação museológica, a gente escolhe um lugar. Então, todos escolhemos, mesmo que a gente não tenha noção disso, então o meu lugar é a posição do público, então eu procuro, dentro da perspectiva da dinâmica comunicacional, eu estou sempre mais próxima do público, sem deixar de entender que o objeto, a conservação, a materialidade é fundamental, senão não existe museu

[...]. Mas é a partir da cultura material... que ser humano é esse que a gente projeta? Que cidadão é esse que a gente projeta e como a cultura material pode trabalhar nessa perspectiva? Então nunca vejo problema na verdade, de me colocar, nessa minha especialização, e aquilo que eu faço: ensino no cotidiano...porque às vezes a gente vê dois colegas comunicacionalmente, não é, estão dialogando, então está presente em tudo na verdade.

Como você enxerga a estrutura do CEMMAE hoje?

Acho excelente, achava excelente, continuo achando excelente. Porque era um curso de especialização, então é um curso voltado para quem vai trabalhar em museu, então eu acho que ele tinha os elementos fundamentais, que eram a teoria; a conceituação, o conjunto conceitual; a metodologia, da forma mais diversa possível, e essa prática de ir em contextos museológicos para entendê-los, nas circunstâncias onde ele acontece, onde ele está. Então as disciplinas: tinha um bloco de disciplinas, um bloco dos seminários, e tinha a monografia, que também era uma coisa muito importante, e as visitas técnicas. Então acho que era um conjunto muito bem articulado, as disciplinas então que davam a base e um aprofundamento inicial, depois os seminários, ajudavam a trazer outras visões, uma diversidade de visões, e porque não, uma divergência – faz parte do nosso trabalho, não pensamos todos iguais, que bom!- e as visitas técnicas acho que ajudavam...tanto o grupo, a entender que a Museologia é algo que se faz em grupo, e essa coisa de ir em contextos para entender esse contexto novo que os alunos não conheciam, para conseguir aprendê-lo, analisá-lo, sempre também em grupo...E a monografia voltada a verticalizar, assim como começa verticalizando no começo, a monografia o aluno verticalizava por si, dentro desse panorama, ele tinha [que] pegar um ponto específico. E em um ano e meio né?! Isso era denso, e precisava de muita dedicação do aluno com toda certeza, para aproveitar o máximo esse um ano e meio. Mas acho que funciona, acredito que funciona, em um ano e meio formar alunos, profissionais [...] para atuar no campo museológico, eu ainda acredito nesse formato.

Então, cotejando a docência no CEMMAE com a sua experiência agora no PPGmus, como você enxerga as potencialidades e problemas de cada um dos cursos?

É que a pós-graduação é outra coisa, a gente investe no pesquisador. Então, eu vejo, o aluno é um jovem pesquisador. Então eu estou menos preocupada com ele no museu, embora eu queira, que ele trabalhe no museu, mas eu estou apostando nele como um jovem pesquisador. E estou apostando também, que ele vai trabalhar no museu, sabendo, dentro dessa perspectiva do pesquisador, melhor estruturar os

projetos, dentro daquela instituição, com outro tipo de consistência. De forma alguma eu desvalorizo a prática no museu, eu acho ela fundamental, mas eu acho que esse jovem pesquisador, com mestrado ou doutorado dentro de uma instituição, ele consegue levar para lá uma outra experiência, um outro traquejo, uma outra capacidade de circular a teoria e os conceitos, e aí o desafio é ele colocar tudo aquilo em prática, porque o museu se faz, se realiza, não é uma abstração, não se faz museu no papel. Mas eu acho...na verdade na pós-graduação a gente investe no pesquisador, na capacidade dele de se articular conceitualmente, teoricamente, buscando sempre uma bibliografia internacional, apostando que ele vai buscar a construção de metodologias para a pesquisa dele, e consequentemente ele vai saber levar isso para o museu, e saber construir alguma coisa e saber levar isso então daí é um desafio dele, saber levar isso para uma prática cotidiana. Eu tenho absoluta certeza de que isso é possível, levar a teoria e o conceito para a prática. Eu acredito não, eu faço isso, levar para a prática a minha teoria, e vice-versa, da prática eu consigo levar para a minha teoria. A gente está apostando no pesquisador, mas a gente está esperando que esse pesquisador se engaje em instituições museológicas, e consiga levar isso para lá, levando a teoria, colocando na prática, e fazendo com que essa prática o leve para outras reflexões, amplie as suas reflexões.

Que potencialidades você enxerga na formação pós-graduada em Museologia?

Eu acho que muitas. Olha, até falo por mim, desde 1985 eu trabalho em museus, desde então não parei, é um trabalho grudado no outro, e quando eu entrei na universidade, na carreira docente, eu vi, objetivamente, a possibilidade e a obrigatoriedade de fazer pós-graduação. Não que eu não quisesse antes- eu queria, e estava buscando isso, enquanto eu estava no Museu Lasar Segall, eu estava num cargo técnico, mas eu estava buscando me inserir na pós-graduação, ou seja, eu queria continuar estudando. Mas estando aqui é que eu, na verdade, aqui na Universidade de São Paulo e aqui no MAE, que eu tive essa objetividade, eu precisava fazer pós-graduação. E fui fazer, fui fazer o mestrado e o doutorado. Então eu vejo com muita clareza o quanto isso agregou. Eu faço trabalhos técnicos também, porque faz parte, não estou tirando o trabalho do técnico, faz parte também da forma como eu resolvi trabalhar, então, na verdade, eu trabalhei em diversos níveis, e realizo determinados trabalhos técnicos. Então eu consigo ver claramente, como essa dinâmica pode se dar e deve se dar. Então eu acho que a perspectiva da pós-graduação é, novamente, de forma alguma desvalorizar quem está na prática, é mostrar que pode ser diferente [...], é mostrar, inclusive, que a prática pode ser

diferente. Que a prática, ela é na verdade, um conjunto de saberes, então é levar para essa prática, essa dimensão, saber. O saber da prática, o saber do cotidiano, o saber do cotidiano, o saber fazer. Eu, às vezes, eu percebo que isso está um pouco esvaziado, às vezes menosprezado, diminuído, às vezes quem está na prática mesmo não entende, que ele é mais do que...às vezes ele se sente fragilizado, diminuído. Então, se a gente consegue, a partir de uma pós-graduação, não somente, mas a partir da pós-graduação, mostrar que a gente tem um saber, e que esse saber na verdade se faz fazendo, mas que a gente precisa olhar com uma outra visão para esse fazer fazendo, construindo reflexões, de fato entendendo que ali tem um conhecimento – qual é? Qual que é esse conhecimento? Eu acho que a gente consegue romper falsas hierarquias, em primeiro lugar, são falsas mas elas estão aí, entre maior ou menor, dentro de um trabalho, quem sabe e quem não sabe, quem pensa e quem executa, eu acho que tem esse ideal, de tentar romper essa perspectiva, essa visão. E de novo[...], que as pessoas entendam que elas tem que escrever sobre aquilo que elas fazem: ou apresentar em congresso, ou fazer um powerpoint, ou fazer um vídeo, o que elas quiserem, na verdade, mas elas tem que se dar conta de que o saber existe. Mas quando a gente fala em organizar isso, por isso o artigo, por isso o vídeo, por isso o powerpoint, a gente começa a olhar para o nosso próprio trabalho, a gente não só está fazendo, mas a gente está se vendo, fazendo aquilo. Então isso para mim eu acho que é fundamental. Eu acho que quem sai da pós-graduação, mesmo que não esteja naquele museu ele é um agente, para mostrar que isso é possível, e que isso é uma coisa muito importante de ser feita. E desfazer essa questão pejorativa que menospreza a prática dos museus, acho que talvez seja um dos nossos grandes desafios. E acho que a pós-graduação, o mestre o doutor, eu espero que ele tenha essa visão humanista do trabalho em museus.

E quais as maiores dificuldades nesse tipo de formação?

Vamos ver...eu acho que a maior dificuldade é desfazer preconceitos na cabeça dos alunos. Eles existem. Bom, preconceito está em toda parte, já vou logo dizendo, está em todos, para a gente não separar o mundo dos preconceituosos e me colocar do lado dos não-preconceituosos, então assim, como na verdade, mesmo na pós-graduação em arqueologia, eu levo a Museologia para lá, e os métodos, a mesma teoria, e os mesmos princípios, é lógico que levado para uma situação específica, para alguém que vai ser arqueólogo, no caso. Mas eu acho que tanto na Museologia quanto na arqueologia, eu acho que a minha maior dificuldade é desfazer, para não dizer preconceitos, são chavões, da Museologia, então são coisas que a gente

acostumou a escutar, e porque a gente escutou tanto a gente incorporou e saímos repetindo. Então digamos assim, que nas aulas e nas orientações, a coisa que mais aparece, no sentido de [...] o maior desafio mostrar para as pessoas que aquela fala está vencida. Se um dia ela foi verdadeira, ela já está vencida. Ela não equivale mais hoje à realidade. Acho que é por isso que é bom também trabalhar com o público, na visão do público, você começa a ver que aquilo não é bem o que acreditava. Aquilo é um pensamento que foi feito dentro de um...digamos assim, de um grupo, do qual eu faço parte, tá? - fechado, que constrói uma informação, que, se ela for verdadeira, - muitas vezes não é, mas torna, quando a gente repete muito uma coisa, vira uma verdade, mesmo sendo uma mentira ela vira uma verdade. Então é mostrar que aquilo...aquela fala, é um pensamento, que tem que ser desfeito. Mas acho que a gente consegue, nas aulas. É bom estar com alunos, é bom discutir, é bom falar, é bom que aflore essas coisas, acho ótimo, é só aflorando que a gente consegue afrouxar, mostrar que aquilo não é bem daquele jeito. Mudança de mentalidade. Desconstrução, acho que uma mudança de mentalidade. Talvez acho que porque a gente viva numa mentalidade, os museus vivem na transição, então na verdade o museu que a gente quer desfazer está em nós. Então na verdade a gente tem que desfazer nos desfazendo, no sentido de o que nós pensamos também precisa ser substituído, só que a gente precisa ver o que que é, o que nós não gostamos, para entender de fato o que nós não queremos fazer, por que não é uma coisa boa, e substituir. E substituir por um novo pensamento. Mas é isso, não diria que é uma dificuldade, diria que é o momento, é uma circunstância, acho que a gente tem que enfrentar isso também na Museologia, na Arqueologia. Talvez na Arqueologia seja um pouco mais difícil, justamente, porque o aluno ou aluna está se formando para ser [...] arqueólogo ou arqueóloga. Então tem que entender também. Assim como a gente tem que entender que o restauro não é só o restauro, é muito mais do que só o objeto em si, que a escavação é muito mais do que aquilo, e que aquele objeto que está sendo coletado para o museu, então se vai para o museu a finalidade são as pessoas [...], não é o objeto em si somente, então entender como a Museologia está junto de uma ideia do que seria a arqueologia pública. Então ela está junto, não está separado nisso. Então levar esse pensamento para lá.

Que tipo de formação considera ideal para capacitar museólogos?

A ideal é aquela bem feita. Não importa o nível. Se você me falar “olha, lançaram o pré-primário, ensino fundamental” ou se você me falar que acabaram de lançar o ensino fundamental I voltado para museu eu vou até te apoiar, então assim, eu acho,

eu aposto em todos os níveis. Eu acho que se tivesse um ensino médio especializado em museus, eu apoiaria, tem o curso da ETEC, que no caso você precisa ter o ensino médio, eu apoio. Apoio a graduação, apoio a especialização, apoio e sinceramente acho que a gente precisa de tudo. E acho que a gente precisa de profissionais no museu sabendo atuar em diversos níveis, diversos planos, então quem me dera ter um segurança com ensino médio especializado em museus. Seria maravilhoso isso, seria muito...um porteiro, não importa, porque a gente precisa de tudo, o museu é tudo, não importa, não importa ter os “bam-bam-bam” fechados em um lugar, e na portaria, como exemplo, essa pessoa estar ausente, seria maravilhoso que ela estivesse lá com formação. E mesmo se tivesse um curso de capacitação, um treinamento, eu acredito em tudo, aposto em tudo. Já colaborei em diversas frentes, já dei curso de capacitação, posso dar novamente, já colaborei no curso da ETEC, com palestras, dou aula na graduação, não em Museologia mas com temas específicos dentro da Museologia, na pós-graduação...Mas, qual é o problema? É o lugar no museu, são as falsas hierarquias. Então as pessoas, elas querem ser valorizadas, mas elas não se sentem valorizadas na portaria. Por quê, se o trabalho é importante? Se todo trabalho é importante, por que que ela....? Na verdade, o problema não é a portaria, o problema é como a instituição a valoriza...Então é lógico que as pessoas, as equipes, as pessoas, os setores de recursos humanos, os gestores, podem valorizar, mas o salário é desequilibrado. A carreira é desequilibrada. Então acho que passa por várias questões, acho que é a questão salarial, uma falsa perspectiva hierárquica, eu não sou contra a hierarquia, ela existe, ela é boa, o falso, o que é: é o que está em cima é melhor do que aquele que está embaixo ou mais valorizado ou tem uma outra inserção e uma outra valorização do que o outro não tem. Então acho que infelizmente é isso, [...] mas acho que o museu que a gente precisa hoje ele precisa de profissionais de diversos níveis, diversos planos, mas a valorização em termos de carreira tem que corresponder a isso, senão a gente vai continuar [...] fazendo uma coisa, mas quem está lá sabe que na verdade ele queria estar em um outro lugar salarial, em termos de carreira, não em termos necessariamente de trabalho, então isso para mim é onde a coisa amarra.

Essas tensões do campo são complicadas...

Pois é...e colocando colega contra colega, curso contra curso, disputas...E talvez isso favoreça o corporativismo, porque se o curso técnico não é valorizado, o que que é? Acaba sendo muitas vezes a graduação.

Gostaria de aproveitar esse tema para perguntar como você encarou, na época, o fechamento o CEMMAE, e as questões relativas à regulamentação da profissão que afetaram o curso...

Acho que está dentro disso que eu estou falando, porque como, de acordo com a legislação, que habilita a profissão do museólogo, não permite que o aluno formado numa especialização – por melhor que seja, certo- tenha o registro profissional... Requerer todo mundo pode requerer qualquer coisa, obter é outra história. Então por mais que nós tenhamos lutado para a alteração da lei, a gente não tenha conseguido isso, eu acho tudo muito lamentável. Acho que é uma realidade brasileira, mas não é uma realidade que eu goste. Eu acho que eu jamais vou dizer que um museólogo formado na graduação não esteja bem formado ou que ele não seja necessário, isso não faz parte do meu pensamento, e eu entendo exatamente o que que é o museólogo formado na graduação ou museólogo como eu sou. Eu sou museóloga também, de acordo com a lei, eu não me sinto menos museóloga do que qualquer pessoa formada na graduação. É por conta disso também que talvez eu perceba que alguém que faça uma boa especialização bem estruturada tenha esses requisitos para ser museólogo. Mas aí entra a questão da lei e do corporativismo. Então as pessoas da graduação acham que, porque eles estudam quatro anos, se sentiriam menosprezados se alguém que estuda um ano e meio tivesse também o título de museólogo. Então eu acho isso tudo lamentável, porque na verdade quem faz especialização não estuda um ano e meio, ele tem os quatro anos da graduação dele, mais um ano e meio, então são cinco anos e meio que ele está estudando, a bagagem dele é trazida e é incorporada. Mas infelizmente são coisas da realidade, eu só acho lamentável que profissionalmente...quem está querendo trabalhar em museus se sinta nessa briga, que não leva a lugar nenhum, não leva a lugar nenhum...porque está cheio de museus aí no Brasil, não falta museu. Então na verdade é uma disputa pelo quê? Campo de trabalho? Está cheio de museus por aí. Tudo bem que é difícil a contratação, mas se fica uma demanda centralizada nas capitais, fica até um corporativismo centralizado nas capitais, quem é que quer ir para o interior? Quem quer ir para o Brasil central? Então acho que é uma coisa que tão cedo a gente não supera, infelizmente. Eu gostaria que se pensasse mais nos museus e no público e menos em defesa de segmentações do mercado de trabalho, que acho que definitivamente não leva a nada. Muito embora a lei tenha sido uma grande medida, uma coisa importante, porque foi um dos marcos para a profissionalização dos museus no Brasil, porque antes era, na verdade, em grande medida, o lugar do voluntarismo. Então ela teve a sua importância, e não vou dizer que não tenha hoje,

mas da forma como foi fechada e opera talvez não seja tão eficiente quanto a realidade museológica hoje exige. [...] Ela tem um lado importante mas ela não se atualizou. Ela não se atualizou e ela ainda vai ficar muito tempo parada, porque a gente não consegue se enfrentar, a verdade é isso. São pessoas, a lei não tem vida própria. Então por que as pessoas não conseguem ver o outro lugar para pensar a Museologia, e os museus e as pessoas dentro desse processo, então a lei vai ficar parada. Então é isso, ela não muda, e eu acho que é melhor ficar parada do que mudar para pior. Você sabe que sempre pode piorar [risos], então acho que é melhor ficar parada. Até porque a pós-graduação, os cursos de pós-graduação estão ampliando no Brasil e com a pós-graduação, quem está se formando tem o direito, por lei, de requerer o registro profissional, então assim, bem ou mal, o mercado está se modificando com essa possibilidade de mestres e doutores que não tenham graduação em Museologia, possam ter o registro profissional. A possibilidade da pós-graduação é isso, a pessoa que já está no mercado, já está no museu, já tem uma experiência, já tem uma reflexão, já tem uma vivência, uma visão, procura o mestrado, ou procura o doutorado, para dar essa volta, digamos assim, para, a partir da sua prática buscar as referências teóricas e conceituais para rever a sua visão, no caso, e quem sabe a sua prática. Então acho que é um caminho, é uma forma, que não elimina a especialização, nem os cursos técnicos, que a gente tenha clareza sobre isso, minha fala começou dizendo que eu aposto em tudo e eu aposto mesmo! Nem todo mundo...porque nós vivemos em um país onde só quem tem graduação é que é doutor, todo mundo quer ser doutor, então...sabe? acho que as pessoas tem que ter a liberdade de escolher o seu lugar, no mundo e no mundo profissional, e no mundo profissional dos museus. Mas novamente, as falsas hierarquias, no sentido de que impõem uma visão de que você é bom se você estiver num patamar, e consequentemente você não é tão bom se você estiver em outro...e salário...fragiliza completamente isso.

Nome do discente: Ricardo Nogueira Bogus
Curso que participou: Curso de Especialização em Museologia - FESP
Formação prévia: Educação Artística
Local e data da entrevista: Museu Paulista (casa anexa ao Museu), 12/11/2016.
Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 43min44seg
Período em que participou do curso: de 1979 até 1981
Roteiro de Perguntas:

Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...

Eu tinha acabado Belas Artes e fui trabalhar com meu pai [...], e o meu pai que era leiloeiro, ele fazia leilão de tudo, coisa grande, mas meu pai já estava com uma certa idade, querendo se afastar e aí como eu gostava muito de arte abriu uma casa de leilões de arte [...] fiquei dois anos trabalhando com ele lá, foi interessante...E aí durante esse período, só que não é a parte que eu gosto, [...] é interessante, tudo bem, você precisa sobreviver ... E aí foi nesse período foi que eu acho que eu vi no jornal, não tenho certeza, ou passei na frente do MASP..., Que no MASP estava com inscrições abertas para um curso de museologia, que no começo era um o convênio do MASP com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo...Aí fui fazer aí eu achei interessante essa coisa de museu, mas nunca tinha pensado em trabalhar em museu, gostava de arte [...], mas [...] nunca tinha pensado. Teve uma pequena entrevista, acho que foi com a Waldisa que tava e com uma pessoa do MASP de lá, aí eu achei muito legal, muito legal...O primeiro ano foi no MASP [...], que eu peguei, e aí depois já teve a separação [...], o MASP não continuou, aí a partir do segundo ano a gente já fez foi lá na Fundação. Eu achei muito interessante, eu fui me, vamos dizer assim, fui me apaixonando pela coisa. E o MASP, claro aquele espaço...e o Bardi [...], lembro de umas aulas que eu tive com o Bardi no período [...], que essas são muito pra um lado muito prático de atividades de museu. Não esqueço dele falando 'atividades de museu' ...ele chegava no museu, ele passava no banheiro para ver se tava tudo limpo, e depois ele passava pra ver se tinham tirado o pó das molduras, aí ele ia para o escritório. Não, é que essa era uma...que também eu vejo que é uma função do profissional de museu que é garantir esse atendimento de qualidade ao com o público de qualidade...Muitas vezes as pessoas ficam só nas grandes questões dos museus [...] e esse cotidiano é meio jogado pra pro pessoal de [manutenção] administrativo e aí não funciona, [...]...Então a diferença. Eu gostei muito, gostei muito. E foi interessante para mim porque a minha área sempre foi de artes, mas o que me interessava interessou muito mais foi a parte de história, foi de museus de história, [...]. Das matérias, então, eu acho que, Eu ainda não nunca tinha feito estágio em museu, nunca tinha sido nada além de visitante. Sobre o curso, eram três módulos, vamos dizer assim [...], um era de pequenos museus, outro de museus de arte, e outro era de museus de história e ciência, alguma coisa assim...E achei interessante [...], tanto que

fui fazer [...], mas Eu não tinha ideia do que eu ia encontrar, então para mim foi muito legal. Então para mim foi muito legal, pelo fato da Waldisa [...], uma pessoa que tinha o poder da palavra, vamos dizer chamar assim...Não, ela falava muito bem, ela tinha muito conteúdo, ela era uma pessoa envolvente, ela realmente te envolvia, te levava... E ela com toda a visão que a Waldisa tinha [...], mas e os outros professores também [...], entre eles Fábio Magalhães, João Sócrates Oliveira, Boris Kossoy tinha um outro que era de fotografia...que é da USP agora, mas é um cara super ligado em história da fotografia, então...bárbara...bárbara...Então você teve uma série de professores que eu achei muito legais, muito bons, então vai formando [...]. E eu não sei, claro, no nosso tempo era uma grande luta, [...] porque, quando se sai do MASP, que onde a gente tinha as aulas eram num no pequeno auditório [...], mas é tinha toda uma estrutura [...], uma belezura, vamos chamar assim [...], aí foi pra Sociologia Fundação, no começo tinha um problema de espaço [...], era um curso novo no espaço da algo novo na Sociologia Fundação. Então eu lembro que foi meio complicado, na própria sociologia tinha Fundação tinha falta de salas, teve um período que chegou a ser em um saguão no primeiro andar, por falta de outro espaço [...], e a Waldisa super batalhando [...], depois a gente foi para aquele espaço edifício do lado da Fundação [...], e aí a coisa pegou mais fácil [...]. Mas então tinha todo um trabalho de luta, porque museu não era o que é hoje, vejo assim, hoje museu é muito chique [...], naquela época museu era meio outsider [...], meio ao lado vamos chamar assim [...]. Museu o que você tinha era o MASP, o Paulista, a Pinacoteca, totalmente, que não tem nada a ver com a Pinacoteca de hoje, era o no primeiro andar era a Faculdade de Belas Artes, no segundo andar no térreo a Pinacoteca ...e uma coisa muito de guarda [...], depois quando foi a Aracy Amaral [...], depois o aquele que foi professor da gente, principalmente a Aracy Amaral, que retomou o primeiro andar , começou a tentativa de retomar o andar de cima [...], que aquilo começou...Mas eram poucos museus [...], ih e museu não era chique...era meio outsider...outra perspectiva. Então o curso foi muito legal que eu fiz três estágios. Um foi lá no Museu do Telefone,[...] legal, interessante, mas foi uma coisa mais burocrática, depois foi no Paço das Artes, que eu fui um [...], era legal, uma quantidade de discussões e de projetos, a questão de acompanhar montagem, então foi muito legal, mas no meu terceiro estágio eu falei 'não, agora eu queria ir para um museu', museuzão, aí foi quando eu queria quis vir fazer estágio aqui no

Museu Paulista, que quando eu falei pra Waldisa e ela disse 'cara você vai ser massacrado', não, porque lá, era aquela coisa do museu muito fechado em si [...]...e na verdade foi bárbaro, porque eu fiquei acho que uns sete meses no estágio no setor de história, não tinha um setor de Museologia, ninguém cuidava de projetos exposições, então eu fiz um monte de projetos, nossa foi muito legal, muita coisa. Aí tanto que abriram uma vaga depois, uns sete anos depois eles me ligaram, perguntaram se eu queria prestar, então ou seja, foi bom [...], foi uma experiência boa pra eles também [...]. Então aí também a Waldisa sempre dava muito apoio [...]. Eu achava muito legal, depois que começou, é um treco que você mergulhou [...], vamos chamar assim [...]. Tinha muitos textos que a Waldisa trazia dos seminários internacionais de que participava...tinha muito material [...], os outros professores também [...], ah esse de fotografia...em todos estes tinha trabalhos práticos também, eu lembro que desse de fotografia a gente fez um trabalho foi bárbaro foi sobre [...] que era um colecionador de objetos [...] que era jornalista, que foi um dos trabalhos finais da gente, então...Bóris Kossoy! Isso! Então demais, adorei o cara, o cara era muito bom e como professor era muito bom também, tinha uma dinâmica muito legal. [...] Mas era bárbaro, a gente precisava, entendeu, de pessoas mais fechadas assim. Mas as aulas eu acho que eram bastante legais, eu acho que tinham bastante conteúdo sim, tinha muita leitura sim, tinha muitos textos, trabalho prático pra você executar, o que você não tinha, e isso era que a Waldisa sentia falta também, era de um do espaço grande pra atividades práticas, então a gente teve durante o curso que utilizar áreas no eu lembro que com o SESC da rua do Carmo , aquele em galpões do Parque da Água Branca, tinha uns espaços, eu lembro que com o SESC do Carmo, [...] e a questão dos estágios, mas ela sentia falta do prático [...]. Isso daí era uma das coisas que eu acho que ela sentia falta. Tanto que ela queria ter [...], então tinha essas atividades do SESC [...], que davam todo um apoio, mas Ela sentia falta de...um espaço para atividades do curso, eu lembro que a gente discutiu muito, eu acho que foi o período que eu fiquei mais próximo dela no curso com ela, uns seis meses antes de eu ir para Jundiaí, assumir a coordenação do Museu Ferroviário Barão de Mauá. então você tinha a O edifício da Fundação, o prédio [...], e daí a ideia de, de alguma maneira você construir ao lado daquele, porque tinha o espaço [...], ocupava o centro de um terreno grande e a ideia era ocupar um dos lados com um pequeno edifício para o Instituto de Museologia colocar as salas de aula e um espaço para

exposições e outras atividades. E estava sendo discutido até pro curso ficar permanentemente lá, de ter um espaço para exposições, e atividades educativas. De repente poderíamos começar a fazer convênios, fazer um monte de coisa, e os alunos trabalharem [...], os alunos trabalharem direto. Mas não aconteceu...não aconteceu...

No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

A Waldisa...A Waldisa...você tem Waldisa, porque a Waldisa era sobre Museologia, os outros eram mais de fotografia era mais para coleção fotográfica, história da arte, essas coisas super legais, eu acho que foi super importante, mas a Waldisa era o centro...definitivamente era o centro. E a questão de Museologia [...], o acesso aos textos de Museologia, as discussões de Museologia, e a visão política da aí a posição [...], porque a gente era meio...porque a Waldisa era uma pessoa politizada e isso trouxe uma maneira diferente dos outros cursos uma outra maneira de você no lidar com o museu, que agora [...] então você tinha o curso do Rio, que era um curso super tradicional, super bom, super ótimo [...], mas que era mais voltado para essas coisas, esses estudos mesmo de acervos de objetos, os caras eram ótimos [...], nessas áreas eles eram muito melhores do que a gente... só que a gente, eles não tinham uma visão, a. Nós, alunos, ficamos com uma visão social do museu, essa visão de atuação no museu, e isso daí era muito legal, [...] e o pessoal do Rio. Os alunos dos outros cursos conheceram Waldisa nos encontros e também se apaixonaram por ela. Conheceu a Waldisa então, nesses encontros, que tinha, e claro, [...] mas era assim, que ela dominavam aquelas senhoras, eu digo senhoras, sabe aquelas que parecem senhoras de sociedade? Sabe aquelas senhoras assim [...]? E de repente chega a Waldisa chega falando das funções sociais, a gente estava no fim da ditadura, mas ainda era... ou seja era o fim de um regime militar, mas não sei se [...] aquilo lá estava causava uma efervescência, vamos chamar assim...E Waldisa tinha esse posicionamento do museu mesmo [...], então a gente brinca [...] que ela juntava toda essa teoria que ela tinha [...], todo esse contato, toda essa leitura, e ela trouxe Paulo Freire para dentro do museu [...], que nunca tinha [acontecido], a gente nunca tinha colocado isso, sabe, as questões que você está lidando, as pessoas que você está lidando, o papel... os contatos, os diálogos, a coisa do diálogo [...] você está lidando com pessoas que pensam, ou seja, ela trouxe coisas que eram muito novas [...], e ainda não penso no

sentido...questões políticas mesmo, no sentido de um posicionamento político da instituição. Isso era muito novo. Eu nunca esqueço que por mais que também era assim era respeitadíssima. A gente foi naquele encontro lá em Ouro Preto, que estava a coisa do reconhecimento, a gente tinha chegado antes, a gente tinha o povo que nossa, caindo em cima da Waldisa, disputa a porta, acho que ela demorou meia hora pra chegar na gente. Porque todo mundo era abraços e beijos, nossa [...] e aí chegou um ponto que não, que até ela percebeu.... E o que ela estava trazendo era o que estava sendo discutido internacionalmente [...], e ela foi aquela pessoa que ia [...], no ICOFOM, em todos, e trazia [...], e difundia e divulgava e espalhava...então esse era o grande ganho, isso era muito legal. Então a Waldisa, como te disse, era o centro [...], e por um lado era um problema, que a gente discutiu muito com ela, sobre o curso, do curso sair da Fundação, porque a Fundação era muito pequena, a Fundação era muito pequena [...], então todos aqueles problemas que eu lembro de quando, foi no Montoro [...], no edifício Montoro, acho que eram, como chama, ah um cara que deve estar aí até hoje, mas que era um cara mais crítico que a Waldisa também conhecia, que teve um primeiro contato perguntando se queria ir para a UNESP, que aí o cara abriu uma série de caminhos [...], mas e a Waldisa acho que tinha uma coisa de não quis sair da Fundação e não saiu, então na verdade você vê, que depois que a Waldisa faleceu [...], o curso, foi apagando [...], pode não ter os mesmos colegas mas assim, o central que era ela [...]. Então era muito dependente dela, [...]. E aí o curso não tinha...ah era pequeno [...], estava numa faculdade pequena...

E teve problemas de estrutura? Você sentiu isso?

Eu acho que aí...eu fui...foram os que vieram depois da gente que sofreram com isso, acho que vieram depois da gente que foi a...então no nosso período você tinha mesmo aquela boa vontade da Waldisa, aquela capacidade de mobilização e articulação, acho que não dá pra ser...tem que ter uma instituição maior [...]? Mas aí ela faleceu logo também muito...acho que em 1991, [...]? Mas...também aí não dá pra ter...Na minha opinião era muito centralizado na Waldisa porque ela era... os outros legais, mas era muito centralizado nela, e aí quando ela faleceu aí...um negócio meio fraco...

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Eu acho assim, porque com a Waldisa, e aí talvez voltando um pouco, é que além de, por exemplo, você tinha o curso, e dentro do curso, por exemplo, nasceu a Associação Paulista de Museólogos, foi a melhor coisa que a gente teve, ficamos dez vezes mais atuantes, era outra coisa,, diferente do o departamento que é o COREM que é um órgão de classe. [...] Mas era incrivelmente atuante, e essa Associação, ela participava de mil outras coisas na cidade, que eu me lembro de quando teve uma lei de preservação, a gente tava fazendo junto com [...] os arquitetos, tudo, tinha isso, e tinha gente. Ou seja, a gente participava de muita coisa, e a Waldisa te encontrava [...], ela ‘empurrava’, coisas que começamos a falar ‘não Waldisa, não dá, não dá’, [...] então a gente participava de muita coisa e essa coisa com outros grupos muito interessantes. E tenho a impressão de que isso foram meses e meses até realmente sair alguma lei alguma coisa, da área de preservação, mas então era essa abertura pra outros grupos também, era museu, mas o museu, era, de novo, a visão política de Waldisa...você participando de outras coisas que aconteciam na cidade. Então isso daí era muito legal. De novo, qual foi a última coisa que você me perguntou?

(A entrevistadora repete a pergunta)

Primeira coisa é a visão de Museu. Pra mim sempre foi a visão de museu, eu sempre fui eu sempre tive, sempre gostei muito de história, que é aquilo, o que me interessa muito é a questão do conflito, coisas relacionadas à violência, essas coisas assim, [...] mais essa questão de preconceitos, esse tipo de conflito me interessa muito. E eu acho que tem muito a ver, porque é uma visão primeira de museus: o que é museu? Você quer trabalhar com museus...sabe que é pra fazer exposições lindas e maravilhosas, mas não, eu quero trabalhar em museu que vá além disso, que possa levantar questões de uma maneira interessante [...] então eu acho que esse ponto que eu trouxe do curso pra mim é essencial, porque até hoje ele direciona meu trabalho. E essas experiências que eu tive lá, por exemplo essa que a gente teve nos anos 1980, que foi essa uma primeira onda de acessibilidade, o curso trabalhou ativamente, eu lembro que a gente teve trabalhos no Sesc do Carmo, depois naquele...no Parque da Água Branca, eu lembro que teve umas feiras, e existiam uns espaços enormes e eu lembro que a Waldisa conseguia fazer trabalhos lá também, e na Divisão de Museus da Secretaria [...], e no Sesc do Carmo também que a gente fez uma série de trabalhos, e teve o do MASP também, mas esse eu não participei. Que as meninas até comentaram

aquele dia, aí foi o pessoal da primeira turma. Mas isso aí pra mim foi essencial, porque eu fiz um trabalho de campo lá em Jundiaí sobre isso... sobre essa questão de acessibilidade, para a qual que o museu era perfeito, era material industrial, então era tudo em quantidades [...], e a gente foi....Para mim foi marcante. Porque, de novo, quando a gente fez um trabalho lá com o grupo lá, em braile com o povo da cidade, depois teve, com esse momento a gente fechou o Jornal Nacional de sábado, você imagina, a partir daí a gente pode divulgar tudo, foi muito legal, a questão das crianças cegas, da associação [...] e um pessoal que nunca tinha ido num museu, e eles foram com outras exigências, muito maiores do que do deficiente visual, então, por um lado, é um deficiente visual que também enxerga, então deu um trabalho legal, e antes o pessoal não lia, o pessoal não conseguia ler o texto porque o texto estava em voz passiva, porque tinha um verbo, porque... aí levou a repensar toda essa questão da acessibilidade, não só física, mas que [...] a menina do cine mobral da época, apareceu lá, e queria levar os grupos que nunca tinham ido, aí falamos, o problema são os textos, e como eu falava olha, a gente já está fazendo outros textos, porque a Associação que era dos...eu não lembro o termo corretíssimo que era, mas era das crianças surdas, vamos chamar assim, e eles falaram que iriam precisar de uns dois, três meses para trabalhar as crianças antes de fazerem a visita ao museu. Porque pra trabalhar os textos, pra trabalhar os conceitos, aí você vê a dificuldade que é, os nossos textos que a gente sempre achava tão sensíveis, não eram. Então tudo isso me levou a pensar muito, e a considerar muito, e eu acho que a gente pensa muito, eu acho que direciona o seu trabalho. E já faz parte do trabalho [...], esse tipo de preocupação. [...] Tem vezes que dá certo, tem vezes que não dá certo, às vezes aqui o pessoal daqui, teve uma exposição bobinha que teve, como era, da Copa, tinha, time de futebol perfeito, tudo bem também, só que você fazer uma série de outras coisas também.

Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Não eu acho que poderia ter sido mais legal se tivesse tido esse espaço, pra vamos dizer assim, pra atividades práticas, eu acho que poderiam ter acontecido mais coisas do que aconteceram. Isso daí eu acho que teria sido legal. Eu acho que era uma falta que a própria Waldisa sentia, [...]. Eu acho que para mim foi principalmente isso, eu acho que sim. É porque depois é o

que eu te falei, eu fiquei sete meses no Museu Paulista, o estágio, foi um absurdo, eu acho que foi seis, sete meses de estágio, mas foi muito legal, pra mim foi uma abertura...Aqui é um museu, sabe como chama o das artes lá [...]...o estágio no Paço das Artes, foi era bom claro, mas não era museu, a diferença é que você aqui está trabalhando com o acervo em si, mesmo a dona, aquela diretora...[...] mas o Paço era bárbaro, como experiência foi muito bom, foi muito bom. Mas aí, aqui era um museu [...], e essa experiência de ser um museu grandão, mas é tão estranho [...], que eu fui contratado, antes do Ulpiano, dois anos antes [...], tinha saído o contrato, pra museólogo, pro setor de História, porque Arqueologia e Etnologia não queriam, olha que barato, aí quando o Ulpiano chegou aqui [...], a [...] que era a chefe do setor de história [...], foi questionada perguntou 'Ué, mas o que o Ricardo está fazendo no setor de História?', porque tinha o setor de Museologia, 'Por que que ele não está na Museologia?'...Ah porque os outros setores achavam que não...que não era necessário, que não tinham interesse. Porque no meu estágio, todo o meu trabalho foi no setor de história, porque os outros setores nunca deram abertura. Interessante, não é? Interessante... E tanto que o setor da Museologia era só um cargo, e então de repente tinha porque alguém vinha e ocupava, porque era um cargo [...], mas não um cargo profissional [...]? Então esses lados aí, quer dizer eu fui museólogo, o único setor aqui era o setor de história.

E isso foi na gestão do professor Ulpiano Bezerra de Meneses?

Não, quando o Ulpiano chegou aqui ele me passou para a Museologia, ele disse, não, não tem sentido, você é museólogo, tem que ir pro Setor de Museologia. Aí, não, O Ulpiano era outro departamento, vamos chamar assim, e ele veio pra aqui para a separação [...], que era um projeto antigo da USP [...], que a arqueologia e etnologia teriam que se juntar à arqueologia do MAE que pelas próprias normas da USP você não pode ter unidades...mais de uma unidade que faça a mesma coisa. Então o Ulpiano veio pra isso e para elaborar o novo projeto para o Museu Paulista ... não, foi incrível....E que foi toda a reconstituição do museu. [...] Então isso é legal [...], pra gente acho que foi uma sorte um cara tão competente na direção. Estavam aqui um grupo de pessoas formadas pelo curso, porque por exemplo eu [...], a Heloísa Barbuy, que agora se aposentou [...], a Heloísa, a Teresa... a Teresa Toledo de Paula que é conservadora de textos, que também veio pelo curso, teve o Marcos, que faleceu há mais de dez quinze anos, que ele também fez o curso de

Museologia mas depois ele entrou no restauro de papel também, trabalhou aqui com a gente [...], então você tem uma série de pessoas [...], e eu acho que esse trabalho com o Ulpiano foi muito legal, e uma coisa também que foi a entrada da questão da cultura material na minha vida que aí que é a cultura material, e aí não, mas o que é muito interessante é porque na...quando o Ulpiano veio a nossa biblioteca deixou de ser uma biblioteca, que era meio como a biblioteca é na faculdade de história, e ela passou a ser uma biblioteca de um museu de história. Então ele...putz, a biblioteca da gente ficou bárbara. E você tinha muito, muita publicação na área de cultura material, mas relacionada com exposições, com exposições de história, mas muita exposição de história, mas visto pela leitura da cultura material. E eles são incrivelmente críticos...[...] que é sobre a dificuldade que os museus tem para trabalhar a violência. Isso, quer dizer, não é um problema só da gente, isso é um problema geral, a dificuldade que os museus tem, como eles omitem, como eles desfazem, isso é da linha de cultura material mas está relacionado com museus. E tem muito, a questão do negro, aquela coisa da escravidão, a dificuldade que os museus tem pra lidar com isso. Ou seja, é material de cultura material mas é direcionado para museus. Ou seja, para quem trabalha com museu, então...Então o Ulpiano trouxe toda uma outra bibliografia leitura também que foi muito legal. [...] Então o nosso contato com Ulpiano e Waldisa foram muito bons, vamos chamar assim [...]. E o Ulpiano, a gente fez assim, na Asspam, na verdade a gente fez quatro encontros pra mim foi o melhor foi o primeiro, que foi lá no Museu Republicano de Itu, que a questão era dos museus de história. E aí foi o Ulpiano, foi Waldisa, e aí o pessoal principalmente que dá aula, o Marcos Silva, que é da USP também [...], e o pessoal da UNICAMP, de Decca, Tronca, como é que chama, o Ítalo Troncha, Marco Antônio Garcia, antes dele ser esse super político aí [...], mas ele era o diretor do Arquivo de [...] e aí então foi bárbaro, porque aí gente ouviu o pessoal de história e o pessoal de museu, nossa foi um encontro maravilhoso, e lá em, lá no Museu Republicano. [...] Então era muita coisa [...], e a Waldisa [...], sempre tinha a presença da senhora lá [...], e ela que, eu fui parar em Jundiaí por causa da Waldisa [...], porque tipo assim, antes, no período do regime militar, que foi...foi o Maluf [...], do Governo do Estado, antes do Montoro, [...] acho que era Maluf...[...] Era algo totalmente fechado, ninguém conseguia ser contratado, era só por indicação política, você tinha que ter cargo carta de deputado ou coisa assim cargo de...era um horror, sabe, não

funcionava, e quando teve essa mudança [...], de governo, e aí teve o Montoro [...], aí começou a ficar algo bem mais recente decente , Fui pra Jundiaí, para o Museu Ferroviário Barão de Mauá , mas foi através por indicação da Waldisa, que eu estava fazendo um trabalho com... numa uma associação de preservação ferroviária, [...], que era em Jaguariúna, e ela falou não mas você já está estudando [...].

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Não isso é tudo, acho que a Waldisa é inesquecível e teve um papel muito importante para todos que a conheceram um...foi um pecado, porque quando o Rossine, seu marido, faleceu foi algo [...].... foi de anos, ele estava com câncer, foi aquela situação, e a Waldisa claro, se desdobrava [...], mil coisas, então quando ele faleceu e não, ela vai dar uma descansada [...], e de repente, putz, ela era muito nova [...], a gente falava nossa o que [...] essa mulher já fez, imagina agora que ela vai estar descansada, sem essas pressões [...], e...menos de um ano depois...menos de um ano depois... Mas acho muito legal essa parte [...] porque acho que a Waldisa era uma pessoa que acho que teve um papel, mas na época, era um papel ebulidor... ebulidor, as coisas que a gente apresentava naqueles encontros da ABM, aquele que eu apresentei que foi, foi o Encontro da ABM aqui em São Paulo, que eu falei daquele trabalho com os deficientes na exposição [...], você falava, e porque isso daí tem todo um conteúdo, todo um subtexto, que tipo assim, a leitura, é você abrir o museu, que as pessoas tem direito a isso [...], é, parece bobagem mas é impressionante, isso era novo. Então a Waldisa era simpaticíssima, uma pessoa assim envolvente, inteligente, só que com posições políticas muito claras, [...] então ela foi algo muito novo. Esse papel de algo muito novo, que na época foi muito legal, e também uma pessoa muito capaz, então não era apenas uma pessoa nova, bem intencionada, mas era uma pessoa e bem intencionada e com muita capacidade. Com uma formação incrível, com uma leitura incrível, e com todos esse os contatos, que fez [...] então ela trouxe realmente coisa muito nova e ela fazia questão de abrir caminho para todos, alunos e profissionais de todo lugar. a gente não conseguimos entrar no ICOM, aqui o que eu lembro era da gente não conseguir entrar, teve até o encontro de Londres e tal, e aí é que a gente foi só fomos aceitos, porque a Waldisa foi no Encontro Internacional em Londres lá, e fez a reclamação publicamente., e ela levantou...[...] Mas por isso tudo é que a Asspam –

Associação Paulista de Museólogos - nasceu, porque a gente não era aceito no ICOM, tinha um conselho não tinha nada mais central...mas...e a coisa de ser uma pós-graduação na época, , todos os outros cursos eram de graduação, isso daí todo mundo acha lindo, mas na época, era uma concorrência a mais, principalmente pro Rio, a Bahia já era mais, também era meio dúvida assim, então... não foi muito fácil. E a discussão internacional é que os cursos de Museologia deveriam ser a nível de pós-graduação. Então, de novo, aquela coisa, era uma ideia internacional, [...] era uma ideia já vencedora, vamos chamar assim, de que Museologia deveria ser ensinado em nível de pós-graduação, e não a nível de graduação, mas aqui no Brasil também, demorou muito tempo também pra ser aceito [...]. Pessoalmente, eu fiz o mestrado, aquela coisa maravilhosa, mas acho que para quem vai trabalhar em museu, eu acho que é uma coisa, olha, porque acho que é uma questão de trabalho. Porque pra quem vai ser docente, claro, precisa fazer mestrado e doutorado, claro, perfeito [...], mas pra quem vai ser, você imagina uma pessoa do interior, de um museu menor, que o cara vai fazer doutorado, mestrado, não vai gente, não tem sentido, eu acho que é exigir demais, eu não sei, eu não sei, acho que por mim tem que ter o mestrado, tem que ter o doutorado, tem que ter a pós-graduação...principalmente acho que até a graduação, eu dei umas palestras pro pessoal, quando foi na semana de museus, aquele de nível médio...como chama...na ETEC... muito legal, a maioria do pessoal já tem um curso [...], já tem uma graduação, e aí já faz o curso lá...maravilha, maravilha...aí abre sabe, senão começa a fechar demais.

Nome do discente: Maria Pierina Ferreira de Camargo
Curso que participou: Curso de Especialização em Museologia da FESP
Formação prévia: Artes – FAAP
Disciplinas ministradas no curso: Documentação
Período em que lecionou no curso: 1980
Tipo da entrevista e duração: áudio (mp4), 29min.
Período em que participou do curso: de 1978 até 1980
Fale um pouco sobre as disciplinas que ministrou: que conceitos e noções buscou priorizar, quais eram as maiores dificuldades em lecioná-los, que reflexões e discussões almejava provocar nos alunos...

É, o grande problema, na verdade, é que toda a bibliografia era em inglês, principalmente, [...]...

Era a disciplina de Documentação que você ministrava?

Era documentação, era. E, por exemplo a gente sabia absolutamente, que a gente não queria, é...que a documentação não tinha nada a ver com a documentação que o Gustavo Barroso pregava, ou que ele, na verdade ensinou, entendeu, a documentação do objeto pelo objeto, tá, a intenção era sempre o objeto...enquanto conteúdo de informações, [...] o quanto um objeto...o quanto podia ser extraído do objeto pra entender a época a que ele pertenceu, a entender, por exemplo, numa obra do Segall, por que uma escultura tem aquelas características, entendeu? Então isso não está muito escrito em lugar nenhum, tá...E mesmo assim, quando você tenta tirar essas informações, então as categorias todas eram em inglês, e eu tinha um pouco de dificuldade de inglês, e eu acho que as minhas aulas só não foram mais catastróficas porque nessa época o Marcelo era o meu aluno...era aluno da turma, e aí ele lia o livro em inglês e a gente discutia, eu propunha prática, a gente levava objetos e tentava catalogar, [...]...Mas eu...eu acabei desistindo, eu desisti, eu falei pra Waldisa 'não Waldisa, eu não sou a professora... não tenho altura pra ser sua...'ah, como era o termo...é...ah, era como se fosse ajudante, a palavra, tem um termo assim, de Catalogação, então é...pouca experiência, eu acho que eu não dei mais que um semestre, no máximo um ano, no máximo.

Que potencialidades você enxerga na formação pós-graduada em Museologia?

Olha, na verdade, eu vou falar por mim, eu acho que é primordial. Eu acho que se eu sou a museóloga que eu sou hoje, é porque eu também tinha uma formação anterior. E o que me fez ter essa...vamos dizer assim...carreira...foi justamente por entender as técnicas de obra de arte, conhecer um pouco de história da arte, e que na verdade, mesmo antes eu já tinha muito essa ideia que eu queria viajar, que eu queria conhecer, que eu queria ir ver museus, entendeu, mesmo antes de começar a fazer Museologia, [...] a minha tia, justo a que tinha os livros do Gustavo Barroso, gostava muito de viajar, tudo [...]...E eu acho que a Museologia me proporcionou inclusive, a facilidade de fazer muitas viagens, [...] como courier das obras do Segall...então acho que...uma que o nível, vamos dizer assim, de entendimento, que você tem na pós-graduação, é bem diferente, tá, evocê já tem coisas mais definidas na tua vida, [...] então você já sabe o que você quer, o que você não quer, então a hora que eu acabei de fazer artes plásticas e fui dar aula...eu era infeliz, porque eu dava aula num colégio...'escória de classe A', [...] que ganhava bem, e dava aula num colégio de Estado que ninguém podia comprar lápis de cor. Então essa incongruência de

realidade mexeu muito comigo, e, sabe, eu não tenho nenhuma vocação pra coordenação, sabe, então se eu consigo manter uma classe interessada com a minha fala, ok, porque com a minha autoridade... zero, entendeu? Então era muito difícil, os alunos do curso de...técnico...de Museologia era o único lugar que eu realmente gostava de dar aula... Porque o interesse era diferente, eu acho que eles viam em mim uma fonte de informação... [...]E eu acho que dando aula foi a única experiência interessante.

E em que escola você dava aula de Museologia?

Chamava Ideal, era um colégio técnico, que tinha na Angélica, faz tempo que fechou, mas era bem interessante. E eu dava aula no noturno sabe, eu gosto de gente que já trabalha, então tem outros interesses, [...] então era uma delícia sair de sábado com eles, ir nos museus, [...] tinha um monte de pergunta que eu falava 'Ai, não sei, prometo que na próxima aula eu tento responder!', [...], porque Às vezes me pegavam completamente desprevenida numa pergunta.

E era técnico em Museologia?

Não, era técnico em Turismo.

Então nesse curso tinha a disciplina de Museologia?

Isso, é, era técnico em Turismo. E essa matéria era...acho que nem chamava Museologia...mas era justamente como as pessoas que vão se formar em turismo podem usar ou aproveitar os museus [...].

E quais as maiores dificuldades nesse tipo de formação?

Dificuldade? ...Olha na nossa época a grande dificuldade era que era muito caro, tá... Não era barato, [...] então eu imagino, por exemplo, que da nossa turma, nós começamos em noventa pessoas, muitas desistiram por outros motivos, mas muitas porque não tinham condição de pagar, [...]. Da minha turma, tá? Isso que não era um curso que a gente pagava, [...], a Waldisa até tentava ajudar as pessoas do jeito que dava, [...], mas por exemplo do primeiro ano a administração era do MASP, o MASP que fazia toda essa parte...Então eu não sei, isso que eu acho que era uma das dificuldades...Não sei, pra mim a carga horária não era pesada...porque...eu dava poucas aulas, entendeu, então pra mim não era... E mesmo a parte financeira, pra mim na época, eu pedi pro meu pai, mas, eu tinha de onde tirar, mas muitas pessoas não tinham.

Que tipo de formação considera ideal para capacitar museólogos?

Eu acho que aí, você tendo essas noções... Eu acho que justamente o que o Curso de Museologia fez pra mim foi acender uma chama...tá [...] e colocar, por exemplo,

vontades e...de querer aprender, de querer fazer, de querer ...sabe, conhecer...Eu lembro que, no primeiro ano eu ia em todas as exposições, que não era a mesma quantidade do que é hoje porque hoje é impossível [risos] [...], você tem que selecionar as que realmente você quer ver, [...], mas então era isso, [...] e as pessoas também [...], eram pessoas muito diferentes e muito ricas...Serafina [...], era uma pessoa que tinha uma vida, uma vivência, Leda, a Celina, a Alda, dessas pessoas que a gente conviveu bastante, que tinham situações políticas completamente diferentes da minha, [...] eram pessoas mais velhas, e muito mais vividas, de uma maneira geral, tá, então isso era muito interessante, porque dava toda uma visão de 'ai como eu não sei nada!', sabe? Então essa vontade de querer melhorar, de querer aprender, de querer viajar, sabe, cada vez que a Waldisa voltava de uma viagem...Eu já tinha um pouco isso por causa da minha tia... [...] ficava horas ouvindo, [...]...E quando eu morei na Itália, trocava as cartas com a Waldisa, então, eu acho que é isso, acho que foi fundamental pra minha vida, acho que eu ia ser muito triste se eu não fosse museóloga [risos].

Ficha para entrevista de docentes e coordenadores

Nome do docente: Elisabeth Zolcsak
Curso que participou: Curso de Especialização em Museologia – FESP
Formação prévia: Biologia
Local e data da entrevista: Livraria da Vila, 13/02/2017
Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 43min49seg
Período em que participou como aluna do curso: 1986 a 1988
Período de permanência na coordenação no curso: 1990 a 1991
Disciplinas ministradas no curso: Museologia Geral – Teoria Museológica (1989 a 1991), e Objeto Técnico e Científico (1990)
Período em que lecionou no curso: de 1989 até 1991
Roteiro de perguntas: Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas... [...]Como eu me formei em biologia, eu trabalhei dois anos em uma empresa mecânica e depois ingressei como residente no Instituto Butantã, no Museu do Instituto Butantã, isso foi em 1983. [...] 1985 eu estava então atuando no Museu do Instituto Butantã em dupla área, tanto como bióloga quanto como educadora. No aspecto da educação, de educadora, que eu me interessei por Museologia, e comecei a

pesquisar formação complementar, formação em pós-graduação nessa área e encontrei o Instituto de Museologia. Fui visitar, conversei com a Waldisa, foi a primeira pessoa com quem eu tive contato em 1985, e me inscrevi no curso, foram três anos de curso, 86, 87, 88, que eu me lembro. O curso era de período noturno, que eu me lembro de segunda a sexta, que eu me lembro era bastante puxado, na rua do Ouvidor, então ainda existia um deslocamento, mas pela minha formação em ciências biológicas, toda a parte de ciências humanas me encantou. Eu sempre gostei também de ciências humanas, claro que biologia também é uma vocação, a parte de ciências é uma vocação em mim, mas nunca deixei de ter interesse em história, em ciências sociais, e juntar esses assuntos então pra mim foi muito encantador. Eu aproveitei muito as aulas, lembro que eu era uma aluna bastante participativa no sentido de perguntas, eu gostei dos professores, não lembro de todos, detalhadamente, mas pra mim foi uma experiência muito gratificante, eu considerei ele bastante adequado ao que eu procurava no momento.

No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

Bom, me chamou muita atenção teoria museológica, daí depois a sequência da atividade como professora lá. Então os fundamentos dos museus, a reflexão sobre o papel dos museus, isso pra mim foi o mais relevante, mais importante, o que me chamou mais a atenção. Também porque, como eu trabalhava num museu com animais vivos, eu não tinha muito a questão da documentação, naquele primeiro momento, no primeiro ano, no segundo ano. No terceiro ano, eu comecei a fazer um segundo trabalho no Museu do Instituto Butantã no Museu Histórico, justamente porque daí me despertou o tratamento dos objetos históricos que não era uma coisa que era da minha prática cotidiana, então eu tive uma boa experiência também com os objetos históricos muito encantadores do Instituto Butantã, ou com todo o arquivo documental do Instituto Butantã, todo o aspecto histórico, tudo muito clássico [...] Então, as questões mais..teórico-práticas de documentação, de marcação de objetos, de conservação dos objetos também foram relevantes, mas pra mim a questão da teoria dos objetos, daí as duas disciplinas, e a teoria museológica, o porquê da Museologia, isso foi o mais importante.

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

O curso não tinha uma sequência...Bom, nenhum curso de nível superior tem uma sequência como o ensino fundamental e ensino médio, a gente tem disciplinas, o

Instituto [de Museologia] também funcionava dessa maneira. Ele cobriu um bom leque. No certificado, que eu me lembre, tem a lista das disciplinas, e eu tive uma boa base do tratamento de objetos na documentação, marcação, uma boa base de pesquisa, era uma boa professora, a Eda Tassara, e de teoria.

Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Não, não senti...[foi] satisfatório!

Fale um pouco sobre as disciplinas que ministrou: que conceitos e noções buscou priorizar, quais eram as maiores dificuldades em lecioná-los, que reflexões e discussões almejava provocar nos alunos...

Eu terminei o curso em 1988, e nos cursos, nas aulas de Waldisa eu era bastante perguntadora, gostava, assim, ela dava as aulas de Objeto Técnico, de Teoria Museológica, não todas as disciplinas ela dava. Terminei o curso em 1988, em 1989, eu fiquei no Instituto auxiliando a organizar o quadro de disciplinas e a contratar professores. Eu, Marilúcia Botallo, que também era professora – tinha feito o curso, era da minha turma, eu não me lembro-, e o secretário do curso, o Roberto. Junto com a Waldisa, claro, Waldisa orientava a gente nisso, porque era difícil fazer um quadro, os professores, a carga horária, ver quando o professor podia, quando não podia, enfim, era uma questão bem complexa ainda esses três anos. Waldisa precisou viajar, ficou um período fora, e pediu, pelo interesse que eu tinha demonstrado em objetos técnicos, por causa do Butantã, tanto os objetos históricos quanto os objetos naturais e os animais vivos, que não são objetos, mas enfim, estavam na mesma questão teórica, eu tinha demonstrado muito interesse e ela pediu que eu a substituísse. E ela, delicadamente, confiou na forma como eu abordaria esse tema, na verdade não, em 1989, foi a [disciplina] de Museologia Geral, de teoria museológica, a de Objeto técnico foi depois, foi no ano seguinte, em 1989. Eu utilizei as anotações de Waldisa, especialmente a questão da seleção dos objetos, esse tema na Museologia que ainda hoje pode gerar boas discussões, quer dizer são objetos selecionados, não são objetos todos, ou todos os encontrados. Eu lembro de ter focado muito nesse aspecto, duas coisas: seleção do objeto e percepção do objeto. Eu conversei antes com Waldisa, apresentando essas ideias para ela, eu tinha todas as anotações do curso, um caderno organizadíssimo, fiz uma interpretação minha, ela aprovou, e os alunos meio que aproveitaram bem nessa ausência dela. E isso se repetiu em 1990, não pela morte dela, mas porque ela estava viajando

também. Em 1991 foi pela morte dela. Em 1990, ela pediu que eu desse a disciplina Objeto Técnico, e para aprofundar essa questão da percepção do objeto, da história do objeto, que eram coisas que me interessavam. Então eram conversas com Waldisa, a maneira como ela percebeu o meu interesse em aprofundar, porque um professor faz isso [...], ele dá aula para ele mesmo se aprofundar, ele dá aula junto com os alunos. E eu tinha o respaldo da Waldisa e eu tinha as anotações dela, então era uma coisa, uma situação responsável, digamos.

Que potencialidades você enxerga na formação pós-graduada em Museologia?

Eu sou da escola de São Paulo, eu acho que Museologia tem que ser em pós-graduação. Essa é uma discussão bem antiga, é uma discussão do Instituto, e eu vesti aquela camisa e acho que ainda não tirei. Eu não descarto a formação em graduação em Museologia, mas pela complexidade dos objetos – porque são objetos ou de arte, ou de ciências, ou de história, apesar de tudo ser ciência. É interessante que a pessoa tenha uma formação na graduação, na área abrangida por esses objetos todos, para depois fazer um tratamento mais específico que pode ser a Museologia. Eu acho que o graduado em Museologia tem que fazer o caminho reverso, conforme o local de trabalho dele. Ele vai ter uma formação generalista em patrimônio, em tratamento de artefatos ou de outras manifestações culturais, mas se ele vai trabalhar em uma determinada instituição, que lida com determinados objetos, ele tem que buscar uma formação complementar sobre aqueles objetos, sobre aquela temática tratada por aqueles objetos. Enquanto que, quem tem uma formação básica numa área, eu digo básica numa graduação numa área, já está.[...] As duas são válidas, nenhuma é descartável, mas, eu defendo que o graduado vai ter que ter uma formação posterior.

E quais as maiores dificuldades nesse tipo de formação?

Em termos de formação de conceitos, nenhuma. As pessoas tem dificuldades em pós-graduação porque normalmente já estão no mercado de trabalho e tem dificuldades com carga horária, com coisas práticas. Em termos de formação e em termos conceituais, do que é para ser apropriado, desenvolvido, não vejo dificuldades. Também porque depois eu fiz outras pós-graduações, eu fiz mestrado em Ciência Ambiental, em situação de trabalho, eu nunca tive bolsa, e fiz o doutorado, em Geografia Humana, unindo Museologia, Biologia e outras coisas, eu fiz uma tese sobre o uso do conhecimento científico em municípios, empresas, enfim [...] gosto de

estudar, então claro que essas são características que ajudam, não vejo dificuldade nenhuma.

Que tipo de formação considera ideal para capacitar museólogos?

A dupla formação. Ou uma formação numa área, que seja de interesse da pessoa, em arte, história, ciência, geografia, várias áreas, todas elas, e a pós-graduação em Museologia, ou o reverso, a graduação em Museologia e depois a formação por algum meio, especialização, a formação em trabalho, também é válida, isso não é muito usual no Brasil mas também é válida, plenamente utilizado com vigor em outros países, essa formação no trabalho, a pessoa pode se tornar um especialista em arte porque ela está trabalhando com arte, e ela vai fazer cursos acadêmicos diversos. Quer dizer, o universo educacional é muito amplo, mas a dupla formação, não importa por qual meio, por qual curso, eu acho que é fundamental para o museólogo. Eu não me considero completa também, mas atualmente eu tenho uma boa base para museus de história. Adoraria trabalhar com museus de arte, eu nunca trabalhei diretamente, mas aí eu claro, eu precisaria de uma bagagem maior de arte, que a minha é muito básica. [...] Então esse olhar para o objeto que o museólogo precisa ter requer estudo. [...]

Sobre os momentos finais da FESP, seria importante que você comentasse como foi dar continuidade ao curso depois da morte da Waldisa: como aconteceu essa continuidade, como vocês reestruturaram o curso...

Eu fiquei na Comissão Diretora porque só eu estava no Instituto de Museologia no momento da morte da Waldisa. Tinha o secretário, o Roberto, era uma pessoa muito querida lá, mas eu estava dando aula de...1990, Teoria Museológica e Objeto Técnico e Científico. E Waldisa...outros professores também ajudavam na questão de carga horária, Marilúcia é minha lembrança maior nesse período, mas outros também. Mas eu tinha conversado já com outros professores, justamente pela atividade de 1989 e 1990, de fazer quadros horários. Mas, da turma toda, de todas as pessoas já formadas, que estavam dando aula, quem estava no Instituto naquele mês era eu, porque eu estava dando aula. E, quando ela teve o acidente e faleceu...o que fazer, não é, realmente... Realmente foi uma situação de impasse. Mas rapidamente os colegas todos, já formados pelo Instituto que estavam dando aula se reuniram, decidiram fazer essa Comissão, e eu permaneci, não por ter experiência, ou por conhecer todo mundo- não, porque eu era recém-formada ali no Instituto, mas porque eu, naquele momento, eu estava lá. Então, para mim, fazer parte da Comissão

Diretora também era uma surpresa, e fiquei com uma atribuição mais operacional, de manter o quadro horário, de manter os colegas próximos para que as aulas continuassem, porque o nosso objetivo, nós estávamos...o acidente foi quando, junho? A Comissão se estabeleceu um pouco depois, até fazer todos os procedimentos com a Fundação, nós tivemos que nos reunir com a direção da Fundação, eu lembro da pessoa, Cristina era o nome dela. E estávamos no meio do ano, então o nosso objetivo primeiro era terminar a turma de 1990, não me lembro quantos alunos tinham, são três turmas, mas a gente tinha a intenção de que eles pudessem terminar [...], porque isso era um compromisso do Instituto [...]. Então esse foi o primeiro objetivo. Estavam na Comissão...eu deixo de me lembrar de uma pessoa, eu lembro da Serafina, que era uma professora mais sênior [...], e que era companheira da Waldisa de muitos anos, uma pessoa de mais idade, e ficou a Wânia, a Lílana, e tinha mais uma pessoa...Wânia tinha um foco maior na parte financeira, fizemos uma tentativa de fazer cursos para entrar recursos no Instituto, porque a Fundação também [...] não fomentava, nas necessidades do Instituto. Eu fiquei responsável pelas aulas, e aí a minha carga aumentou não tanto em termos horários mas em responsabilidade, porque aí eu não tinha o respaldo das conversas com a Waldisa, realmente foi um momento de preocupação. E Lílana ficou bastante com a parte operacional, de chamar os professores, de lembrá-los que tinha aquele período de aulas, Serafina nos deu um respaldo, digamos, emocional e até político com a Fundação, mas ela já tinha mais idade, mais idade do que a Waldisa inclusive, era uma senhora, não tanto ficava na operação. E nós tivemos expectativas maiores, de fortalecer o Instituto, procuramos apoio legal, porque este curso, ele não foi caracterizado como de especialização, ele foi caracterizado como um curso de mestrado, para as pessoas se adequarem à legislação, então nós recuperamos esses documentos, pareceres jurídicos todos, essa foi uma preocupação, porque a gente não queria que alguns dos alunos, até [o momento da morte de] Waldisa, tivessem o registro profissional e os outros não, então essa foi uma questão muito premente, foi muito cuidada por essa Comissão, junto com a Fundação. E procuramos de novo o Dalmo Dalari, novos pareceres, porque como estava mantida a estrutura do curso, inclusive as atividades dos alunos, os trabalhos finais, então tudo isso foi mantido para que ele continuasse com a característica de mestrado, para permitir o registro. No fim do nosso trabalho, ele perdeu essa característica, e os alunos de 1991 em diante não se enquadraram nessa questão, não puderam fazer registro profissional. Então o curso continuou no Instituto, eu fiquei até surpresa quando eu soube anos depois, mas aí já com outras características, não sob o guarda-chuva desses

pareceres todos, e nós realmente finalizamos esses trabalhos em dezembro de 1991, porque aí já não tínhamos mais respaldo da Fundação, a Fundação queria outros professores, estávamos perdendo o espaço que era o espaço emprestado da Secretaria da Cultura na Rua do Ouvidor, que nem era adequado, em dezembro de 1991 só tinha o Instituto lá, todos os outros andares estavam esvaziados, não era uma condição nem segura já. Antes tinha gente no prédio, lá, era um prédio da Secretaria da Cultura, mas a Secretaria da Cultura foi fechando aquele prédio. Então nós fomos perdendo condições financeiras, materiais, humanas talvez não, os professores estavam presentes, era um grupo muito unido, museólogos ou não, todas as pessoas eram muito envolvidas, todos os professores ali de todas as disciplinas. Então foi com pesar que nós nos desligamos, finalizamos as duas turmas, uma não foi finalizada. Nós não iniciamos nenhuma turma que eu me lembre [...] mas quem começou, quem teve o último ano em 1990 finalizou bem, quem teve o último ano em 1991, finalizou bem, quem teve o segundo ano em 1991 – porque nós não fizemos ingresso – então nós temos aqui uma situação de quem estava no segundo ano em 1991, a Fundação completou o curso deles, mas eu não sei em que termos. Eu acho que, revendo os nomes, finalizou ainda dentro da proteção jurídica de eles receberem registro, mas foi a última turma, nós não fizemos seleção.

E você sabe em que contexto se deu a continuidade do curso? ...Como a FESP depois remanejou esses alunos, como o curso continuou depois que vocês saíram? Você acompanhou?

Não acompanhei, fiquei sabendo por alto e algum tempo depois. Os alunos que estavam em 1991 no segundo módulo, então que precisavam de mais um [módulo], eles se reuniram com a Fundação, para ter continuidade, e tiveram. Eu acho que tiveram em bases relativamente normais, não sei como, agora depois disso, de 1993 em diante, eu não sei se o curso continuou, ou só como parcial, cursos de média duração, tenho colegas que deram aula lá. A Fernanda, que era da Cinemateca, presidente do Conselho, ela deu aula muito tempo na Fundação, ela deve ter informações maiores, porque ela deu aula de conservação, então eu sei que a Fundação continuou nessa área, talvez vinculada à Biblioteconomia. Sendo do Conselho [COREM], eu sei que depois de 1991, vendo os nomes talvez quem estava aqui no primeiro módulo, aí não teve mais egressos do Instituto de Museologia, aí parou, era uma questão legal, ou mantinha aquela estrutura que era do Instituto, das premissas orientadas pela Waldisa, que tinham que ser desenvolvidas pra que realmente as pessoas apresentassem publicamente os seus trabalhos -tem essa premissa, para mestrado- num certo momento era tudo escrito, era interno, eram

avaliados por Comissões, Waldisa, Serafina, outras pessoas, os trabalhos eram avaliados e caracterizados como mestrado. Mas depois disso não teve mais, então cessou. E o Conselho [COREM] aí se manifestou. Eu sei também porque eu demorei para fazer o registro, como museóloga. Eu sei que todos os meus colegas fizeram logo em 1992, o registro. Eu não, eu não fiz, eu perdi contato, foi quando em 1992, estava na Estação Ciência, perdi o contato ou não fui avisada, pelos colegas e então eu não entrei na primeira leva legal. Muitos anos depois que eu me registrei no Conselho. Porque eu estava na Estação Ciência e não me era exigido o registro e eu fiquei sem saber o andamento, fiquei um período sem contato, não pessoal, mas profissional, com os colegas. E aí eu fui alertada por Ana Sílvia Bloise, que era na época, e ficou muitos anos, presidente do Conselho. Ela falou “Beth, cadê seu registro?”, aí eu fui na Fundação. Isso quando? Nossa, 2006, olha como eu demorei...Aí eu fui na Fundação, estavam lá os meus certificados, inclusive o quarto, porque nós todos, os egressos, temos os três certificados e mais um, [...] e esse quarto certificado, os alunos talvez os de 1992 tenham, talvez não, tem que rever os nomes, certamente os de 1990 sim, e esse era o nosso objetivo. E os que finalizaram em 1991, também, porque esse era o compromisso da Comissão Diretora. Se os de 1992 também tem o quarto certificado [correção posterior de informação]. Se os de 1992 (os que estavam no segundo ano em 1992) não tem, eles foram informados. Eu lembro vagamente do rosto de alguns. Porque não passa de quatro os que permaneceram com primeiro ano em 1991. Porque aí nós não fizemos seleção, não houve busca por alunos, não houve divulgação de curso, porque...a gente não sabia o que ia acontecer, então seria uma irresponsabilidade abrir curso. Finalizar sim, esse era o objetivo.

Você se lembra de atritos entre a diretoria da FESP e o curso de Museologia em relação a recursos financeiros e questões de estrutura do curso?

Não atritos, apenas não apoio. Porque eles não tinham o local para a gente, e o prédio cedido pela Secretaria da Cultura já não estava bom, a gente ficava lá [...] não tinha segurança não tinha nada. A Fundação, depois que a Secretaria mudou, enviava pelo menos pessoas para auxiliar na limpeza do andar que a gente ocupava, mas só isso. Seguro, vigia, não, o secretário [do curso] era funcionário da Fundação, todos os pagamentos foram corretos, corretíssimos, para todos os professores, para toda a Comissão Diretora. Eles queriam, claro, mais alunos, para equilibrar contas, porque existem contas, [...] pagamento de professores, espaço, tudo isso. Mas a gente não podia fazer uma divulgação do curso se a gente não pudesse atender, sair do guarda-chuva jurídico. Aí nós iniciamos o processo...aquele do CAPES, para fazer...nós

iniciamos, mas aí paramos. Não que nós fechamos o Instituto, a Comissão saiu, nós assinamos uma carta de demissão...Porque era a hora, realmente aí era uma decisão, e todo o Instituto foi reformado, de que aí tinha que ser então um recomeço com a CAPES, para fazer todos os procedimentos regulares de mestrado. Regulares modo de dizer porque o nosso não era irregular. Era apenas atípico. Mas não houve atrito.

Gostaria de perguntar sobre o encerramento do curso, se você se lembra como se deu essa decisão, como foi recebida pelos atores do campo profissional, como foi esse percurso.

Ah, foi recebido com pesar. Depois que eu encerrei a minha participação na Comissão Diretora, logo em seguida eu comecei a trabalhar na Estação Ciência e fiquei imersa lá [...]. Não que eu não tivesse contato com outros colegas, mas não estava imersa na questão da formação. Mas como nós fomos a vários encontros, havia sempre a questão. Apesar de eu não ser registrada eu sempre levava a questão da Museologia para dentro da Estação Ciência. Agora, São Paulo sempre pretendeu cursos de pós-graduação em Museologia, essa discussão eu acompanhava, essa discussão eu sempre acompanhei. Então, o que a gente lamentava era não ter curso de pós-graduação em Museologia em São Paulo. Isso foram muitos anos...E depois sempre foi defendido, porque eu sempre estive na área de museus, ou na Estação Ciência, depois no Museu de Anatomia na Veterinária, ou seja, as questões de teoria Museológica, o trabalho de museólogo, isso sempre foi defendido por mim e pelos colegas. O que não havia eram mais pessoas ingressando, porque faltava curso, e não havia esse trânsito como existe hoje, das pessoas da Bahia para São Paulo ou do Rio para São Paulo. Então o grupo agora cresceu. Como eu auxilio no site do Conselho, eu sei o número quase de cor, o nome das pessoas lá, e também fui conselheira por quase dois anos [...], tenho total contato com o pessoal do Conselho, então a gente sabe que atualmente muitas pessoas da Bahia tem vindo para São Paulo. Ou de Brasília, que também são registrados os do curso de Brasília. Mas, na discussão de graduação e pós-graduação, sim eu sempre sou partidária à pós-graduação, em São Paulo.

Justamente em um dos documentos desse momento final do curso, se comenta que existia a intenção da Fundação de formar um curso integrado de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia...

É, nós éramos contra.

E isso ocorreu de fato?

Não, a Fundação sempre foi forte em biblioteconomia, essa é a força dela. Em arquivologia, a diretora, na época, era de arquivologia. Acho que a formação dela era em arquivologia, claro que ela puxava para esse lado, e queria fazer uma integração e nós não queríamos, porque já naquela época, pra nós era muito claro que essas áreas elas tem alguma coisa em comum, um trato no patrimônio, mas tem técnicas, premissas e teorias muito diferentes. Hoje é muito claro isso, mas naquele momento, para a Fundação não era claro, e ela queria fazer aquele curso, foi um dos motivos pelos quais nós encerramos. Não é que nós encerramos o Instituto, mas nós não íamos estar lá para fazer uma coisa que vai contra nossa teoria, [...] e o Instituto não era nosso, era da Fundação, então quando você já não pode mais remar, o que pode se fazer? Sair do barco! Isso é um pesar, nenhum profissional gosta desse momento, que não consegue...E foram, tivemos algumas reuniões, nenhuma de briga, de gritaria, não, eram questões...primeiro, financeiras, a Fundação tem que se manter, o Instituto também; depois: técnicas: de lugar, número de alunos, tem que equilibrar tudo isso; depois: conceituais. Talvez conceituais primeiro [...], porque primeiro, Instituto – esse nome era muito importante para a gente, Instituto de Museologia de São Paulo, que era um nome dado pela Waldisa, não foi o primeiro nome do Instituto [...], já teve outro nome, mas que era justamente uma forma de separar da biblioteconomia, da arquivologia. Sim, eles queriam, talvez nem conceitualmente....por razões operacionais. Mas que não eram a solução. O curso de Biblioteconomia continua até hoje, Arquivo eu não sei como eles estão...[...]

Nome do discente: Viviane Panelli Sarraf
Curso que participou: CEMMAE 3
Formação prévia: Licenciatura em artes visuais – FAAP
Local e data da entrevista: Museu de Arqueologia e Etnologia, 13/12/2016
Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 25min24seg
Período em que participou do curso: 2003-2004
<p>Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...</p> <p>Eu fui fazer o curso de especialização em Museologia aqui no MAE porque a minha expectativa era ter uma formação realmente mais sólida em Museologia para conseguir de fato trabalhar em museus e ter [...] um repertório maior de como fazer, de fato, as etapas de conservação, de documentação, de expografia, porque o que eu tinha até então era um aprendizado empírico na época que eu fiz estágios em alguns museus, e [...] como estagiária a gente aprende muito na prática, mas pouco na teoria. E na ocasião que eu vim fazer o curso de especialização, eu estava finalizando o projeto do Centro de Memória Dorina Nowill para cegos, onde eu estava como responsável, e eu sentia necessidade de conhecer melhor as áreas técnicas da Museologia para fazer um projeto de boa qualidade lá. E, para mim, a princípio foi um pouco difícil [...], por ser todos os dias de manhã, eu estava trabalhando tanto na Fundação Dorina quanto na Prefeitura, como professora, e [...] eu ia ter que largar minhas aulas da manhã para poder fazer o curso, e [...] na Prefeitura as coisas não eram tão fáceis, no fim eu acabei exonerando [...] o cargo de professora porque eu achei que aqui seria mais proveitoso para mim, com mais possibilidades que estavam se abrindo na Fundação Dorina.. [...] Era um curso que realmente me convenceu a continuar, porque [...] era uma qualidade muito boa, a gente tinha aulas que eram muito proveitosas, com material que, pelo menos para a minha época, 2003, 2004, eu nunca tinha tido contato com um material assim tão amplo, tão bom, tão rico, [...] naquela época a gente usava pouco a internet, então os professores davam para a gente apostilas impressas, encadernadas, um material excelente. Nas aulas usavam retroprojeto, projetor de slides [...], e eram também muito boas, e os seminários também, que eram professores de fora do curso que vinham dar para a gente seminários específicos, então a gente tinha professores de vários estados do Brasil e professores estrangeiros, como Peter van Mensch, a Norma Rusconi, o Felipe Tirado, da área de pesquisa, então realmente foi um curso de especialização que nos deu a possibilidade de ter contato com os profissionais [...] de maior referência na época na</p>

área de Museologia e nos estudos de museus no Brasil e no mundo [...]. A gente teve uma oportunidade de ter um panorama geral, e se a partir daí quisesse desenvolver outras pesquisas e outros trabalhos, a oportunidade foi dada para todos, cada um tomou o seu caminho.

No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

Não sei se tem algum ponto...[tem] pontos específicos. Porque como eu te falei, o curso todo era muito bem amarrado, então a gente tinha três disciplinas básicas- da Museologia, da parte de comunicação e ação educativa, e da parte de salvaguarda, que era conservação e documentação-, então esses eram os três eixos fundamentais. E, um pouco transversal a esses eixos a gente tinha esses seminários, que é como eram chamados na estrutura, que eram dados por professores externos, também de outros departamentos da USP ou de outros museus do Brasil e do mundo, de outras universidades. Então, [...] eu acredito que no meu caso, eu me aproveitei dos eixos que mais me interessavam [...], que foram, eu, primeiro eu entrei com uma expectativa, a gente tinha que ter mais ou menos um norte do TCC, da monografia que a gente queria fazer. Em princípio eu queria estudar um sistema de documentação museológica acessível para as pessoas cegas, [eu] estava lá na Fundação Dorina, elaborando o Centro de Memória. Mas depois das aulas, dos seminários, eu acabei achando mais interessante tanto estudar como me aprofundar na área de comunicação museológica, na área de expografia e ação educativa, [mas] mais [na área de] expografia. Então [...] eu aproveitei muito o material que eu tive tanto nas áreas da Museologia quanto nas aulas de comunicação, para poder então desenvolver a minha monografia, pensando em modelos de acessibilidade em museus, a princípio para pessoas com deficiência visual e os seminários também me ajudaram mais também para discutir com os professores que vinham de fora sobre essa minha ideia, sobre os meus projetos, poder realmente submeter a um olhar de fora [...] como era esse entendimento, o que estava acontecendo fora aqui de São Paulo, em museus de outros estados, em museus de outras partes do mundo, então a gente tinha uma possibilidade muito grande de diálogo. Então acho que esses três pontos: a Museologia, a comunicação e o diálogo com esses outros profissionais do mundo todo davam essa segurança na gente.

E a sua experiência com a monografia foi sobre...?

Foi sobre...um estudo sobre a acessibilidade para pessoas com deficiência visual nos museus, sob o ponto de vista de um grupo focal de quatro pessoas com deficiência

visual. Então na verdade, assim, na monografia eu falo um pouco sobre os princípios, tudo o que eu estudei, tudo o que eu pesquisei, inclusive os trabalhos que a Waldisa fez no Museu da Indústria [...], a exposição Percepção e Criação, entre outras ações, mas, além desse embasamento teórico, e um pouco do estado da arte do que já tinha, em 2003-2004 na área, eu formei um grupo de quatro pessoas com deficiência visual, com ajuda de pessoas da área de atendimento da Fundação Dorina, e aí eu passei para eles uma lista de todos os museus que existiam em São Paulo, para eles selecionarem três museus para a gente poder, então, fazer uma visita, para eles avaliarem o que que esses museus precisariam para ser acessíveis para as pessoas com deficiência visual. Com a minha coordenação, e tudo, mas assim, quem ia ter os insights, as ideias, me orientar, eram essas quatro pessoas com deficiência visual. [...] Dessa lista a gente pensou em princípio três museus, para dar conta de um prazo pequeno de mais ou menos dez meses para fazer o trabalho, que eu comecei antes das disciplinas se encerrarem. E aí eles escolheram o Museu Lasar Segall, que era bem próximo à Fundação, então eles também tinham curiosidade de conhecer, o Museu da Imagem e do Som, e o outro eu não estou conseguindo me lembrar exatamente qual foi, não sei se foi o Museu de Zoologia que a gente foi. E aí entre esses três museus, como eu era orientada pela Cristina Bruno e ela estava na direção do Museu da Cidade, ela deu a ideia, “ah, e se vocês incluíssem na pesquisa visitar o Solar da Marquesa?”. [...] A gente incluiu também, eles toparam, porque eu dependia [...] desse grupo que estava doando o seu tempo para participar da minha pesquisa. Aí eles toparam e a gente incluiu. [...] Então toda a análise do trabalho, a parte analítica foi baseada nas avaliações e nas ideias desse grupo focal de pessoas cegas.

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Eu acho que contribuiu completamente. Depois que eu fiz o trabalho da monografia, me formei, como especialista em Museologia, eu tinha um conhecimento e uma formação para a prática muito mais consolidada, eu tinha domínio [...], mesmo que não fosse, por exemplo, o foco do meu trabalho trabalhar com conservação e documentação eu tinha um bom conhecimento, eu consegui, por exemplo desenvolver um sistema de documentação do acervo lá do acervo do Centro de Memória da Fundação [Dorina Nowill para cegos], fazer um plano de conservação da pequena coleção que a gente tinha no momento, e em etapas posteriores, renovar os princípios da documentação e aprimorar o plano de conservação. Então, por exemplo [...], em traços gerais, eu consegui com todo o conhecimento que eu tive aqui no curso, desenvolver o trabalho do Centro de Memória lá da Fundação [Dorina Nowill

para cegos], e fazer do que era um pequeno museu de instituição, uma instituição de preservação do patrimônio de referência hoje, e até mesmo tirar da invisibilidade essa história das pessoas com deficiência visual no Brasil. E fora o trabalho na Fundação, eu tive oportunidade de desenvolver outros trabalhos também, inclusive abri a minha empresa de consultoria, que é a Museus Acessíveis, que hoje desenvolve vários trabalhos, e com certeza [...], foi o Curso de Especialização em Museologia que me pôs no mercado como uma profissional que sabe fazer mas sabe refletir, que eu acho que isso é muito importante. Saber fazer é uma coisa, a gente aprende muito na prática, mas refletir sobre e fazer desse fazer um conhecimento e multiplicar, compartilhar com outras pessoas, isso foi um diferencial para mim. E aí [...] foi um diferencial que, [...] tem muito do curso, mas eu aprendi muito com a orientação com a Cristina Bruno que foi minha orientadora da monografia. Então eu acredito assim, que o grande diferencial dessa minha formação profissional e reflexiva, e que depois fui correr atrás de mestrado, doutorado, veio muito da orientação com a Cristina.

Você comentou que sempre fazia interações com os professores de fora no sentido da acessibilidade. O que percebia sobre acessibilidade na época?

Olha, os profissionais que vinham de fora do Brasil e de outros estados, eu tive uma receptividade muito boa sempre que eu trazia à tona essa discussão da acessibilidade, e eu tomava cuidado para nunca forçar a barra, dependendo do profissional, do que ele trazia como contribuição às vezes eu falava “Ah, acho que não é o caso, não é o momento de se falar sobre”. Eu tentava incluir essas discussões, esses questionamentos quando eu via alguma brecha, vamos dizer assim. E, por exemplo, teve professores como a Elizabeth Tamanini, lá de Joinville, que foi uma professora que gostou muito do que eu falei, como eu coloquei, a gente até tinha um trabalho prático-escrito, de tentar elaborar uma ação educativa, que eu propus uma ação educativa acessível, e eu tive um bom diálogo com ela. O Felipe Tirado também [...] ele apresentando as pesquisas, na Espanha, na Europa, eu acabei comentando com ele sobre o meu interesse, e ele compartilhou comigo alguns artigos específicos da área, que também me abriram [...] o universo da acessibilidade nos museus da Espanha, que eu não conhecia, e aí eu pude me aprofundar. O Peter Van Mensch, também foi um dos professores, que, inclusive não se abriu só à discussão como também quis ir conhecer o trabalho que eu estava começando a fazer lá na Fundação, que ainda era uma coisa super inicial, super caseira e ele foi super solícito, visitou, conheceu. Então eu acho que esses professores tinham um olhar muito aberto, e também os professores aqui do, vamos dizer, do eixo fundamental

das disciplinas do MAE, e eu acredito que a professora mais aberta, desde o início, foi a Cristina também. Eu tive bastante apoio também da professora Marília [Xavier Cury], da Marilúcia [Botallo], do Marcelo Araújo também, mas acho que quem realmente comprou o meu trabalho, peitou e aceitou me orientar e depois me abriu várias portas foi a Cristina [Bruno] mesmo.

Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Eu acho que assim, na época, eu não encontrei alguma lacuna, alguma coisa porque também porque eu era bem nova, eu [...] como eu fiz licenciatura em educação artística, em artes visuais, eu não tinha, eu não tive nenhuma outra disciplina durante a graduação, de Museologia nem de patrimônio na faculdade, então eu tinha muito pouco repertório. O que eu conhecia era de fazer estágios em outros museus, da prática, então realmente na ocasião eu não encontrei uma lacuna na formação, eu considerei ela bem completa. E até mesmo, para a minha intenção primeira, que era, a partir do curso, ter um repertório para organizar o Centro de Memória da Fundação Dorina, para mim foi bem completo, deu conta do recado. Agora, claro, se eu for analisar hoje depois de treze anos, claro que a gente sempre encontra uma coisa ou outra, então eu acho que talvez a parte de acessibilidade, o que a gente teve na época foi muito pouco, um seminário com a Amanda Tojal, que na época era a profissional de referência aqui no Brasil, então ela fez um seminário com uma, duas aulas com a gente, mostrando trabalhos, exemplos, prioritariamente os trabalhos que ela desenvolveu no MAC e os que ela estava começando a desenvolver na Pinacoteca, mas se a gente for fazer uma análise, por exemplo [...], nessa ocasião, 2003-2004, já tinham profissionais importantes fora do Brasil fazendo trabalhos de acessibilidade que talvez pudessem ter composto também essa grade de seminários do curso. Mas eu não acho, não considero isso uma grande deficiência, talvez não tivesse realmente, a questão da acessibilidade não tivesse tão ainda visível, tão importante, dentro da área de Museologia no Brasil na ocasião.

Você se lembra das viagens e das visitas técnicas? Gostaria de ouvir sua experiência com relação a isso.

Sim, para mim foi um momento bem bacana, porque foi um mergulho nas instituições de preservação de patrimônio, em algumas regiões que a gente teve a oportunidade. Então a minha turma, diferente de outros anos, que a gente ficou sabendo que teve turma que foi para Portugal, a nossa possibilidade foi...as nossas viagens foram uma para o Rio, que foi uma semana, uma para Santos e uma para Itu, que aí foram mais curtinhas, um final de semana [...]. E no caso do Rio foi muito bacana, porque além

de visitar os museus, conhecer, a gente fazia...assim, não eram só visitas, eram visitas técnicas, com os diretores, os profissionais, tinha seminários também, com alguns desses profissionais de museus. Por outro lado também, acho que tinha um olhar assim, da Cristina de perceber [...] outros locais de patrimônio que não eram só museus, para levar a gente para refletir sobre aquilo, então, monumentos históricos, bairros, restaurantes, que tinham uma importância histórica também [...] nessa paisagem cultural -que nem se discutia ainda na ocasião- nas cidades. Então assim, acho que isso também foi bem bacana para compor, porque forma um olhar nosso que não fica só centrado na instituição museológica, mas na relação da instituição com a cidade também, na relação ou na ausência de relação. Então, por exemplo, quando a gente foi para o Rio, um dos locais que a gente visitou foi a feira de São Cristóvão, então era uma coisa interessante, que por um lado estava super próximo do Museu Nacional, mas que, nem na época e nem hoje você vê que existe uma relação aí de patrimônio entre essas duas instâncias, que talvez, por conta dessa curadoria da viagem, dos roteiros, levou [...] a gente a refletir [...] sobre essas exclusões, do que é ou era considerado um patrimônio digno de patrimonialização, de musealização e do que ficava fora desse eixo. E até isso foi uma coisa pensada de fato. Tem até um episódio muito engraçado, que a Cristina até gosta muito de recordar, que quando eu fui fazer o curso, a minha filha menor, a Maria, era uma bebê, tinha meses, e eu ainda amamentava ela, apesar de estar trabalhando, tudo, com um bebezinho. Então, por exemplo, na viagem do Rio que foi uma viagem mais longa, eles foram comigo e aí foi super divertido, que fora das visitas técnicas, nossa [...] Maria rolando no colo de todo mundo, brincando com o Pedro, e o José [marido da entrevistanda] tirou férias para ir junto, porque eu não conseguiria ficar o tempo todo fazendo as atividades da viagem e ainda com um bebê no colo e um pestinha de quatro anos correndo [risos]... Então foi bem legal porque a família foi absorvida por todo mundo e era uma bagunça, fora dos momentos de trabalho.

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Então, [...] eu gostaria de comentar que eu acho que foi uma coisa bem importante não só para mim mas como para outros alunos foi o “depois”, o “logo depois” do encerramento da terceira turma, então [...] logo depois do encerramento, eu acho que a quarta turma já estava iniciando as aulas, ocorreu um seminário de Museologia, que eu não lembro agora se era Encontro...se era Seminário, que, se não me engano foi feito aqui na USP, que foi organizado pela Cristina... Era um evento de uma semana, que teve palestras internacionais, oficinas paralelas, foi um evento que nessa época, 2004-2005, foi um evento bem significativo aqui na USP, e que aí a professora Cristina

e os outros organizadores chamaram ex-alunos para participar, então para apresentar comunicações ou para coordenar grupos de trabalho [...], apresentar oficinas, então aí foi uma oportunidade legal, porque foi um seminário grande, que veio gente de todo Brasil, que realmente chamou a atenção da área de Museologia, não ficou centrado só na Universidade, e que os ex-alunos tiveram a oportunidade então, de mostrar um pouco dos trabalhos que tinham desenvolvido, das suas ideias, dos seus projetos, e isso ajudou muito a gente a consolidar uma rede de contatos posteriores [...]. E uma outra coisa também é que alguns alunos foram chamados para dar aulas ou seminários para a turma 4, o que eu acho que foi bem bacana também, ajudou a gente até nessa...assim, era “ah, agora eu vou dar uma aula”, por exemplo, por mais que eu já desse aula para Ensino Fundamental e Médio, curso técnico, foi, vamos dizer, o meu *début* na área de graduação, pós-graduação, então era uma oportunidade bacana.

E então você deu aula para a turma 4?

Isso.

Você se lembra quantas aulas foram, como foi essa experiência?

Eu acho que foi uma só, mas eu lembro de dois convites diferentes, da professora Cristina, uma foi para falar realmente sobre a minha pesquisa, e teve outra ocasião que eu vim aqui no MAE e que aí eu acho que era no âmbito de uma discussão sobre aspectos da Educação em Museus. Que aí foi uma mesa-redonda organizada dentro da aula, para discutir diferentes aspectos, estava junto a Denise Emerich, também, que na ocasião estava na coordenação do Museu da Língua Portuguesa, eu, e mais uma pessoa que discutimos diferentes aspectos. E aí depois teve outros convites aqui do MAE, também, para formação de professores no [setor] Educativo, então eu acho que realmente as portas, realmente, o pessoal fez um esforço, tanto os professores quanto o pessoal aqui do MAE, de, fazer, vamos dizer, essa “cama” para os formados, para ir ajudando a gente a ter uma inserção mesmo.

Você acredita que isso influenciou a sua carreira de pesquisadora?

Totalmente, e profissional também, porque abriu algumas portas...para ajudar a gente [...]. Para inserir novos voos.

Nome do discente: Beatriz Cavalcanti de Arruda
Curso que participou: CEMMAE
Formação prévia: História – USP
Local e data da entrevista: 05/12/2016, Museu de Arqueologia e Etnologia USP
Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 23:39
Período em que participou do curso:
<p>Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...</p> <p>Bom, vou mais fundo, assim, eu sempre quis trabalhar em museu, desde que eu era criança. Mas eu não sabia como, não tinha um caminho, assim, muito traçado. E, bom, lá para 2002 eu passei no concurso para o Museu de Ciências da USP, e ao entrar eu senti uma dificuldade horrível porque tinha umas inconsistências ali no museu e eu não entendia o porquê [...]. E conheci a Cristina Bruno, por conta do projeto, do diagnóstico que ela fez dos acervos e tal e ela falou “olha, vai abrir uma turma pro Curso de Especialização em Museologia, você devia fazer”. E ela me deu todo o apoio para fazer, e foi a melhor coisa que eu já fiz na vida, tanto para a questão imediata do trabalho, para eu entender aquilo, quanto para minha vida, acho que foi um curso extremamente marcante... Aprendi Museologia na especialização, um curso extremamente completo, tanto do ponto de vista da teoria, quanto do ponto de vista da aplicação da Museologia, porque a gente tinha acesso a professores das mais diversas áreas, das mais diversas partes do mundo, uma base muito sólida de teoria, que a própria Cristina dava... E foi maravilhoso, assim... A gente tinha as matérias obrigatórias, que acho que são a base sólida do curso e que eu levo para a minha vida, elas são realmente o que depois foi acrescido com outras coisas, pesquisa, mestrado, mas a base é dali, e o plus [...] que eram os professores, os cases, as viagens, e tudo o mais. Eu desconheço...não conheço uma especialização que possa dar um panorama tão amplo sobre um assunto, acabei de fazer outra especialização em outra área, mas eu não sinto isso.</p> <p>Em que área foi essa outra especialização?</p> <p>Em gestão e políticas culturais. Assim, eu pincelei. Mas, na Museologia eu sinto que ficou uma base.</p> <p>No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?</p> <p>Bom, como eu já falei [...], a parte da teoria acho que foi fundamental...Eu acho que conhecer os autores, enfim, entender o funcionamento da Museologia, entender a transdisciplinaridade na Museologia...Mas eu acho que também...acho que os cases,</p>

as pessoas, o acesso à pessoa, aos nomes da Museologia do mundo inteiro, trazendo as mais diversas experiências, às vezes até antagônicas, acho que isso deu um...abriu horizontes, ampliou o repertório.

Você se lembra de alguns desses nomes?

Lembro...Hugues de Varine, Peter Van Mensch, eu acho que ele foi incrível também, [...] Juan Rico, que foi incrível...ah, era tanta gente, eu não vou lembrar todos os nomes. Eu lembro de um professor de psicologia também, que foi uma coisa incrível. A Norma Rusconi...

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Bom, é realmente a base mais sólida, é a segurança da teoria, principalmente, para analisar casos diferentes. Eu acho que a base sólida na teoria ajuda até hoje, meu manual é a Cristina Bruno, se eu não sei a quem recorrer...Não, e eu acho que para mim ficou muito forte a questão da cadeia operatória, e da questão dos fluxos e do equilíbrio. Então, assim, quando eu faço a análise de um museu, eu procuro ver a questão do equilíbrio em primeiro lugar. E em geral o problema está no desequilíbrio, para um diagnóstico, quase sempre, inevitavelmente tem um lado pendendo. E eu acho que aí, o conceito do equilíbrio, a tentativa do [equilíbrio] aí que é o caminho que eu tento buscar. Então sem dúvida, se eu não tivesse essa parte teórica tão forte...E eu percebo assim, [tem] gente muito boa, mas que não teve essa formação mais teórica, tem mais dificuldade de enxergar um museu com clareza, dessa questão dos fluxos e do equilíbrio. E também a questão da importância igual da salvaguarda e da comunicação, porque vira e mexe a gente ouve [...], esses dias mesmo na internet, um diretor de um museu importantíssimo, espanhol, falando que o museu poderia fechar as portas porque o importante era guardar...É, acho que ele estava equivocado [risos]...Estava! Se ele tivesse tido a formação do CEMMAE ele não teria falado uma meleca dessas.

Sobre as viagens, se você quiser comentar um pouco mais sobre isso...

Ah, era uma delícia, né?! Era muito pesado sempre, porque o roteiro era um museu encadeado no outro, a gente não parava um minuto, mas também, fundamental para...bom primeiro a oportunidade de ver por dentro diversos museus, diversas situações... A gente da minha turma, a gente esteve no Rio de Janeiro, em Itu, e teve mais uma...Santos! Santos, Rio de Janeiro e Itu. Foi muito bacana, acho que também contribuiu para a integração da turma. Levo meus amigos do CEMMAE 2003-2004 até hoje, são pessoas que eu considero muito, a gente conviveu assistindo aula todo santo dia, durante um ano, e depois essas viagens solidificaram essas amizades, e também são pessoas que a gente sabe que pode contar no plano profissional porque

também tiveram uma formação sólida, alguns foram para áreas mais específicas diferentes da minha...Eu acredito que eu tenha ficado mais na questão da gestão, da Museologia teórica, mas eu acho que foi muito importante a questão da viagem para manter esses laços, assim, mais apertadinhos. E as viagens eram muito divertidas, [...], aconteciam as coisas mais...Vou contar casos, por exemplo, a turma no Rio de Janeiro chegando na orla na praia, todos vestidos de museólogo, e daí uns caras gritaram assim: “olha as esquisitas!”, e até hoje a gente se chama de ‘esquisitas’ [risos]. [...] Até brigas, porque era realmente puxado, você passava o dia inteiro andando, chegava no final do dia você tinha que escrever um trabalho, você tinha que sentar em grupo, você tinha que ouvir, você tinha que falar...e muitas vezes isso gerava situações de stress, de cansaço...também aconteciam mas acho que faziam parte do show, até para a gente aprender a trabalhar com pressão [...], eu acho que também contribui para isso... E trabalhar com museu é isso. É trabalhar em grupo, é ouvir, é falar, é respeitar, é se impor, e trabalhar com muita pressão, quem é de fora não sabe.

E a questão dos seminários e da elaboração dos trabalhos acadêmicos, como foi essa parte?

Para mim...foi muito interessante, porque eu juntei [...], para fazer o trabalho final o meu estágio...

Você estava fazendo estágio...

Eu fiz estágio no Museu da Cidade de São Paulo, no período em que a minha orientadora, Cristina Bruno, era diretora, então foi uma facilidade, sim. Porque eu participei da Expedição São Paulo, fiz estágio ali, tive a oportunidade de ser orientada pela Cristina, de conhecer as entranhas do museu e fiz um diagnóstico da parte do educativo. Então eu juntei os pedacinhos bem, acho que foi bem...e assim, aprendi a fazer um trabalho acadêmico ali, eu acho que eu tive uma orientação muito sólida, muito generosa. Cristina me deu uma caixa de livros da casa dela, assim, deste tamanho, e eu fiquei o tempo que eu precisei com aqueles livros, que com muita generosidade ela me emprestou. Eu trabalhei com o conceito de rede, e na época a gente não tinha bibliografia em português, era muito difícil conseguir alguma coisa aqui no Brasil, e ela abriu esse universo para mim...Abriu mesmo porque não tinha, não tinha nem internet, era uma outra coisa.

E depois o seu tema de dissertação de mestrado continuou sendo o Museu da Cidade?

Eu dei continuidade ao objeto Museu da Cidade de São Paulo, mas daí com um tema diferente, eu trabalhei com os imóveis, as casas e a aplicação na salvaguarda e na comunicação, desses objetos.

Então a monografia foi uma base para você?

Foi, foi na verdade a lacuna. A lacuna...eu fiz esse diagnóstico do educativo, apontei para as casas, mas eu não explorei. Mas eu sentia que tinha alguma coisa ali faltando...então na lacuna é que eu resolvi desenvolver.

E esses trabalhos acadêmicos desenvolvidos, tanto no CEMMAE quanto no PPGmus, você acredita que contribuíram depois para a sua gestão como diretora no Museu da Cidade de São Paulo?

Sem a menor dúvida. Eu acho que primeiro, eu já observava esse museu faz tempo, e um dos problemas do Museu da Cidade de São Paulo...a quebra de gestão para gestão... desse histórico e o fato dos funcionários terem mudado e não carregado esse histórico com eles, então isso de certa forma...acho que eu pude trazer essa história mais longa para dentro do museu, lógico que aprendi muito nesses últimos um ano e dois meses com o próprio museu, ver o funcionamento, as coisas que não dão certo, então ultrapassou a parte acadêmica. Mas sim, primeiro a tese do meu mestrado, que é...se esses imóveis...a pergunta era se eles estavam sendo apropriados pela salvaguarda e pela comunicação do museu como objetos. No mestrado eu chego à conclusão que muito pouco, e uma das metas da gestão foi a apropriação. A gente ainda não chegou, o museu ainda não chegou no ponto ideal, mas acho que a conscientização das equipes e principalmente o trabalho com relação ao educativo avançou...avançou. Tem um problema de base ali que a gente não consegue fazer a conservação dessas casas, que deveria ser feita pelo Departamento de Patrimônio Histórico e não é. Isso eu não consegui resolver. Mas eu acho que assim, todos ali sabem, hoje, que esse museu, as casas são objeto do museu, tão importantes quanto os que estão na reserva, e que a gente tem que falar delas, e elas são prioridade.

Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Ah, a gente sempre quer mais, né? Mas não, acho que como curso de especialização, a base foi muito boa. Talvez, assim, talvez, isso acho que na verdade tenha a ver mais com a minha personalidade, com o meu caminho do que com o curso, mas, por exemplo, eu nunca tive experiências práticas com conservação. Mas eu acho que essa é uma área que também precisa ser desenvolvida aqui no Brasil, mais e mais, para dar a oportunidade para quem tem esse perfil, desenvolver. Acho que não seria

a minha mesmo se eu tivesse experimentado, cada vez mais acho que estou no caminho certo. Acho que o próximo passo agora é aprofundar a questão de Museus de Cidade, eu na especialização em gestão eu já esbocei uma ideia, que é da questão dos direitos culturais em museus de cidade, mas ela precisa ser desenvolvida. Então eu acho que tem coerência, apesar de serem trabalhos muito diferentes, são as dúvidas e as lacunas que vão aparecendo no caminho[...]. Agora com relação a mais coisas do próprio curso, deixa eu pensar...Ah era muito divertido fazer trabalho em grupo, eu lembro de algumas experiências coletivas, assim, de exercícios, era uma delícia. Da gente fazer curadoria com objetos que os professores pediam para que a gente trouxesse, na hora a gente tinha que inventar uma coerência ali, museus fictícios que a gente inventou, tanto para fazer exposição, para criar um roteiro, quanto para fazer a documentação. Era uma delícia! Era a parte que eu mais me divertia. Mesmo também algumas visitas que a gente fez que resultaram em análises...também era muito gostoso fazer. Tenho orgulho de alguns trabalhos que eu, lógico, hoje são trabalhos de especialização, menorzinhos assim, mas foi muito gostoso.

Gostaria de falar mais alguma coisa?

Eu fui bolsista da VITAE, e na verdade eu só pude fazer o curso porque eu fui bolsista da VITAE.

E como funcionava essa bolsa?

Eu tinha que...bom, solicitei a bolsa, e eu tinha que manter notas A em tudo, 90% de presença. E eu consegui! [risos] E eu acho que essa bolsa, especialmente, a VITAE ter subsidiado essas bolsas possibilitou que pessoas como eu pudessem realizar esse curso. Eu também tive a sorte de poder ser liberada do trabalho na parte da manhã para poder fazer o curso, ou seja, foi um pedido da Cristina Bruno para o Pró-Reitor de Cultura, que na época era o Adilson Avansi, e só por isso eu pude fazer o curso. Então realmente eu me sinto extremamente privilegiada.

E você tinha algumas responsabilidades enquanto bolsista?

Tinha assim, a Cristina pedia eventualmente para a gente fazer...[...], anotações dos seminários que a gente assistia, não lembro direito dessa parte. Mas tinha, devia ter. Mas ao mesmo tempo em que eu me cobrava para atender àquelas regras, eu acho que elas eram mais que certas. Eu lembro de ficar chateada com outros bolsistas que não levavam tão a sério, eu falava “nossa, mas a gente está tendo uma oportunidade incrível”. Eu realmente me sinto privilegiada, e eu não estaria no campo hoje se eu não tivesse tido essa oportunidade. [...] Acho que eu tive todas as facilitações ...A Cristina é um nome muito conhecido...ela tinha me visto duas vezes na vida, eu falei

que eu tinha interesse e ela me ajudou.[...]Ah, e das viagens, nós da terceira turma, morríamos de inveja da primeira turma que foi para Portugal. E eu tinha consciência que era...todas as três viagens, Santos, Rio de Janeiro e Itu, a gente sentia como um privilégio, mas...Portugal, puxa vida, a gente queria ter ido! A outra coisa é que...minha filhinha era pequena, então também era um desprendimento para mim, foi a primeira vez que eu fiquei longe da minha filha foi na viagem para o Rio de Janeiro, ela tinha três anos. Foi assim, eu sofria mas era muito bom. Ah, ela participou de todas as festas do CEMMAE, todo mundo cuidava dela.

E como era essa convivência?

Ah, era bem legal, porque na verdade assim, eu era uma das poucas que tinha filho na época, então todo mundo achava o máximo, integrava minha filha, que agora é uma moça. É um barato.

Quer comentar mais alguma coisa?

É.... realmente a coisa da bolsa foi muito importante, eu queria deixar registrado.

Nome do discente: Kátia Regina Felipini Neves
Curso que participou: CEMMAE 2
Formação prévia: Museologia – UFBA
Local e data da entrevista: 16/12/2016, Memorial da Resistência de São Paulo.
Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 48 min 13seg
Período em que participou do curso: 2001-2002
Você foi aluna e assistente do curso. Como foi essa experiência? <p>Sim, eu vim morar em São Paulo justamente para fazer o Curso de Especialização em Museologia, porque eu já tinha a graduação em Museologia pela UFBA. Eu vim no final de janeiro, prestei a seleção para o CEMMAE/USP e no início de março, abril, soube da vaga de assistente de coordenação do curso. Fui aprovada como estudante e, em seguida, comecei a trabalhar, acho que em meados de abril de 2001.</p>
Você foi contratada pela VITAE? <p>Isso, porque era a Fundação VITAE que patrocinava o CEMMAE e toda a verba do curso era dela. Eu recebia pela VITAE.</p>
Mas já havia começado o curso? <p>Não. Porque a seleção para o curso foi em fevereiro, e a vaga para assistente abriu em março ou em abril, não tenho certeza, mas já tinha saído o resultado da seleção. Eu lembro que eu até pensei: “nossa será que pode ser aluna e assistente do mesmo</p>

curso?”. Mas aí a Cristina disse que já há algum tempo ela estava querendo alguém que fosse da área de Museologia para trabalhar no curso, porque seria uma relação diferente ter alguém da área. Então comecei a trabalhar em meados de abril e as aulas começaram em agosto, com um Simpósio sobre educação em museus. O curso era de um ano e meio.

Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...

Eu já queria fazer esse curso desde que eu tinha ouvido falar dele pela primeira vez, acho que em 1992, durante um encontro de Museologia que teve em Salvador, onde eu fazia a graduação em Museologia. E eu me lembro que foi a Cristina Bruno e outra pessoa, acho que a Marília Cury, que apresentaram a proposta do curso. E me lembro que falei para a Francisca, minha colega que estava do meu lado, “vamos para São Paulo, Francisca, vamos para São Paulo para fazer esse curso” [risos]. Então, demorou um tempo para ele iniciar. Eu gostaria de ter feito a primeira turma, em 1999, mas por questões pessoais não pude. A minha expectativa era de fato ter uma formação mais ampla, que pegasse as diversas áreas dos museus [...]. Porque eu tinha gostado da graduação, e não teria feito outra graduação que não a que eu fiz na Bahia, mas eu sentia falta de algumas disciplinas mais específicas e de olhares múltiplos, de ter contato com outros profissionais de museus de outros lugares. Porque é diferente em uma disciplina, por exemplo, de educação, você ter um professor que apresenta alguns estudos de caso, de uma disciplina em que vários professores, que são profissionais de diferentes instituições do Brasil e do mundo, discutem suas experiências [...]. Acho que é uma coisa que acaba aproximando muito. Então, a minha expectativa era conhecer essas diferentes experiências. E tenho certeza que não tem nenhuma outra formação melhor em Museologia que esse curso de especialização, pois nem o mestrado, nem o doutorado vai possibilitar ao aluno ter essa visão macro de uma instituição. Porque o museu não é só ação educativa, não é só pesquisa, não é só exposição, ele é um conjunto e justamente ter essa visão de conjunto, você precisa se debruçar sobre essas partes; é isso que vai fazer com que você veja a instituição como um todo orgânico, e não como uma coisa departamentalizada, que eu acho que esse é um grande entrave que a gente vê nas instituições [...]. Cada um fica lá no seu quadrado e não consegue enxergar o todo; nesse sentido, eu não vejo outra formação melhor do que o Curso de Especialização. Mas eu digo que tem que ser especialização pelos múltiplos olhares à Cadeia Operatória, mas é preciso que na graduação tenha a formação mais humanista; eu não conheço muito bem as grades curriculares das novas graduações em

Museologia, mas espero que tenha disciplinas da área de humanas e não somente as vinculadas à Museologia e aos museus. As graduações devem oferecer uma formação mais humanista, como por exemplo a antropologia, a sociologia, filosofia, enfim, [...] ah, e história, porque você precisa ter na base para fazer Museologia. Mas em geral todas as graduações têm essa formação mais humanista, que precisamos ter como suporte, por ser a base de uma formação mais cidadã. A graduação em Museologia que eu tive pecava pela parte mais técnica dos museus, mas por outro lado tinha toda essa formação humanista que eu considerava superimportante, e a formação técnica era complementada paralelamente, dependendo do seu interesse, por exemplo a conservação, ou a documentação, enfim, aí você acabava complementando nos estágios, nos museus ou em cursos paralelos, porque eu também tive toda uma formação paralela. Em Salvador tinha muitas atividades interessantes, eu me lembro que o Museu Eugênio Teixeira Leal tinha uma programação de cursos que era impressionante, no Museu Carlos Costa Pinto, aprendi coisas muito importantes nesses lugares. E como assistente do CEMMAE também foi o máximo, porque a gente trabalhava muito [...], tanto é que quando eu comecei a trabalhar a carga horária era de meio período, mas depois eu cheguei a conclusão de que era meio período do dia [risos], doze horas, porque era uma trabalhadeira. Mas tudo era muito bem organizado e desde o primeiro dia de aula o aluno já sabia cada aula, cada atividade que faria; no ano anterior a gente já fazia toda a programação, e acho que você já teve contato com aquelas planilhas, cada dia tinha a sua programação, os primeiros seis meses eram dedicados às disciplinas básicas e a aulas com profissionais aqui do Brasil – de São Paulo, da Bahia, ou do Rio, de vários lugares. O segundo semestre e o terceiro era só com pessoas de fora. Então, a gente tinha que fazer tudo de forma organizada, porque senão não dava conta dessa mudança constante de professores, uma hora era alguém que vinha da Holanda, do Canadá, outra hora era do México, dos Estados Unidos, enfim, da França... Mas funcionava corretamente. E tinha as avaliações, porque as coisas não podiam ficar soltas. Tinha as do primeiro semestre, das disciplinas básicas, e depois tinha dos blocos de ação educativa, de gestão, de avaliação, enfim... E tinha as viagens de estudo, que eu acho era das experiências mais importantes, e como eu fui aluna da segunda turma, e depois ainda trabalhei na terceira e na quarta, eu pude acompanhar todas essas viagens, que eram experiências impressionantes [...], porque nada na programação, intensa, era assim por acaso. O que você tinha que avaliar, as reflexões que você tinha que ter, tudo isso ajuda na formação, mas nem todo aluno é igual, não é? E eu acho que essas experiências contribuem muito para

...você pensar outras realidades [...], porque uma hora você está visitando museus federais do Rio, ou museus particulares do Rio e de São Paulo, museus estaduais, e aí você está num museu municipal no interior do estado ou no litoral, então isso pode colaborar para que você tenha visões mais contextuais, que você consiga entender ou procurar compreender a singularidade de cada instituição, sua vinculação institucional, se ela está mais desenvolvida em termos estruturais ou não, e por quê [...]. Eu acho que isso foi superimportante, e penso que os nossos colegas, os alunos, eles aproveitaram bem tudo isso, mas era uma trabalhadeira. Todo mundo falava “ah que delícia, viagem de estudos” eu falava assim “é, você não sabe o que nos espera” [risos]. [...] A gente começava oito e meia da manhã indo para os museus, e terminava dez e meia, onze horas da noite, porque depois de um dia de visitas técnicas a gente tinha que consolidar o que tinha visto, discutido. Então era bem rígido, bem rigoroso, o que era bom, era bem rigoroso e bem organizado, porque se não for assim as coisas também não funcionam [...].

Como você contribuía enquanto museóloga e assistente para esse curso?

Olha, eu acho que, de uma certa forma, de dar o suporte, de compreender a singularidade desse trabalho, que era diferente de você ser um assistente de qualquer outra área. Então eu penso que a interação que você tem com o professor ou o profissional que vai vir é diferente, pois você vai ajudar a pautar esse professor, o programa que ele vai apresentar e desenvolver [...] eu acho que a relação é outra porque você sabe do que se trata, não é uma coisa mecânica. E, por outro lado, também acho que contribui com algumas indicações de profissionais que eu já conhecia durante a minha graduação, e que eu tinha ficado encantada, e que sabia que podiam contribuir muito com o curso. Um deles, por exemplo, foi o Mehdi Gafouri, um professor e arquiteto iraniano, naturalizado canadense. Eu conheci o Mehdi num curso que eu fiz no Museu Carlos Costa Pinto, que tratava sobre o programa museológico arquitetônico. E esse curso, que era bem teórico-prático mesmo, dava uma visão do conjunto das diversas áreas do museu e da Museologia, porque para pensar a arquitetura, você tem que pensar quais as áreas físicas e humanas que ela precisa, as necessidades da documentação, da ação educativa, então acho o Mehdi Gafouri um super profissional e fiquei muito encantada. E quando eu propus isso para a Cristina [Bruno] e o Marcelo [Araújo], eles também tiveram a coragem de arriscar [...]. E mesmo outros profissionais que ao longo do tempo eu sugeri, para ter mais equilíbrio em outras áreas...

No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

Acho que foi fundamental justamente aquilo que eu falei no início, de você ter mais familiaridade, mais vivência com as diversas áreas do museu, por meio de diversos olhares. Eu já tinha trabalhado, por exemplo, com documentação, um pouco com gestão, mas a especialização teve uma disciplina que eu achei fundamental, que eu adorei, que foi do Felipe Tirado Segura, que é um professor mexicano, psicólogo, que trabalhava com avaliação em museus. Assim, eu acho que essa convivência com esses profissionais foi fundamental, porque além de todas as outras disciplinas, que eram mais específicas, das outras áreas do museu, o Mehdi e o Tirado, por exemplo, davam a visão do conjunto. E depois acabei me debruçando mais na gestão de museus, no final das contas. É lógico que depois do curso eu trabalhei com exposições, com pesquisa para exposições, documentação, uma série de coisas... mas acho que agora a parte mais longa da minha trajetória é a gestão, e foi fundamental ter essas áreas mais consolidadas, porque eu acho que um gestor de museus ou um profissional de Museologia, ele precisa ter a visão do conjunto, não é? Porque considero, e acho que todos nós da Museologia consideramos, que o museu é um organismo vivo, que se você der muita ênfase a uma determinada área e deixar outra de lado, isso vai se tornar um problema muito sério mais para a frente [...] Então acho que ter esse equilíbrio ajuda você a pensar, por exemplo, os planos de trabalho, que projetos você vai propor que possam melhorar todas as áreas, como você distribui os recursos, enfim, eu acho que a contribuição é essa, foi consolidar mais meus conhecimentos do ponto de vista de uma visão geral da instituição museológica.

Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Me ajudou bastante, especialmente para o planejamento, pois para se fazer o plano de trabalho anual e respectivo orçamento de cada ano, primeiro você teve que pensar um plano de cinco anos, e depois a cada ano vai ajustando e detalhando o plano do ano seguinte. Você precisa ter o conhecimento mais aprofundado dessas áreas, para saber o que pode, quais profissionais você deve procurar para implantar algum outro projeto, quais as atividades que deveria iniciar para implantar um projeto, enfim, o que é que você quer de fato para a instituição como um todo. E ir vendo a particularidade de cada uma das áreas. Então eu penso que o conhecimento mais aprofundado de cada uma das áreas do museu é que faz com que você tenha mais segurança, e inclusive saiba buscar na hora certa as ações possíveis, estratégicas, para você implantar, para você fazer a instituição caminhar bem.

Você tinha dito que na Bahia a sua formação havia deixado a desejar na parte técnica, no CEMMAE você conseguiu desenvolver melhor essa parte?

Primeiro, eu quero reiterar que não teria feito outra graduação que não fosse em Museologia na Bahia, pois acho que contribuiu muito para a minha formação humanista mesmo, que eu considero a base de todo cidadão. Mas a parte mais teórica da Museologia ainda estava chegando, porque eu iniciei em 1987, e um ou outro professor trazia alguns textos, conhecimentos. O Oswaldo Gouvêia, que era meu professor de documentação, de vez em quando ele trazia um texto da Waldisa Rússio... a Maria Célia [Santos], eu me lembro, que levou textos com o conceito sobre ecomuseus... E a gente também vivia outra época, década de 1980 e 90, com pouca acessibilidade em termos de comunicação, de acesso a documentos, dez anos fazem uma diferença enorme... Então, a gente nunca pode perder isso de vista, estávamos em outra época, outro contexto. Mas, eu tinha uma disciplina, acho que era Técnica de Museus 3, que trabalhava justamente com a parte de arquitetura e expografia, que a gente aprendia mais ou menos, foi muito ruim; já a de documentação, por exemplo, era excelente, porque o Oswaldo Gouveia entendia bastante de documentação e era uma pessoa super generosa, e [...] nos deixava livres mesmo para propor coisas. Educação em museus era com a Maria Célia, que era excelente e com quem aprendi a fazer que projetos. Então, eu fui fazer em outros cursos. Eu me lembro que na mesma ocasião em que eu estava fazendo Técnica de Museus 3, o Guilherme, que na época, era diretor de um museu lá da Bahia, deu um curso sobre exposição e foi excelente; a disciplina de conservação também foi excelente, foi com a Heloísa Helena, que tinha uma visão bem macro da conservação, de conservação preventiva, justamente para você não ter que chegar à restauração. E o José Dirson Argolo, professor de restauração que eu tive a felicidade de ter dois semestres, um de restauro de pintura em tela e outro de imaginária, restauração nesses dois suportes... Estes professores foram fundamentais, até porque dentro da restauração a gente tinha o conhecimento bem aprofundado de conservação preventiva. Mas, então, a grande diferença era toda a estrutura que havia no Curso de Especialização em Museologia, dez anos depois, ter a oportunidade de conviver com outros profissionais de outros países, outras experiências, outros contextos, e mesmo aqui do Brasil, porque eram muitos profissionais. Então acho que essa foi a diferença fundamental. E a parte de teoria, eu acho que agora está tendo de uma forma mais aprofundada, mas na minha época era bem raso mesmo.

Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Então, na especialização uma coisa que eu tinha sentido bastante falta na ocasião era da arquitetura, eu achava que tinha muita ênfase na educação, e nessa parte

mais estrutural do museu não tinha, e foi até por isso que sugeri o Mehdi Gafouri. [...] Tinha uma parte de gestão, que era a Ximena Varela quem dava, que era mais voltada assim para marketing. A Cristina Bruno, como [ministrava] disciplina teórica, falava de gestão, mas eu sentia falta de uma coisa mais focada, detalhada, mais específica de gestão, algo mais prático. Agora, acho que tudo depende do perfil do aluno e do que ele quer, não é? Muitas vezes eu via alunos cujo interesse era por educação, por exemplo, e eles não conseguiam interagir com outras coisas. Faziam as disciplinas, eram bons alunos, mas acho que não conseguiam ver a importância, por exemplo, de um Felipe Tirado, que dava avaliação e era justamente a oportunidade de você ver, pensar a instituição como um todo, e não davam o valor que merecia o Felipe [...]. Ou se você se interessa só por avaliação, então às vezes não vê as especificidades e importância das outras disciplinas. Então, depende do perfil do aluno, do que ele quer, com o que ele já trabalha. Porque também tinha muito disso no curso de Museologia: eram pessoas que já trabalhavam na área de Museologia, na maioria, e elas precisavam ter um conhecimento mais teórico para aperfeiçoar a prática. Claro, começavam a trabalhar, mas sentiam a necessidade de conhecer mais daquela área. E eu acho que a grande parte de pessoas, de alunos lá, já trabalhavam em museus e queriam aprofundar alguns conhecimentos.

E você chegou a eventualmente dar alguma aula ou palestra?

Ah, palestra sim e foi muito bacana mesmo, foi em 2003, nos Encontros Museológicos, que também faziam parte da programação do CEMMAE... achei extremamente importante. Os Encontros Museológicos eram temáticos e organizados pelo CEMMAE e, às vezes, em parceria com outras instituições, e eram super importantes; teve sobre programas museológicos, arquitetura, documentação, enfim... Então, teve um que aconteceu no MASP, em 2003, não me lembro o título agora, acho que era sobre pesquisa, esses Encontros sempre aconteciam para iniciar as turmas, pois era uma forma de trazer os alunos para os debates mesmo. E esse foi no MASP, e alguns alunos das turmas anteriores que tinham feito a monografia tiveram a oportunidade de apresentar. Agora aula, parece que eu dei uma aula, mas eu não estou me lembrando direito...Acho que eu dei uma aula, sobre projetos ou programas museológicos, na programação mesmo. [...]

Você poderia comentar um pouco mais sobre as potencialidades e problemas que você enxerga nessa formação pós-graduada?

Bom, sobre as potencialidades, acho que precisamos ampliar o número de profissionais que possam atuar mesmo, que tenham a carteira do Conselho, que eles tenham liberdade para atuar na nossa área, porque eu acho nossa área muito carente

de profissionais. E esse foi o grande problema do Curso de Especialização em Museologia, pois o corporativismo do Conselho Federal e Estadual de Museologia nunca permitiu que fosse proposta alteração para que os especialistas em Museologia pudessem atuar de fato. Então...eu nunca consegui engolir essa história, justamente por toda a formação, o potencial, o super profissional que saía do curso, e depois ele ser impedido de atuar como museólogo. Então, eu acho que um dos potenciais é esse, é de ampliar nossa área profissional, ter mais profissionais atuantes, bem formados, porque quanto mais você tem profissionais que já se debruçaram sobre um tema que seja, [...] por exemplo educação, avaliação, seja lá o que for, nessa pós-graduação (em mestrado), ela acaba tendo uma carga horária teórica que vai ajudá-la no trabalho. Acho que o grande ganho é ter cada vez mais profissionais de Museologia pensando os museus, inseridos na área museológica. Agora, jamais vai ser como o profissional que se formou no CEMMAE, entendeu? Isso acho que é a perda de toda pós-graduação, seja ela mestrado ou doutorado, porque justamente o aluno acaba se debruçando mais sobre um tema e ele não tem essa possibilidade de enxergar, de conviver, de se familiarizar da instituição museológica como um todo, em todas as suas áreas. Então acho que essa é a grande perda, acho que a grande diferença entre a especialização, essa do CEMMAE, e o mestrado e um doutorado, mesmo em Museologia.

Então você considera a especialização como uma formação ideal para capacitar museólogos?

Eu acho que tinha que ter essa especialização, e mestrado e doutorado também precisamos. Mas eu acho que o profissional tem que ter a visão do conjunto, conviver com múltiplos olhares. Porque você pode aprender com um livro de gestão, de ação educativa, como se faz um diagnóstico, tudo isso você pega em um livro, você vê. Agora o que é diferente de você pegar um livro é o que eu falei, logo no início, que é ter a oportunidade de conviver com pessoas que trabalham em contextos, instituições totalmente distintas. E aí a especialização que eu conheço é a do CEMMAE, que eu achava perfeita. Acho que o único senão, mas que não considero grave, era sobre o estágio, que tinha que ser um pouco mais amplo [...]. Porque alguns alunos faziam 16 horas em um museu, 16 horas em outro, depois mais 16 horas. Então, eu acho que o período de estágio deveria ser maior. O profissional até poderia ficar numa instituição só, o tempo todo [...] mas que ele deveria passar por outras áreas, por exemplo. Mas não é nada que eu considere que foi uma perda, até porque uma boa parte dos alunos já atuava em uma instituição, e quando foram fazer o curso era uma forma de se aperfeiçoar.

E tinha alguns bolsistas no curso. Como era essa relação?

Tinha bolsistas que eram do MAE, que era uma bolsa que cobria os custos do curso (acho que a metade), e tinha bolsistas VITAE, que ganhava uma parte a mais [...], ele recebia o curso e mais alguma outra coisa [...], não me lembro bem dessa singularidade, acho que a bolsa integral e ajuda para a monografia. A atuação dos bolsistas da VITAE deveria ser como auxiliares da tutoria nas viagens de estudo... Ah, porque essa era outra coisa bem interessante [...], tinha os tutores do curso, eu depois também fui tutora, eu era assistente e tutora. O tutor fazia o acompanhamento da vida do aluno, ajudava a organizar as viagens de estudos, ajudava na parte de estágios. E os alunos bolsistas, por exemplo, nas viagens de estudos tinham que estar atentos para que as pessoas não se dispersassem, não fossem cada um para um lado, cumprissem os horários, ou seja, colaborar com a coordenação para que as coisas funcionassem bem.

E essa relação com a VITAE, como era? A questão de patrocínio, no seu entendimento, como você avalia que isso funcionava?

Super funcionava, desde a primeira turma já patrocinada pela VITAE. E toda a estrutura do curso era paga pela VITAE. O que o MAE, a USP tinha de contrapartida era a infraestrutura, os próprios professores da USP, do MAE, enfim, toda essa parte mais de infraestrutura. Mas a VITAE foi fundamental em tudo, porque tínhamos muita liberdade para trabalhar os orçamentos, então cada turma você fazia proposta A, B, C, e D, sendo que cada uma dessas propostas tinha um upgrade ou uma coisa a menos. A partir do momento que eles aprovavam o orçamento, você seguia a proposta, mas se tivesse que fazer alguma mudança, porque tinha surgido alguma oportunidade, alguma coisa mais interessante, ou algum professor que teve que ser substituído, era uma coisa muito tranquila, era uma relação muito tranquila. [...] Tinha que fazer depois os relatórios técnicos e científicos e os relatórios financeiros, e desde que [...] estivesse tudo comprovado, qualquer alteração que tivesse pedido a autorização, não tinha aquela burocracia dura, chata, que faz empatar as coisas [...]. Então, por exemplo, a gente quando ia pensar a programação, [...] pensa a programação com planilha orçamentária do lado [...], fazia as cotações com uma empresa de viagem, de hotel, de hospedagem, viagem, passagens aéreas e tal. Só que quando você faz as coisas um ano antes, no ano seguinte tem diferença ou para mais ou para menos. Isso também nunca teve nenhum problema [...]. Se sobrava dinheiro, devolvia, se faltava...acho que nunca faltou, na verdade. Mas se sobrava, devolvia, e se tivesse que ajustar a rubrica, ajustava. Então foi uma relação muito tranquila, nessa época quem era [da VITAE- Apoio à Cultura, Educação e Promoção

Social] era a dona Gina Machado, com quem a gente tinha mais contato, que era da nossa área de Museologia. E quem trabalhava com os projetos era a Isabel Casanova, que era uma graça, uma profissional super generosa, então qualquer coisa que a gente precisasse, ligava, ela ajudava, opinava...Então, ter essa estrutura foi fundamental para o desenvolvimento do curso nesses quatro anos.

Você acha que não teria sido possível sem o apoio da Fundação?

Olha, eu acho que teria, porque a Cristina Bruno tinha organizado tudo tão bem, a programação, os gastos... porque cada diária que você pagava para o professor, [...] cada centavo era muito bem planejado. Então, com essa organização, qualquer outra instituição que de fato valorizasse a Museologia e quisesse apostar, ia ser tranquilo do mesmo jeito. Talvez, dependendo se fosse uma estrutura Federal, por exemplo, empatasse um pouco por causa da burocracia, dos editais, coisas que você perde tempo à toa. Mas eu acho que seria possível justamente pela organização, de como era a organização técnico-financeira do curso. Agora, o fato de ter sido a VITAE, que era justamente uma Fundação que prezava pela Museologia, e que fazia muitos esforços para que nossa área avançasse, então, nesse sentido, não tinha a menor dúvida que ia ser muito difícil que outra [instituição] pudesse trazer todo esse aporte que a VITAE trouxe [...].

Gostaria que você comentasse sobre o encerramento do curso, e as questões que levaram a ele.

Na minha percepção... de um lado, a VITAE estava finalizando, mas isso, por exemplo, não teria sido problema, até porque depois de quatro turmas é mais fácil você propor para outra organização, e era um curso extremamente barato. Inclusive, na última versão do curso, a gente acabou cortando várias coisas, justamente porque o orçamento da VITAE estava diminuindo, porque ela tinha um tempo, era um fundo [...] ela sabia quando ia encerrar, não era assim “ah, faliu”, de uma hora para outra, então a última edição do curso foi uma edição bem mais barata, inclusive que as outras. Mas, já tinha todo o histórico de sucesso das quatro turmas, [...] era um curso que não era caro, era muito menos que, às vezes, um seminário de cinco dias, e eu tive a oportunidade de trabalhar com várias coisas nesse período e vi seminários que custavam duas, três vezes mais que o curso custava, então isso não era uma coisa difícil de ir adiante. O que eu acho que foi o grande problema do curso, e até eu mesma nem fiz um esforço de continuar, foi justamente porque ele não era reconhecido pelo Conselho de Museologia. E aí o que acontecia: quando o aluno entrava no curso, quando ia se candidatar, ele já sabia que não teria direito ao registro do COREM. Evidentemente que ele sabia disso e tinha consciência da perseguição

do COREM em cima do curso. Mas, evidentemente que o aluno, à medida que vai conhecendo, vai se aperfeiçoando, vai vendo todo o potencial que tem, claro que quer brigar para ter o registro. Então, na minha percepção, não sei o que a Cristina Bruno ou o Marcelo Araujo acham. Mas na minha percepção, o problema do curso foi o COREM. Que é uma coisa que acho imperdoável, porque se não tivesse tido essa perseguição tão grande, provavelmente o curso teria continuado. Quem estava na organização do curso teria disposição para continuar, porque os alunos, de toda forma, continuaram buscando o curso, eles queriam. Tanto é que terminou o curso, e volta e meia, até hoje, eu ouço pessoas falando, perguntando onde eu fiz o curso de especialização em Museologia, e falam “puxa, eu ia fazer no ano seguinte”, ou então “ah, eu queria tanto fazer esse curso”. E que pena que encerrou. Eu acho que o problema foi esse, pois justamente pelo histórico de sucesso do curso outra instituição poderia ter patrocinado facilmente.

E você acredita que essas tensões do campo permanecem, de alguma maneira?

Ah, permanecem. Permanecem porque eu vi agora, ano passado, lá em Recife, o que aconteceu lá no final, numa votação...

No SEBRAMUS (Seminário Brasileiro de Museologia)?

No SEBRAMUS, exatamente. Você via que, de novo, pelo discurso das pessoas, era aquele discurso corporativista, entendeu? Então eu acho isso imperdoável. Então, continuam essas tensões, vai continuar enquanto os Conselhos não abrirem os olhos e virem que precisamos consolidar mais nossa área, e que essa consolidação só vai ser feita a partir do momento em que os diferentes níveis de formação, de academia, possam trabalhar tranquilos. Porque se os Conselhos conseguissem enxergar que tem trabalho para todo mundo, e que é importante justamente ter esses múltiplos olhares, as tensões iam acabar se diluindo, ia acabar pulverizando os profissionais que estão nos diferentes níveis de formação e os que já estão nos museus. Mas se o Conselho, que é nosso órgão máximo não colabora, aí evidentemente que o conflito continua, não é?!

Nome do discente: Manuelina Maria Duarte Cândido
Curso que participou: CEMMAE 1
Formação prévia: História
Local e data da entrevista: entrevista por Skype, pois a entrevistada reside em Goiânia. 04/03/2017

Tipo de entrevista e duração: áudio (mp4), 33 min 34 seg
Período em que participou do curso: 1999-2001
<p>1.Fale um pouco sobre o curso que frequentou: que expectativas tinha em relação a ele, se elas foram atendidas, como era o cotidiano das aulas...</p> <p>Eu terminei o curso de história no Ceará em fevereiro de 1997, e me mudei imediatamente para São Paulo, com o objetivo de tentar uma inserção na USP onde eu imaginei que teria em breve um mestrado em Museologia. Durante o curso, desde 1994, eu estava em contato com a professora Cristina Bruno. Depois eu fiz um estágio de um mês no MAE, nas férias de julho de 1995, e desde então eu trocava correspondências com ela e com a professora Marília [Cury], que me ajudavam enviando xerox – era carta mesmo! [risos]- elas me enviavam xerox de textos para eu fazer a minha monografia de graduação que já era sobre documentação museológica, e não tinha uma biblioteca ligada à Museologia no Ceará. Então, eu tinha notícia dessa ideia de criação de um mestrado em Museologia, e queria me preparar melhor para fazer o mestrado fazendo uma especialização antes, porque eu tive um curso um pouco deficiente, um curso de licenciatura, noturno, um curso de história em que pouca gente era formada em história, poucos professores eram formados em história, enfim. Então eu achava que o mestrado direto, fora do Ceará, era mais difícil. E eu tentei, logo que terminei a faculdade, já estar inscrita numa especialização. Eu me inscrevi em uma de Cultura Barroca na UFOP, porque a minha pesquisa de graduação era de documentação de arte sacra, e em uma especialização em organização de arquivos do IEB na USP. Neste caso meu objetivo era botar um pezinho na USP e ficar esperando o tal do mestrado em Museologia. Então eu fui selecionada pela especialização do IEB, e comecei, em fevereiro de 1997. Desde a especialização, como o objetivo maior era a Museologia, a gente tinha aula em período integral durante três meses, então eu fui inicialmente para ficar só três meses em São Paulo, e fiquei oito anos [risos]. E aí tudo o que eu tinha que fazer nesses três meses, e eu me lembro que era na terça feira à tarde que eu faltava à aula da especialização para fazer estágio voluntário no MAE, para começar já essa inserção nessa possível pós-graduação em Museologia. Quando terminou então a especialização do IEB, eu fui ficando. Fui sempre estagiária voluntária do MAE, sempre esperando esse tal desse mestrado, e em 1998 fiz um trabalho também com a professora Cristina Bruno e com o Marcelo Araújo, na base de dados da CPC-USP sobre museus brasileiros para elaboração daquele Guia de Museus Brasileiros, e aí eu já fui vendo que o mestrado já não ia ser possível de imediato, e que seria uma especialização, o curso que seria criado. Por isso que eu sou da primeira turma,</p>

porque na verdade eu já estava esperando o curso antes até dele ser criado. E em 1999, então, em agosto, começou a primeira turma, foi até o final de 2000, e, em 2001 eu fui tutora da segunda turma, então também conheço os alunos da segunda turma porque entre os compromissos da tutoria, eu assistia todas as aulas da segunda turma, fazia as viagens junto... Então eu frequentei as duas turmas. Bom, em relação à expectativas, por um lado eu tinha expectativa de ser um mestrado, então, essa primeira frustração aconteceu, mas para uma especialização atendeu todas as minhas expectativas e até superou. Também eu estava muito envolvida, é uma área que eu sempre fui muito apaixonada, diferentemente da especialização que eu fiz no IEB... Então assim, não dá nem para comparar as duas, porque realmente eu estava envolvida, me dedicando, compreendendo melhor tudo e tendo oportunidades de contato com vários professores do Brasil, de fora do Brasil, e também acho que foi muito rico o convívio com os colegas, [...] inclusive os meus amigos de São Paulo são os amigos da especialização, no mestrado eu não fiz muitos.

Você teve uma experiência como discente e como tutora, então se pudesse compartilhar um pouco sobre o cotidiano das aulas...

Sim, o cotidiano... a gente tinha aula pela manhã durante um ano inteiro, depois, no semestre que seria já do segundo ano, que não era um ano completo, era só um semestre, a gente tinha seminários mais episódicos. E nesse segundo ano eu me lembro que um desses seminários foi com Peter Van Mensch, foi até no Museu Lasar Segall, as aulas, e também com ... salvo engano, o Mehdi Gafouri da Índia... não, não, Mehdi Gafouri foi na segunda turma, eu não tive aula com ele mas eu assisti o seminário da segunda turma, e também foi no Lasar Segall. E também teve aqueles seminários de Museologia e Museografia, também, que eram seminários internacionais. Na minha turma veio o Jean Bernard Roy, do Museu de Arqueologia da Île-de-France, veio a Ana Duarte de Portugal... Isso também é uma coisa interessante, acho que inédita nas outras turmas, porque a gente fez essa viagem complementar ao curso. Então a gente tinha aulas de segunda... deixa ver se me lembro direito... não lembro os dias da semana, mas a gente tinha três disciplinas, que era a parte mais teórica, tinha Salvaguarda e Comunicação, Salvaguarda eram a Teresa Toledo de Paula, [...] e a Marilúcia [Botallo], na Comunicação eram Marcelo Araújo e a Marília [Xavier Cury], aí na parte teórica era Cristina Bruno, tinha um dia que era de visita a museus e tinha um dia, que acho que era sexta, que eram seminários, pessoas de fora, que participavam... por exemplo a Margaret Lopes participou, uma professora de arqueologia lá do MAE, ligada à Arqueologia Grega, a Haiganuch Sarian. Enfim, muitas pessoas do Brasil inteiro, a gente teve seminários

um pouco mais estendidos com a Maria Célia Santos, da Bahia, Mário Chagas, também teve participação em algum momento, da Rosângela Brito, do Pará... E na segunda-feira que eram essas visitas a esses museus de São Paulo. E também ao longo do curso a gente teve algumas viagens de estudo que foi uma para a região de Santos, e outra para o Rio de Janeiro que foi um pouco mais longa, a gente visitou o Museu Imperial, o Museu Nacional de Belas Artes, visitamos até Petrópolis, o Museu de Petrópolis... sempre indo às Reservas Técnicas... e também a gente tinha, dentro da grade do curso, dois estágios obrigatórios de quarenta horas, que eu fiz no Museu de Arqueologia de Xingó, um, em [...] Canindé do São Francisco. E o outro eu fiz em um projeto que a Cristina Bruno tinha de musealização da arqueologia de São Caetano do Sul. Bom, então... nessa primeira turma tinha quatro ou cinco bolsistas da VITAE. Eu era uma das bolsistas, tinha também o Gilberto Habib, a Gabriela Aidar, a Luciana Martins e o Paulo, que era um rapaz lá de Belém, salvo engano ele era bolsista, não tenho certeza. Então, como eu era bolsista também, tinha bastante contato com os professores. A gente ficava ciceroneando os professores estrangeiros, principalmente, levando para passear, conhecer museus. Me lembro de ter levado o Peter Van Mensch para o Memorial da América Latina. A Luciana levou o Jean Bernard Roy no bairro de Pinheiros, praça Benedito Calixto, e levou em uma loja de artigos para umbanda.

Você poderia comentar um pouco mais sobre a viagem a Portugal?

Eu queria só complementar uma coisa que eu falei antes, sobre essa coisa dos colegas, que eu falei que eu fiz muitos amigos, mas não é só questão da amizade. Eu acho que o fato da gente ter formações muito diversas, e as monografias muito variadas, isso também foi muito importante para a formação, porque eu acredito que a formação não é só essa parte de sala de aula, mas a gente aprende muito também com os colegas. E na época, por exemplo, eu tive a oportunidade de ler a monografia dos colegas ainda em construção, apesar de estar todo mundo um pouco enlouquecido com a sua, mas eu acompanhei mesmo a escrita, por exemplo, da Tamima Mourad, que era arqueóloga, da Luciana Martins, que era muito próxima a mim, e da Gabriela Aidar, do Gilberto Habib, então a gente realmente acabava... até na discussão dos temas de monografia, aprendendo muita coisa, tinha colegas bibliotecários, tinha colegas engenheiros, arquitetos... Tinha um colega engenheiro, peruano, que foi convidado para fazer o prédio de um museu em Maceió, e ele fez a monografia sobre isto. Ele foi convidado e falou assim “eu faço o projeto mas antes eu quero fazer a especialização em Museologia”, porque ele era especialista em engenharia de hospitais e hotéis. Foi bem interessante esse aprendizado com ele.

Ele até organizou a viagem ao Peru com ele, mas nesse caso foi uma viagem de turismo. A gente se reuniu com a turma para fazer alguns eventos para juntar dinheiro. Mas a viagem de Portugal teve um caráter diferente porque foi um convite mais oficial, feito à turma. Quando vieram a Isabel Victor e a Ana Duarte, a Isabel era do Museu do Trabalho de Setúbal, e a Ana já tinha sido de lá, e acho que ela ocupava um outro cargo na cidade de Setúbal. Elas tinham, naquele ano, um desafio, não sei se era um tema... do ano dos Museus... essa coisa do tema do ano dos museus hoje em dia é tão familiar para a gente, todo mundo ouve falar, todo ano a gente fica na expectativa do tema, mas na época era grande novidade. Acho que nunca ninguém falava desse tema do ano dos museus, mas acho que era isso... Elas anunciaram que era um tema ligado à memória das prisões, alguma coisa assim...[...] E aí elas tiveram... deixa eu ver se foram elas que propuseram o exercício sobre a musealização do DOPS, ou se a gente já estava fazendo por conta de outra coisa... isso eu não me lembro bem... Não, acho que foram elas que nos desafiaram mesmo, que era fazer uma proposta de uma exposição sobre o antigo prédio do DOPS, onde hoje é o Memorial da Resistência, e depois levar essa exposição para Portugal. E aí nós fizemos uma exposição que também tinha uma espécie de *sketch* teatral, com vários momentos da história do prédio, tinha uma parte dos imigrantes chegando pela estação, e tinha a parte dos presos políticos, a tortura e tal. E a gente fez uma exposição bastante flexível que a gente pode carregar conosco durante a viagem para Portugal. [...] Depois, nos convidaram, nessa ida, para levar pessoalmente a exposição, que abriu no dia 18 de maio de 2001 no museu de Setúbal, e fazer... acho que foi quase um mês... não, quinze dias, de viagem a museus de Portugal. As despesas quase todas foram por nossa conta, mas elas facilitaram a parte interna [...], o transporte terrestre e as hospedagens – albergue, essas coisas. Não...[...] elas davam o transporte terrestre e a alimentação mas a parte de hospedagem elas ajudaram nos contatos, a ter coisas mais baratas mas a gente pagava. E claro, a viagem de ida e volta, que a gente se reuniu para comprar em grupo, para tentar um desconto, aquelas coisas de estudante. Mas deu certo, fomos todos, foi bastante rica também essa viagem, apesar de que, para mim, eu tive um episódio difícil, eu e a Luciana Martins, a gente pegou uma salmonela muito grave e a gente passou os quatro, cinco últimos dias de viagem já fora do grupo, a gente não conseguiu acompanhar. A Luciana chegou a ser hospitalizada, e nós ficamos sendo cuidadas pelo Mário Moutinho e pela Judite Primo na casa dele. Eu perdi 11 quilos. Mas, enfim, a parte que a gente acompanhou foi muito importante, também, para conhecer várias experiências de Portugal, acho que esse momento de convívio com o grupo, acho que a turma foi em peso, não era uma

coisa assim mais obrigatória, porque a gente já tinha terminado a especialização, mas deve ter ido uns 50% da turma, foi bem interessante.

2.No curso, que pontos você considerou como importantes para trilhar sua carreira profissional?

Ah, acho que todos. Essa combinação de aula com visitas para conhecer museus, os contatos com professores do Brasil e de fora que eu... isso aí é também uma característica minha também, que eu gosto de manter contatos, de ter sempre essas redes de trocas profissionais. Então, por exemplo, eu tenho contato até hoje, desde essa época, com a Graça Filipe, com o Varine, com o Peter Van Mensch, apesar do meu inglês ser muito ruim, ainda é muito ruim, mas na época era quase impossível a comunicação... Inclusive eu lembro da cena da gente visitando o Memorial da América Latina, ele falava inglês e eu respondia em francês [risos], uma coisa muito doida, eu conseguia compreender um pouco, mas eu não conseguia falar. Então nós combinamos, eu falava francês [risos]. Enfim, com o Jean Bernard Roy, eu estive de volta na França em 2006 e fui conhecer o museu dele, mas ele não usa muito e-mail, não sei se ele se aposentou, não tive mais contato com ele. Mas com outros eu tenho contato até hoje, com a Isabel Victor, também, Mário Moutinho, logicamente, vários deles eu tentei preservar essa oportunidade que eu tive de fazer os contatos, para manter. Então isso... acho que isso é muito enriquecedor e eu fui reencontrando as pessoas em outras situações. Acho também que o fato do curso ter um estágio obrigatório, mas ao mesmo tempo, ter uma liberdade da gente escolher em que tipo de museu fazer, em que estado da federação fazer, tudo isso foi muito rico... Como eu te falei também, o convívio com os colegas de diferentes formações básicas que traziam questões diferentes, problemas diferentes... O que mais... acho que a variedade de textos, de referências, o conhecimento amplo que a gente teve... Profissionais muito renomados, não me lembro o nome de todos, mas eu me lembro que uma pessoa da área de conservação do Museu do Vaticano, uma pessoa de segurança de um museu dos Estados Unidos. A Ximena Varela, que é do Uruguai, mas que mora nos Estados Unidos, falou com a gente sobre Marketing, com ela também mantive contato até hoje. Quem mais? Ah, da França muitas pessoas, o Jean Guibal que era do Museu Dauphinois, em Grenoble, e depois eu organizei uma viagem para a França, logo que foi possível, na verdade só foi possível em 2006, para visitar alguns desses museus que eu tinha ouvido na especialização e que eu não tinha conhecido ainda. Então tanto tempo depois, né?! Então eu fui a Grenoble, e fui ao museu do Jean Bernard Roy, queria ir até o do François Hubert mas não tinha o contato. E a gente teve uns contatos próximos com eles [Jean Guibal e Jean Bernard

Roy], teve até uma festa na minha casa que eles foram em que o Marcelo Cunha cozinhou e uma parte da turma estava lá, tenho uma foto. Dessa viagem para o Rio, que eu falei, além de visitar os museus do Rio, a gente participou do II Encontro Internacional de Ecomuseus que teve em Santa Cruz. [...] A Norma Rusconi estava lá, foi lá que eu a conheci [...]. Então a gente indo ao Rio, passou por Santa Cruz, de ônibus. O ônibus sempre alugado. Então a gente ficou no evento de Santa Cruz hospedado no Centro de Tradições Gaúchas. [...]

3.Como a formação contribuiu para enfrentar os desafios da prática?

Primeiro acho que ter uma base teórica conceitual muito sólida, acho que eu tenho uma clareza de questões museológicas, quando um problema surge, eu tenho essa clareza conceitual, talvez, e que o curso deu, e repertório de possibilidades, de soluções possíveis. E, por outro lado, a aptidão para trabalhar em equipes interdisciplinares, que a gente estava sempre nessa, com esses grupos bem multifacetados, embora duas colegas mais próximas minhas, a Gabriela e a Luciana, eram também formadas em história, mas por exemplo, a Gabriela tinha ido mais pra museus de arte e a Luciana mais para museus de arqueologia. E a minha experiência anterior ao MAE era com esse museu histórico em que eu documentei a coleção de arte sacra [...] era um pequeno museu de cidade no interior do Ceará. Mas também, sempre ficavam no nosso grupo, o Gilberto Habib, que era formado em artes visuais, eventualmente também acho que a Vera, também, que era formada em arquitetura, tinha também esse colega que era engenheiro, que era uma pessoa próxima. Tinha um colega que era o Diretor do Museu de Polícia Militar, colegas que trabalhavam no Museu Paulista, na Sala São Paulo,... uma colega bibliotecária que a pesquisa dela era sobre conservação de encadernações em couro, uma coisa super... E a Vera pesquisava a criação de modelos de vitrine que contribuíssem para a conservação, ela estava propondo modelos de vitrine que contribuíssem para microclima, para conservação e tal. Então desde esse momento em que tinha muito exercício em grupo, que a gente tinha essa vivência de atuar com profissionais de outras áreas, já ir conseguindo se familiarizar com diferentes jargões e estar apto, depois, na nossa prática profissional, a atuar nesse tipo de equipe interdisciplinar, e saber, dentro disso, qual o papel da Museologia. Daí que eu acho que é o diferencial de ter a formação em nível de pós-graduação, porque as pessoas já têm um conhecimento geral anterior. E a gente tem um desafio próximo do que a gente vai ter futuramente na vivência profissional, ao invés de eu me acostumar, no trabalho com todas as equipes do curso, a dialogar só com gente que tem só *background* de Museologia. Achei muito rico, muito importante.

4.Houve alguma lacuna nesta formação? Sentiu falta de algum tema ou experiência?

Não, não senti não. Inclusive uma coisa que eu já ouvi em público, e que eu queria registrar é que eu já ouvi em Seminários que tinham mesa com COREM, COFEM, etc, acusarem a especialização, a coordenação da especialização, de ter enganado a gente dizendo que nós seríamos museólogos quando terminássemos o curso. Só para registrar, a gente já sabia que não teria isso desde o momento de inscrição do curso. Se isso é frustração para alguma pessoa, para mim não foi, porque eu estava muito ciente disso. Talvez eu não tivesse ciência do quanto ia se estender essa situação muitas vezes de desconforto, de pressão, de não reconhecimento de que temos a qualificação, etc. Acho que mais porque ao terminarmos o curso e nos darmos conta do quanto estávamos preparados, quisemos propor algo que não era objetivo no início, que seria uma alteração na lei para dar-nos a possibilidade de nos submetermos a uma prova, um exame de ordem elaborado e avaliado por museólogos, para ter, em caso de aprovação, o registro. Não seria um reconhecimento automático, como para os graduados. Teria um crivo a mais. Tal proposta, como se sabe, nunca vingou e, evidentemente, não enfraqueceria a profissão, se a preocupação fosse, como alegado, manter a qualidade. Enfim, acabou que isso sempre foi uma questão para mim, mas nunca foi por falta de aviso. É que eu fui mesmo para atuação na área logo em seguida ao curso. Eu senti que estava preparada para dar uma contribuição. Algumas pessoas não foram, algumas pessoas do nosso curso não foram.

Você, como docente do curso de graduação em Museologia da UFG, que tipo de formação considera ideal para formar museólogos? Qual o seu ponto de vista acerca das questões profissionais?

É, isso é bem difícil, justamente por eu ser docente no curso de graduação, que eu faço o possível, inclusive eu fui a primeira professora concursada e tive a oportunidade de atuar no momento de finalização do projeto pedagógico do curso, e inicialmente ele tinha muitas características do que eu pensava ser uma boa formação em Museologia. Ele tem sofrido ajustes, e eu não tenho concordado com todos. Mas enfim, dentro do desafio de ser um curso de graduação e noturno, eu e meus colegas temos feito o possível para ser o melhor curso, mas ainda acho bastante difícil... exatamente [por] essas duas características, ser um curso de graduação, as pessoas já não têm um *background* de outra área, não têm vivência de museu, porque a qualidade da especialização não é só a pessoa ter o *background* de outra área: é que

a maior parte dos colegas já tinha vivência de museu. Então assim, eu tinha um colega que era formado em medicina, era professor de medicina legal na USP, professor doutor dos cursos de direito e de medicina da USP, e era meu colega da especialização, ele era diretor do museu de medicina legal, uma coisa assim. [...] Então os colegas tinham essa vivência. Eu tenho alunos que entram no curso de Museologia que nunca visitaram museu nem como público, então já é outro universo totalmente diferente. E a grande dificuldade, como o curso é noturno, justamente para atender o público que trabalha durante o dia, o curso já foi pensado para essa demanda, mas tem essa dificuldade que quando nós pensamos o projeto pedagógico, já pensamos numa carga horária de estágio aquém do que eu acho que seria o ideal, mas que não impossibilite o aluno de se formar. Mesmo assim eles ainda têm dificuldade de realizar os estágios, porque eles são do noturno, têm o dia todo ocupado, e os museus não funcionam no sábado e domingo. Seria difícil eles fazerem o estágio no sábado e no domingo [...]. Então essa questão da prática que eu acho que na graduação é mais difícil equacionar [...]. Incentivamos os alunos a fazerem, sempre que possível, mais estágios que os obrigatórios. E ao mesmo tempo existe a demanda dos profissionais que já trabalham em museus de haver cursos de outra natureza, de pós-graduação ou outros que não sigam tanto o perfil acadêmico, mas que permitam atualização.